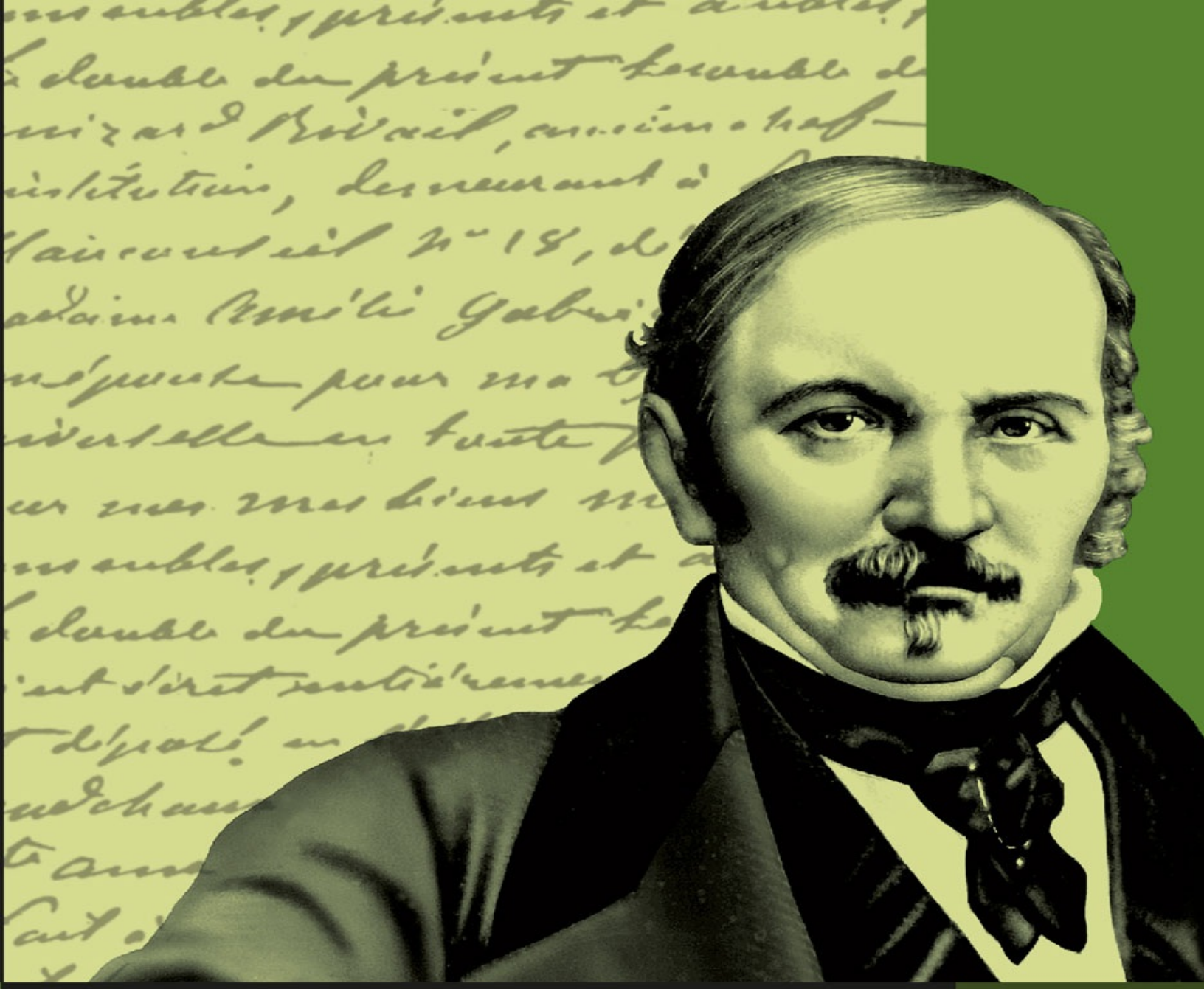
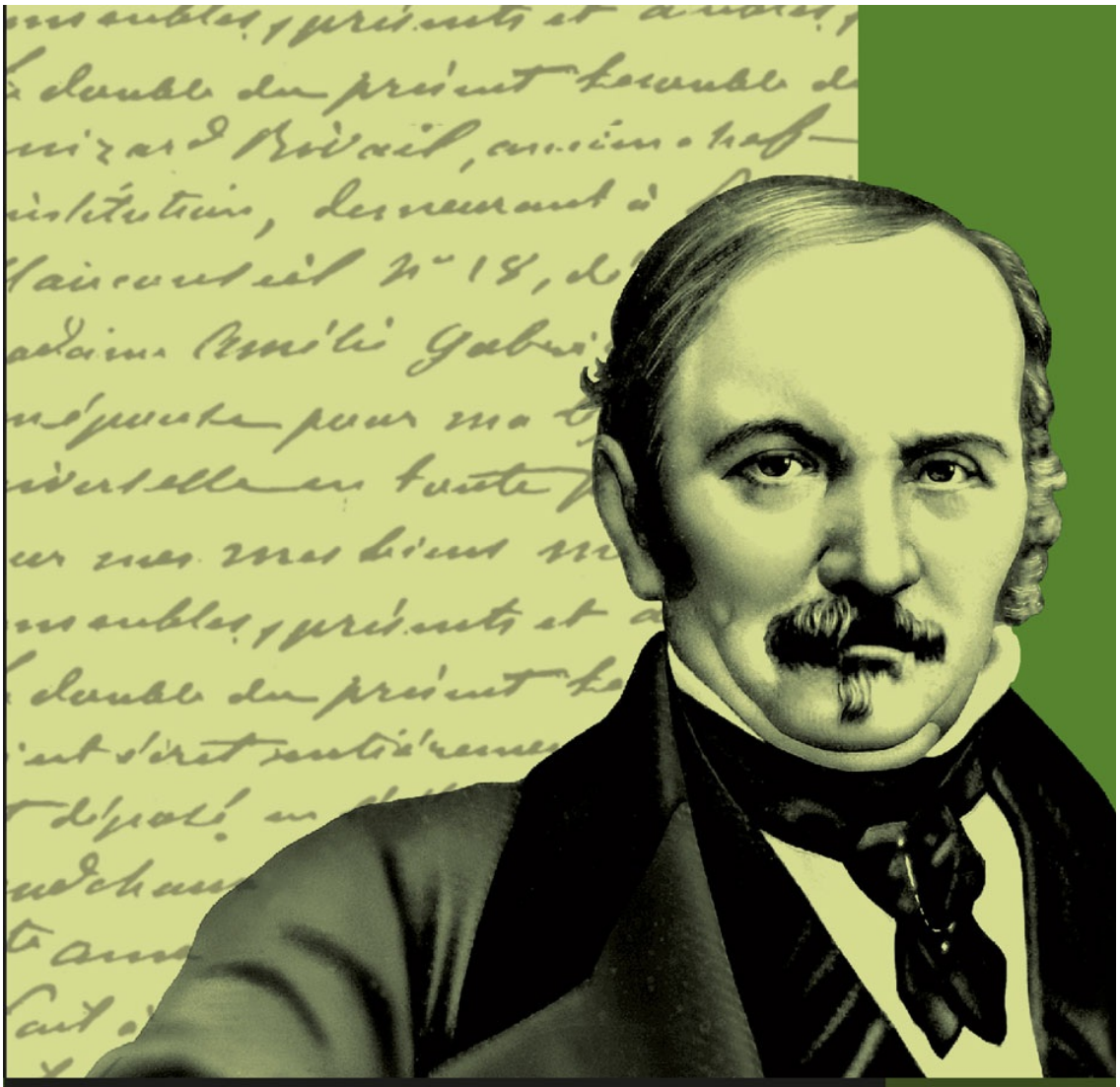


Allan Kardec
A Gênese

Tradução de Evandro Noleto Bezerra

FEB



Allan Kardec

A Gênese

Tradução de Evandro Noleto Bezerra

FEB

A Gênese

A Gênese

os milagres e as predições segundo o Espiritismo

A DOUTRINA ESPÍRITA É O RESULTADO DO ENSINO COLETIVO E CONCORDE DOS ESPÍRITOS. A CIÊNCIA É CONVIDADA A CONSTITUIR A GÊNESE SEGUNDO AS LEIS DA NATUREZA. DEUS PROVA A SUA GRANDEZA E SEU PODER PELA IMUTABILIDADE DAS SUAS LEIS, E NÃO PELA DERROGAÇÃO DELAS. PARA DEUS, O PASSADO E O FUTURO SÃO O PRESENTE.

por

Allan Kardec

FEB

Copyright © 2009 *by*
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

2ª edição – 1ª impressão – 7/2013

ISBN IMPRESSO 978-85-7328-756-1
ISBN ePUB 978-85-7328-926-8

Título do original francês:
La Genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme
(Paris, 6 de janeiro de 1868)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright.*

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
Av. L2 Norte – Q. 603 – Conjunto F (SGAN)
70830-030 – Brasília (DF) – Brasil
www.feblivraria.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB – Departamento Editorial
Tel.: (21) 2187 8282 / Fax: (21) 2187 8298

Texto revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

K18g Kardec, Allan, 1804–1869.

A gênese / por Allan Kardec; [tradução de Evandro Noleto Bezerra da 5ª ed. francesa de 1869]. – 2. ed. 1. imp. – Brasília: FEB, 2013.
411 p.; 23 cm.

Tradução de: *La Genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme*

Os milagres e as predições segundo o espiritismo: doutrina espírita é o resultado do ensino coletivo e concorde dos Espíritos. A ciência é chamada a constituir a gênese segundo as leis da natureza. Deus prova a sua grandeza e poder pela imutabilidade das suas leis e não pela derrogação delas. Para Deus, o passado e o futuro são o presente.

ISBN IMPRESSO 978-85-7328-756-1
ISBN ePUB 978-85-7328-926-8

1. Espiritismo. I. Bezerra, Evandro Noleto, 1949–. II. Federação Espírita Brasileira. III. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 00.06.01

INTRODUÇÃO

À primeira edição publicada em janeiro de 1868

Esta nova obra é um passo a mais no terreno das consequências e das aplicações do Espiritismo. Conforme indica o seu título, ela tem como objetivo o estudo dos três pontos até agora diversamente interpretados e comentados: *a Gênese, os milagres e as predições*, em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritas.

Dois elementos, ou, se quiserem, duas forças regem o universo: o elemento espiritual e o elemento material. Da ação simultânea desses dois princípios resultam fenômenos especiais que se tornam naturalmente inexplicáveis, desde que se abstraia de um deles, do mesmo modo que a formação da água seria inexplicável se não se levasse em consideração um dos seus elementos constituintes: o oxigênio ou o hidrogênio.

Ao demonstrar a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, o Espiritismo fornece a explicação de uma imensidade de fenômenos incompreendidos e, por isso mesmo, considerados inadmissíveis por parte de certa classe de pensadores. Embora as Escrituras estejam repletas de tais fatos, seus comentadores não conseguiram chegar a uma solução racional, visto desconhecerem a lei que os rege. É que giravam sempre dentro do mesmo círculo de ideias e em campos opostos, uns menosprezando os dados positivos da Ciência, outros não levando em conta o princípio espiritual.

Essa solução se encontra na ação recíproca do espírito e da matéria. É verdade que ela tira da maioria de tais fatos o caráter de sobrenatural. Porém, o que vale mais: admiti-los como resultado das leis da natureza ou rejeitá-los completamente? Sua rejeição absoluta acarreta a negação da própria base do edifício, ao passo que a admissão a tal título, suprimindo-se apenas os acessórios, deixa intacta a base. É por isso que o Espiritismo conduz tantas pessoas à crença em verdades que elas antes consideravam meras utopias.

Esta obra é, pois, como já o dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo, de um ponto de vista especial. Os materiais se achavam prontos, ou, pelo menos, elaborados desde longo tempo, mas ainda não chegara o momento de serem publicados. Era preciso, primeiramente, que as ideias destinadas a lhes servirem de base houvessem chegado à maturidade e, além disso, que se levasse em conta a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não tem mistérios nem teorias secretas; tudo nele deve ser dito com clareza, a fim de que todos o possam julgar com conhecimento de causa. Cada coisa, entretanto, tem de vir a seu tempo, para vir com segurança. Uma solução dada precipitadamente, antes da elucidação completa da questão, seria mais uma causa de atraso do que de avanço. A importância do assunto que aqui tratamos nos impunha o dever de evitar qualquer precipitação.

Antes de entrarmos na matéria, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que dela afastam toda ideia de misticismo, fazem o objeto do primeiro capítulo, intitulado *Caráter da revelação espírita*. Pedimos séria atenção para esse ponto, porque, de certo modo, aí está o nó da questão.

Sem prejuízo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, embora não constitua a opinião pessoal de nenhum deles. Ela não é, nem pode deixar de ser, senão *o resultado do ensino coletivo e concorde* por eles dado. Somente sob tal condição podemos chamá-la Doutrina dos *Espíritos*. De outra forma, seria apenas a doutrina de *um Espírito* e só teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, tal é o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, do que resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina, mas simples opinião isolada, cuja responsabilidade o Espiritismo não pode assumir.

É essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, submetida, além disso, ao critério da lógica, que constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mude, seria preciso que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que havia dito. Uma vez que ela tem sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o

que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, conforme com ela se dá.

O livro dos espíritos só teve consolidado o seu crédito por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral. Em abril de 1867 completou o seu primeiro período decenal. Nesse meio tempo, os princípios fundamentais, cujas bases ele havia assentado, foram sucessivamente completados e desenvolvidos, em virtude da progressividade do ensino dos Espíritos. Nenhum, porém, recebeu desmentido da experiência; todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivazes do que nunca, enquanto, de todas as ideias contraditórias que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário. Eis um resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais nos atribuímos o mérito de tal fato.

Os mesmos escrúpulos havendo presidido à redação das nossas outras obras, podemos, com toda verdade, dizê-las *segundo o Espiritismo,* porque estamos certos da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das precedentes, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não são confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a Doutrina Espírita a responsabilidade delas.

Aliás, os leitores assíduos da *Revista espírita* já devem ter notado, sem dúvida sob a forma de esboços, a maioria das ideias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos com relação às anteriores. Muitas vezes a *Revista* representa, para nós, um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como parte constitutiva da Doutrina.

Allan Kardec[1]

---

1 N.T.: A 2ª e a 3ª edições de *A gênese* não passam de reimpressões da 1ª edição, todas publicadas em 1868, sendo, por conseguinte, absolutamente idênticas, conforme exemplares disponíveis na Biblioteca de Obras Raras da FEB, em Brasília. Allan Kardec anuncia a publicação de cada uma delas na *Revista espírita* dos meses de janeiro, fevereiro e março de 1868, na seção “Bibliografia”. A 4ª edição, revisada, corrigida e aumentada pelo autor, *e que contém o texto definitivo*, foi publicada em Paris em 1869; seus volumes saíram do prelo em abril do mesmo ano, porém, a repentina desencarnação do Codificador impediu a sua distribuição imediata, que ficaria a cargo da Livraria Espírita, sendo liberada para venda alguns meses mais tarde, sob a responsabilidade dos senhores Armand Théodore Desliens e Bittard, diretor da *Revista espírita* e gerente da livraria, respectivamente (Florentino Barrera: *Resumo analítico*

das obras de Allan Kardec, Trad. David Caparelli, USE-Madras, 2003, p. 80).

A gênese
segundo o Espiritismo

Capítulo I	Caráter da revelação espírita
Capítulo II	Deus
Capítulo III	O bem e o mal
Capítulo IV	Papel da ciência na gênese
Capítulo V	Antigos e modernos sistemas do mundo
Capítulo VI	Uranografia geral
Capítulo VII	Esboço geológico da Terra
Capítulo VIII	Teorias sobre a formação da Terra
Capítulo IX	Revoluções do globo
Capítulo X	Gênese orgânica
Capítulo XI	Gênese espiritual
Capítulo XII	Gênese mosaica

CAPÍTULO I

Caráter da revelação espírita

1. Pode-se considerar o Espiritismo como uma revelação? Neste caso, qual o seu caráter? Em que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira ela foi feita? A Doutrina Espírita é uma revelação, no sentido teológico da palavra, isto é, o produto do ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis nem superiores à humanidade? Qual a utilidade da moral que pregam, visto que essa moral não é diferente da moral cristã, já conhecida? Quais as verdades novas que eles nos trazem? O homem precisará de uma revelação? E não poderá achar em si mesmo e em sua consciência tudo quanto lhe é necessário para se conduzir na vida? Tais as questões que devemos considerar.

2. Definamos primeiro o sentido da palavra *revelação*. *Revelar* vem do latim *revelāre*, cuja raiz *vēlum*, véu, significa literalmente *sair de sob o véu* e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar mais genérica, diz-se de toda coisa ignorada que é divulgada, de qualquer ideia nova que nos põe ao corrente do que não sabíamos.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da natureza são revelações e se pode dizer que há para a humanidade uma revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia revelou a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo etc. Copérnico,[1] Galileu,[2] Newton,[3] Laplace,[4] Lavoisier[5] foram reveladores.

3. A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e,

por conseguinte, não existe revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos deixa de o ser, caso seja atribuída a Deus. E, visto que não podemos conceber Deus mentindo, nem se enganando, ela não pode emanar dele; logo, deve ser considerada produto de concepção humana.

4. Qual o papel do professor diante dos seus discípulos, senão o de um revelador? O professor lhes ensina o que eles não sabem, o que não teriam tempo nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma infinidade de homens que trazem, cada qual, o seu contingente de observações aproveitáveis àqueles que vêm depois. O ensino é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades, científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fosse, as teriam ignorado sempre.

5. Mas o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Que seria da humanidade sem a revelação dos homens de gênio que aparecem de tempos em tempos?

Mas quem são esses homens de gênio? E por que são homens de gênio? De onde vieram? Que é feito deles? Notemos que a maioria deles traz, ao nascer, faculdades transcendentes e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, pois, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-á, como os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dir-se-á, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos mortais? Suposição igualmente ilógica, pois que qualificaria Deus de parcial. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O homem de gênio é um Espírito que, tendo vivido mais tempo, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Ao encarnar, traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. Mas seu saber é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Antes

de renascer, já era Espírito adiantado; reencarna para fazer que outros aproveitem do seu saber ou para adquirir mais do que possui.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência. Mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. Todos os povos tiveram homens de gênio, que surgiram em diversas épocas para impulsioná-los e tirá-los da inércia.

6. Desde que se admite a solicitude de Deus para com as suas criaturas, por que não se há de admitir que Espíritos capazes — por sua energia e superioridade de conhecimento —, de fazer que a humanidade avance, encarnem pela vontade de Deus, a fim de ativarem o progresso em determinado sentido? Por que não admitir que eles recebam missões, como um embaixador as recebe do seu soberano? É este o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. As coisas novas que ensinam aos homens, quer na ordem física, quer na filosófica, são *revelações*. Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessam os séculos.

7. No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por si mesmo, nem com o auxílio dos sentidos; e esse conhecimento lhe é dado por Deus ou por seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de profetas ou *messias*, isto é, *enviados* ou *missionários*, incumbidos de transmiti-la aos homens. Considerada sob esse ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem controle, sem exame, nem discussão.

8. Todas as religiões tiveram seus reveladores, e estes, embora estivessem longe de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros das suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo,

de semear os germes do progresso, que mais tarde haviam de desabrochar, ou se desabrochariam um dia à luz brilhante do Cristianismo. É, pois, injusto lançar anátema contra eles em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças, tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental: Deus e a imortalidade da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, tão logo a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente, as religiões têm sido, em todos os tempos, instrumentos de dominação; o papel de profeta sempre tentou as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas. A tal propósito, chamamos toda a atenção para o capítulo XXI de *O evangelho segundo o espiritismo – Haverá falsos cristos e falsos profetas*.

9. Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativamente nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. O que parece certo é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se impregnam do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e ao grau de saber a que chegaram, esses podem tirar de seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome deste, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela vidência dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, como se vê tantas vezes na *Bíblia* e nos livros sagrados de todos os povos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que a maioria dos reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes, o que não significa que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

10. Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de

transmiti-la; mas sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou João a dizer: “Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus.” (1ª Epístola, 4:1.)

Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras, como há revelações apócrifas e mentirosas. *O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificações não pode emanar de Deus*. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandamento dos costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

11. Importante revelação se opera na época atual: a que nos mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Não é novo, sem dúvida, esse conhecimento; mas ficara até agora, de certo modo, como letra morta, isto é, sem proveito para a humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações estava abafada sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar. Estava reservado à nossa época desembaraçá-las dos acessórios ridículos, compreender-lhes o alcance e fazer surgir delas a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

12. O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem após a morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra.

13. Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desejo premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da

Doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, já que hoje estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa; por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a Doutrina não foi *ditada completa*, *nem imposta à crença cega* porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as consequências e aplicações. Em suma, *o que caracteriza a revelação espírita é o fato de ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem*.

14. Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, aplicando o método experimental. Quando fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas, o Espiritismo os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os preside; depois, lhes deduz as consequências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não estabeleceu como hipótese a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da Doutrina. Concluiu pela existência dos Espíritos quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram depois confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, quando também se aplica às coisas metafísicas.

15. Citemos um exemplo: Passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito singular, de que seguramente ninguém havia suspeitado: o de haver Espíritos que

não se consideram mortos. Pois bem! os Espíritos superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, não vieram dizer previamente: “Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservaram seus gostos, costumes e instintos.” Em vez disso, provocaram a manifestação de Espíritos desta categoria para que os observássemos. Tendo-se visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações habituais, deduziu-se a regra. A multiplicidade de fatos análogos provou que o fato não era excepcional, mas uma das fases da vida do Espírito; pode-se então estudar todas as variedades e as causas de tão singular ilusão, reconhecer que tal situação é sobretudo própria de Espíritos pouco adiantados moralmente e peculiar a certos gêneros de morte; que é temporária, podendo, todavia, durar dias, meses e anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. Deu-se a mesma coisa com relação a todos os outros princípios da Doutrina Espírita.

16. Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. *O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente*; a Ciência sem o Espiritismo se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria malogrado, como tudo quanto surge antes do tempo.

17. Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras à medida que encontram um ponto de apoio nas ideias e conhecimentos anteriores. A Astronomia, uma das primeiras cultivadas, conservou os erros da infância até o momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a Química, nada podendo sem a Física, teve de acompanhá-la de perto para depois marcharem ambas de acordo, amparando-se uma à outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes trouxeram a Física e a Química. À Geologia, nascida ontem, sem a Astronomia, a Física, a Química e

todas as outras ciências, teriam faltado elementos de vitalidade; ela só podia vir depois daquelas.

18. A ciência moderna refutou os quatro elementos primitivos[6] dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção de *um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas a matéria, por si só, é inerte, não tem vida nem pensamento; é preciso a sua união com o princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu nem inventou este princípio, mas foi o primeiro a demonstrá-lo, por meio de provas irrecusáveis; estudou-o, analisou-o e tornou-lhe evidente a ação. Ao *elemento material*, juntou ele o *elemento espiritual*. *Elemento material* e *elemento espiritual*, eis os dois princípios, as duas forças vivas da natureza. Pela união indissolúvel deles, facilmente se explica uma imensidão de fatos até então inexplicáveis.[7]

Tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do universo, o Espiritismo toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas; nasceu pela força das coisas, pela impossibilidade de o homem explicar todas as coisas apenas com o auxílio das leis da matéria.

19. Acusam o Espiritismo de parentesco com a magia e a feitiçaria, esquecendo, porém, que a Astronomia tem por irmã mais velha a Astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós; que a Química é filha da Alquimia, com a qual nenhum homem sensato ousaria ocupar-se hoje. Ninguém nega, entretanto, que na Astrologia e na Alquimia estivesse o germe das verdades de que saíram as ciências atuais. Apesar das suas fórmulas ridículas, a Alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades. A Astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros que ela estudara; mas, ignorando as verdadeiras leis que regem o mecanismo do universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um senso revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler[8] tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso, e todo o castelo do maravilhoso desmoronou.

O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria, que se apoiavam também na manifestação dos Espíritos, como a Astrologia no

movimento dos astros; mas, na ignorância das leis que regem o mundo espiritual, elas misturavam, a essas relações, práticas e crenças ridículas, as quais o moderno Espiritismo, fruto da experiência e da observação, nada tem a ver. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. Querer confundi-las é dar provas de que nada se sabe a respeito delas.

20. O simples fato de o homem poder comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz consequências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela e que tem tanto mais importância, quanto a ele hão de voltar todos os homens, sem exceção. O conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar, generalizando-se, profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que tão grande influência exerceram sobre as relações sociais. É uma revolução completa a operar-se nas ideias, revolução tanto maior e mais poderosa por não se circunscrever a um povo, nem a uma casta, visto atingir simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos. Razão há, pois, para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações. Vejamos em que essas revelações diferem e qual o laço que as liga entre si.

21. Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, soberano Senhor e Criador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa primitiva fé, depurando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra.

22. O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino, e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou *a revelação da vida futura*, de que Moisés não falara, assim como a revelação das penas e recompensas que aguardam o homem depois da morte. (Veja-se a *Revista espírita* de março e de setembro de 1861.)

23. A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primeira, de pedra angular de toda a sua doutrina é o ponto de vista inteiramente novo sob o qual Ele considera a Divindade. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés; o Deus cruel e implacável que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu

chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido *e dá a cada um segundo as suas obras*. Já não é o Deus de um único povo privilegiado, *o Deus dos exércitos*, presidindo aos combates para sustentar a sua própria causa contra o deus dos outros povos, mas o pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção por sobre todos os seus filhos e os chama todos a si; já não é o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas sim um Deus que diz aos homens: "A vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celestial, lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados." Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena se retribua olho por olho, dente por dente; mas o Deus de misericórdia, que diz: "Perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; fazei o bem em troca do mal; não façais a outrem o que não quereis que vos façam." Já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe, sob as mais rigorosas penas, o modo como quer ser adorado, que se ofende com a inobservância de uma fórmula; mas o Deus grande, que vê o pensamento e não se honra com a forma. Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões é conforme à ideia que elas têm de Deus*. As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus parcial e cioso são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, por o acreditarem mais ou menos contaminado das fraquezas e bagatelas humanas.

25. Toda a doutrina do Cristo se funda no caráter que Ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, Ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação, dizendo: *Amai a Deus sobre todas as coisas e o vosso próximo como a vós mesmos; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei*. Sobre esta crença, assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal. Mas era possível amar o Deus de Moisés? Não; só se podia temê-lo.

A revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, juntamente com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto e tinha, por isso mesmo, de reagir contra os costumes e as relações sociais. É esse incontestavelmente, por suas consequências, o ponto principal da revelação do Cristo, cuja importância não foi compreendida suficientemente e, é lamentável dizer, é também o ponto de que a humanidade mais se tem afastado, que mais tem ignorado na interpretação dos seus ensinos.

26. Entretanto, o Cristo acrescenta: "Muitas das coisas que vos digo ainda não as podeis compreender, e muitas outras eu teria a dizer, que não compreenderíeis; é por isso que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, *enviar-vos-ei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas.*" (*João*, 14:16; *Mateus*, 17.) Se, pois, o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra até que os homens estivessem em condição de compreendê-las. Como Ele próprio o confessou, seu ensino era incompleto, visto anunciar a vinda daquele que deveria completá-lo; previra, pois, que suas palavras seriam desprezadas ou mal interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensino; em suma, que desfariam o que Ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas. Ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito.

27. Por que Ele chama de *Consolador* ao novo messias? Este nome, significativo e sem ambiguidade, encerra toda uma revelação. Assim, Ele previra que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez nunca o Cristo fosse tão claro, tão explícito como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram a devida atenção, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar-lhes o sentido profético.

28. Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; há muitas coisas que teriam parecido absurdas no estado dos conhecimentos de então. Completar o seu ensino deve entender-se no sentido de *explicar* e *desenvolver*, e não no de juntar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de germe, faltando-lhe somente a chave para se apreender o sentido de suas palavras.

29. Mas quem se arroga o direito de interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as luzes necessárias senão os teólogos? Quem o ousa? Primeiro, a Ciência, que não pede permissão a ninguém para dar a conhecer as leis da natureza e que salta sobre os erros e os preconceitos. Quem tem esse direito? Neste século[9] de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos, e as Escrituras não são mais a arca santa[10] na qual ninguém se atreveria a tocar com a ponta do dedo sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais necessárias, sem contestar as dos teólogos, por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles, contudo, ainda não eram esclarecidos o bastante para não condenarem, como heresia, o movimento da Terra e a crença nos antípodas.[11] Mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não lançaram anátema à teoria dos períodos de formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, das noções falsas e incompletas que tinham sobre as leis da natureza, mais tarde reveladas pela Ciência. Eis por que os próprios teólogos, de muito boa-fé, se enganaram sobre o sentido de certas palavras e fatos do Evangelho. Querendo a todo custo encontrar nele a confirmação de uma ideia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem abandonar o seu ponto de vista, de modo que só viam o que queriam ver. Por mais instruídos que fossem, eles não podiam compreender as causas dependentes de leis que lhes eram desconhecidas.

Quem, porém, julgará interpretações diversas e muitas vezes contraditórias, dadas fora do campo da Teologia? O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos, à medida que novos fatos e novas leis se forem revelando, saberão separar da realidade os sistemas utópicos. Ora, as ciências tornam conhecidas algumas leis; o Espiritismo revela outras; todas são indispensáveis à compreensão dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio[12] e Buda[13] até o Cristianismo. Quanto à Teologia, essa não poderá judiciosamente alegar contradições da Ciência, visto como também ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina. À ideia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à ideia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu

que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda parte a Justiça de Deus. Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com a mesma aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há diferença entre elas, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão o mesmo fim, mais ou menos rapidamente, conforme seu trabalho e boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserdadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus não privilegiou a criação de nenhuma delas, nem dispensou quem quer que fosse do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no Espaço, como o praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na Criação, mas Espíritos que chegaram à meta depois de terem palmilhado a estrada do progresso; que, desse modo, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a Criação resulta da grande lei de unidade que rege o universo e que todos os seres gravitam para um fim comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas próprias obras.

31. Pelas relações que agora pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, o homem possui não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que liga os vivos aos mortos deste mundo, e os deste mundo aos dos outros planetas. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas migrações, testemunha suas alegrias e penas; sabe por que são felizes ou infelizes e a sorte que lhes está reservada, conforme o bem ou o mal que fizeram. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro já não é uma vaga esperança, mas um fato positivo, uma certeza matemática. Desde então, a morte nada mais tem de aterrador, por lhe ser a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a infelicidade na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada um sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas, ou, por outra, que é punido no que pecou; que essas consequências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, por conseguinte, o culpado sofreria eternamente se persistisse sempre no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação. Ora, como depende de cada qual o seu aperfeiçoamento, todos podem, em virtude do livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre, pelos seus excessos, enquanto não lhes põe termo.

33. Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus, a ideia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta; a dos suplícios do inferno, que não podem ser minorados nem sequer pelo arrependimento mais ardente e mais sincero, a mesma razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao náufrago, em vez de o empurrar para o abismo.

34. A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem, todavia, defini-lo como a muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo, visto demonstrar a sua realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anomalias da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as vidas de curta duração; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela ancianidade do Espírito que mais ou menos aprendeu ou progrediu, e que traz, ao renascer, o que adquiriu em suas existências anteriores. (Item 5.)

35. Com a doutrina da criação da alma no instante do nascimento, cai-se no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros e nada os liga; os laços de família são puramente carnais; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam. Com a doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida e, assim, os seres humanos não são solidários no futuro. Pela reencarnação, são solidários no passado e no futuro e, como as suas relações se perpetuam, tanto no mundo espiritual como no corpóreo, a fraternidade tem por base as próprias leis da natureza; o bem tem um objetivo, e o mal, consequências inevitáveis.

36. Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação firma numa Lei da natureza o princípio da fraternidade universal, também firma na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.[14]

37. Tirai ao homem o Espírito livre e independente, sobrevivente à matéria, e fareis dele uma simples máquina organizada, sem finalidade nem responsabilidade, sem outro freio além da lei civil e *pronta para ser explorada* como um animal inteligente. Nada esperando depois da morte, faz de tudo para aumentar os gozos do presente; se sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro, com a convicção de encontrar novamente aqueles a quem amou e com o *temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu*, todas as suas ideias mudam. Ainda que o Espiritismo só servisse para libertar o homem da dúvida quanto à vida futura, já teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis disciplinares, que o detêm algumas vezes, mas que não o transformam.

38. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não somente seria inconciliável com a Justiça de Deus, como tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só; seria um contrassenso, e tanto menos justificável porque, segundo essa doutrina, a alma não existia na época em que se pretende fazer remontar a sua responsabilidade. Com a preexistência o homem traz, ao *renascer*, o germe das suas imperfeições, dos defeitos de que não se corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou qual vício. É esse o seu verdadeiro pecado original cujas consequências sofre naturalmente, mas com a diferença capital de que sofre a pena das suas próprias faltas, e não a pena das faltas cometidas por outrem. Contudo, existe ainda outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, animadora e soberanamente equitativa, segundo a qual cada existência lhe oferece os meios de progredir e de se redimir pela reparação, quer despojando-se de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos, até que, suficientemente depurado, o homem não mais

necessite da vida corpórea e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como o que progrediu intelectualmente traz ideias inatas. Identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo está prestes a vencer. Existe, pois, a *virtude original*, como existe o *saber original*, e o *pecado* ou, antes, o *vício original*.

39. O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suspeitado desde a Antiguidade por Paulo sob o nome de *corpo espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma, após a destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse envoltório é inseparável da alma, forma um dos elementos constitutivos do ser humano, é o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa porção de afecções que se ligam à Fisiologia, assim como à Psicologia.

40. O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a solução de uma série de fenômenos incompreendidos até agora, por falta de conhecimento da lei que os rege; fenômenos, aliás, negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Tais são, entre outros, o fenômeno da dupla vista, da visão a distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões etc. Demonstrando que esses fenômenos repousam em leis naturais, como os fenômenos elétricos, e em que condições normais se podem reproduzir, o Espiritismo destrói o império do maravilhoso e do sobrenatural e, por conseguinte, a fonte da maior parte das superstições. Se leva à crença na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede que se creia em muitas outras, comprovando a sua impossibilidade e irracionalidade.

41. Longe de negar ou destruir o Evangelho, o Espiritismo vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da natureza que ele revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam *inadmissíveis*, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta doutrina, veem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, mas um Messias divino.

42. Além disso, se se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que confere a todas as ações da vida, por tornar quase tangíveis as consequências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela ideia de ter, cada um, perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de conversar com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, *até a última hora da vida*, não fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do Espírito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento regenerador, a promessa do seu advento se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro *Consolador*.[15]

43. Se a estes resultados adicionarmos a rapidez prodigiosa da propagação do Espiritismo, apesar de tudo quanto têm feito para abatê-lo, não se poderá negar que a sua vinda seja providencial, visto que ele triunfa de todas as forças e de toda a má vontade dos homens. A facilidade com que é aceito por tão grande número de pessoas, sem constrangimento, apenas pelo poder da ideia, prova que ele corresponde a uma necessidade, qual a de crer o homem em alguma coisa para encher o vácuo aberto pela incredulidade e que, portanto, veio no momento preciso.

44. Os aflitos de toda sorte são em grande número. Não é, pois, de admirar que tanta gente acolha uma doutrina que consola, de preferência às que desesperam, porque aos deserdados, mais que aos felizes do mundo, é que o Espiritismo se dirige. O doente vê chegar o médico com maior satisfação do que aquele que está bem de saúde; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Vós, que combateis o Espiritismo, se quereis que o abandonemos para vos seguir, dai-nos mais e melhor do que ele; curai com maior segurança as feridas da alma. Dai mais consolações, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; porém, não julgueis vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno ou com a inútil contemplação perpétua.

45. A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, mas a terceira não tem indivíduo algum a personificá-la. As duas primeiras foram individuais, a terceira foi coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por conseguinte, pode arrogar-se como seu profeta exclusivo. Foi espalhada simultaneamente por sobre toda a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos *Atos dos Apóstolos*: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei do meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão.” (Atos, 2:17 e 18.) Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia a todos de ponto de ligação.[16]

46. As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a ideia se propagou pouco a pouco; mas foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem completamente. A terceira tem isto de particular: não sendo personificada em um só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma imensidade de pedras lançadas na água, de tal sorte que, em dado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Essa é uma das causas da rápida propagação da Doutrina. Se ela tivesse surgido num só ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, teria formado seitas em torno dela e talvez decorresse meio século sem que atingisse os limites do país onde começara, ao passo que, após dez anos, já fincou balizas de um polo a outro.

47. Essa circunstância, verdadeiro fenômeno na história das doutrinas, lhe dá força excepcional e irresistível poder de ação. De fato, se a perseguirem num ponto, em determinado país, será materialmente impossível que a persigam em toda parte e em todos os países. Em contraposição a um lugar onde lhe dificultem a marcha, haverá mil outros em que florescerá. Ainda mais: se a ferirem num indivíduo, não poderão feri-la nos Espíritos, que são a fonte de que ela promana. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e existirão sempre, se, por um acaso impossível, conseguissem sufocar a Doutrina Espírita em todo o globo, ela reapareceria pouco tempo depois, porque repousa sobre *um fato que está na natureza* e não se podem suprimir as leis da natureza. Eis aí o de que devem convencer-se aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (*Revista espírita*, fevereiro de 1865: *Perpetuidade do Espiritismo*.)

48. Entretanto, em virtude da disseminação dos centros, estes poderiam ainda permanecer por muito tempo isolados uns dos outros ou confinados em países longínquos, como sucede com alguns deles. Faltava entre eles uma ligação que os pusesse em comunhão de ideias com seus irmãos em crença, informando-os do que se fazia em outro lugar. Esse traço de união, que na Antiguidade teria faltado ao Espiritismo, hoje existe nas publicações que vão a toda parte, condensando, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado universalmente sob formas múltiplas e nas diversas línguas.

49. As duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto. Como os homens não estivessem ainda bastante adiantados a fim de concorrerem para a sua elaboração, elas tinham que ser impostas pela fé, sob a autoridade da palavra do Mestre. Contudo, notam-se entre as duas bem sensível diferença, devida ao progresso dos costumes e das ideias, embora feitas ao mesmo povo e no mesmo meio, mas com dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente *conselheira*; é livremente aceita e só se impõe pela persuasão; foi controvertida desde o tempo do seu fundador, que não desdenhava de discutir com os seus adversários.

50. A Terceira Revelação, vinda numa época de emancipação e de maturidade intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se conforma em representar um papel meramente passivo, em que o homem nada aceita às cegas, mas, ao contrário, quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o

como de cada coisa, tinha ela que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre-exame. *Os Espíritos só ensinam o que é preciso para guiar o homem no caminho da verdade, mas se abstêm de revelar o que ele pode descobrir por si mesmo,* deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao crivo da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Os Espíritos fornecem-lhe o princípio, os materiais, cabendo a ele aproveitá-los e pô-los em prática. (Item 15.)

51. Tendo sido os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é claro que as observações não podiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar, a dedução das leis que regem esta ordem de fenômenos, em suma, a conclusão sobre a qual haviam de firmar-se as ideias não podiam sair senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito dentro de um círculo restrito, não vendo na maioria das vezes mais que uma ordem particular de fatos, não raro contraditórios na aparência, geralmente lidando com a mesma categoria de Espíritos e, além disso, embaraçados por influências locais e pelo espírito de partido, se achava na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, incapaz de conjugar as observações isoladas a um princípio comum. Apreciando cada qual os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos Espíritos que se manifestam, bem cedo teriam surgido tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, todos incompletos por falta de elementos de comparação e exame. Numa palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, julgando possuir toda a verdade, ignorando que em cem outros lugares se obtinha mais e melhor.

52. Além disso, convém notar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de maneira completa. Ele diz respeito a tão grande número de observações, a assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que seria impossível se acharem reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os assuntos de estudo e observação como, em algumas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida por diversos operários.

A revelação fez-se assim, parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda, pois nem

tudo foi revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinos parciais que constituíram a *Doutrina Espírita*.

Era, pois, necessário agrupar os fatos esparsos para se lhes verificar a correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, a fim de compará-las, analisá-las, estudar as suas analogias e diferenças. Vindo as comunicações de Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais ou isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos Espíritos; as utopias das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica, utilizar igualmente os erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento do estado do mundo invisível e formar com isso um todo homogêneo. Era preciso, em suma, um centro de elaboração, independente de qualquer ideia preconcebida, de todo prejuízo de seita, *resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, embora contrária às opiniões pessoais*. Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e *sem desígnio premeditado*.[17]

53. De todas essas coisas resultou dupla corrente de ideias: umas se dirigindo das extremidades para o centro; as outras se encaminhando do centro para a periferia. Desse modo a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde emanou; os sistemas diversos ruíram pouco a pouco, devido ao isolamento em que ficaram, diante do ascendente da opinião da maioria, por não encontrar repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de pensamentos se estabeleceu entre os diversos centros parciais. Falando a mesma linguagem, eles se entendem e estimam, de um extremo a outro do mundo.

Sentindo-se mais fortes, os espíritas lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não mais se viram isolados, desde que sentiram um ponto de apoio, um laço a prendê-los à grande família. Os fenômenos que presenciavam já não lhes pareciam singulares, anormais, contraditórios, desde que puderam conjugá-los a leis gerais de harmonia, perceber num piscar de olhos toda a obra e descobrir um fim grandioso e humanitário em todo o conjunto.[18]

Mas como saber se um princípio é ensinado por toda parte ou se apenas reflete uma opinião pessoal? Não estando os grupos isolados em condições de saber o que se diz alhures, era de todo necessário que um centro reunisse todas as instruções para proceder a uma espécie de depuração das vozes e transmitir a todos a opinião da maioria.[19]

54. Não existe nenhuma ciência que haja saído prontinha do cérebro humano. Todas, sem exceção de nenhuma são fruto de observações sucessivas, apoiadas em observações precedentes, como sobre um ponto conhecido para chegar ao desconhecido.

Foi assim que os Espíritos procederam com relação ao Espiritismo, razão por que é gradativo o ensino que ministraram, pois eles não abordam as questões senão à medida que os princípios sobre os quais hajam de apoiar-se estejam suficientemente elaborados e bastante amadurecida a opinião para os assimilar. É mesmo de notar-se que, de todas as vezes que os centros particulares quiseram tratar de questões prematuras, não obtiveram mais do que respostas contraditórias, nada concludentes. Quando, ao contrário, chega o momento oportuno, o ensino se generaliza e se unifica na quase universalidade dos centros.

Há, todavia, capital diferença entre a marcha do Espiritismo e a das ciências: a de que estas não atingiram o ponto em que chegaram senão após longos intervalos, ao passo que bastaram alguns anos ao Espiritismo, quando não a galgar o ponto culminante, pelo menos a recolher uma soma de observações bem grande para formar uma doutrina. Resulta esse fato da inumerável multidão de Espíritos que, por vontade de Deus, se manifestaram simultaneamente, trazendo cada um o contingente de seus conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da Doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante vários séculos, o foram quase ao mesmo tempo, em alguns anos apenas, e que bastou reuni-las para que estruturassem um todo.

Quis Deus que fosse assim, primeiro para que o edifício chegasse mais rapidamente ao fim; em seguida para que se pudesse, por meio da comparação, ter um controle, a bem dizer imediato e permanente, da universalidade do ensino, pois nenhuma de suas partes tem valor nem *autoridade*, a não ser pela sua conexão com o conjunto, devendo todas harmonizar-se, achando cada uma o devido lugar e vindo cada qual a seu tempo.

Não confiando a um único Espírito o encargo de promulgar a Doutrina, quis Deus, também, que tanto o menor quanto o maior, tanto entre os Espíritos quanto entre os homens, trouxesse sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas oriundas de um tronco único. Por outro lado, dispondo todo Espírito, como todo homem, apenas de limitada soma de conhecimentos, não estavam aptos, individualmente, a tratar *ex professo*[20] das inúmeras questões que o Espiritismo envolve. É por isso também que a Doutrina, em cumprimento aos desígnios do Criador, não podia ser obra nem de um só Espírito nem de um só médium. Tinha que sair da coletividade dos trabalhos, comprovados uns pelos outros.[21]

55. Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das próprias condições em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela contrai aliança com a Ciência que, sendo a exposição das leis da natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, autor daquelas Leis. *As descobertas que a Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus; apenas destroem o que os homens edificaram sobre as falsas ideias que formaram de Deus*.

O Espiritismo, pois, estabelece como princípio absoluto somente o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Interessando-se a todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de *verdades práticas* e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. *Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.*[22]

56. Qual a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, visto que não é outra senão a do Cristo? O homem precisa de uma revelação? Não pode achar em si próprio tudo o que lhe é necessário para bem se conduzir na vida?

Do ponto de vista moral, é fora de dúvida que Deus outorgou ao homem um guia, que é a sua consciência, a dizer-lhe: “Não façais aos outros o que não gostaríeis que eles vos fizessem.” Certamente a moral natural está inscrita no coração dos homens; porém, todos saberão lê-la nesse livro? Nunca lhe desprezaram os sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticam aqueles mesmos que a ensinam? Não se terá tornado letra morta, bela teoria, boa para os outros e não para si? Reprovareis que um pai repita a seus filhos dez vezes, cem vezes as mesmas instruções, desde que eles não as sigam? Por que Deus faria menos do que um pai de família? Por que não enviaria, de vez em quando, mensageiros especiais aos homens, para lhes lembrar os deveres e reconduzi-los ao bom caminho, quando deste se afastam? Por que não abrir os olhos da inteligência aos que os trazem fechados, assim como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, em virtude de não haver outra melhor. Mas, então, de que serve o ensino deles, se apenas repetem o que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do Cristo, ensinada quinhentos anos antes por Sócrates e Platão em termos quase idênticos. O mesmo se poderia dizer também de todos os moralistas, que nada mais fazem do que repetir a mesma moral em todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! *os Espíritos vêm, muito simplesmente, aumentar o número dos moralistas*, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, tanto se fazem ouvir na choupana como no palácio, tanto pelos ignorantes como pelos instruídos.

O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, dando por sanção à doutrina cristã as próprias leis da natureza. Com o auxílio das novas luzes que o Espiritismo e os Espíritos trouxeram, o homem compreende a solidariedade que religa todos os seres; a caridade e a fraternidade se tornam uma necessidade social; ele faz por convicção o que fazia unicamente por dever, e o faz melhor. Somente quando praticarem a moral do Cristo os homens poderão dizer que não precisam de moralistas encarnados ou desencarnados. Ora, nessa época, Deus não lhos enviará mais nenhum.

57. Uma das questões mais importantes, entre as propostas no começo deste capítulo, é a seguinte: que autoridade tem a revelação espírita, uma vez que emana de seres de limitadas luzes e que não são infalíveis? A objeção seria

procedente se essa revelação consistisse apenas no ensino dos Espíritos, se deles exclusivamente devêssemos recebê-la e houvéssemos de aceitá-la de olhos fechados. Perde, porém, todo o valor, desde que o homem concorra para a revelação com o seu raciocínio e o seu julgamento; desde que os Espíritos se limitam a pôr o homem no caminho das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações, nas suas inumeráveis modalidades, são fatos que o homem estuda para lhes deduzir a lei, auxiliado nesse trabalho por Espíritos de todas as categorias que, assim, são mais *colaboradores* seus do que *reveladores*, no sentido usual do termo. Ele lhe submete os dizeres ao controle da lógica e do bom senso, beneficiando-se, dessa maneira, dos conhecimentos especiais de que os Espíritos dispõem pela posição em que se acham, mas sem abdicar do uso da própria razão.

Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, comunicando-nos com eles *não saímos da condição de humanidade*, circunstância capital a considerar-se. Os homens de gênio, que foram condutores da humanidade, vieram do mundo dos Espíritos e para lá voltaram ao deixarem a Terra. Considerando-se que os Espíritos podem comunicar-se com os homens, esses mesmos gênios podem dar-lhes instruções sob a forma espiritual, como o fizeram sob a forma corpórea. Podem instruir-nos depois de terem morrido, tal qual faziam quando vivos; apenas são invisíveis, ao invés de serem visíveis, sendo essa a única diferença. A experiência e o saber de que dispõem não devem ser menores do que antes e, se a palavra deles, como homens, tinha autoridade, não há razão para tê-la menos somente pelo fato de estarem no mundo dos Espíritos.

58. Todavia, não são apenas os Espíritos superiores que se manifestam, mas igualmente os de todas as categorias, e era preciso que assim acontecesse para nos iniciarmos no que respeita ao verdadeiro caráter do mundo espiritual, no-lo mostrando em todas as suas faces. Daí resulta serem mais íntimas as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, e mais evidente a conexão entre os dois. Vemos assim mais claramente de onde viemos e para onde vamos. Tal é o objetivo essencial das manifestações. Todos os Espíritos, pois, seja qual for o grau de elevação em que se encontrem, nos ensinam alguma coisa; cabe, porém, a nós, visto que eles são mais ou menos esclarecidos, discernir o que há de bom ou de mau no que nos digam e tirar, do ensino que nos deem, o proveito possível. Ora, todos, quaisquer que sejam, nos podem ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles nunca saberíamos.

59. Incontestavelmente, os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, mas de ação restrita e de lenta propagação. Viesse um só deles hoje, embora fosse Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão, revelar aos homens as condições do mundo espiritual, quem provaria a veracidade de suas asserções, nesta época de ceticismo? Não o tomariam por sonhador ou utopista? Mesmo que fosse verdade absoluta o que dissesse, séculos e mais séculos escoariam antes que as massas humanas lhe aceitassem as ideias. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensino fosse dado pelos *próprios Espíritos*, e não por encarnados, a fim de que os primeiros convencessem estes últimos da sua existência, e quis que isso ocorresse por toda a Terra simultaneamente, quer para que o ensino se propagasse com maior rapidez, quer para que, coincidindo em toda parte, constituísse uma prova de verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si próprio.

60. Os Espíritos não se manifestam para libertar o homem do estudo e das pesquisas, nem para lhe transmitirem uma ciência pronta. Com relação ao que o homem pode descobrir por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças. É o que sabem hoje perfeitamente os espíritas. Há tempos a experiência tem demonstrado ser errôneo atribuir-se aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria e que bastaria dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas. Saídos da humanidade, os Espíritos constituem uma de suas faces. Assim como na Terra, no plano invisível também há os superiores e os vulgares; muitos deles, pois, do ponto de vista científico e filosófico, sabem menos do que certos homens; eles dizem o que sabem, nem mais, nem menos. Do mesmo modo ocorre com os homens, os Espíritos mais adiantados podem instruir-nos sobre maior quantidade de coisas, dar-nos opiniões mais judiciosas, do que os atrasados. *Pedir conselhos aos Espíritos não é entrar em entendimento com potências sobrenaturais; é tratar com seus iguais, com aqueles mesmos a quem o homem se dirigiria neste mundo: a seus parentes, a seus amigos ou a indivíduos mais esclarecidos do que ele.* Disto é que importa que todos se convençam e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem ideia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

61. Qual, portanto, a utilidade dessas manifestações, ou, se o preferirem, dessa revelação, uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós ou não

nos dizem tudo o que sabem? Primeiramente, como já dissemos, eles se abstêm de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o grau do nosso adiantamento não as comporta. Afora isto, as condições da nova existência em que se acham lhes dilatam o círculo das percepções: eles veem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria, isentos dos cuidados da vida corpórea, julgam as coisas de um ponto de vista mais elevado e, por isso mesmo, mais justo; a perspicácia de que gozam abrange mais vasto horizonte; compreendem seus erros, retificam suas ideias e se desembaraçam dos preconceitos humanos.

É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos com relação à humanidade corpórea e daí vem que seus conselhos, segundo o grau de adiantamento que alcançaram, são mais judiciosos e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite, além disso, iniciar-nos nas coisas relativas à vida futura, coisas que ignoramos e que não podemos aprender no meio em que estamos. Até agora, o homem apenas formulara hipóteses sobre o futuro, sendo tal a razão por que suas crenças a esse respeito se fracionaram em tão numerosos e divergentes sistemas, desde o niilismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que nos vêm dizer em que se tornaram *e só eles o podiam fazer*. Suas manifestações, conseguintemente, serviram para dar-nos a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos e só esse conhecimento seria de capital importância, supondo-se que os Espíritos nada mais nos pudessem ensinar.

Quando em viagem por um país que não conheçais, recusareis as informações do mais humilde camponês que encontrardes? Deixareis de interrogá-lo sobre as condições das estradas simplesmente por ser ele um camponês? Certamente não esperareis obter, por seu intermédio, esclarecimentos de grande alcance, mas, de acordo com o que ele é na sua esfera, poderá, sobre alguns pontos, vos ensinar melhor do que um homem instruído que não conheça o país. Tirareis das suas indicações deduções que ele próprio não tiraria, sem que por isso deixe de ser um instrumento útil às vossas observações, embora apenas servisse para vos informar acerca dos costumes dos camponeses. Dá-se a mesma coisa no que concerne às nossas relações com os Espíritos, entre os quais o menos qualificado pode servir para nos ensinar alguma coisa.

62. Uma comparação vulgar tornará ainda mais compreensível a situação. Um navio carregado de emigrantes parte para destino longínquo. Leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Vem-se a saber que esse navio naufragou. Nenhum vestígio resta dele, nenhuma notícia chega sobre a sua sorte. Acredita-se que todos os passageiros tenham perecido e o luto penetra em todas as suas famílias. Entretanto, a tripulação inteira e os passageiros, sem faltar um único homem, foi ter a uma terra desconhecida, abundante e fértil, onde todos passam a viver felizes, sob um céu clemente. Ninguém, todavia, sabe disso. Ora, um belo dia, outro navio aporta a essa terra e lá encontra os náufragos, sãos e salvos. A auspiciosa notícia se espalha com a rapidez do relâmpago. Exclamam todos: “Os nossos amigos não estão perdidos!” E rendem graças a Deus. Não podem ver-se uns aos outros, mas correspondem-se; permutam demonstrações de afeto e assim a alegria substitui a tristeza.

Tal a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. A última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência dos que nos são caros e a certeza de que um dia nos reuniremos a eles. Deixa de existir a dúvida sobre a sorte deles e a nossa. O desânimo se desfaz diante da esperança.

Outros resultados fecundam essa revelação. Achando madura a humanidade para penetrar o mistério do seu destino e contemplar a sangue-frio novas maravilhas, Deus permitiu que fosse erguido o véu que ocultava o mundo invisível ao mundo visível. As manifestações nada têm de extra-humanas; *é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corpórea* e dizer-lhe:

“Nós existimos, logo, o nada não existe; eis o que somos e o que sereis; o futuro vos pertence, como a nós. Caminhais nas trevas, vimos clarear-vos o caminho e traçar-vos o roteiro; andais ao acaso, vimos apontar-vos a meta. A vida terrena era tudo para vós, porque nada víeis além dela; vimos dizer-vos, mostrando a vida espiritual: a vida terrestre nada é. A vossa visão se detinha no túmulo, nós vos desvendamos, para além deste, um esplêndido horizonte. Não sabíeis por que sofreis na Terra; agora, no sofrimento, vedes a Justiça de Deus. O bem não produzia nenhum fruto aparente para o futuro; doravante, ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade, que não passava de bela teoria, assenta agora numa Lei da natureza. Sob o domínio da crença de que tudo se acaba com a vida, a imensidade é o vácuo, o egoísmo reina soberano entre vós

e a vossa palavra de ordem é: ‘Cada um por si.’ Com a certeza do futuro, os espaços infinitos se povoam ao infinito, em parte alguma há o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. É o reino da caridade, sob a divisa: ‘Um por todos e todos por um.’ Enfim, ao termo da vida dizíeis eterno adeus aos que vos são caros; agora simplesmente direis: ‘Até breve!’”

Tais são, em resumo, os resultados da revelação nova, que veio encher o vácuo que a incredulidade havia cavado, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e dar a todas as coisas uma razão de ser. Esse resultado carecerá de importância apenas porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar saber aos ignorantes e meios aos preguiçosos para se enriquecerem sem trabalho? Entretanto, os frutos que o homem deve colher da nova revelação não dizem respeito tão só à vida futura. Ele os saboreará na Terra, pela transformação que estas novas crenças hão de necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus, anunciado *pelo Cristo*.[23]

---

1 N.E: Nicolau Copérnico (1473–1543), astrônomo polonês. Sua obra *Das revoluções dos mundos celestes*, publicada alguns dias antes de sua morte, demonstrou o duplo movimento dos planetas, em torno de si mesmos e em torno do Sol, teoria chamada “Sistema de Copérnico”.

2 N.E.: Galileu Galilei (1564–1642): matemático, físico e astrônomo italiano. Adotou o sistema proposto por Copérnico e proclamou que o centro do mundo planetário era o Sol e não a Terra, e que a Terra girava em torno do Sol, assim como os outros planetas que refletem a luz solar.

3 N.E.: Isaac Newton (1642–1727), matemático, astrônomo e filósofo inglês. Descobriu em 1687 as leis da atração universal.

4 N.E.: Pierre-Simon Laplace (1749–1827), astrônomo, matemático e físico francês. Criou o sistema cosmogônico, fez numerosos trabalhos sobre o movimento dos planetas no sistema solar, movimento das marés etc.

5 N.E.: Antoine-Laurent de Lavoisier (1743–1794), químico francês, um dos criadores da Química moderna. Fez parte da comissão encarregada de estabelecer o sistema métrico.

6 N.E.: Fogo, água, terra e ar.

7 **Nota de Allan Kardec:** A palavra *elemento* não é empregada aqui no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas*, mas no de *parte constitutiva de um todo.* Neste sentido pode-se dizer que o *elemento espiritual* tem parte ativa na economia do Universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* figuram no cálculo de uma população; que o *elemento religioso* entra na educação; ou que na Argélia existem o *elemento árabe* e o *elemento europeu.*

8 N.E.: Johannes Kepler (1571–1630), astrônomo alemão, fez um estudo preciso e sistemático de Marte e enunciou as leis conhecidas como Leis de Kepler das quais Newton depreendeu o princípio da atração universal.

9 N.E.: Refere-se ao século XIX.

10 N.E.: Arca santa ou arca da aliança: Arca em que os hebreus guardavam as tábuas da lei.

11 N.E.: Habitante do globo que, em relação a outro, vive em lugar diametralmente oposto. Teoria confirmada com a comprovação da esfericidade da Terra.

12 N.E.: Literato e filósofo chinês (551–479 a.C.). Sua doutrina pregava a ordem no Estado e a necessidade de desenvolvimento do caráter e da responsabilidade moral.

13 N.E.: Nome que se dá ao fundador do budismo, Siddharta Gautama, também chamado de Çakyamuni, por pertencer à tribo dos Çakya. Nascido em Kapilavastu (478 ou 473 a.C.), tomou o nome de Buda após ter atingido a "iluminação" ou "despertar" (bodhi), em Bodh-Gaya.

14 **N.E.:** Ver *Nota Explicativa*, p. 361.

15 **Nota de Allan Kardec:** Muitos pais de família deploram a morte prematura dos filhos, para a educação deles fizeram grandes sacrifícios, e dizem consigo mesmos que nada disso lhes aproveitou. À luz do Espiritismo, porém, não lamentariam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo com a certeza de que veriam morrer seus filhos, porque sabem que se estes não a aproveitam na vida presente, essa educação servirá, primeiro que tudo, para o seu adiantamento espiritual; além disso, serão aquisições novas para outra existência e, quando voltarem a este mundo, terão um patrimônio intelectual que os tornará mais aptos a adquirirem novos conhecimentos. Tais são essas crianças que trazem, ao nascer, ideias inatas, sabendo, por assim dizer, sem precisarem aprender. Se os pais não têm a satisfação imediata de ver os filhos aproveitarem da educação que lhes deram, gozá-lo-ão certamente mais tarde, quer como Espíritos, quer como homens. Talvez sejam eles de novo os pais desses mesmos filhos, que se apontam como afortunadamente dotados pela natureza e que devem as suas aptidões a uma educação precedente. Assim também se os filhos se desviam para o mal, pela negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde desgostos e pesares que aqueles lhes suscitarão em novas existências. (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. V, item 21, Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras.)

16 **Nota de Allan Kardec:** O nosso papel pessoal no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo e que começa a operar-se é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir a causa e tirar-lhes as consequências. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao público o fruto das nossas pesquisas, sem atribuirmos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da Doutrina, nem procurarmos impor as nossas ideias a quem quer que seja. Publicando-as, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias encontraram numerosas simpatias, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de grande número de pessoas, mas disso não nos envaidecemos de modo algum, visto que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outro qualquer poderia ter feito em nosso lugar, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal.

17 **Nota de Allan Kardec:** *O livro dos espíritos*, a primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado de um ponto de vista filosófico, pela dedução das consequências morais dos fatos; que abordou todas as partes da Doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi, desde o seu aparecimento, o ponto de união para o qual convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, que até então era conservado no domínio das experiências curiosas. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria é que exprimia os sentimentos dela, correspondia às suas aspirações e encerrava também a confirmação e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se ele estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, teria caído no descrédito e no esquecimento. Ora, qual foi aquele ponto de convergência? Por certo não foi o homem, que nada vale por si mesmo, que morre e desaparece, mas a ideia, que não perece quando emana de uma fonte superior ao homem. Essa espontânea concentração de forças dispersas suscitou uma amplíssima correspondência, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, em que se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a Doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações e os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas por meio de documentos autênticos. Em face desses testemunhos irrecusáveis, a que se reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?

18 **Nota de Allan Kardec:** Um testemunho significativo, tão notável quão tocante dessa comunhão de ideias que se estabeleceu entre os espíritas, pela conformidade de suas crenças, são os pedidos de preces que nos chegam das regiões mais distantes, desde o Peru até as extremidades da Ásia, feitos por pessoas de religiões e nacionalidades diversas e as quais nunca vimos. Não é isso um prelúdio da

grande unificação que se prepara? Não é a prova de que por toda parte o Espiritismo lança raízes fortes? É digno de nota que, de todos os grupos que se têm formado com a intenção premeditada de provocar a cisão, proclamando princípios divergentes, assim como aqueles que, apoiando-se em razões de amor-próprio ou de outras quaisquer, para não parecer que se submetem à lei comum, se consideraram bastante fortes para caminhar sozinhos, dotados de luzes suficientes para dispensarem conselhos, nenhum chegou a constituir uma ideia que fosse preponderante e viável. Todos se extinguiram e/ou vegetaram na sombra. Nem poderia ser de outro modo, visto que, para se exalçarem, em vez de se esforçarem por proporcionar maior soma de satisfações, esses grupos discordantes rejeitavam princípios da Doutrina, justamente o que há de mais atraente nela, mais consolador e mais racional. Se tivessem compreendido a força dos elementos morais que lhe constituíram a unidade, não se teriam embalado com ilusões quiméricas. Ao contrário, tomando como se fosse o universo o pequeno círculo que constituíam, não viram nos seus novos adeptos mais que uma camarilha, facilmente derrubável por outra contrária. Era equivocar-se de modo singular no tocante aos caracteres essenciais da Doutrina, e esse erro só podia acarretar decepções. Em lugar de romperem a unidade, quebraram o único laço que lhes podia dar força e vida. (Veja-se a *Revista espírita*, abril de 1866: *O Espiritismo sem os Espíritos*; *O Espiritismo independente*.)

19 **Nota de Allan Kardec:** É esse o objetivo das nossas publicações, que podem ser consideradas o resultado de um trabalho de despojamento e renúncia. Nelas, todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios depois de haverem recebido a consagração de todas as comprovações, as quais, só elas, lhes podem imprimir força de lei e permitir afirmações categóricas. Eis por que não preconizamos levianamente nenhuma teoria e é nisso exatamente que a Doutrina, decorrendo do ensino geral, não representa produto de um sistema preconcebido. É isso que constitui a sua força e o que lhe garante o futuro.

20 N.E.: Locução latina que significa como professor; magistralmente; com verdadeiro conhecimento de causa.

21 **Nota de Allan Kardec:** Veja-se, em *O evangelho segundo o espiritismo, Introdução*, § II, e na *Revista espírita* de abril de 1864: *Autoridade da Doutrina Espírita – Controle universal do ensino dos Espíritos*.

22 **Nota de Allan Kardec:** Diante de declarações tão claras e tão categóricas, quais as que se contêm neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendência ao absolutismo e à autocracia dos princípios, bem como todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal informadas emprestam à Doutrina. Essas declarações, aliás, não são novas; temo-las repetido muitíssimas vezes nos nossos escritos, para que não paire nenhuma dúvida a tal respeito. Além disso, elas nos mostram o verdadeiro papel que nos cabe, único que ambicionamos: o de mero trabalhador.

23 **Nota de Allan Kardec:** A anteposição do artigo à palavra *Cristo* (do grego *khristós*, ungido), empregado em sentido absoluto, é mais correta, considerando-se que essa palavra não é o nome do Messias de Nazaré, mas uma qualidade tomada substantivamente. Dir-se-á, pois: Jesus era *Cristo*; era o *Cristo* anunciado; a morte *do Cristo* e não *de Cristo*, ao passo que se diz: a morte *de Jesus* e não *do Jesus*. Em Jesus Cristo, as duas palavras reunidas formam um só nome próprio. É pela mesma razão que se diz: o *Buda*; Gautama conquistou a dignidade de *Buda* por suas virtudes e austeridades. Diz-se: a vida *do Buda*, do mesmo modo que se diz: o exército *do faraó* e não *de faraó*; Henrique IV era *rei*; o título de *rei*; a morte *do rei* e não *de rei*.

CAPÍTULO II



Deus

• Existência de Deus • A natureza divina • A Providência • A visão de Deus

Existência de Deus

1. Sendo Deus a causa primeira de todas as coisas, a origem de tudo que existe, a base sobre a qual repousa o edifício da Criação, é o ponto que importa considerar-se antes de tudo.

2. Constitui princípio elementar que pelos efeitos é que se julga uma causa, mesmo quando ela se conserve oculta. Se, pois, rasgando os ares, um pássaro é atingido por mortífero grão de chumbo, deduz-se que um hábil atirador o alvejou, ainda que este último não seja visto. Assim, nem sempre é preciso que se veja uma coisa para ficar-se sabendo da sua existência. Em tudo, é observando os efeitos que se chega ao conhecimento das causas que os produzem.

3. Outro princípio igualmente elementar e que, de tão verdadeiro, passou a axioma é o de que todo efeito inteligente tem que resultar de uma causa inteligente. Se, por exemplo, alguém perguntar qual o construtor de certo mecanismo engenhoso, que pensaríamos de quem respondesse que ele se fez a si mesmo? Quando se contempla uma obra-prima da arte ou da indústria, diz-se que só um homem de gênio seria capaz de produzi-la, visto que só uma alta inteligência poderia concebê-la. Reconhece-se, no entanto, que ela é obra do homem, porque não está acima da capacidade humana; a ninguém, porém, acorrerá a ideia de dizer que saiu do cérebro de um deficiente mental ou de um ignorante, nem, ainda menos, que seja trabalho de um animal, ou simples produto do acaso.

4. Em toda parte se reconhece a presença do homem pelas suas obras. A existência dos homens antediluvianos não se provaria unicamente por meio dos fósseis humanos, mas também, e com muita certeza, pela presença, nos terrenos

daquela época, de objetos trabalhados pelos homens. Um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma, um tijolo bastarão para lhe atestar a presença. Pela grosseria ou perfeição do trabalho, reconhecer-se-á o grau de inteligência ou de adiantamento dos que o executaram. Se, pois, achando-vos numa região habitada exclusivamente por selvagens, descobrirdes uma estátua digna de Fídias,[24] não hesitareis em dizer que ela é obra de uma inteligência superior à dos selvagens, visto que estes seriam incapazes de fazê-la.

5. Pois bem! Lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da natureza, observando a previdência, a sabedoria, a harmonia que preside a todas as coisas, reconhece-se não haver nenhuma que não ultrapasse os limites da mais talentosa inteligência humana. Ora, desde que o homem não as pode produzir, é que elas são produto de uma inteligência superior à humanidade, salvo se sustentarmos que há efeitos sem causa.

6. A isto algumas pessoas opõem o seguinte raciocínio: as obras ditas da natureza são produzidas por forças materiais que atuam mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão; as moléculas dos corpos inertes se agregam e desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma na sua espécie, por efeito daquelas mesmas leis; cada indivíduo se assemelha ao de que ele proveio; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração se acham subordinados a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade etc. O mesmo se dá com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das forças naturais não acusa de modo algum a ação de uma inteligência livre. O homem movimenta o braço quando quer e como quer; aquele, porém, que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato. Ora, as forças orgânicas da natureza são puramente automáticas.

Tudo isso é verdade, mas essas forças são efeitos que devem ter uma causa e ninguém pretende que constituam a Divindade. Elas são materiais e mecânicas; não são por si mesmas inteligentes, o que também é verdade; mas são postas em ação, distribuídas, apropriadas às necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente que denota uma causa inteligente. Um pêndulo se move com automática regularidade e é nessa regularidade que está o seu mérito. A força

que o faz mover-se é toda material e nada tem de inteligente. Mas que seria esse pêndulo se uma inteligência não houvesse combinado, calculado, distribuído o emprego daquela força para fazê-lo andar com precisão? Pelo fato de não estar a inteligência no mecanismo do pêndulo e também pela circunstância de que ninguém a vê, seria racional concluir-se que ela não existe? Podemos julgá-la pelos seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo atesta a inteligência e o saber de seu fabricante. Quando um relógio vos dá, no momento preciso, a indicação de que necessitais, acaso já vos terá vindo à mente dizer: aí está um relógio bastante inteligente? Dá-se a mesma coisa com o mecanismo do universo: *Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras*.

7. A existência de Deus é, pois, um fato comprovado não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens não tiveram nenhuma revelação; entretanto, creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles veem coisas que estão acima das possibilidades do homem e deduzem que essas coisas provêm de um ser superior à humanidade. Não demonstram raciocinar com mais lógica do que os que pretendem que tais coisas se fizeram a si mesmas?

A natureza divina

8. Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. *Para compreendê-lo, ainda nos falta um sentido próprio que só se adquire por meio da completa depuração do Espírito*. Mas se não pode penetrar na essência de Deus, o homem, desde que aceite a sua existência como premissa, pode, pelo raciocínio, chegar ao conhecimento de seus atributos essenciais, porquanto, vendo o que Ele absolutamente não pode ser, sem deixar de ser Deus, deduz daí o que Ele deve ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, seria impossível compreender-se a obra da Criação. Esse é o ponto de partida de todas as crenças religiosas e é por não se terem reportado a isso, como o farol capaz de as orientar, que a maioria das religiões errou em seus dogmas. As que não atribuíram a Deus a onipotência imaginaram muitos deuses; as que não lhe atribuíram a soberana bondade fizeram dele um Deus ciumento, colérico, parcial e vingativo.

9. *Deus é a suprema e soberana inteligência*. A inteligência do homem é limitada, visto que não pode fazer nem compreender tudo o que existe. A de Deus, abrangendo o infinito, tem que ser infinita. Se a supuséssemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber outro ser mais inteligente, capaz de compreender e fazer o que o primeiro não faria, e assim por diante, até o infinito.

10. *Deus é eterno*, isto é, não teve começo e não terá fim. Se tivesse tido começo, é porque teria saído do nada. Ora, como o nada não existe, não pode gerar coisa alguma. Ou, então, teria sido criado por outro ser anterior e, nesse caso, este ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo e um fim, poderíamos conceber uma entidade existente antes dele e capaz de lhe sobreviver, e assim por diante, até o infinito.

11. *Deus é imutável*. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o universo não teriam nenhuma estabilidade.

12. *Deus é imaterial*, isto é, a sua natureza difere de tudo o que *chamamos matéria*. De outro modo, não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus não tem forma apreciável pelos nossos sentidos, sem o que seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem, nada mais conhecendo além de si mesmo, toma a si próprio por termo de comparação para tudo o que não compreende. São ridículas essas imagens em que Deus é representado pela figura de um ancião de longas barbas e envolto num manto; têm o inconveniente de rebaixar o Ser supremo às mesquinhas proporções da humanidade. Daí a lhe emprestarem as paixões humanas e dele fazerem um Deus colérico e ciumento não vai mais que um passo.

13. *Deus é onipotente*. Se não possuísse o poder supremo, poder-se-ia conceber um ser mais poderoso e assim por diante, até chegar ao ser cujo poder não fosse ultrapassado por nenhum outro. Esse então é que seria Deus.

14. *Deus é soberanamente justo e bom*. A sabedoria providencial das Leis divinas se revela nas menores como nas maiores coisas, e essa sabedoria não permite que se duvide nem da sua justiça, nem da sua bondade.

O fato de ser infinita uma qualidade exclui a possibilidade da existência de uma qualidade contrária, que a diminuiria ou anularia. Um ser *infinitamente bom* não poderia conter a mais insignificante parcela de maldade, nem o ser *infinitamente mau* conter a mais insignificante parcela de bondade, do mesmo

modo que um objeto não pode ser de um negro absoluto com a mais ligeira nuança de branco, nem de um branco absoluto com a mais leve mancha preta.

Deus, pois, não poderia ser simultaneamente bom e mau, porque então, não possuindo quaisquer dessas duas qualidades no grau supremo, não seria Deus; todas as coisas estariam sujeitas ao seu capricho e não haveria estabilidade para nenhuma delas. Não poderia Ele, por conseguinte, deixar de ser ou infinitamente bom ou infinitamente mau. Ora, como suas obras dão testemunho da sua sabedoria, da sua bondade e da sua solicitude, concluir-se-á que, não podendo ser ao mesmo tempo bom e mau sem deixar de ser Deus, Ele necessariamente tem de ser infinitamente bom.

A soberana bondade implica a soberana justiça, porquanto, se Ele procedesse injustamente ou com parcialidade *numa única circunstância que fosse*, ou com relação *a uma só de suas criaturas*, já não seria soberanamente justo e, por conseguinte, já não seria soberanamente *bom*.

15. *Deus é infinitamente perfeito*. É impossível conceber-se Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois sempre se poderia conceber um ser que possuísse o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, é preciso que Ele seja infinito em tudo.

Sendo infinitos, os atributos de Deus não são suscetíveis nem de aumento nem de diminuição, visto que do contrário não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se lhe tirassem a mínima parcela de um só de seus atributos, já não haveria Deus, pois que poderia existir um ser mais perfeito.

16. *Deus é único*. A unicidade de Deus é consequência do fato de serem infinitas as suas perfeições. Não poderia existir outro Deus, salvo sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, visto que, se houvesse entre eles a mais leve diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao poder desse outro e, então, não seria Deus. Se houvesse entre ambos igualdade absoluta, isso equivaleria a existir, por toda eternidade, um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder. Confundidos quanto à identidade, não haveria, na realidade, mais que um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um não faria o que o outro fizesse; mas, então, não existiria igualdade perfeita entre eles, pois que nenhum possuiria a autoridade soberana.

17. Foi a ignorância do princípio de que são infinitas as perfeições de Deus que gerou o politeísmo, culto adotado por todos os povos primitivos. Eles

atribuíam à Divindade todo poder que lhes parecia acima dos poderes inerentes à humanidade. Mais tarde, a razão os levou a reunir essas diversas potências numa só. Depois, à medida que os homens foram compreendendo a essência dos atributos divinos, retiraram dos símbolos, que haviam criado, a crença que implicava a negação desses atributos.

18. Em resumo, Deus não pode ser Deus, senão sob a condição de que nenhum outro o ultrapasse, porquanto o ser que o excedesse no que quer que fosse, ainda que apenas na espessura de um fio de cabelo, é que seria o verdadeiro Deus. Para que assim não aconteça, é indispensável que Ele seja infinito em tudo.

Comprovada, pois, pelas suas obras a existência de Deus, chegamos, por simples dedução lógica, a determinar os atributos que o caracterizam.

19. Deus é, pois, a *inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições*, e não poderia ser outra coisa.

Tal o eixo sobre o qual repousa o edifício universal, o farol cujos raios se estendem sobre o universo inteiro, única luz capaz de guiar o homem na procura da verdade. Orientando-se por essa luz, ele nunca se transviará. Se, portanto, o homem tem errado tantas vezes, é unicamente por não ter seguido o roteiro que lhe estava indicado.

Tal também o critério *infalível* de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Para apreciá-las, o homem dispõe de uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode afirmar com certeza que *toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só que seja desses atributos, que tenda não só a anulá-lo, mas simplesmente a diminuí-lo, não pode estar com a verdade*.

Em filosofia, psicologia, moral e religião só há de verdadeiro o que não se afaste nem um milímetro das qualidades essenciais da Divindade. A religião perfeita será aquela em que *nenhum artigo de fé* esteja em oposição com aquelas qualidades; aquela cujos dogmas suportem a prova desse controle sem nada sofrerem.

A Providência

20. A Providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas. Deus está em toda parte, tudo vê e a tudo preside, mesmo às coisas mais insignificantes. É nisto que consiste a ação providencial.

"Como pode Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, intrometer-se em pormenores sem importância, preocupar-se com os menores atos da nossa vida e com os mais ínfimos pensamentos de cada indivíduo?" Tal a interrogação que o incrédulo dirige a si mesmo, concluindo por dizer que, admitida a existência de Deus, só se pode aceitar, quanto à sua ação, que ela se exerça sobre as leis gerais do universo; que o universo funcione de toda a eternidade, em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que seja preciso a intervenção incessante da Providência.

21. No estado de inferioridade em que ainda se encontram, só com muita dificuldade os homens podem compreender que Deus seja infinito, visto que, sendo eles mesmos limitados e circunscritos, imaginam também que Deus seja circunscrito e limitado, figurando-o à imagem e semelhança deles. Os quadros em que o vemos com traços humanos não contribuem pouco para entreter esse erro no espírito das massas, que nele adoram mais a forma que o pensamento. Para a maioria, Ele é um soberano poderoso, sentado num *trono* inacessível e perdido na imensidade dos céus. Como suas faculdades e percepções são limitadas, não compreendem que Deus possa ou se digne de intervir diretamente nas pequeninas coisas.

22. Impotente para compreender a essência mesma da Divindade, o homem não pode fazer dela mais que uma ideia aproximada, mediante comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que, ao menos, servem para lhe mostrar a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos. Sendo ininteligente, esse fluido atua mecanicamente, tão só por meio das forças materiais. Se, porém, o imaginarmos dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele já não atuará às cegas, mas com discernimento, com vontade própria e liberdade: verá, ouvirá e sentirá.

23. As propriedades do fluido perispiritual dão-nos disso uma ideia. Ele não é inteligente por si mesmo porque é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e percepções do Espírito. O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas o agente e o intermediário desse pensamento. Sendo ele que o

transmite, fica, de certo modo, *impregnado* do pensamento transmitido. Na impossibilidade em que nos achamos de isolar o pensamento, parece-nos que ele faz coro com o fluido, dando a entender que são uma coisa só, como sucede com o som e o ar, de maneira que podemos, a bem dizer, materializá-lo. Assim como dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

24. Seja ou não assim no que respeita ao pensamento de Deus, isto é, quer o pensamento de Deus atue diretamente ou por intermédio de um fluido, representemo-lo, para facilitar a nossa compreensão, sob a forma concreta de um fluido inteligente preenchendo o universo infinito, e penetrando todas as partes da Criação: *a natureza inteira está mergulhada no fluido divino*. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que ele, cada átomo desse fluido, se assim nos podemos exprimir, possuindo o pensamento, isto é, os atributos essenciais da Divindade e estando o mesmo fluido em toda parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua previdência, à sua solicitude. Não haverá nenhum ser, por mais ínfimo que o suponhamos, que de algum modo não esteja saturado dele. Achamo-nos, assim, constantemente em presença da Divindade; não lhe podemos subtrair ao olhar nenhuma de nossas ações; o nosso pensamento está em contato incessante com o seu pensamento, havendo, pois, razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos refolhos do nosso coração. *Estamos nele, como Ele está em nós*, segundo a palavra do Cristo. [I João, 4:13.]

Para estender a sua solicitude a todas as criaturas, Deus não precisa lançar o olhar do alto da imensidade. Para que nossas preces sejam ouvidas, não precisam transpor o espaço, nem serem ditas com voz retumbante, porque, estando Deus continuamente ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

25. Longe de nós o pensamento de materializar a Divindade. A imagem de um fluido inteligente universal evidentemente não passa de uma comparação, mas capaz de dar uma ideia mais exata do que os quadros que o representam sob uma figura humana. Tem por objetivo tornar compreensível a possibilidade que tem Deus de estar em toda parte e de se ocupar com todas as coisas.

26. Temos constantemente sob as vistas um exemplo que nos permite fazer ideia da maneira pela qual talvez se exerça a ação de Deus sobre as partes mais íntimas de todos os seres e, por conseguinte, do modo por que lhe chegam as mais sutis impressões de nossa alma. Colhemos esse exemplo de uma instrução transmitida por um Espírito a tal respeito.

27. "O homem é um pequeno mundo, que tem como diretor o Espírito e como princípio dirigido o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação cujo Espírito seria Deus. (Compreendei bem que aqui há uma simples questão de analogia e não de identidade.) Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, os músculos, os nervos, as articulações são outras tantas individualidades materiais, se assim se pode dizer, localizadas em pontos especiais do corpo. Embora seja considerável o número de suas partes constitutivas, de natureza tão variada e diferente, ninguém, contudo, poderá supor que se possam produzir movimentos, ou uma impressão em qualquer lugar, sem que o Espírito tenha consciência do que ocorra. Há sensações diversas em muitos lugares simultaneamente? O Espírito as sente todas, distingue, analisa, atribui a cada uma a causa determinante e o ponto em que se produziu, tudo por meio do fluido perispirítico.

"Ocorre fenômeno semelhante entre Deus e a Criação. Deus está em toda parte, na natureza, como o Espírito está em toda parte, no corpo. Todos os elementos da Criação se acham em relação constante com Ele, como todas as células do corpo humano se acham em contato imediato com o ser espiritual. Não há, pois, razão para que fenômenos da mesma ordem não se produzam da mesma maneira, num e noutro caso.

"Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos estão a vibrar; o Espírito se ressente de todas as manifestações, as distingue e localiza. As diferentes criações, as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente: Deus sabe tudo o que se passa e atribui a cada um o que lhe diz respeito.

"Daí se pode igualmente deduzir a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade entre si de todos os seres de um mundo, a de todos os mundos e, por fim, de todas as criações com o Criador." (Quinemant, *Sociedade de Paris*, 1867.)

28. Compreendemos o efeito, o que já é muito. Do efeito remontamos à causa e julgamos da sua grandeza pela grandeza do efeito. Sua essência íntima, contudo, nos escapa, como a da causa de uma imensidão de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação; calculamo-los e, entretanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz.[25] Será então racional negarmos o princípio divino simplesmente porque não o compreendemos?

29. Nada impede que se admita, para o princípio da soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal a irradiar incessantemente, inundando o universo com seus eflúvios, como o Sol o faz com a sua luz. Mas onde está esse foco? É o que ninguém pode dizer. Provavelmente, não se acha fixado em determinado ponto, como não o está a sua ação, sendo também provável que percorra constantemente as regiões do espaço ilimitado. Se simples Espíritos têm o dom da ubiquidade, em Deus há de ser sem limites essa faculdade. Enchendo Deus o universo, poder-se-ia ainda admitir, a título de hipótese, que esse foco não precisa transportar-se, por se formar em todas as partes em que a soberana vontade julga conveniente que ele se produza, levando-nos a dizer que está em toda parte e em parte alguma.

30. Diante desses problemas insondáveis, a nossa razão deve humilhar-se. Deus existe: não há como duvidar disso. Por sua própria essência, Ele é infinitamente justo e bom. A sua solicitude se estende a tudo: compreendemo-lo. Só o nosso bem, portanto, Ele pode querer, razão pela qual devemos confiar nele: eis o essencial. Quanto ao mais, esperemos que nos tenhamos tornado dignos de o compreender.

A visão de Deus

31. Se Deus está em toda parte, por que não o vemos? Vê-lo-emos quando deixarmos a Terra? Tais as questões que se formulam todos os dias. A primeira é fácil de responder. Nossos órgãos materiais têm percepções limitadas que os tornam inaptos à visão de certas coisas, mesmo materiais. Assim é que alguns fluidos nos fogem totalmente à nossa visão e aos instrumentos de análise; entretanto, nem por isso duvidamos da existência deles. Vemos os efeitos da peste, mas não vemos o fluido que a transporta;[26] vemos os corpos em movimento sob a influência da força de gravitação, mas não vemos essa força.

32. Os nossos órgãos materiais não podem perceber as coisas de essência espiritual. Só podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial com a visão espiritual. Apenas a nossa alma, portanto, pode ter a percepção de Deus. Será que ela o vê logo após a morte? A esse respeito, só as comunicações de além-túmulo nos podem instruir. Por meio delas ficamos sabendo que a visão de Deus constitui privilégio das almas mais depuradas e que bem poucas, ao deixarem o envoltório terrestre, possuem o grau de desmaterialização necessária para tal efeito. Uma comparação vulgar tornará facilmente compreensível essa condição.

33. Uma pessoa que se ache no fundo de um vale, envolvido por densa bruma, não vê o Sol. Entretanto, pela luz difusa, percebe a claridade do Sol. Se resolve subir a montanha, à medida que for ascendendo, o nevoeiro se irá dissipando cada vez mais e a luz se torna cada vez mais viva. Contudo, ainda não verá o Sol. Só depois que se haja elevado acima da camada brumosa e chegado a um ponto em que o ar esteja perfeitamente límpido, ela contemplará o astro em todo o seu esplendor.

Dá-se a mesma coisa com a alma. O envoltório perispirítico, embora nos seja invisível e impalpável, é, com relação a ela, verdadeira matéria, ainda grosseira demais para certas percepções. Esse envoltório se espiritualiza à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são quais camadas nevoentas que lhe obscurecem a visão. Cada imperfeição de que ela se desfaz é uma mácula a menos; todavia, só depois de se haver depurado completamente é que goza da plenitude das suas faculdades.

34. Sendo Deus a essência divina por excelência, não pode ser percebido em todo o seu esplendor senão pelos Espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização. Pelo fato de não verem a Deus, não se segue que os Espíritos imperfeitos estejam mais distantes dele do que os outros, visto que, como todos os seres da natureza, estão mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós o estamos na luz. O que ocorre é que as imperfeições daqueles Espíritos são quais vapores que os impedem de vê-lo. Quando o nevoeiro se dissipar, vê-lo-ão resplandecer. Para isso, não lhes é preciso subir, nem procurá-lo nas profundezas do infinito. Desimpedida a visão espiritual das manchas morais que a obscureciam, eles o verão de todo lugar onde se achem, mesmo da Terra, porque Deus está em toda parte.

35. O Espírito só se depura com o tempo, sendo as diversas encarnações o alambique em cujo fundo deixa, de cada vez, algumas impurezas. Ao abandonar o seu envoltório corpóreo, os Espíritos não se despojam instantaneamente de suas imperfeições, razão por que, depois da morte, não veem a Deus mais do que o viam quando vivos; mas, à medida que se depuram, têm dele uma intuição mais clara; se não o veem, compreendem-no melhor, pois a luz é menos difusa. Quando, pois, alguns Espíritos dizem que Deus lhes proíbe que respondam a uma pergunta, não é que Deus lhes tenha aparecido ou dirigido a palavra para lhes ordenar ou proibir isto ou aquilo. Não; é que eles o sentem; recebem os eflúvios do seu pensamento, como sucede conosco em relação aos Espíritos que nos envolvem em seus fluidos, embora não os vejamos.

36. Nenhum homem, portanto, pode ver a Deus com os olhos da carne. Se essa graça fosse concedida a alguns, só o seria no estado de êxtase, quando a alma se acha tão desprendida dos laços da matéria que torna possível o fato durante a encarnação. Tal privilégio, aliás, pertenceria exclusivamente a almas de escol, encarnadas em missão, e não em *expiação*. Mas como os Espíritos da mais elevada categoria resplandecem de ofuscante brilho, pode acontecer que Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, maravilhados com o esplendor de que aqueles se mostram cercados, suponham estar vendo o próprio Deus. É como quem vê um ministro e o toma por seu soberano.

37. Sob que aparência Deus se apresenta aos que se tornam dignos de vê-lo? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana ou como um foco resplandecente de luz? A linguagem humana é impotente para descrevê-lo, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação que nos possa dar uma ideia de tal fato. Somos quais cegos de nascença a quem procurassem inutilmente fazer que compreendessem o brilho do Sol. O nosso vocabulário é limitado às nossas necessidades e ao círculo das nossas ideias; a dos selvagens não poderia descrever as maravilhas da civilização; a dos povos mais civilizados é extremamente pobre para descrever os esplendores dos céus; a nossa inteligência muito restrita para os compreender, e a nossa vista, fraca demais, ficaria deslumbrada.

---

24 N.E.: Escultor grego do séc. V a.C. Incumbido por Péricles de dirigir os trabalhos do Pártenon, encarregou-se da decoração esculpida (friso das Panateneias), apogeu do estilo clássico grego.

25 N.E.: Os efeitos citados são objeto de estudo há tempos, e hoje já são bem mais compreendidos.

26 N.T.: Kardec se serviu dos conhecimentos científicos da época em que escreveu este livro, quando ainda era ignorado o agente etiológico da peste bubônica, conhecida na Idade Média como peste negra, o que só veio a ocorrer mais tarde, em 1894.

CAPÍTULO III



O bem e o mal

• Origem do bem e do mal • O instinto e a inteligência • Destruição dos seres vivos uns pelos outros

Origem do bem e do mal

1. Sendo Deus o princípio de todas as coisas e sendo todo sabedoria, todo bondade, todo justiça, tudo o que dele procede há de participar dos seus atributos, porquanto o que é infinitamente sábio, justo e bom nada pode produzir que seja irracional, mau e injusto. Logo, o mal que observamos não pode ter nele a sua origem.

2. Se o mal estivesse nas atribuições de um ser especial, quer se lhe chame Arimane,[27] quer Satanás, de duas coisas uma: ou ele seria igual a Deus e, por conseguinte, tão poderoso quanto este, e de toda a eternidade como Ele, ou lhe seria inferior.

No primeiro caso haveria duas potências rivais, incessantemente em luta, cada uma procurando desfazer o que fizesse a outra, contrariando-se mutuamente. Esta hipótese é inconciliável com a unidade de vistas que se revela no ordenamento do universo.

No segundo caso, sendo inferior a Deus, aquele ser lhe estaria subordinado. Não podendo existir de toda a eternidade como Deus, sem ser igual a este, teria tido um começo. Se foi criado, só o poderia ter sido por Deus. Este, então, teria criado o Espírito do mal, o que seria a negação da bondade infinita. (Veja-se *O céu e o inferno*. Primeira parte, capítulo IX, *Os demônios*.)

3. Entretanto, o mal existe e tem uma causa. Os males de toda espécie, físicos ou morais, que afligem a humanidade apresentam duas categorias que importa distinguir: a dos males que o homem pode evitar e a dos que independem da sua vontade. Entre os últimos, é preciso que se incluam os flagelos naturais.

O homem, cujas faculdades são limitadas, não pode penetrar nem abranger o conjunto dos desígnios do Criador; julga as coisas do ponto de vista da sua personalidade, dos interesses artificiais e convencionais que criou para si mesmo e que não se compreendem na ordem da natureza. É por isso que, muitas vezes, se lhe afigura mau e injusto aquilo que consideraria justo e admirável se lhe conhecesse a causa, o objetivo, o resultado definitivo. Pesquisando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, reconhecerá que tudo traz o selo da sabedoria infinita e se dobrará a essa sabedoria, mesmo com relação às coisas que não compreende.

4. O homem recebeu em partilha uma inteligência com cujo auxílio lhe é possível conjurar, ou pelo menos atenuar muito os esforços de todos os flagelos naturais. Quanto mais saber ele adquire e mais se adianta em civilização, tanto menos desastrosos se tornam os flagelos. Com uma organização social sábia e previdente, chegará mesmo a neutralizar as suas consequências, quando não possam ser inteiramente evitados. Assim, mesmo com referência aos flagelos que têm certa utilidade para a ordem geral da natureza e para o futuro, mas que causam danos no presente, Deus facultou ao homem os meios de lhes paralisar os efeitos.

É assim que ele saneia as regiões insalubres, neutraliza os miasmas pestíferos,[28] fertiliza terras incultas e trabalha por preservá-las das inundações; constrói habitações mais salubres, mais sólidas para resistirem aos ventos, tão necessários à depuração da atmosfera, e se coloca ao abrigo das intempéries. É assim, finalmente, que pouco a pouco a necessidade lhe faz criar as ciências, por meio das quais melhora as condições de habitabilidade do globo e aumenta o seu próprio bem-estar.

5. Tendo o homem que progredir, os males aos quais se acha exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as suas faculdades físicas e morais, incitando-o a procurar os meios de evitá-los. Se nada tivesse a temer, nenhuma necessidade o induziria a procurar o melhor; seu espírito se entorpeceria na inatividade; nada inventaria nem descobriria. *A dor é o aguilhão que impele o homem para frente, na senda do progresso.*

6. Porém, mais numerosos do que os males que o homem não pode evitar são os que ele cria pelos seus próprios vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, da sua cupidez, de seus excessos em tudo. Aí se

encontra a causa das guerras e das calamidades que estas acarretam, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, enfim, da maior parte das doenças.

Deus estabeleceu leis plenas de sabedoria, tendo por único objetivo o bem. O homem encontra em si mesmo tudo o que lhe é necessário para cumpri-las. Sua rota está traçada na consciência, e a Lei divina está gravada no coração. Além disso, Deus lhe lembra disso constantemente por intermédio de seus messias e profetas, de todos os Espíritos encarnados que trazem a missão de o esclarecer, moralizar e melhorar e, nestes últimos tempos, por uma infinidade de Espíritos desencarnados que se manifestam em toda parte. *Se o homem se conformasse rigorosamente com as Leis divinas, certamente evitaria os males mais agudos e viveria feliz na Terra*. Se não o faz, é em virtude do seu livre-arbítrio, sofrendo assim as consequências do seu proceder. (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. V, itens 4, 5, 6 e seguintes.)

7. Entretanto, Deus, cheio de bondade, pôs o remédio ao lado do mal, isto é, faz que do próprio mal saia o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral se torna intolerável e impõe ao homem a necessidade de mudar de vida. Instruído pela experiência, ele se sente compelido a procurar no bem o remédio de que necessita, sempre por efeito do seu livre-arbítrio. Quando toma melhor caminho, é por sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro. A necessidade, pois, o constrange a melhorar-se moralmente, para ser mais feliz, do mesmo modo que o constrangeu a melhorar as condições materiais da sua existência (item 5).

8. Pode-se dizer que *o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. Assim como o frio não é um fluido especial, também o mal não é um atributo distinto; um é a antítese do outro*. Onde não existe o bem, forçosamente existe o mal. Não praticar o mal, já é um princípio do bem. *Deus somente quer o bem; só do homem procede o mal. Se na Criação houvesse um ser preposto ao mal, ninguém o poderia evitar; mas, tendo o homem a causa do mal em* **si mesmo**, *e tendo ao mesmo tempo o livre-arbítrio e por guia as Leis divinas, evitá-lo-á sempre que o queira*.

Tomemos um fato vulgar por termo de comparação. Um proprietário sabe que nos confins de suas terras há um lugar perigoso, onde poderia perecer ou

ferir-se quem por lá se aventurasse. Que faz a fim de prevenir os acidentes? Manda colocar perto um aviso, proibindo que prossigam os que ali passem, devido ao perigo. Aí está a lei, que é sábia e previdente. Se, apesar disso, um imprudente desatende o aviso, ultrapassa o ponto permitido e sai-se mal, de quem ele se pode queixar, senão de si mesmo?

Dá-se a mesma coisa com o mal; o homem o evitaria se observasse as Leis divinas. Deus, por exemplo, impôs limite à satisfação das necessidades; o homem é advertido pela saciedade; se ultrapassa esse limite, o faz voluntariamente. As doenças, as enfermidades, a morte que daí podem resultar provêm da sua imprevidência, e não de Deus.

9. Sendo o mal o resultado das imperfeições do homem e tendo sido este criado por Deus, dir-se-á que Deus não deixa de ter criado, se não o mal, pelo menos a causa do mal. Se Deus houvesse criado perfeito o homem, o mal não existiria.

Se o homem tivesse sido criado perfeito, fatalmente penderia para o bem. Ora, em virtude do seu livre-arbítrio, ele não pende fatalmente nem para o bem nem para o mal. Quis Deus que ele ficasse sujeito à lei do progresso e que o progresso fosse fruto do seu próprio trabalho, a fim de que tivesse o mérito deste, da mesma maneira que lhe cabe a responsabilidade do mal que pratique pela própria vontade. A questão, pois, consiste em saber-se qual é, no homem, a origem da sua propensão para o mal.[29]

10. Estudando-se todas as paixões e, mesmo, todos os vícios, vê-se que as raízes de ambos se acham no instinto de conservação. Esse instinto se encontra em toda a sua força nos animais e nos seres primitivos mais próximos da animalidade, nos quais ele exclusivamente domina, sem o contrapeso do senso moral, por não ter ainda o ser nascido para a vida intelectual. Ao contrário, o instinto se enfraquece à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria.

O destino do Espírito é a vida espiritual, porém, nas primeiras fases da sua existência corpórea, só lhe cumpre satisfazer às exigências materiais e, para tal fim, o exercício das paixões constitui uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, *materialmente falando*. Mas, uma vez saído desse período, outras necessidades se lhe apresentam, a princípio semimorais e semimateriais, depois exclusivamente morais. É então que o Espírito exerce domínio sobre a matéria, sacode-lhe o jugo, avança pela senda providencial e se

aproxima do seu destino final. Se, ao contrário, ele se deixa dominar pela matéria, atrasa-se e se identifica com o bruto. Nessa situação, *o que era outrora um bem, porque era uma necessidade da sua natureza, transforma-se num mal, não só porque já não constitui uma necessidade, mas porque se torna prejudicial à espiritualização do ser.* Muita coisa, que é qualidade na criança, torna-se defeito no adulto. O mal é, pois, relativo, e a responsabilidade é proporcional ao grau de adiantamento.

Todas as paixões têm, portanto, a sua utilidade providencial, pois, se assim não fosse, Deus teria feito coisas inúteis e até nocivas. É o abuso que constitui o mal, e o homem abusa em virtude do seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo seu próprio interesse, livremente escolhe entre o bem e o mal.

O instinto e a inteligência

11. Qual a diferença entre o instinto e a inteligência? Onde começa um e acaba o outro? Será o instinto uma inteligência rudimentar ou uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria? *O instinto é a força oculta que impele os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a sua conservação*.

Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra em busca de nutrientes; que a flor se abre e fecha alternativamente, conforme as necessidades; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno daquilo que lhes serve de apoio ou a ele se fixam com as suas gavinhas. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes é útil ou nocivo; que buscam, conforme a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para a sua prole, armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam com habilidade as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam, que a mãe choca os filhotes e que estes procuram o seio materno. No homem, o instinto domina exclusivamente no começo da vida; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, toma o alimento, grita para exprimir suas necessidades, imita o som da voz, tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um

risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio do corpo; tais ainda o piscar das pálpebras para moderar o brilho da luz, a respiração etc.

12. *A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias*. É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma. *Todo ato maquinal é instintivo. O ato que denota reflexão, combinação, deliberação é inteligente. Um é livre, o outro não o é.*

O instinto é um guia seguro, que nunca se engana; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, está por vezes sujeita a errar.

Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, revela, todavia, *uma causa inteligente*, essencialmente apta a prever. Se se admitir que o instinto procede da matéria, será forçoso admitir que a matéria é inteligente, até mesmo bem mais inteligente e previdente do que a alma, pois que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência está sujeita a errar.

Se se considerar o instinto uma inteligência rudimentar, como se há de explicar que, em certos casos, seja superior à inteligência que raciocina? Como explicar que torne possível a execução de atos que esta não pode realizar? Se ele é atributo de um princípio espiritual especial, qual vem a ser esse princípio? Já que o princípio se apaga, dar-se-á que esse princípio se destrua? Se os animais são dotados apenas de instinto, não tem solução o destino deles e nenhuma compensação os seus sofrimentos, o que não estaria de acordo nem com a justiça, nem com a bondade de Deus. (Cap. II, item 19.)

13. Segundo outro sistema, o instinto e a inteligência teriam um só e mesmo princípio. Chegado a certo grau de desenvolvimento, esse princípio, que primeiramente apenas tivera as qualidades do instinto, passaria por uma transformação que lhe daria as da inteligência livre.

Se fosse assim, no homem inteligente que perde a razão e passa a ser guiado exclusivamente pelo instinto, a inteligência voltaria ao seu estado primitivo e, quando o homem recobrasse a razão, o instinto se tornaria inteligência e assim alternativamente, a cada acesso, o que não é admissível.

Aliás, a inteligência e o instinto se mostram muitas vezes simultaneamente no mesmo ato. No caminhar, por exemplo, o movimento das pernas é instintivo; o homem põe maquinalmente um pé à frente do outro, sem nisso pensar; mas quando quer acelerar ou diminuir o passo, levantar o pé ou desviar-se de um

obstáculo, há cálculo, combinação; ele age com propósito deliberado. *A impulsão involuntária do movimento é o ato instintivo; a direção calculada do movimento é o ato inteligente*. O animal carnívoro é impelido pelo instinto a se alimentar de carne, mas as precauções que toma e que variam conforme as circunstâncias, para agarrar a presa, a sua previdência das eventualidades são atos da inteligência.

14. Outra hipótese, que, aliás, se conjuga perfeitamente à ideia da unidade de princípio, ressalta do caráter essencialmente previdente do instinto e concorda com o que o Espiritismo ensina, no tocante às relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo. Sabe-se agora que muitos Espíritos desencarnados têm por missão velar pelos encarnados, dos quais se constituem protetores e guias; que os envolvem nos seus eflúvios fluídicos; que os homens agem muitas vezes de maneira *inconsciente*, sob a ação desses eflúvios.

Sabe-se, além disso, que o instinto, que por si mesmo produz atos inconscientes, predomina nas crianças e, em geral, nos seres cuja razão é fraca. Ora, segundo esta hipótese, o instinto não seria atributo nem da alma nem da matéria; não pertenceria propriamente ao ser vivo, mas seria *efeito* da ação direta dos protetores invisíveis que supririam a imperfeição da inteligência, provocando atos inconscientes necessários à conservação do ser. Seria qual o andador com que se amparam as crianças que ainda não sabem andar. Então, do mesmo modo que se deixa gradualmente de usar o andador à proporção que a criança se equilibra sozinha, os Espíritos protetores deixam entregues a si mesmos os seus protegidos à medida que estes se tornam aptos a guiar-se pela própria inteligência.

Assim, o instinto, longe de ser o produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, sê-lo-ia de uma inteligência estranha, *na plenitude da sua força*, inteligência protetora, que supriria a insuficiência, quer de uma inteligência mais jovem, que aquela compeliria a fazer, inconscientemente, para seu bem, o que ainda fosse incapaz de fazer por si mesma, quer de uma inteligência madura, porém, momentaneamente tolhida no uso de suas faculdades, como se dá com o homem na infância e nos casos de idiotia e de afecções mentais.

Diz-se providencialmente que há um deus para as crianças, para os loucos e para os ébrios. Esse ditado é mais verdadeiro do que se crê. Aquele deus não é

senão o Espírito protetor, que vela pelo ser incapaz de se proteger, utilizando-se da sua própria razão.

15. Nesta ordem de ideias, ainda se pode ir mais longe. Por mais racional que seja, essa teoria não resolve todas as dificuldades da questão. Se observarmos os efeitos do instinto, notaremos, logo de começo, uma unidade de vistas e de conjunto, uma segurança de resultados, que cessam logo que a inteligência livre substitui o instinto. Além do mais, reconheceremos profunda sabedoria na apropriação tão perfeita e tão constante das faculdades instintivas às necessidades de cada espécie. Semelhante unidade de vistas não poderia existir sem a unidade de pensamento, e esta é incompatível com a diversidade das aptidões individuais; só ela poderia produzir esse conjunto tão harmonioso que se realiza desde a origem dos tempos e em todos os climas, com uma regularidade e uma precisão matemáticas, cuja ausência jamais se nota. A uniformidade no que resulta das faculdades instintivas é um fato característico que implica forçosamente *a unidade da causa.* Se a causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tantas variedades de instintos quantos fossem os indivíduos, desde a planta até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante há de ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que atesta sabedoria e previdência deve ter uma causa sábia e previdente. Ora, uma causa dessa natureza, sendo necessariamente inteligente, não pode ser exclusivamente material.

Não se encontrando nas criaturas, encarnadas ou desencarnadas, as qualidades necessárias à produção de tal resultado, temos que subir mais alto, isto é, ao próprio Criador. Se nos reportarmos à explicação dada sobre a maneira pela qual se pode conceber a ação providencial (cap. II, item 24); se figurarmos todos os seres penetrados do fluido divino, soberanamente inteligente, compreenderemos a sabedoria previdente e a unidade de vistas que presidem a todos os movimentos instintivos para o bem de cada indivíduo. Essa solicitude é tanto mais ativa quanto menos recurso tem o indivíduo em si mesmo e na sua inteligência. É por isso que ela se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores do que no homem.

Segundo essa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia sempre seguro. O instinto maternal, o mais nobre de todos, que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, fica realçado e enobrecido. Em razão das suas consequências, ele não devia ser entregue às eventualidades caprichosas da

inteligência e do livre-arbítrio. *Por intermédio da mãe, o próprio Deus vela pelas suas criaturas que nascem*.

16. Esta teoria não destrói de modo algum o papel dos Espíritos protetores, cujo concurso é fato observado e comprovado pela experiência; mas deve-se notar que a ação desses Espíritos é essencialmente individual; que se modifica segundo as qualidades próprias do protetor e do protegido e que em parte alguma apresenta a uniformidade e a generalidade do instinto. Deus, em sua sabedoria, conduz Ele próprio os cegos, mas confia a inteligências livres o cuidado de guiar os clarividentes, para deixar a cada um a responsabilidade de seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que aceitam voluntariamente e lhes é um meio de se adiantarem, dependendo o adiantamento da forma pela qual o desempenhem.

17. Todas essas maneiras de considerar o instinto são forçosamente hipotéticas e nenhuma apresenta caráter seguro de autenticidade, para ser tida como solução definitiva. A questão será certamente resolvida um dia, quando se tiverem reunido os elementos de observação que ainda faltam. Até lá, temos que limitar-nos a submeter as diversas opiniões ao crivo da razão e da lógica e esperar que a luz se faça. A solução que mais se aproxima da verdade será decerto a que melhor condiga com os atributos de Deus, isto é, com a suprema bondade e a suprema justiça. (Cap. II, item 19.)

18. Sendo o instinto o guia, e sendo as paixões as molas da alma no período inicial do seu desenvolvimento, por vezes se confundem em seus efeitos. Há, entretanto, entre esses dois princípios, diferenças que é preciso considerar.

O instinto é guia seguro, sempre bom. Pode, depois de certo tempo, tornar-se inútil, porém nunca prejudicial. Enfraquece-se pela predominância da inteligência.

As paixões, nas primeiras idades da alma, têm de comum com o instinto o fato de serem as criaturas solicitadas por uma força igualmente inconsciente. As paixões nascem principalmente das necessidades do corpo e dependem, mais do que o instinto, do organismo. O que, acima de tudo, as distingue do instinto, é que são individuais e não produzem, como este último, efeitos gerais e uniformes. Variam, ao contrário, de intensidade e de natureza, conforme os indivíduos. São úteis, como estimulante, até a eclosão do senso moral que, de um ser passivo, faz que nasça um ser racional. Nesse momento, tornam-se não só

inúteis, mas prejudiciais ao progresso do Espírito, cuja desmaterialização retardam. Abrandam-se com o desenvolvimento da razão.

19. O homem que só agisse pelo instinto poderia ser muito bom, mas conservaria adormecida a sua inteligência. Seria qual criança que não deixasse o andador e não soubesse utilizar-se de seus membros. Aquele que não domina as suas paixões pode ser muito inteligente, mas, ao mesmo tempo, muito mau. *O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões só se domam pelo esforço da vontade*.

Destruição dos seres vivos uns pelos outros

20. A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da natureza, que, à primeira vista, menos parecem conciliar-se com a bondade de Deus. Pergunta-se por que Deus criou para eles a necessidade de mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Para quem vê apenas a matéria e restringe a sua visão à vida presente, parece, de fato, que há uma imperfeição qualquer na obra divina. É que em geral os homens julgam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; medem a sabedoria divina pelo próprio julgamento que dela fazem, e pensam que Deus não poderia fazer coisa melhor do que eles próprios fariam. Como a curta visão de que dispõem não lhes permite apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. Só o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua essência verdadeira, bem como o da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da Criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia, justamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição.

21. *A verdadeira vida, tanto do animal quanto do homem, não está no envoltório corpóreo, do mesmo modo que não está no vestuário. Está no - princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo*. Esse princípio necessita do corpo para se desenvolver pelo trabalho que lhe cumpre realizar sobre a matéria bruta. O corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta; ao contrário, dele sai cada vez mais forte, mais lúcido e mais apto. Que importa, pois, que o Espírito mude mais ou menos frequentemente de envoltório? Não deixa por isso de ser Espírito. É absolutamente como se um homem mudasse cem vezes no ano as suas vestes. Não deixaria por isso de ser homem.

Por meio do espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Deus, alegarão, não podia chegar ao mesmo resultado por outros meios, sem constranger os seres vivos a se entredevorarem? Se tudo é sabedoria em sua obra, devemos supor que esta não existirá mais num ponto do que em outros; se não o compreendemos assim, devemos atribuí-lo à nossa falta de adiantamento. Contudo, devemos tentar a pesquisa da razão do que nos pareça defeituoso, tomando por bússola este princípio: *Deus há de ser infinitamente justo e sábio.* Procuremos, portanto, em tudo, a sua justiça e a sua sabedoria e curvemo-nos diante do que ultrapasse o nosso entendimento.

22. Uma primeira utilidade que se apresenta de tal destruição, utilidade puramente física, é verdade, é esta: os corpos orgânicos só se conservam com o auxílio das matérias orgânicas, por só elas conterem os elementos nutritivos necessários à transformação deles. Como os corpos, instrumentos de ação do princípio inteligente, precisam ser constantemente renovados, a Providência faz que sirvam ao seu mútua manutenção. É por isso que os seres se nutrem uns dos outros. Mas é o corpo que se nutre do corpo, sem que o Espírito se aniquile ou altere, fica apenas despojado do seu envoltório.[30,31]

23. Há também considerações morais de ordem mais elevada. É necessária a luta para o desenvolvimento do Espírito. Na luta é que ele exercita as suas faculdades. O que ataca em busca do alimento e o que se defende para conservar a vida usam de habilidade e inteligência, aumentando, em consequência, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas, em realidade, que foi que o mais forte ou o mais destro tirou ao mais fraco? A veste de carne, nada mais; mais tarde o Espírito, que não morreu, tomará outra.

24. Nos seres inferiores da Criação, naqueles a quem ainda falta o senso moral, nos quais a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta não pode ter por objetivo senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das necessidades materiais mais imperiosas é a da alimentação. Eles, pois, lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum móvel mais elevado os poderia estimular. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida.

No homem, há um período de transição em que ele mal se distingue do bruto. Nas primeiras idades, domina o instinto animal e a luta ainda tem por alvo a

satisfação das necessidades materiais. Mais tarde, contrabalançam-se o instinto animal e o sentimento moral; o homem então luta, não mais para se alimentar, mas para satisfazer à sua ambição, ao seu orgulho, a sua necessidade de dominar. Para isso, ainda lhe é preciso destruir. Todavia, à medida que prepondera o senso moral, desenvolve-se a sensibilidade, diminui a necessidade de destruir, acabando mesmo por desaparecer, por se tornar odiosa essa necessidade. O homem tem horror ao sangue.

Entretanto, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois mesmo chegando a esse ponto que nos parece culminante, ele ainda está longe de ser perfeito. Só à custa de sua atividade que o Espírito adquire conhecimentos, experiência e se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas, nessa ocasião, a luta, de sangrenta e brutal que era, se torna puramente intelectual. O homem luta contra as dificuldades, e não mais com os seus semelhantes.[32]

---

27 N.E.: Arimã ou Arimane para os seguidores do zoroastrismo, é o nome do senhor das trevas; seus métodos são vis e enganadores, ele corrompe os homens com desejos que os desviam da vida correta.

28 N.T.: Veja-se no capítulo II – *Deus* a nota de rodapé referente ao item 31.

29 **Nota de Allan Kardec:** O erro consiste em pretender-se que a alma tenha saído perfeita das mãos do Criador, quando este, ao contrário, quis que a perfeição fosse resultado da depuração gradual do Espírito e sua própria obra. Quis Deus que a alma, em virtude do seu livre-arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal e chegasse às suas finalidades últimas de forma militante e resistindo ao mal. Se tivesse criado a alma tão perfeita quanto Ele, e, saindo de suas mãos, a houvesse associado à sua beatitude eterna, Deus tê-la-ia feito não à sua imagem, mas semelhante a si próprio. (Bonnamy, juiz de instrução: *A razão do Espiritismo*, cap. VI.)

30 **Nota de Allan Kardec:** Veja-se a *Revista espírita*, agosto de 1864, *Extinção das raças*.

31 N.T.: A “extinção das raças” a que se refere Kardec é contemplada no artigo *Questões e problemas – Destruição dos aborígenes do México*. Veja-se *Revista espírita* de agosto de 1864, edição FEB.

32 **Nota de Allan Kardec:** Sem prejulgar das consequências que se possam tirar desse princípio, apenas quisemos demonstrar, mediante essa explicação, que a destruição dos seres vivos uns pelos outros em nada infirma a sabedoria divina, e que tudo se encadeia nas leis da natureza. Esse encadeamento forçosamente se quebra, desde que se abstraia do princípio espiritual, razão por que muitas questões permanecem insolúveis, por se levar em conta somente a matéria. As doutrinas materialistas trazem em si o princípio de sua própria destruição; têm contra si não só o antagonismo com as aspirações da universalidade dos homens e suas consequências morais, que farão que elas sejam repelidas como dissolventes da sociedade, mas também a necessidade que o homem experimenta de se inteirar de tudo o que resulta do progresso. O desenvolvimento intelectual conduz o homem à pesquisa das causas. Ora, por pouco que ele reflita, não tardará a reconhecer a impotência do materialismo para tudo explicar. Como é possível que doutrinas que não satisfazem ao coração, nem à razão, nem à inteligência, que deixam problemáticas as mais vitais questões, venham a prevalecer? O progresso das ideias aniquilará o materialismo, como matou o fanatismo.

CAPÍTULO IV



O papel da Ciência na Gênese

1. A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a da crença religiosa que professavam, sendo por isso que os seus primeiros livros versavam sobre religião. E como todas as religiões se ligam ao princípio das coisas, que é também o da humanidade, elas deram, sobre a formação e o mecanismo do universo, explicações em concordância com o estado dos conhecimentos da época e de seus fundadores. Daí resultou que os primeiros livros sagrados foram ao mesmo tempo os primeiros livros de Ciência, como foram, durante largo período, o código único das leis civis.

2. Nos tempos primitivos, por serem muito imperfeitos os meios de observação, as primeiras teorias sobre os sistemas do mundo deveriam estar repletas de erros grosseiros. Mas ainda que esses meios fossem tão completos quanto o são hoje, os homens não teriam sabido utilizá-los. Aliás, tais meios não podiam ser senão fruto do desenvolvimento da inteligência e do consequente conhecimento das leis da natureza. À medida que o homem se foi adiantando no conhecimento dessas Leis, também foi penetrando os mistérios da Criação e retificando as ideias que formara acerca da origem das coisas.

3. O homem se mostrou impotente para resolver o problema da Criação, até o momento em que a Ciência lhe ofereceu a solução para isso. Foi preciso que a Astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse mergulhar aí o olhar; que, pelo poder de cálculo, ele pudesse determinar com rigorosa precisão o movimento, a posição, o volume, a natureza e o papel dos corpos celestes; que a Física lhe revelasse as leis da gravitação, do calor, da luz e da eletricidade; que a Química lhe ensinasse as transformações da matéria, e a Mineralogia os materiais que formam a superfície do globo; que a Geologia lhe ensinasse a ler, nas camadas terrestres, a formação gradual desse mesmo globo. A Botânica, a Zoologia, a Paleontologia e a Antropologia deviam iniciá-lo na filiação e sucessão dos seres organizados. Com a Arqueologia ele pôde seguir os

traços da humanidade através dos tempos. Em suma, todas as ciências, completando-se umas às outras, deviam trazer o seu contributo indispensável para o conhecimento da história do mundo. Em falta dessas contribuições, o homem só tinha por guia as suas primeiras hipóteses.

Por isso, antes que ele entrasse na posse daqueles elementos de apreciação, todos os comentadores da Gênese, cuja razão esbarrava em impossibilidades materiais, giravam dentro de um mesmo círculo, sem dele conseguirem sair. Só o lograram quando a Ciência abriu caminho, fazendo brecha no velho edifício das crenças. Tudo então mudou de aspecto. Uma vez achado o fio condutor, as dificuldades prontamente foram vencidas. Em vez de uma Gênese imaginária, surgiu uma Gênese positiva e, de certo modo, experimental. O campo do universo se distendeu ao infinito. Acompanhou-se a formação gradual da Terra e dos astros, segundo leis eternas e imutáveis, que dão testemunho bem maior da grandeza e da sabedoria de Deus, do que uma criação miraculosa, tirada repentinamente do nada, qual mutação à vista, por efeito de súbita ideia da Divindade, após uma eternidade de inação.

Uma vez que é impossível conceber-se a Gênese sem os dados fornecidos pela Ciência, pode-se dizer com inteira verdade que *a Ciência é chamada a constituir a verdadeira Gênese, segundo as leis da natureza*.

4. No ponto a que chegou no século XIX, a Ciência conseguiu resolver todas as dificuldades do problema da Gênese? Não, certamente; mas é incontestável que destruiu, sem remissão, todos os erros capitais e lançou seus fundamentos essenciais sobre dados irrecusáveis. Os pontos ainda duvidosos não passam, a bem dizer, de questões de detalhes, que a sua solução, qualquer que venha a ser no futuro, não poderá prejudicar o conjunto. Acresce notar, apesar dos recursos que ela tem tido à sua disposição, que lhe faltou até agora um elemento importante, sem o qual jamais a obra poderia completar-se.

5. De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos modernos dados científicos, a despeito dos erros que contém, hoje mais do que evidentes, é incontestavelmente a de Moisés. Alguns desses erros são mesmo mais aparentes do que reais e provêm, quer da falsa interpretação atribuída a certas palavras, cuja primitiva significação se perdeu ao passarem de língua em língua pela tradução, ou cuja acepção mudou com os costumes dos povos, quer da forma alegórica peculiar ao estilo oriental e que foi tomada ao pé da letra, em vez de se lhe procurar o espírito.

6. A *Bíblia*, evidentemente, encerra fatos que a razão, desenvolvida pela Ciência, não poderia hoje aceitar e outros que parecem estranhos e repelentes, porque resultam de costumes que já não são os nossos. Mas, a par disso, haveria parcialidade em não se reconhecer que ela contém grandes e belas coisas. A alegoria ocupa ali considerável espaço, ocultando sob o seu véu sublimes verdades, que se tornam claras desde que se desça ao âmago do pensamento, pois logo o absurdo desaparece.

Por que, então, não se lhe ergueu mais cedo o véu? De um lado, por falta de luzes que só a Ciência e uma sã filosofia podiam fornecer e, de outro lado, pelo princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito demasiado cego pela letra, sob o qual a razão devia inclinar-se, e pelo temor de comprometer a estrutura das crenças, erguida sob o sentido literal. Como tais crenças partissem de um ponto primitivo, temeu-se que, se o primeiro anel da cadeia se rompesse, todas as malhas da rede acabassem por se separar. Eis por que, apesar de tudo, os olhos se fecharam, mas fechar os olhos ao perigo não é evitá-lo. Quando uma construção se inclina, não manda a prudência que se substituam imediatamente as pedras ruins por pedras boas, em vez de se esperar, pelo respeito que infunde a solidez do edifício, que o mal se torne irremediável e que se faça preciso reconstruí-lo de cima a baixo?

7. Ao levar suas investigações às entranhas da Terra e às profundezas dos céus, a Ciência demonstrou, de maneira incontestável, os erros da Gênese mosaica tomada ao pé da letra e a impossibilidade material de se terem as coisas passado como são ali textualmente referidas. Assim procedendo, a Ciência desferiu fundo golpe nas crenças seculares. A fé ortodoxa ficou combalida, porque julgou que lhe tiravam a pedra fundamental. Mas com quem havia de estar a razão: com a Ciência, marchando prudente e progressivamente pelos terrenos sólidos dos algarismos e da observação, sem nada afirmar antes de ter as provas na mão, ou com uma narrativa escrita numa época em que faltavam absolutamente os meios de observação? Afinal de contas, quem deve levar a melhor: aquele que diz que 2 e 2 fazem 5 e se nega a verificar ou aquele que diz que 2 e 2 fazem 4 e comprova o que afirma?

8. Mas, objetam, se a *Bíblia* é uma revelação divina, então Deus se enganou. Se não é uma revelação divina, deixa de ter autoridade e a religião desmorona, por falta de base. Ora, de duas coisas uma: ou a Ciência está em erro ou tem

razão. Se tem razão, não pode fazer seja verdadeira uma opinião que lhe é contrária. Não há revelação que se possa sobrepor à autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, não é possível que Deus, sendo todo verdade, induza os homens em erro, nem consciente, nem inconscientemente, sem o que não seria Deus. Logo, se os fatos contradizem as palavras que lhe são atribuídas, o que se deve logicamente concluir é que Ele não as pronunciou, ou que tais palavras foram entendidas em sentido oposto ao que lhes é próprio.

Se, com semelhantes contradições, a religião sofre dano, a culpa não é da Ciência, que não pode fazer que o que é deixe de ser, mas dos homens, por haverem, prematuramente, estabelecido dogmas absolutos, dos quais fizeram questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas com cujo sacrifício temos de resignar-nos, queiramos ou não, quando não consigamos evitá-lo. Desde que o mundo marcha, sem que a vontade de alguns possa detê-lo, o mais sensato é que o acompanhemos e nos acomodemos com o novo estado de coisas, em vez de nos agarrarmos ao passado, com o risco de sermos arrastados na queda.

9. A fim de guardar respeito aos textos recebidos como sagrados, dever-se-ia obrigar a Ciência a calar-se? Seria coisa tão impossível como impedir que a Terra gire. As religiões, sejam quais forem, jamais ganharão qualquer coisa em sustentar erros manifestos. A Ciência tem por missão descobrir as leis da natureza. Ora, como essas leis são obra de Deus, não podem ser contrárias às religiões que se baseiam na verdade. Lançar anátema ao progresso, por atentatório à religião, é lançá-lo à própria obra de Deus. Mais ainda: é trabalho inútil, porquanto nem todos os anátemas do mundo seriam capazes de impedir que a Ciência avance e que a verdade abra caminho. *Se a religião se nega a avançar com a Ciência, esta avançará sozinha*.

10. Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da Ciência. Tais descobertas só são funestas às que se deixam distanciar pelas ideias progressistas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças. Elas, em geral, fazem da Divindade uma ideia tão mesquinha que não compreendem que assimilar as leis da natureza, que a Ciência revela, é glorificar a Deus em suas obras. Na sua cegueira, porém, preferem render homenagem ao Espírito do mal.

Uma religião que não estivesse, sobre nenhum ponto, em contradição com as leis da natureza nada teria que temer do progresso e seria invulnerável.

11. A Gênese compreende duas partes: a história da formação do mundo material e a da humanidade, considerada em seu duplo princípio, corpóreo e espiritual. A Ciência tem-se limitado à pesquisa das leis que regem a matéria. No próprio homem, ela apenas estudou e estuda o envoltório carnal. Sob esse aspecto, chegou a inteirar-se, com uma precisão incontestável, das partes principais do mecanismo do universo e do organismo humano. Assim, sobre esse ponto capital, pôde completar a Gênese de Moisés e retificar suas partes defeituosas.

Mas a história do homem, considerado como ser espiritual, se prende a uma ordem especial de ideias que não são do domínio da Ciência propriamente dita e das quais, por este motivo, não constitui objeto de suas investigações. A Filosofia, a cujas atribuições pertence, mais particularmente, esse gênero de estudos, apenas tem formulado, sobre o ponto, sistemas contraditórios, que vão desde a mais pura espiritualidade até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras bases afora as ideias pessoais de seus autores. Tem, pois, deixado sem decisão o assunto, por falta de um controle suficiente.

12. Esta questão, no entanto, é a mais importante para o homem, porque envolve o problema do seu passado e do seu futuro; a do mundo material só o afeta indiretamente. O que lhe importa saber, antes de tudo, é de onde veio e para onde vai, se já viveu, se ainda viverá e qual a sorte que lhe está reservada.

Sobre todas essas questões, a Ciência se conserva muda. A Filosofia apenas emite opiniões que concluem em sentido diametralmente oposto, mas que, pelo menos, permitem a sua discussão, o que faz com que muitas pessoas se coloquem do seu lado, de preferência a seguirem a religião, que nada discute.

13. Todas as religiões estão de acordo quanto ao princípio da existência da alma, sem, contudo, o demonstrarem. Entretanto, não concordam quanto à sua origem, nem com relação ao seu passado e ao seu futuro, nem, principalmente, e isso é o essencial, quanto às condições de que depende a sua sorte vindoura. Em sua maioria, elas apresentam como o futuro da alma, e impõem à crença de seus adeptos, um quadro que somente a fé cega pode aceitar, mas que é incapaz de suportar um exame sério. Como o destino que elas fazem da alma está ligado aos seus dogmas, às ideias que se faziam nos tempos primitivos sobre o mundo material e o mecanismo do universo, o destino que elas atribuem à alma não se

concilia com o estado atual dos conhecimentos. Não podendo, pois, senão perder com o exame e a discussão, as religiões acham mais simples proscrever os dois.

14. Essas divergências no tocante ao futuro do homem geraram a dúvida e a incredulidade. Entretanto, a incredulidade dá lugar a um penoso vácuo. O homem encara com ansiedade o desconhecido, em que cedo ou tarde terá que penetrar fatalmente. A ideia do nada o enregela. Diz-lhe a consciência que alguma coisa lhe está reservada para além do presente. Que será? Sua razão, já desenvolvida, não lhe permite mais admitir as histórias com que o acalentaram na infância, nem a alegoria como realidade. Qual o sentido dessa alegoria? A Ciência rasgou-lhe uma ponta do véu, mas não revelou o que mais lhe importa saber. Ele interroga em vão, porém, ela nada lhe responde de maneira decisiva e capaz de acalmar suas apreensões. Por toda parte depara com a afirmação a se chocar com a negação, sem que se apresentem provas positivas tanto de um lado quanto de outro. Daí a incerteza, e *a incerteza no que respeita à vida futura faz que o homem se atire, tomado de uma espécie de frenesi, para as coisas da vida material*.

Eis o inevitável efeito das épocas de transição: desaba o edifício do passado, sem que ainda o do futuro se ache construído. O homem se assemelha ao adolescente, que, já não tendo a crença ingênua dos seus primeiros anos, ainda não possui os conhecimentos da idade madura. Apenas sente vagas aspirações, que não sabe definir.

15. Se a questão do homem espiritual permaneceu até agora em estado de teoria, é que faltavam os meios de observação direta, existentes para comprovar o estado do mundo material, de modo que o campo permaneceu aberto às concepções do espírito humano. Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a matéria e não pôde aplicar o método experimental, vagou de sistema em sistema, no tocante ao mecanismo do universo e à formação da Terra. O que se deu na ordem física deu-se também na ordem moral. Para fixar as ideias, faltou o elemento essencial: o conhecimento das leis que regem o princípio espiritual. Tal conhecimento estava reservado à nossa época, como o das leis da matéria foi obra dos dois últimos séculos.[33]

16. Até o presente, o estudo do princípio espiritual, compreendido na Metafísica, foi puramente especulativo e teórico. No Espiritismo, é inteiramente experimental. Com o auxílio da faculdade mediúnica, hoje mais desenvolvida e,

sobretudo, generalizada e mais bem estudada, o homem se achou de posse de um novo instrumento de observação. A mediunidade foi, para o mundo espiritual, o que o telescópio representou para o mundo astral e o microscópio para o dos infinitamente pequenos. Permitiu que se explorassem, estudassem, por assim dizer, *de visu*,[34] as relações daquele mundo com o mundo corpóreo; que, no homem vivo, se destacasse do ser material o ser inteligente e que se observassem os dois a atuar separadamente. Uma vez estabelecidas relações com os habitantes do mundo espiritual, tornou-se possível ao homem seguir a alma em sua marcha ascendente, em suas migrações, em suas transformações. Pôde-se, enfim, estudar o elemento espiritual. Eis aí o que faltava aos anteriores comentadores da Gênese, para a compreenderem e retificarem os seus erros.

17. Por se acharem em incessante contato, os mundos espiritual e material são solidários entre si, e ambos têm a sua parcela de ação na Gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o primeiro, seria tão impossível constituir-se uma Gênese completa, quanto a um escultor dar vida a uma estátua. Somente hoje, embora nem a Ciência material, nem a Ciência espiritual hajam dito a última palavra, o homem possui os dois elementos próprios a lançar luz sobre esse imenso problema. Eram-lhe absolutamente indispensáveis essas duas chaves para chegar a uma solução, mesmo aproximativa.

---

33 N.E.: Kardec se refere aos séculos XVII e XVIII.

34 N.T.: Com os próprios olhos.

CAPÍTULO V

Antigos e modernos sistemas do mundo

1. A primeira ideia que os homens formaram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do universo, houve de basear-se, em sua origem, unicamente no testemunho dos sentidos. Ignorando as leis mais elementares da Física e das forças que regem a natureza, e não dispondo senão da vista limitada como meio de observação, só podiam julgar pelas aparências.

Vendo o Sol aparecer pela manhã, de um lado do horizonte, e desaparecer à tarde, do lado oposto, concluíram naturalmente que ele girava em torno da Terra, conservando-se esta imóvel. Se então lhes dissessem que se dá exatamente o contrário, responderiam não ser possível tal coisa, objetando: vemos que o Sol muda de lugar e não sentimos que a Terra se mexa.

2. A pequena extensão das viagens, que naquela época raramente ultrapassava os limites da tribo ou do vale, não permitia que se comprovasse a esfericidade da Terra. Como, ademais, haviam de supor que a Terra fosse uma bola? Em tal caso, os homens só poderiam manter-se nos pontos mais elevados. Supondo-a habitada em toda a superfície, como poderiam viver no hemisfério oposto, com a cabeça para baixo e os pés para cima? O fato lhes pareceria menos possível ainda com o movimento de rotação. Quando, mesmo nos nossos dias, em que se conhece a lei de gravitação, se veem pessoas relativamente esclarecidas não perceberem esse fenômeno, como nos admirarmos de que os homens das primeiras idades não o tenham, sequer, suspeitado?

Para eles, pois, a Terra era uma superfície plana e circular, qual uma mó de moinho, estendendo-se a perder de vista na direção horizontal. Daí a expressão ainda em uso: ir ao fim do mundo. Desconheciam-lhe os limites, a espessura, o interior, a face inferior e tudo o que lhe ficava por baixo.[35]

3. Por se mostrar sob forma côncava, o céu, na crença vulgar, era tido como uma abóbada real, cujos bordos inferiores repousavam sobre a Terra e lhe

marcavam os confins, vasta cúpula cuja capacidade o ar enchia completamente. Sem nenhuma noção do espaço infinito, incapazes mesmo de o conceberem, os homens imaginavam que essa abóbada era constituída de matéria sólida; daí a denominação *firmamento* que lhe foi dada e que sobreviveu à crença, significando: *firme*, resistente. (Do latim *firmamentum*, derivado de *firmus* e do grego *herma, hermatos*, firme, sustentáculo, suporte, ponto de apoio.)

4. As estrelas, de cuja natureza não podiam suspeitar, eram simples pontos luminosos, mais ou menos volumosos, fixados na abóbada como lâmpadas suspensas, dispostas sobre uma única superfície e, por conseguinte, todas à mesma distância da Terra, tais como as que se veem no interior de certas cúpulas, pintadas de azul, figurando a abóbada celeste. Se bem que hoje as ideias sejam outras, o uso das expressões antigas se conservou. Ainda se diz, por comparação: a abóbada estrelada; sob a cúpula do céu.

5. A formação das nuvens por efeito da evaporação das águas da Terra era igualmente desconhecida. Ninguém podia imaginar que a chuva, que cai do céu, tivesse origem na Terra, já que ninguém a via subir. Daí a crença na existência de *águas superiores* e de *águas inferiores*, de fontes celestes e de fontes terrestres, de reservatórios colocados nas altas regiões, suposição que concordava perfeitamente com a ideia de uma abóbada sólida, capaz de os sustentar. As águas superiores, escapando-se pelas frestas da abóbada, caíam em forma chuva e, conforme essas frestas fossem mais ou menos largas, a chuva era branda, torrencial ou diluviana.

6. A ignorância completa do conjunto do universo e das leis que o regem, da natureza, da constituição e da destinação dos astros, que, aliás, pareciam tão pequenos em comparação à Terra, fez necessariamente que esta fosse considerada como a coisa principal, o fim único da Criação, e os astros como acessórios criados unicamente em intenção dos seus habitantes. Esse preconceito se perpetuou até os nossos dias, apesar das descobertas da Ciência, que mudaram, para o homem, o aspecto do mundo. Quanta gente ainda acredita que as estrelas são ornamentos do céu, destinados a recrear a vista dos habitantes da Terra!

7. Não tardou, porém, que o homem percebesse o movimento aparente das estrelas, que se deslocam em massa do Oriente para o Ocidente, despontando ao anoitecer, ocultando-se pela manhã, e conservando suas respectivas posições.

Contudo, tal observação não teve, durante muito tempo, outra consequência que não fosse a de confirmar a ideia de uma abóbada sólida, a arrastar consigo as estrelas, no seu movimento de rotação. Essas ideias primitivas, ingênuas, constituíram, no curso de largos períodos seculares, o fundo das crenças religiosas e serviram de base a todas as cosmogonias antigas.

8. Mais tarde, pela direção do movimento das estrelas e pelo periódico retorno delas, na mesma ordem, compreendeu-se que a abóbada celeste não podia ser apenas uma semiesfera posta sobre a Terra, mas uma esfera inteira, oca, em cujo centro se achava a Terra, sempre chata, ou, quando muito, convexa e habitada somente na superfície superior. Já era um progresso.

Mas em que a Terra se apoiava? Seria inútil mencionar todas as suposições ridículas, geradas pela imaginação, desde a dos indianos,[36] que a diziam sustentada por quatro elefantes brancos, pousados estes sobre as asas de um imenso abutre. Os mais sensatos confessavam que nada sabiam a respeito.

9. Entretanto, uma opinião geralmente espalhada nas teogonias pagãs situava nos *lugares baixos*, ou, por outra, nas profundezas da Terra, ou debaixo desta, a morada dos réprobos, chamada *inferno*, isto é, *lugares inferiores*, e nos *lugares altos*, além da região das estrelas, a morada dos bem-aventurados. A palavra *inferno* se conservou até hoje, embora haja perdido a significação etimológica, desde que a Geologia retirou das entranhas da Terra o lugar dos suplícios eternos e a Astronomia demonstrou que não há alto nem baixo no infinito.

10. Sob o céu puro da Caldeia, da Índia e do Egito, berço das mais antigas civilizações, o movimento dos astros foi observado com tanta precisão quanto o permitia a falta de instrumentos especiais. Notou-se, primeiramente, que certas estrelas tinham movimento próprio, independente da massa, o que afastava a suposição de que se achassem presas à abóbada celeste. Chamaram-lhes *estrelas errantes* ou *planetas*, para distingui-las das estrelas fixas. Calcularam-se os seus movimentos e os retornos periódicos.

No movimento diurno da esfera estrelada, foi notada a imobilidade da Estrela Polar, em torno da qual as outras descreviam, em vinte e quatro horas, círculos oblíquos paralelos, uns maiores, outros menores, conforme a distância em que se encontravam da estrela central. Foi o primeiro passo para o conhecimento da obliquidade do eixo do mundo. Viagens mais longas permitiram que se observasse a diferença dos aspectos do céu, segundo as latitudes e as estações. A

verificação de que a elevação da Estrela Polar acima do horizonte variava com a latitude abriu caminho para a percepção da redondeza da Terra. Foi assim que, pouco a pouco, chegaram a fazer uma ideia mais exata do sistema do mundo.

Lá pelo ano 600 a.C., *Tales*, de Mileto (Ásia Menor), descobriu a esfericidade da Terra, a obliquidade da eclíptica e a causa dos eclipses. Um século depois, *Pitágoras*, de Samos, descobre o movimento diurno da Terra, sobre o próprio eixo, seu movimento anual em torno do Sol, e incorpora os planetas e os cometas ao sistema solar. *Hiparco*, de Alexandria (Egito), 160 a.C., inventa o astrolábio, calcula e prediz os eclipses, observa as manchas do Sol, determina o ano trópico, a duração das revoluções da Lua.

Entretanto, por mais preciosas que fossem para o progresso da Ciência, essas descobertas levaram cerca de 2.000 anos para se popularizarem. Não dispondo então senão de raros manuscritos para se propagarem, as ideias novas permaneciam como patrimônio de alguns filósofos, que as ensinavam a discípulos privilegiados. As massas, que ninguém cuidava de esclarecer, não tiravam qualquer proveito delas e continuavam a nutrir-se das velhas crenças.

11. Por volta do ano 140 da Era Cristã, *Ptolomeu*, um dos homens mais ilustres da Escola de Alexandria, combinando suas próprias ideias com as crenças vulgares e com algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compôs um sistema que se pode qualificar de misto, que traz o seu nome e que, durante cerca de quinze séculos, foi o único a ser adotado pelo mundo civilizado.

Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera posta no centro do universo e composta de quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Essa a primeira região, dita *elementar*. A segunda região, dita *etérea*, compreendia onze céus, ou esferas concêntricas a girar em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, os de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente; do segundo cristalino e, finalmente, do primeiro móvel, que dava movimento a todos os céus inferiores e os obrigava a fazer uma revolução em vinte e quatro horas. Para além dos onze céus estava o *Empíreo*, mansão dos bem-aventurados, denominação tirada do grego *pyr*, ou *pur*, que significa fogo, porque se acreditava que essa região resplandecia de luz, como o fogo.

A crença em muitos céus superpostos prevaleceu por longo tempo, embora o seu número variasse. O sétimo era geralmente tido como o mais elevado e daí a

expressão: ser arrebatado ao sétimo céu. Paulo disse que fora elevado ao terceiro céu.

Independentemente do movimento comum, os astros, segundo Ptolomeu, tinham movimentos próprios, mais ou menos consideráveis, conforme a distância em que se achavam do centro. As estrelas fixas faziam uma revolução em 25.816 anos, avaliação esta que denota conhecimento da precessão dos equinócios, que se realiza em 25.868 anos.

12. No começo do século XVI, *Copérnico*, célebre astrônomo, nascido em Thorn (Prússia) no ano de 1472 e morto em 1543, reconsiderou as ideias de Pitágoras e concebeu um sistema que, confirmado todos os dias por novas observações, teve acolhimento favorável e não tardou a suplantar o de Ptolomeu. Segundo o sistema de Copérnico, o Sol está no centro e ao seu derredor os astros descrevem órbitas circulares, sendo a Lua um satélite da Terra.

Um século mais tarde, em 1609, Galileu, natural de Florença, inventa o telescópio; em 1610 descobre os quatro[37] satélites de Júpiter e lhe calcula as revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol; que são esferas semelhantes à Terra; observa-lhes as fases e determina o tempo que duram as rotações deles em torno de seus eixos, oferecendo assim, por provas materiais, sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

Desmoronou, então, o sistema dos céus superpostos; reconheceu-se que os planetas são mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, também habitados; que as estrelas são inumeráveis sóis, prováveis centros de outros tantos sistemas planetários, sendo o próprio Sol reconhecido como uma estrela, centro de um turbilhão de planetas que se lhe acham sujeitos.

As estrelas deixaram de estar confinadas numa zona da esfera celeste, para estarem irregularmente disseminadas pelo espaço sem limites, encontrando-se em distâncias incomensuráveis, umas das outras, as que parecem tocar-se, sendo as aparentemente menores as mais afastadas de nós e as maiores as que nos estão mais próximas, porém, ainda assim, a centenas de bilhões de léguas.

Os grupos que tomaram o nome de *constelações* não passam de agregados aparentes, causados pela distância; suas figuras nada mais são que efeitos de perspectiva, como as que são formadas pelas luzes espalhadas por uma vasta planície, ou as árvores de uma floresta, aos olhos de quem as observa colocado num ponto fixo. Na realidade, porém, tais grupamentos não existem. Se

pudéssemos nos transportar para a região de uma dessas constelações, à medida que nos aproximássemos dela, a sua forma se desmancharia e novos grupos se desenhariam à nossa vista.

Ora, desde que esses grupos só existem na aparência, a significação que uma crença supersticiosa lhe atribui é ilusória e somente pode existir na nossa imaginação.

Para se distinguirem as constelações, deram-lhe nomes como estes: *Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Balança, Capricórnio, Câncer, Órion, Hércules, Grande Ursa* ou *Carro de Davi, Pequena Ursa, Lira* etc., e, para representá-las, atribuíram-lhes as formas que esses nomes lembram, fantasiosas em sua maior parte e, em nenhum caso, guardando qualquer relação com a forma aparente desses grupos de estrelas. Será, pois, inútil, procurar tais formas no céu.

A crença na influência das constelações, sobretudo das que constituem os doze signos do zodíaco, proveio da ideia ligada aos nomes que elas trazem. Se tivessem dado o nome de *asno* ou de *ovelha* à constelação que se chama *leão*, certamente lhe teriam atribuído outra influência.

13. A partir de Copérnico e Galileu, as velhas cosmogonias desapareceram para sempre. A Astronomia só podia avançar, e não recuar. A História fala das lutas que esses homens de gênio tiveram de sustentar contra os preconceitos e, sobretudo, contra o espírito de seita, interessado na manutenção de erros sobre os quais se haviam fundado crenças, supostamente firmadas em bases inabaláveis. Bastou a invenção de um instrumento de óptica para derrubar uma construção de muitos milhares de anos. Mas nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à imprensa, o público, iniciado nas novas ideias, começou a não se deixar embalar com ilusões e tomou parte na luta. Já não era contra alguns indivíduos que se tinha de combater, mas contra a opinião geral, que advogava a causa da verdade.

Quão grande é o universo em face das mesquinhas proporções que nossos pais lhe assinavam! Quanto é sublime a obra de Deus, quando a vemos realizar-se segundo as eternas leis da natureza! Mas também, quanto tempo, que esforços do gênio e quantos devotamentos se fizeram necessários para descerrar os olhos das criaturas e arrancar-lhes, afinal, a venda da ignorância!

14. Desde então, estava aberto o caminho em que ilustres e numerosos cientistas iam enveredar, a fim de completarem a obra encetada. Na Alemanha,

Kepler descobre as célebres leis que trazem o seu nome e por meio das quais se reconhece que as órbitas que os planetas descrevem não são circulares, mas elípticas, das quais o Sol ocupa um dos focos. Newton, na Inglaterra, descobre a lei da gravitação universal. Laplace, na França, cria a mecânica celeste. Finalmente, a Astronomia deixa de ser um sistema fundado em conjeturas ou probabilidades, mas uma ciência assentada nas mais rigorosas bases, as do cálculo e da geometria. Fica assim lançada uma das pedras fundamentais da Gênese, cerca de 3.300 anos depois de Moisés.

---

35 **Nota de Allan Kardec:** "A mitologia hindu ensinava que, ao entardecer, o astro do dia se despojava de sua luz e atravessava o céu durante a noite com uma face obscura. A mitologia grega representava o carro de Apolo [deus da beleza, da luz, das artes e da profecia] puxado por quatro cavalos. Anaximandro [(610–547 a.C.) filósofo grego pré-socrático, considerou o infinito como o princípio do universo], de Mileto, sustentava, segundo Plutarco [(*c.* 50–125 d.C.) escritor grego], que o Sol era um carro cheio de fogo muito vivo, que se escapava por uma abertura circular. Epicuro [(341–270 a.C.) filósofo grego], segundo uns, teria emitido a opinião de que o Sol se acendia pela manhã e se apagava à noite nas águas do oceano; outros pensavam que ele considerava esse astro uma pedra-pomes aquecida até a incandescência. Anaxágoras [(*c.* 500 a.C.–*c.* 428 a.C.) filósofo grego pré-socrático] o tomava por um ferro incandescente, do tamanho do Peloponeso. Coisa singular! Os Antigos eram tão invencivelmente induzidos a considerar real a grandeza aparente desse astro que perseguiram o filósofo temerário por haver atribuído aquele volume ao facho do dia, fazendo-se necessária toda a autoridade de Péricles [(*c.* 495–429 a.C., político ateniense. Péricles foi discípulo de Anaxágoras, que foi acusado de impiedade para com os deuses e teve que sair de Atenas] para salvá-lo de uma condenação à morte e para que essa pena fosse comutada numa sentença de exílio." (Flammarion, *Estudos e leituras sobre a astronomia*, p. 6.)

Diante de tais ideias, emitidas no quinto século antes do Cristo, ao tempo da maior prosperidade da Grécia, não deve causar espanto as ideias que os homens das primeiras eras faziam sobre o sistema do mundo.

36 N.E.: De acordo com a mitologia hindu, a Terra era a metade de uma esfera, sustentada por quatro elefantes sobre uma grande tartaruga, Chukwa. Isso explicaria o "movimento da Terra pelos céus".

37 N.E.: Atualmente, Júpiter possui 66 satélites conhecidos, quatro dos quais de dimensões planetárias.

CAPÍTULO VI

Uranografia geral[38,39]

• O espaço e o tempo • A matéria • As leis e as forças • A criação primeira • A criação universal • Os sóis e os planetas • Os satélites • Os cometas • A Via Láctea • As estrelas fixas • Os desertos do espaço • Eterna sucessão dos mundos • A vida universal • Diversidade dos mundos

O espaço e o tempo

1. Já foram dadas várias definições de espaço, sendo a principal esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos, na qual certos sofistas deduziram que onde não haja corpos não haverá espaço. Foi nisto que se basearam alguns doutores em Teologia para estabelecer que o espaço é necessariamente finito, alegando que certo número de corpos limitados não poderiam formar uma série infinita e que, onde acabassem os corpos, o espaço igualmente acabaria. Também definiram o espaço como o lugar onde se movem os mundos, o vácuo onde a matéria atua etc. Deixemos todas essas definições, que nada definem, nos tratados em que repousam.

Espaço é uma dessas palavras que exprimem uma ideia primitiva e axiomática, evidente por si mesma, e a respeito dela as diversas definições que se possam dar nada mais fazem do que obscurecê-la. Todos sabemos o que é o espaço, e eu apenas quero firmar que ele é infinito, a fim de que os nossos estudos ulteriores não encontrem nenhuma barreira que se oponha às investigações do nosso olhar.

Ora, digo que o espaço é infinito, pela razão de ser impossível imaginar-se um limite qualquer para ele e porque, apesar da dificuldade com que nos defrontamos para conceber o infinito, mais fácil nos é avançar eternamente pelo espaço, em pensamento, do que parar num ponto qualquer, depois do qual não mais encontrássemos extensão a percorrer.

Para figurarmos a infinidade do espaço, tanto quanto no-lo permitam as nossas limitadas faculdades, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, para um ponto qualquer do universo, com a velocidade prodigiosa da centelha elétrica, que percorre *milhares de léguas por segundo,* hajamos percorrido milhões de léguas tão logo tenhamos deixado este globo, a ponto de nos acharmos num lugar de onde apenas o divisamos sob o aspecto de pálida estrela. Passado um instante, seguindo sempre a mesma direção, chegamos a essas estrelas longínquas que mal distinguis da vossa estação terrestre. Daí, não só a Terra nos desaparece inteiramente do olhar nas profundezas do céu, como também o próprio Sol, com todo o seu esplendor, se haverá eclipsado pela extensão que dele nos separa. Animados sempre da mesma velocidade do relâmpago, a cada passo que avançamos na imensidão, transpomos sistemas de mundos, ilhas de luz etérea, estradas estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou os mundos com a mesma profusão com que semeou as plantas nas pradarias terrenas.

Ora, caminhando há poucos minutos e já centenas de milhões e milhões de léguas nos separam da Terra, bilhões de mundos nos passaram sob as vistas e, na realidade, não avançamos um só passo que seja no universo. Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e *sempre com a mesma velocidade do relâmpago*, nem um passo igualmente teremos avançado, qualquer que seja o lado para onde nos dirijamos, a partir desse grãozinho invisível que deixamos e que se chama Terra. Eis aí o que é o espaço!

2. Como o espaço, o tempo é também um termo que se define por si mesmo. Dele se faz ideia mais exata, relacionando-o com o todo infinito. O tempo é a sucessão das coisas. Está ligado à eternidade do mesmo modo que as coisas estão ligadas ao infinito. Suponhamo-nos na origem do nosso mundo, na época primitiva em que a Terra ainda não se movia sob a divina impulsão; numa palavra: no começo da Gênese. O tempo então ainda não saíra do misterioso berço da natureza e ninguém pode dizer em que época de séculos nos achamos, visto que o pêndulo do tempo ainda não foi posto em movimento.

Mas silêncio! Soa na sineta eterna a primeira hora de uma Terra isolada, o planeta se move no espaço e, desde então, há *tarde* e *manhã*. Para lá da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, embora o tempo marche com relação

a muitos outros mundos. Para a Terra, o tempo a substitui e durante uma determinada série de gerações contar-se-ão os anos e os séculos.

Transportemo-nos agora ao último dia desse mundo, à hora em que, curvado sob o peso da vetustez, ele se apagará do livro da vida para aí não mais reaparecer. Interrompe-se então a sucessão dos eventos; cessam os movimentos terrestres que mediam o tempo, e o tempo acaba com eles.

Esta simples exposição das coisas naturais que dão nascimento ao tempo, que o alimentam e deixam que ele se extinga, basta para mostrar que, visto do ponto em que devemos nos colocar para os nossos estudos, o tempo é uma gota de água que cai da nuvem no mar e sua queda é medida.

Tantos mundos na vasta amplidão, quantos tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, somente a eternidade substitui essas efêmeras sucessões e enche tranquilamente da sua luz imóvel a imensidade dos céus. Imensidade sem limites e eternidade sem limites, tais as duas grandes propriedades da natureza universal.

O olhar do observador, que atravessa, sem jamais encontrar o que o detenha, as incomensuráveis distâncias do espaço, e o do geólogo, que remonta além dos limites das idades, ou que desce às profundezas da eternidade, em que ambos um dia se perderão, atuam em concordância, cada um na sua direção, para adquirir esta dupla noção do infinito: extensão e duração.

Dentro desta ordem de ideias, ser-nos-á fácil conceber que, sendo o tempo apenas a relação das coisas transitórias e dependendo unicamente das coisas que se medem, se tomássemos os séculos terrestres por unidade e os empilhássemos aos milheiros, para formar um número colossal, esse número nunca representaria mais que um ponto na eternidade, do mesmo modo que milhares de léguas adicionadas a milhares de léguas não dão mais que um ponto na extensão.

Assim, por exemplo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, poderíamos escrever um número tão longo quanto o equador terrestre e supormo-nos envelhecidos desse número de séculos, sem que na realidade nossa alma conte um dia a mais. E juntando a esse número indefinível de séculos uma série de números semelhantes, longa como daqui ao Sol, ou ainda mais consideráveis, se imaginássemos viver durante uma sucessão prodigiosa de períodos seculares representados pela adição de tais números, quando chegássemos ao termo, o inconcebível amontoado de séculos que nos pesaria sobre a cabeça seria como se não existisse: diante de nós estaria sempre toda a eternidade.

O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias. A eternidade não é suscetível de medida alguma, do ponto de vista da duração; para ela não há começo nem fim: tudo lhe é presente. Se séculos e séculos são menos que um segundo, relativamente à eternidade, que vem a ser a duração da vida humana?

A matéria

3. À primeira vista, nada parece tão profundamente variado, nem tão essencialmente distinto como as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a Arte ou a natureza nos fazem passar diariamente ante o olhar, haverá duas que revelem perfeita identidade ou, ao menos, paridade de composição? Quanta dessemelhança, do ponto de vista da solidez, da compressibilidade, do peso e das múltiplas propriedades dos corpos, entre os gases atmosféricos e um filete de ouro, entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a carcaça óssea do globo! Quanta diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que adornam o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade na Terra!

Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais desiguais que pareçam, quer do ponto de vista da sua constituição íntima, quer sob o aspecto de suas ações recíprocas, não são, de fato, senão modos diversos sob os quais a matéria se apresenta; variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam.

4. A Química, cujos progressos foram tão rápidos depois da minha época, em que seus próprios adeptos ainda a relegavam para o domínio secreto da magia; esta nova ciência que se pode considerar, com justa razão, filha do século da observação e baseada unicamente, com mais solidez do que suas irmãs mais velhas, no método experimental; a Química, digo, ignorou completamente os quatro elementos primitivos que os Antigos concordaram em reconhecer na natureza; mostrou que o elemento terrestre não passa da combinação de diversas substâncias variadas ao infinito; que o ar e a água são igualmente decomponíveis e produtos de certo número de equivalentes de gás; que o fogo, longe de ser também um elemento principal, é apenas um estado da matéria, resultante do movimento universal a que se acha submetida, e de uma combustão sensível ou latente.

Em compensação, descobriu um número considerável de princípios, até então desconhecidos, que lhe pareceram formar, por determinadas combinações, as diversas substâncias, os diversos corpos que ela estudou e que atuam simultaneamente, segundo certas leis e em certas proporções, nos trabalhos que se realizam dentro do grande laboratório da natureza. Deu a esses princípios o nome de *corpos simples*, indicando de tal modo que os considera primitivos e indecomponíveis e que nenhuma operação, até hoje, pode reduzi-los a frações relativamente mais simples que eles próprios.[40,41]

5. Mas onde param as apreciações do homem, mesmo auxiliado pelos mais impressionantes sentidos artificiais, prossegue a obra da natureza; onde o vulgo toma a aparência como realidade, onde o prático levanta o véu e distingue o começo das coisas, o olhar daquele que pode captar o modo de agir da natureza apenas vê, nos materiais constitutivos do mundo, a *matéria cósmica* primitiva, diversificada em certas regiões na época do seu aparecimento, repartida em corpos solidários entre si, enquanto têm vida, e que um dia se desmembram, por efeitos da decomposição no receptáculo da extensão.

6. Há questões que nós mesmos, Espíritos amantes da Ciência, não podemos aprofundar e sobre as quais não poderemos emitir senão opiniões pessoais, mais ou menos hipotéticas. Sobre tais questões eu me calarei, ou justificarei a minha maneira de ver. A questão com que nos ocupamos, porém, não pertence a esse número. Àqueles, portanto, que fossem tentados a enxergar nas minhas palavras unicamente uma teoria ousada, direi: Abarcai, se for possível, com olhar investigador, a multiplicidade das operações da natureza e reconhecereis que, se não se admitir a unidade da matéria, será impossível explicar, já não direi somente os sóis e as esferas, mas, sem ir tão longe, a germinação de uma semente na terra ou a produção de um inseto.

7. Se se observa tão grande diversidade na matéria é porque, sendo em número ilimitado as forças que presidiram às suas transformações e as condições em que estas se produziram, também as várias combinações da matéria não podiam deixar de ser ilimitadas. Logo, quer a substância que se considere pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, quer revista os caracteres e as propriedades ordinárias da matéria, não há, em todo o universo, senão uma única substância primitiva: o *cosmo*, ou *matéria cósmica* dos astrônomos.

As leis e as forças

8. Se um desses seres desconhecidos que consomem a sua existência efêmera no fundo das regiões tenebrosas do oceano; se um desses poligástricos, uma dessas nereidas — miseráveis animálculos que da natureza só conhecem os peixes ictiófagos e as florestas submarinas — recebesse de repente o dom da inteligência, a faculdade de estudar o seu mundo e de basear suas apreciações num raciocínio conjetural extensivo à universalidade das coisas, que ideia faria da natureza viva que se desenvolve no meio por ele habitado e do mundo terrestre que escapa ao campo de suas observações?

Se, agora, por efeito maravilhoso do poder da sua nova faculdade, esse mesmo ser chegasse a elevar-se acima das suas trevas eternas, a galgar a superfície do mar, não distante das margens opulentas de uma ilha de esplêndida vegetação, banhada pelo sol fecundante, dispensador de calor benéfico, que juízo faria ele das suas antecipadas teorias sobre a criação universal? Não as baniria de pronto, substituindo-as por uma apreciação mais ampla, relativamente tão incompleta ainda quanto a primeira? Esta é a imagem, ó homens, da vossa ciência toda especulativa.[42]

9. Vindo, pois, tratar aqui da questão das leis e das forças que regem o universo, eu, que apenas sou, como vós, um ser relativamente ignorante, em face da ciência real, a despeito da aparente superioridade sobre os meus irmãos da Terra, advinda da possibilidade de estudar problemas naturais que lhes são interditos na posição em que se encontram, trago por único objetivo dar-vos uma noção geral das leis universais, sem explicar em detalhes o modo de ação e a natureza das forças especiais que lhes são dependentes.

10. Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o éter, ou *matéria cósmica primitiva*, geradora do mundo e dos seres. São inerentes ao éter as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas formas múltiplas, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação, de acordo com as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de *gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa*. Os movimentos vibratórios do agente são conhecidos sob os nomes de *som, calor, luz* etc. Em

outros mundos, elas se apresentam sob outros aspectos, revelam outros caracteres desconhecidos na Terra e, na imensa amplidão dos céus, forças em número indefinido se têm desenvolvido em escala inimaginável, cuja grandeza somos tão incapazes de avaliar quanto o crustáceo, no fundo do oceano, para apreender a universalidade dos fenômenos terrestres.[43]

Ora, assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, porém diversificada em suas combinações, também todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos e que, pelos desígnios eternos, foi soberanamente imposta à Criação, para lhe imprimir harmonia e estabilidade.

11. A natureza jamais se encontra em oposição a si mesma. Uma só é a divisa do brasão do universo: *unidade/variedade*. Remontando à escala dos mundos, encontra-se a *unidade* de harmonia e de criação, ao mesmo tempo que uma variedade infinita no imenso jardim de estrelas. Percorrendo os degraus da vida, desde o último dos seres até Deus, torna-se evidente a grande lei de continuidade. Considerando as forças em si mesmas, pode-se formar com elas uma série, cuja resultante, confundindo-se com a geratriz, é a lei universal.

Não podeis apreciar esta lei em toda a sua amplitude, por serem restritas e limitadas as forças que a representam no campo das vossas observações. Entretanto, a gravitação e a eletricidade podem ser consideradas como uma larga aplicação da lei primordial, que impera para lá dos céus.

Todas essas forças são eternas — explicaremos este termo — e universais como a Criação. Sendo inerentes ao fluido cósmico, elas atuam necessariamente em tudo e em toda parte, modificando suas ações pela simultaneidade ou pela sucessão, predominando aqui, apagando-se ali, pujantes e ativas em certos pontos, latentes ou ocultas em outros, mas, afinal, preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos em seus diversos períodos de vida, governando os maravilhosos trabalhos da natureza, onde quer que eles se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da Criação.

A criação primeira

12. Depois de termos considerado o universo sob os pontos de vista gerais da sua composição, das suas leis e das suas propriedades, podemos estender os nossos estudos ao modo de formação que deu origem aos mundos e aos seres.

Desceremos em seguida à criação da Terra, em particular, e ao seu estado atual na universalidade das coisas e daí, tomando esse globo por ponto de partida e por unidade relativa, procederemos aos nossos estudos planetários e siderais.

13. Se bem compreendemos a relação, ou antes, a oposição entre a eternidade e o tempo, se nos familiarizamos com a ideia de que o tempo não passa de uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, enquanto a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, e não suscetível de qualquer medida, do ponto de vista da duração, compreenderemos que para ela não há começo nem fim.

Por outro lado, se fazemos uma ideia justa, embora necessariamente muito fraca, da infinidade do poder divino, compreenderemos como é possível que o universo haja existido sempre e sempre exista. Desde que Deus existiu, suas perfeições eternas falaram. Antes que houvessem nascido os tempos, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fecundou o espaço, igualmente eterno.

14. Existindo, por sua natureza, desde toda a eternidade, Deus criou desde toda a eternidade e não poderia ser de outro modo, visto que, por mais longínqua que seja a época a que recuemos, pela imaginação, os supostos limites da Criação, haverá sempre, além desse limite, uma eternidade — ponderai bem esta ideia — uma eternidade durante a qual as divinas hipóstases, as volições infinitas teriam permanecido sepultadas em muda letargia inativa e infecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que dá vida aos seres; de mutismo indiferente para o Verbo que os governa; de esterilidade fria e egoísta para o Espírito de amor e vivificação.

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e a sua perpetuidade sob a mão do Ser absoluto! Deus é o sol dos seres, é a luz do mundo. Ora, a aparição do Sol dá instantaneamente nascimento a ondas de luz que se vão espalhando por todos os lados na extensão. Do mesmo modo, o universo, nascido do Eterno, remonta aos períodos inimagináveis do infinito de duração, ao *Fiat lux!* do início.

15. O começo absoluto das coisas remonta, pois, a Deus. As sucessivas aparições delas no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua. Que mortal poderia dizer das magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das idades que se desdobraram nesses tempos antigos, em que nenhuma das maravilhas do universo atual existia; nessa época

primitiva em que, tendo-se feito ouvir a voz do Senhor, os materiais que no futuro haviam de agregar-se por si mesmos e simetricamente, para formar o templo da natureza, se encontraram de súbito no seio dos vácuos infinitos; quando aquela voz misteriosa, que toda criatura venera e estima como a de uma mãe, produziu notas harmoniosamente variadas, para irem vibrar juntas e modular o concerto dos céus imensos!

O mundo, no nascedouro, não se apresentou na sua virilidade e na plenitude de sua vida, não. O poder criador nunca se contradiz e, como todas as coisas, o universo nasceu criança. Revestido das leis mencionadas acima e da impulsão inicial inerente à sua própria formação, a matéria cósmica primitiva fez que sucessivamente nascessem turbilhões, aglomerações desse fluido difuso, amontoados de matéria nebulosa que se cindiram por si próprios e se modificaram ao infinito para gerar, nas regiões incomensuráveis da amplidão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em virtude das forças que predominaram sobre um ou sobre outro deles, e das circunstâncias ulteriores que presidiram aos seus desenvolvimentos, esses centros primitivos se tornaram focos de uma vida especial: uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde logo a sua particular vida astral; os outros, ocupando ilimitada extensão, cresceram com extrema lentidão, ou de novo se dividiram em outros centros secundários.

16. Transportando-nos a alguns milhões de séculos somente, além da época atual, verificamos que a nossa Terra ainda não existe, que mesmo o nosso sistema solar ainda não começou as evoluções da vida planetária. Entretanto, já esplêndidos sóis iluminam o éter; já planetas habitados dão vida e existência a uma imensidão de seres que nos precederam na carreira humana, que as produções opulentas de uma natureza desconhecida e os maravilhosos fenômenos do céu desdobram, sob outros olhares, os quadros imensos da Criação. Que digo! já deixaram de existir esplendores que muito antes fizeram palpitar o coração de outros mortais, sob o pensamento da potência infinita! E nós, pobres seres pequeninos, que viemos após uma eternidade de vida, nós nos cremos contemporâneos da Criação!

Ainda uma vez, compreendamos melhor a natureza. Saibamos que atrás de nós, como à nossa frente, está a eternidade, que o espaço é teatro de inimaginável sucessão e simultaneidade de criações. Tais nebulosas, que mal

percebemos nos mais longínquos pontos do céu, são aglomerações de sóis em vias de formação; outras são vias lácteas de mundos habitados; outras, ainda, são sedes de catástrofes e de perecimento. Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, também estamos no meio de uma dupla infinidade de durações, anteriores e ulteriores; que a criação universal não se acha restrita a nós, e que, portanto, não podemos aplicar essa expressão à formação isolada do nosso pequenino globo.

A criação universal

17. Após haver remontado, tanto quanto o permitia a nossa fraqueza, em direção à fonte oculta de onde procedem os mundos, como as gotas de água de um rio, consideremos a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos seriais.

A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que desdobram suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Essa substância, de onde provêm as esferas siderais, não desapareceu de modo algum; essa potência não morreu, pois que ainda gera, sem cessar, novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno.

A matéria etérea mais ou menos rarefeita que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, ricas de aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da amplidão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, a partir da qual a natureza tirou todas as coisas.[44]

18. Esse fluido penetra os corpos como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme a sua condição, princípio que, em estado latente, se conserva adormecido onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal, animal ou qualquer outra — visto que há muitos outros reinos naturais, de cuja existência nem sequer suspeitais[45] — sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas do mineral têm uma certa soma dessa vida, do mesmo modo que a semente do embrião, e se grupam, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos.

É muito importante nos convencermos da noção de que a matéria cósmica primitiva se achava revestida não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como também do princípio vital e universal que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida, durante o período criador.

Assim se efetua a criação universal. É, pois, exato dizer-se que, sendo as operações da natureza a expressão da vontade divina, Deus sempre criou, cria incessantemente e nunca deixará de criar.

19. Até aqui, porém, temos guardado silêncio sobre o *mundo espiritual*, que também faz parte da Criação e cumpre seus destinos conforme as augustas prescrições do Senhor. Acerca do modo da criação dos Espíritos, entretanto, não posso ministrar senão um ensino muito restrito, em virtude da minha própria ignorância e também porque tenho ainda de calar-me sobre certas questões, se bem já me haja sido permitido aprofundá-las.

Aos que desejam religiosamente conhecer e se mostrem humildes perante Deus, direi, rogando-lhes, todavia, que não deduzam das minhas palavras nenhum sistema prematuro: o Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização. Somente a partir do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio das humanidades.

Ainda uma vez vos peço: não construais sobre as minhas palavras os vossos raciocínios, tão tristemente célebres na história da Metafísica. Eu preferiria mil vezes calar-me sobre tão elevadas questões, tão acima das nossas meditações ordinárias, a vos expor a desnaturar o sentido de meu ensino e a vos lançar, por culpa minha, nos labirintos inextrincáveis do deísmo ou do fatalismo.

Os sóis e os planetas

20. Sucedeu que, num ponto do universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de imensa nebulosa,

animada das leis universais que regem a matéria. Em virtude dessas leis, principalmente da força molecular de atração,[46] ela tomou a forma de um esferoide, a única que pode assumir uma massa de matéria isolada no espaço.

O movimento circular produzido pela gravitação, rigorosamente igual, de todas as zonas moleculares em direção ao centro, logo modificou a esfera primitiva, a fim de conduzi-la, de movimento em movimento, à forma lenticular. Aqui nos referimos ao conjunto da nebulosa.

21. Novas forças surgiram em consequência desse movimento de rotação: a força centrípeta e a força centrífuga; a primeira tende a reunir todas as partes no centro, enquanto a segunda as afasta do centro. Ora, acelerando-se o movimento à proporção que a nebulosa se condensa, e aumentando o seu raio à medida que ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga, incessantemente desenvolvida por essas duas causas, logo predominou sobre a atração central.

Assim como um movimento rápido demais de uma funda[47] lhe quebra a corda, deixando o projétil cair longe, também a predominância da força centrífuga destacou o círculo equatorial da nebulosa e desse anel se formou uma nova massa, isolada da primeira, mas submetida ao seu domínio. Aquela massa conservou o seu movimento equatorial que, modificado, se lhe tornou movimento de translação em torno do astro solar. Além disso, o seu novo estado lhe dá um movimento de rotação em torno do próprio centro.

22. A nebulosa geratriz que deu origem a esse novo mundo condensou-se e retomou a forma esférica; mas, como o primitivo calor, desenvolvido por seus diversos movimentos, só com extrema lentidão se enfraqueceu, o fenômeno que acabamos de descrever se reproduzirá muitas vezes e durante longo período, enquanto a nebulosa não se houver tornado bastante densa, bastante sólida, para oferecer resistência eficaz às modificações de forma, que lhe imprime sucessivamente o seu movimento de rotação.

Esta nebulosa geratriz não terá dado origem a um só astro, mas a centenas de mundos destacados do foco central, saídos dela pelo modo de formação mencionado neste item. Ora, cada um desses mundos, revestido, como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem à criação dos universos, gerará sucessivamente novos globos que desde então lhe gravitarão em torno, como ele, juntamente com seus irmãos, gravita em torno do foco que lhes deu existência e vida. Cada um desses mundos será um Sol, centro de um turbilhão de planetas

sucessivamente destacados do seu equador. Esses planetas receberão uma vida especial, particular, embora dependente do astro que os gerou.

23. Os planetas são, assim, formados de massas de matéria condensada, porém ainda não solidificada, destacadas da massa central pela ação da força centrífuga, e que tomam, em virtude das leis do movimento, a forma esferoidal, mais ou menos elíptica, conforme o grau de fluidez que conservaram. Um desses planetas será a Terra que, antes de se resfriar e revestir de uma crosta sólida, dará nascimento à Lua, pelo mesmo processo de formação astral a que ela própria deveu a sua existência. A Terra, doravante inscrita no livro da vida, é berço de criaturas cuja fraqueza a divina Providência protege, nova corda colocada na harpa infinita e que, no lugar que ocupa, tem de vibrar no concerto universal dos mundos.

Os satélites

24. Antes que as massas planetárias houvessem atingido um grau de resfriamento suficiente para lhes operar a solidificação, massas menores, verdadeiros glóbulos líquidos, se desprenderam de algumas no plano equatorial, plano em que é maior a força centrífuga, e, por efeito das mesmas leis, adquiriram um movimento de translação em torno do planeta que as gerou, como sucedeu a estes com relação ao astro central que lhes deu origem.

Foi assim que a Terra deu nascimento à Lua, cuja massa, menos considerável, teve que sofrer um resfriamento mais rápido. Ora, as leis e as forças que presidiram ao seu desprendimento do equador terreno, e o seu movimento de translação no mesmo plano, agiram de tal sorte que esse mundo, em vez de revestir a forma esferoidal, tomou a de um globo ovoide, isto é, a forma alongada de um ovo, com o centro de gravidade fixado na parte inferior.

25. As condições em que se efetuou a desagregação da Lua pouco lhe permitiram afastar-se da Terra e a constrangeram a conservar-se perpetuamente suspensa no seu firmamento, como uma figura ovoide cujas partes mais pesadas formaram a face inferior voltada para a Terra e cujas partes menos densas constituíram o seu vértice, se com essa palavra se designar a face que, do lado oposto à Terra, se eleva para o céu. O que é certo é que esse astro nos apresenta sempre a mesma face. Para melhor compreender-se o seu estado geológico, ele pode ser comparado a um globo de cortiça, cuja base voltada para a Terra seria formada de chumbo.

Daí, duas naturezas essencialmente distintas na superfície do mundo lunar: uma, sem qualquer analogia com o nosso, visto que os corpos fluidos e etéreos lhe são desconhecidos; a outra, leve, relativamente à Terra, uma vez que todas as substâncias menos densas se encaminharam para esse hemisfério. A primeira, perpetuamente voltada para a Terra, sem águas e sem atmosfera, a não ser aqui e ali, nos limites desse hemisfério terrestre; a outra, rica de fluidos, perpetuamente oposta ao nosso mundo.[48,49]

26. O número e o estado dos satélites de cada planeta têm variado de acordo com as condições especiais em que se formaram. Alguns não deram origem a nenhum astro secundário, como se verifica com Mercúrio, Vênus e Marte,[50] ao passo que outros, como a Terra, Júpiter, Saturno etc., formaram um ou vários desses astros secundários.

27. Além de seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que, visto de longe, parece cercá-lo de uma espécie de auréola branca. Para nós, esta formação é uma nova prova da universalidade das leis da natureza. Esse anel é, com efeito, o resultado de uma separação que se operou no equador de Saturno, ainda nos tempos primitivos, do mesmo modo que uma zona equatorial se escapou da Terra para formar o seu satélite. A diferença consiste em que o anel de Saturno se formou, em todas as suas partes, de moléculas homogêneas, provavelmente já em certo estado de condensação, e pode, dessa maneira, continuar seu movimento de rotação no mesmo sentido e em tempo mais ou menos igual ao que anima o planeta. Se um dos pontos desse anel tivesse ficado mais denso que outro, uma ou várias aglomerações de substâncias se teriam subitamente operado e Saturno contaria muitos satélites a mais. Desde a época da sua formação, esse anel se solidificou, do mesmo modo que os outros corpos planetários.

Os cometas

28. Astros errantes, ainda mais do que os planetas que conservaram a denominação etimológica, os cometas serão os guias que nos ajudarão a transpor os limites do sistema a que pertence a Terra e nos levarão às regiões longínquas da amplidão sideral.

Mas, antes de explorarmos os domínios celestes, com o auxílio desses viajantes do universo, será bom que ministremos o conhecimento, tanto quanto

possível, da natureza intrínseca deles e do papel que lhes cabe na economia planetária.

29. Alguns têm visto, nesses astros dotados de cabeleira,[51] mundos nascentes a elaborarem, no primitivo caos em que se acham, as condições de vida e de existência que tocam em partilha às terras habitadas; outros imaginaram que esses corpos extraordinários eram mundos em estado de destruição e, para muitos, a aparência singular que apresentam foi motivo de apreciações errôneas acerca da natureza deles, de tal sorte que não houve, inclusive na astrologia judiciária, quem não os considerasse como pressagiadores de desgraças, enviados por desígnios providenciais à Terra espantada e tremente.

30. A lei de variedade se aplica em tão larga escala nos trabalhos da natureza que se pergunta como os naturalistas, os astrônomos e os filósofos hajam fabricado tantos sistemas para assimilar os cometas aos astros planetários e para somente verem neles astros em graus mais ou menos adiantados de desenvolvimento ou de caducidade. Entretanto, os quadros da natureza deveriam bastar amplamente para afastar o observador da preocupação de pesquisar relações inexistentes e deixar aos cometas o papel modesto, porém útil, de astros errantes, que servem de guarda avançada aos impérios solares. Os corpos celestes de que tratamos são coisa muito diversa dos corpos planetários; não têm por destinação, como estes, servir de habitação às humanidades. Vão sucessivamente de sóis em sóis, enriquecendo-se, às vezes, pelo caminho, de fragmentos planetários reduzidos ao estado de vapor, haurir nos focos solares os princípios vivificantes e renovadores que derramam sobre os mundos terrestres. (Cap. IX, item 12.)

31. Se, quando um desses astros se aproxima do nosso pequenino globo, para lhe atravessar a órbita e voltar ao seu apogeu,[52] situado a uma distância incomensurável do Sol, nós o acompanhássemos, pelo pensamento, para visitar com ele as regiões siderais, transporíamos a prodigiosa extensão de matéria etérea que separa o Sol das estrelas mais próximas e, observando os movimentos combinados desse astro, que se suporia desgarrado no deserto infinito, ainda aí encontraríamos uma prova eloquente da universalidade das leis da natureza, que atuam a distâncias que a mais ativa imaginação mal pode conceber.

Aí, a forma elíptica toma a forma parabólica e a marcha se torna tão lenta que o cometa não chega a percorrer mais que alguns metros, no mesmo tempo durante o qual, em seu perigeu,[53] percorria muitos milhares de léguas. Talvez um

Sol mais poderoso, mais importante do que o que ele acaba de deixar, exerça sobre esse cometa uma atração preponderante e o receba na categoria de seus próprios súditos. Então, na vossa pequenina Terra, em vão as crianças admiradas lhe aguardarão o retorno, que haviam predito, baseando-se em observações incompletas. Nesse caso, nós, que pelo pensamento acompanhamos o cometa errante a essas regiões desconhecidas, depararemos com uma nova nação, que os olhares terrenos não podem encontrar, inimaginável para os Espíritos que habitam a Terra, inconcebível mesmo para as suas mentes, porquanto ela será teatro de maravilhas inexploradas.

Chegamos ao mundo astral, nesse mundo deslumbrante dos vastos sóis que irradiam pelo espaço infinito e que são as flores brilhantes do magnífico jardim da Criação. Só depois de lá chegarmos é que saberemos o que é a Terra.

A Via Láctea

32. Nas noites estreladas e sem luar, muita gente já contemplou essa faixa esbranquiçada que atravessa o céu de uma extremidade a outra, e que os Antigos apelidaram de *Via Láctea*, por causa da sua aparência leitosa. Nos tempos modernos, esse clarão difuso tem sido longamente explorado pelo telescópio, tendo esse caminho de pó de ouro, ou esse regato de leite da mitologia antiga, se transformado num vasto campo de maravilhas desconhecidas. As pesquisas dos observadores levaram ao conhecimento da sua natureza e revelaram que, ali onde o olhar errante apenas percebia uma fraca luminosidade, há milhões de sóis mais luminosos e mais importantes do que o que nos clareia a Terra.

33. Realmente, a Via Láctea é uma campina matizada de flores solares e planetárias que brilham em toda a sua enorme extensão. O nosso Sol e todos os corpos que o acompanham fazem parte desse conjunto de globos radiosos que formam a Via Láctea. Mas, a despeito de suas dimensões gigantescas, relativamente à Terra, e à grandeza do seu império, o Sol ocupa inapreciável lugar em tão vasta Criação. Podem contar-se por uma trintena de milhões de sóis[54] que, à sua semelhança, gravitam nessa imensa região, afastados uns dos outros de mais de cem mil vezes o raio da órbita terrestre.[55]

34. Por esse cálculo aproximado se pode julgar da extensão dessa região sideral e da relação que existe entre o nosso sistema planetário e a universalidade dos sistemas que o ocupam. Pode-se igualmente julgar da exiguidade do domínio

solar e, *a fortiori*, do nada que é a nossa pequenina Terra. Que seria, então, se se considerassem os seres que o povoam!

Digo “do nada” porque as nossas determinações se aplicam não só à extensão material, física, dos corpos que estudamos, o que pouco seria, mas, também e sobretudo, ao estado moral deles como habitação e ao grau que ocupam na eterna hierarquia dos seres. A Criação se mostra aí em toda a sua majestade, criando e propagando, em torno do mundo solar e em cada um dos sistemas que o rodeiam por todos os lados, as manifestações da vida e da inteligência.

35. Desse modo, fica-se conhecendo a posição que ocupam o nosso Sol e a Terra no mundo das estrelas. Estas considerações ganharão maior peso ainda se refletirmos no estado mesmo da Via Láctea que, na imensidade das criações siderais, não representa mais que um ponto insignificante e inapreciável, vista de longe, porquanto ela não é mais que uma nebulosa estelar, entre os milhões das que existem no espaço. Se ela nos parece mais vasta e mais rica do que outras, é pela única razão de que nos cerca e se desenvolve em toda a sua extensão sob os nossos olhos, ao passo que as outras, perdidas nas profundezas insondáveis, mal se deixam entrever.

36. Ora, sabendo-se que a Terra nada é, ou quase nada, no sistema solar; que este nada é, ou quase nada, na Via Láctea; esta por sua vez é nada, ou quase nada, na universalidade das nebulosas, e essa própria universalidade é bem pouca coisa dentro do imensurável infinito, começa-se a compreender o que é o globo terrestre.

As estrelas fixas

37. As estrelas chamadas “fixas” e que constelam os dois hemisférios do firmamento não se acham completamente isentas de toda atração exterior, como geralmente se supõe. Longe disso: elas pertencem a uma mesma aglomeração de astros estelares, aglomeração que não é senão a grande nebulosa de que fazemos parte e cujo plano equatorial, projetado no céu, recebeu o nome de *Via Láctea*. Todos os sóis que a constituem são solidários; suas múltiplas influências reagem perpetuamente umas sobre as outras e a gravitação universal as reúne todas numa mesma família.

38. Esses diversos sóis, como o nosso, estão cercados na sua maioria de mundos secundários, que eles iluminam e fecundam por intermédio das mesmas

leis que presidem à vida do nosso sistema planetário. Uns, como Sírio, são milhares de vezes mais grandiosos e magnificentes em dimensões e em riquezas do que o nosso, sendo muito mais importante o papel que desempenham no universo. Também são cercados por planetas em muito maior número e muito superiores aos nossos. Outros não se assemelham em nada pelas suas funções astrais. É assim que certo número desses sóis, verdadeiros gêmeos da ordem sideral, são acompanhados de seus congêneres da mesma idade, formando, no espaço, sistemas binários, aos quais a natureza conferiu funções inteiramente diversas das que couberam ao nosso Sol.[56] Lá os anos não se medem pelos mesmos períodos, nem os dias pelos mesmos sóis, e esses mundos, iluminados por um duplo facho, foram dotados de condições de existência inimagináveis por parte dos que ainda não saíram deste pequenino mundo terrestre.

Outros astros, sem cortejo, privados de planetas, receberam melhores elementos de habitabilidade do que os conferidos a qualquer dos demais. Na sua imensidade, as leis da natureza se diversificam e, se a unidade é a grande expressão do universo, a variedade infinita é igualmente seu eterno atributo.

39. Apesar do prodigioso número dessas estrelas e de seus sistemas, a despeito das distâncias incomensuráveis que as separam, elas pertencem todas à mesma nebulosa estelar que os mais possantes telescópios mal conseguem atravessar e que as concepções da mais ousada imaginação apenas conseguem alcançar, nebulosa que, entretanto, não passa de uma unidade na ordem das nebulosas que compõem o mundo astral.

40. As estrelas chamadas “fixas” não estão imóveis na amplidão. As constelações que se figuraram na abóbada do firmamento não são criações simbólicas reais. A *distância* a que se acham da Terra e a perspectiva sob a qual se mede o universo, a partir da estação terrena, constituem as duas causas dessa dupla ilusão de óptica. (Cap. V, item 12.)

41. Vimos que a totalidade dos astros que cintilam na cúpula azulada se acha encerrada numa aglomeração cósmica, numa mesma nebulosa a que chamais *Via Láctea*. Mas, por pertencerem todos ao mesmo grupo, nem por isso esses astros deixam de estar animados de movimento de translação no espaço, cada um com o seu. Não existe repouso absoluto em parte alguma. Eles são regidos pelas leis universais da gravitação e rolam no espaço ilimitado sob a impulsão incessante dessa imensa força. Rolam, não segundo roteiros traçados pelo acaso, mas

segundo órbitas fechadas, cujo centro é ocupado por um astro superior. Para tornar, por meio de um exemplo, mais compreensíveis as minhas palavras, falarei de modo especial do vosso Sol.

42. Sabe-se, por meio de observações modernas, que ele não é fixo nem central, como se acreditava nos primeiros tempos da nova astronomia, mas que avança pelo espaço arrastando consigo o seu vasto sistema de planetas, de satélites e de cometas.

Ora, essa marcha não acontece por acaso e o Sol não vai, errando pelos vácuos infinitos, transviar seus filhos e seus súditos. Não, sua órbita é determinada e, em concorrência com outros sóis da mesma ordem e rodeados de certo número de terras habitadas, ele gravita em torno de um sol central. Seu movimento de gravitação, como o dos sóis seus irmãos, é inapreciável a observações anuais, porque somente grande número de períodos seculares seriam suficientes para marcar um desses anos astrais.

43. O sol central, de que acabamos de falar, também é um globo secundário relativamente a outro ainda mais importante, em torno do qual ele perpetua uma marcha lenta e compassada, na companhia de outros sóis da mesma ordem.

Poderíamos comprovar esta subordinação sucessiva de sóis a sóis, até que a nossa imaginação se canse de subir a uma de tal hierarquia, porquanto, não o esqueçamos, é possível contar-se, em números redondos, uma trintena de milhões de sóis na Via Láctea,[57] subordinados uns aos outros, como rodas gigantescas de um imenso sistema.

44. E esses astros, em números incontáveis, vivem vida solidária. Assim como ninguém se acha isolado na economia do vosso mundinho terrestre, também nada o está no universo incomensurável.

Vistos a distância, pelo olhar investigador do filósofo que pudesse abarcar o quadro que o espaço e o tempo desdobram, esses sistemas de sistemas pareceriam uma poeira de grãos de ouro levantada em turbilhão pelo sopro divino, que faz voarem nos céus os mundos siderais, como voam os grãos de areia nas dunas do deserto.

Nada de imobilidade, nada de silêncio, nada de noite! O grande espetáculo que então se desdobraria ante os nossos olhos seria a criação real, imensa e cheia da vida etérea, que abrange no seu imenso conjunto o olhar infinito do Criador.

Mas, até aqui, temos falado de uma única nebulosa, que, com os seus milhões de sóis e os seus milhões de terras habitadas, forma apenas, como já dissemos,

uma ilha no arquipélago infinito.

Os desertos do espaço

45. Um deserto inimaginável, sem limites, se estende para além da aglomeração de estrelas de que acabamos de tratar, e a envolve. Solidões sucedem a solidões e incomensuráveis planícies do vácuo se estendem pela amplidão afora. Os amontoados de matéria cósmica se encontram isolados no espaço como ilhas flutuantes de um imenso arquipélago. Se, de alguma forma, quisermos apreciar a distância enorme que separa o aglomerado de estrelas, de que fazemos parte, dos outros aglomerados mais próximos, precisamos saber que essas ilhas estelares se encontram disseminadas e raras no vasto oceano dos céus, e que a extensão que as separa uma das outras é incomparavelmente maior do que a que lhes medem as respectivas dimensões.

Ora, como já vimos, a nebulosa estelar mede, em números redondos, mil vezes a distância das estrelas mais próximas, isto é, alguns cem mil trilhões de léguas.[58] A distância que existe entre elas, sendo muito mais vasta, não poderia ser expressa por números acessíveis à compreensão do nosso espírito. Só a imaginação, em suas concepções mais altas, é capaz de transpor tão prodigiosa imensidade, essas solidões mudas e privadas de toda aparência de vida, e de encarar, de certa maneira, a ideia dessa infinidade relativa.

46. Todavia, o deserto celeste, que envolve o nosso universo sideral e que parece estender-se como os afastados confins do nosso mundo astral, é abarcado pela visão e pelo poder infinito do Altíssimo que, além desses céus dos nossos céus, desenvolveu a trama da sua criação ilimitada.

47. Além dessas vastas solidões, com efeito, irradiam mundos magnificentes, tanto quanto nas regiões acessíveis às investigações humanas; para lá desses desertos, vagam esplêndidos oásis no éter límpido, renovando incessantemente as cenas admiráveis da existência e da vida. Sucedem-se lá os agregados longínquos de substância cósmica, que o profundo olhar do telescópio entrevê através de regiões transparentes do nosso céu e a que dais o nome de “nebulosas irresolúveis”, as quais vos parecem ligeiras nuvens de poeira branca, perdidas num ponto desconhecido do espaço etéreo. Lá se revelam e se desenvolvem mundos novos, cujas condições variadas e diversas das que são peculiares ao vosso globo lhes dão uma vida que as vossas concepções não podem imaginar, nem os vossos estudos comprovar. É lá que resplandece em toda a sua plenitude

o poder criador. Aquele que vem das regiões que o vosso sistema ocupa se depara com outras leis em ação, cujas forças regem as manifestações da vida. E os novos caminhos que se nos apresentam em tão singulares regiões nos abrem surpreendentes perspectivas.[59]

Eterna sucessão dos mundos

48. Vimos que uma única lei, primordial e geral, foi conferida ao universo para lhe assegurar eternamente a estabilidade, e que essa lei geral nos é perceptível aos sentidos por muitas ações particulares que chamamos forças diretrizes da natureza. Vamos agora mostrar que a harmonia do mundo inteiro, considerada sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço, é garantida por essa lei suprema.

49. Com efeito, se remontarmos à origem primeira das primitivas aglomerações da substância cósmica, notaremos que, sob o império dessa lei, a matéria sofre as transformações necessárias, que levam do germe ao fruto maduro, e que, sob a impulsão das diversas forças nascidas dessa lei, ela percorre a escala das revoluções periódicas. Primeiramente, centro fluídico dos movimentos; em seguida, gerador dos mundos; mais tarde, núcleo central e atrativo das esferas que nasceram no seu seio.

Já sabemos que essas leis presidem à história do Cosmo; o que agora importa saber é que elas presidem igualmente à destruição dos astros, visto que a morte não é apenas uma metamorfose do ser vivo, mas também uma transformação da matéria inanimada. Se é exato dizer-se, em sentido literal, que a vida só é acessível à foice da morte, não é menos exato dizer-se que para a substância é de toda necessidade sofrer as transformações inerentes à sua constituição.

50. Eis aqui um mundo que, desde o seu berço primitivo, percorreu toda a extensão dos anos que a sua organização especial lhe permitia percorrer. Tendo-se extinto o foco interior da sua existência, seus elementos próprios perderam a virtude inicial; os fenômenos da natureza, que reclamavam, para se produzirem, a presença e a ação das forças conferidas a esse mundo, já não podem produzir-se de agora em diante, porque a alavanca da atividade delas não mais dispõe do ponto de apoio que lhe dava toda a sua força.

Ora, será possível que essa terra extinta e sem vida vai continuar a gravitar nos espaços celestes, sem uma finalidade, e passar como cinza inútil pelo turbilhão dos céus? Será possível que permaneça inscrita no livro da vida

universal, quando não passa de letra morta e vazia de sentido? Não. As mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e que a gratificaram com os esplendores da vida, as mesmas forças que a governaram durante os séculos da sua adolescência, que lhe firmaram os primeiros passos na existência e que a conduziram à idade madura e à velhice, vão também presidir à desagregação de seus elementos constitutivos, a fim de os restituir ao laboratório em que a potência criadora haure incessantemente as condições da estabilidade geral. Esses elementos vão retornar à massa comum do éter, para se assimilarem a outros corpos, ou para regenerarem outros sóis. E essa morte não será um acontecimento inútil, nem para esta Terra, nem para suas irmãs. Noutras regiões, ela renovará outras criações de natureza diferente e, lá onde os sistemas de mundos se desvaneceram, em breve renascerá outro jardim de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

51. Desse modo, a eternidade real e efetiva do universo se acha garantida pelas mesmas leis que dirigem as operações do tempo; dessa maneira, mundos sucedem a mundos, sóis a sóis, sem que o imenso mecanismo dos vastos céus jamais seja atingido nas suas gigantescas molas.

Onde os vossos olhos admiram esplêndidas estrelas sob a abóbada da noite, em que o vosso espírito contempla irradiações magníficas que resplandecem nos espaços distantes, há muito tempo o dedo da morte extinguiu esses esplendores, há muito o vazio sucedeu a esses deslumbramentos e já recebem mesmo novas criações ainda desconhecidas. A distância imensa em que se encontram esses astros, por efeito da qual a luz que nos enviam gasta milhares de anos para chegar até nós, faz com que somente hoje recebamos os raios que eles nos enviaram muito tempo antes da criação da Terra e com que ainda os admiremos durante milhares de anos após a sua desaparição real.[60]

Que são seis mil anos da humanidade histórica diante dos períodos seculares? — Segundos em vossos séculos. Que são as vossas observações astronômicas diante do estado absoluto do mundo? — A sombra eclipsada pelo Sol.

52. Logo, reconheçamos aqui como nos nossos outros estudos, que a Terra e o homem nada são em confronto com o que existe e que as mais colossais operações do nosso pensamento ainda se estendem apenas sobre um campo imperceptível, diante da imensidade e da eternidade de um universo que nunca terá fim.

E, quando esses períodos da nossa imortalidade houverem passado sobre as nossas cabeças; quando a história atual da Terra nos aparecer qual sombra vaporosa no fundo da nossa lembrança; quando, durante séculos incontáveis, houvermos habitado esses diversos degraus da nossa hierarquia cosmológica; quando os mais longínquos domínios das idades futuras tiverem sido por nós percorridas em inumeráveis peregrinações, teremos diante de nós a sucessão ilimitada dos mundos e por perspectiva a imóvel eternidade.

A vida universal

53. Essa imortalidade das almas, tendo por base o sistema do mundo físico, pareceu imaginária aos olhos de certos pensadores preconceituosos; qualificaram-na ironicamente de imortalidade viajora e não compreenderam que só ela é verdadeira diante do espetáculo da Criação. Entretanto, é possível compreender-se toda a sua grandeza, quase diríamos: toda a sua perfeição.

54. Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e a inteligência; que os mundos sejam moradas de seres que as contemplam e lhes descobrem, sob o véu, o poder e a sabedoria daquele que as formou, são questões que já não nos oferecem dúvida. O que importa saber, contudo, é que as almas que os povoam sejam solidárias.

55. De fato, a inteligência humana encontra dificuldade em considerar esses globos radiosos que cintilam na amplidão como simples massas de matéria inerte e sem vida. Custa-lhe pensar que não haja, nessas regiões distantes, magníficos crepúsculos e noites esplendorosas, sóis fecundos e dias repletos de luz, vales e montanhas em que as produções múltiplas da natureza desenvolvam toda a sua luxuriante pompa. Custa-lhe imaginar que o espetáculo divino em que a alma pode retemperar-se como em sua própria vida seja carente de existência e de qualquer ser pensante que o possa conhecer.

56. Mas a essa ideia eminentemente justa da Criação, é preciso acrescentar a da humanidade solidária, e é nisso que consiste o mistério da eternidade futura.

Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos e os laços de uma fraternidade que ainda não sabeis apreciar foram dados a esses mundos. *Se esses astros que se harmonizam em seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não o são por seres desconhecidos uns dos outros, mas, ao contrário, por seres que trazem marcados na fronte o mesmo destino,*

que se hão de encontrar temporariamente, segundo as suas funções de vida, e encontrar de novo, segundo suas mútuas simpatias. É a grande família dos Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abrange a extensão dos céus e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

57. Por que singular aberração se acreditou fosse possível negar à imortalidade as vastas regiões do éter, quando a encerravam dentro de um limite inadmissível e de uma dualidade absoluta? O verdadeiro sistema do mundo deveria então preceder à verdadeira doutrina dogmática e a Ciência preceder à Teologia? Esta se transviará tanto que irá estabelecer sua base sobre a Metafísica? A reposta é fácil e nos mostra que a nova filosofia se sentará triunfante nas ruínas da antiga, porque sua base se terá erguido vitoriosa sobre os antigos erros.

Diversidade dos mundos

58. Acompanhando-nos em nossas excursões celestes, visitastes conosco as imensas regiões do espaço. Sob as nossas vistas, os sóis sucederam aos sóis, os sistemas aos sistemas, as nebulosas às nebulosas; diante dos nossos passos desdobrou-se o panorama esplêndido da harmonia do Cosmo e antegozamos a ideia do infinito, que somente de acordo com a nossa perfectibilidade futura poderemos compreender em toda a sua extensão. Os mistérios do éter nos desvendaram o seu enigma, até aqui indecifrável e, pelo menos, concebemos a ideia da universalidade das coisas. É preciso que nos detenhamos agora a refletir.

59. É belo, sem dúvida, haver reconhecido quão ínfima é a Terra e medíocre a sua importância na hierarquia dos mundos; é belo haver abatido a presunção humana, que nos é tão cara, e nos termos humilhado ante a grandeza absoluta; entretanto, ainda será mais belo que interpretemos em sentido moral o espetáculo de que fomos testemunhas. Quero falar do poder infinito da natureza e da ideia que devemos fazer do seu modo de ação nos diversos domínios do vasto universo.

60. Acostumados, como estamos, a julgar as coisas pela nossa pobre e insignificante habitação, imaginamos que a natureza não pôde ou não teve de agir sobre os outros mundos senão de acordo com as regras que lhe conhecemos

na Terra. Ora, é justamente nesse ponto que devemos reformar a nossa maneira de ver.

Lançai por um instante o olhar sobre uma região qualquer do vosso globo e sobre uma das produções da vossa natureza. Não reconhecereis aí o selo de uma variedade infinita e a prova de uma atividade sem par? Não vedes na asa de um passarinho das Canárias, na pétala de um botão de rosa entreaberto a prestigiosa fecundidade dessa bela natureza?

Que os vossos estudos possam ser aplicados aos seres que adejam nos ares; que desçam até a violeta dos prados, mergulhem nas profundezas do oceano e em tudo e por toda parte lereis esta verdade universal: a natureza onipotente age conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias; ela é una em sua harmonia geral, porém múltipla em suas produções; brinca com um Sol, como com uma gota de água; povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que faz eclodir o ovo posto pela borboleta.

61. Ora, se é tal a variedade que a natureza pôde nos descrever em todos os lugares deste pequeno mundo tão acanhado, tão limitado, quão mais ampliado não deveis considerar esse modo de ação, ponderando nas perspectivas dos mundos enormes! Quão mais desenvolvida e pujante não a deveis reconhecer, operando nesses mundos maravilhosos que, muito mais do que a Terra, atestam a sua inapreciável perfeição!

Não vejais, pois, em torno de cada um dos sóis do espaço, apenas sistemas planetários semelhantes ao vosso; não vejais, nesses planetas desconhecidos, apenas os três reinos da natureza que brilham ao vosso derredor. Pensai, ao contrário, que, assim como nenhum rosto de homem se assemelha a outro rosto em todo o gênero humano, também uma diversidade prodigiosa, inimaginável, se acha espalhada pelas moradas etéreas que flutuam no seio dos espaços.

Do fato de que a vossa natureza animada começa no zoófito para terminar no homem, de que a atmosfera alimenta a vida terrestre, de que o elemento líquido a renova incessantemente, de que as vossas estações fazem que se sucedam nessa vida os fenômenos que as distinguem, não concluais que os milhões e milhões de terras que rolam pela amplidão sejam semelhantes à que habitais. Longe disso, aquelas diferem, de acordo com as diversas condições que lhes foram prescritas e conforme o papel que coube a cada uma no cenário do mundo. São pedrarias variadas de um imenso mosaico, flores diversificadas de admirável parque.

38 **Nota de Allan Kardec:** Este capítulo é textualmente extraído de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título de “Estudos uranográficos”, e assinadas pelo Espírito “Galileu”. Médium: C. F.

39 N.T.: As iniciais C. F. coincidem perfeitamente com as do astrônomo e médium Camille Flammarion.

40 **Nota de Allan Kardec:** Os principais corpos simples são: entre os não metálicos, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo; entre os corpos metálicos: o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio etc.

41 N.T.: A respeito dos corpos simples, é conveniente, para mais detalhes, o exame da “Classificação periódica natural dos elementos”, de Mendeleiev.

42 **Nota de Allan Kardec:** Tal é também a situação dos negadores do mundo dos Espíritos, quando, após se haverem despojado do envoltório carnal, contemplam os horizontes desse mundo que se desdobram à sua vista. Compreendem, então, como eram vazias as teorias com que pretendiam tudo explicar exclusivamente por meio da matéria. Entretanto, esses horizontes ainda lhes ocultam mistérios que só sucessivamente lhes são desvendados, à medida que se elevam pela depuração. Desde, porém, os seus primeiros momentos no outro mundo, veem-se forçados a reconhecer a própria cegueira e como se achavam longe da verdade.

43 **Nota de Allan Kardec:** Só nos reportamos ao que conhecemos, porquanto, do que escapa à percepção dos nossos sentidos não compreendemos mais do que compreende o cego de nascença acerca dos efeitos da luz e da utilidade dos olhos. É possível, pois, que em outros meios o fluido cósmico tenha propriedades, seja suscetível de combinações de que não fazemos nenhuma ideia, facultando percepções novas ou outros modos de percepção. Não compreendemos, por exemplo, que se possa ver sem os olhos do corpo e sem luz. Quem nos diz, porém, que não existam outros agentes que não a luz, aos quais são adequados organismos especiais? A vista sonambúlica, que não é detida nem pelos obstáculos materiais nem pela obscuridade, nos oferece um exemplo disso. Suponhamos que, num mundo qualquer, os seres sejam *normalmente* o que só excepcionalmente o são os nossos sonâmbulos; eles, sem precisarem da nossa luz, nem dos nossos olhos, verão o que não podemos ver. Dá-se o mesmo com todas as outras sensações. As condições de vitalidade e de percepção, as sensações e as necessidades variam de conformidade com os meios.

44 **Nota de Allan Kardec:** Se perguntassem qual o princípio dessas forças e como pode esse princípio estar na substância mesma que o produz, responderíamos que a mecânica nos oferece numerosos exemplos desse fato. A elasticidade, que faz com que uma mola se distenda, não está na própria mola e não depende do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe a sua impulsão do movimento primitivo que lhe foi impresso.

45 N.E.: Atualmente, a Biologia classifica em cinco reinos os seres vivos: monera (bactérias ou algas azuis ou cianobactérias), protista (amebas e paramécios), fungos (cogumelos e leveduras), vegetal e animal.

46 N.E.: Atualmente, a força de atração molecular a que se refere Galileu é chamada pelos astrofísicos de colapso gravitacional.

47 N.E.: Arma de arremesso constituída por uma correia, ou corda dobrada, em cujo centro é colocado o objeto que se deseja lançar; atiradeira, catapulta etc.

48 **Nota de Allan Kardec:** Esta teoria da Lua, inteiramente nova, explica, pela lei da gravitação, a razão pela qual esse astro apresenta sempre a mesma face para a Terra. Tendo o centro de gravidade num dos pontos de sua superfície, em vez de estar no centro da esfera, e sendo, em consequência, atraído para a Terra por uma força maior do que a que atrai as partes mais leves, a Lua pode ser tida como uma dessas figuras chamadas vulgarmente *joão-teimoso*, que se levantam constantemente sobre a sua base, ao passo que os planetas, cujo centro de gravidade está a distâncias iguais da superfície, giram regularmente sobre o próprio eixo. Os fluidos vivificantes, gasosos ou líquidos, em virtude da sua leveza específica, se encontrariam acumulados no hemisfério superior, constantemente oposto à Terra. O hemisfério inferior, o único que vemos, seria desprovido de tais fluidos e, por isso, impróprio à vida que, no entanto, reinaria no outro. Se, pois, o hemisfério superior é habitado, seus habitantes jamais viram a Terra, a menos que excursionem pelo outro, o que lhes seria impossível, já que este não dispõe das condições indispensáveis à vitalidade. Por mais racional e científica que seja essa teoria, como ainda não foi confirmada por nenhuma observação direta, não pode ser aceita senão a título de hipótese e como ideia capaz de servir de baliza à Ciência. Não se pode, porém, deixar de convir em que é a única, até o presente, que dá uma explicação satisfatória das particularidades que apresenta o globo lunar.

49 **N.E.:** A Lua é o único satélite natural da Terra. Atualmente, a teoria mais aceita para a origem da Lua surgiu em 1975, a teoria do Grande Impacto, proposta pelo Instituto de Ciências Planetárias de Tucson e pelo Instituto Harvard-Smithsonian de Astrofísica. Após a

análise de amostras de solo e rochas lunares coletadas pelas missões Apollo, os cientistas chegaram à conclusão que há cerca de 4,5 bilhões de anos, durante a formação da Terra, um objeto do tamanho de Marte colidiu com a Terra, essa violenta colisão lançou material, pedaços de rocha líquida, para a órbita da terra; a Lua teria se formado, então, a partir da condensação do material expelido por essa colisão, tendo ficado aprisionada pelo campo gravitacional da Terra.

A Lua leva o mesmo tempo (27,3 dias terrestres) para girar ao redor de seu eixo e para orbitar em volta da Terra; assim, a mesma face (o lado visível) está sempre voltada para a Terra. A quantidade da superfície que podemos ver — a fase da Lua — depende de que fração do lado visível está recebendo a luz do Sol.

Allan Kardec em suas palavras já demonstrou a necessidade da observação direta da Lua para confirmação de seus dados. Em 1959, a sonda soviética Luna 3 esteve na órbita da Lua, enviando mensagens do lado oculto, encerrando as especulações de que o campo gravitacional lunar seria mais intenso naquela face, tornando possível a existência de atmosfera e vida. Há uma dissimetria entre o lado oculto e o lado visível, uma vez que a crosta na face oculta atinge 100 quilômetros de espessura, enquanto na face visível só atinge um máximo de sessenta quilômetros.

50 **N.E.:** Em 1877, foram descobertos dois satélites de Marte: Fobos e Deimos.

51 N.E.: Nuvem luminosa de gás e poeira, de aparência tênue e brumosa, que envolve o núcleo de um astro; coma.

52 N.E.: Posição orbital apresentada por um satélite terrestre (a Lua ou satélite artificial) quando, em sua revolução, se encontra mais afastado da Terra.

53 N.E.: Ponto da órbita de um astro ou satélite em torno da Terra, no qual ele se encontra mais próximo de nosso planeta.

54 N.T.: Cerca de 200 a 400 bilhões de estrelas.

55 **Nota de Allan Kardec:** Mais de três trilhões e 400 bilhões de léguas.

56 **Nota de Allan Kardec:** É o que se chama, em Astronomia, de “estrelas duplas”. São dois sóis, um dos quais gira em torno do outro, como um planeta em torno de seu sol. De que singular e magnífico espetáculo não gozarão os habitantes dos mundos que formam esses sistemas iluminados por duplo sol! Mas, também, quão diferentes não devem ser neles as condições da vitalidade! Numa comunicação dada posteriormente, acrescentou o Espírito Galileu: “Há mesmo sistemas ainda mais complicados, em que diferentes sóis desempenham, uns com relação a outros, o papel de satélites. Produzem-se então maravilhosos efeitos de luz, para os habitantes dos globos que tais sóis iluminam, tanto mais quanto, sem prejuízo da aparente proximidade em que se encontram uns dos outros, mundos habitados podem circular entre eles e receber alternativamente ondas de luz diversamente coloridas, e a fusão delas recompõe a luz branca.”

57 N.E.: Atualmente, a Ciência atribui à Via Láctea uma assombrosa quantidade de estrelas, que varia de 200 a 400 bilhões de sóis.

58 N.E.: Cada légua corresponde a seis quilômetros, sendo assim em números atuais teríamos seiscentos mil trilhões de quilômetros.

59 **Nota de Allan Kardec:** Dá-se em Astronomia o nome de nebulosas *irresolúveis* àquelas em que ainda não se puderam distinguir as estrelas que as compõem. Foram, a princípio, consideradas acervos de matéria cósmica em vias de condensação para formar mundos; hoje, porém, geralmente se entende que essa aparência é devida ao afastamento e que, com instrumentos bastante poderosos, todas seriam resolúveis.

Uma comparação familiar pode dar ideia, embora muito imperfeita, das nebulosas resolúveis: são os grupos de centelhas projetadas pelas bombas dos fogos de artifício no momento de sua explosão. Cada uma dessas centelhas nos representará uma estrela, e o conjunto delas a nebulosa, ou grupo de estrelas reunidas num ponto do espaço e submetidas a uma lei comum de atração e de movimento. Vistas de certa distância, mal se distinguem essas centelhas, tendo o grupo por elas formado a aparência de uma nuvenzinha de fumaça. Esta comparação não seria exata se se tratasse de massas de matéria cósmica condensada.

A nossa Via Láctea é uma dessas nebulosas. Tem perto de 30 milhões de estrelas ou sóis [*vide* nota de rodapé 55], que ocupam nada menos de algumas centenas de trilhões de léguas de extensão e, entretanto, não é a maior. Suponhamos somente uma média de 20 planetas habitados circulando em torno de cada sol: teremos 600 milhões de mundos só para o nosso grupo. Se nos pudéssemos transportar da nossa nebulosa para outra, aí estaríamos como em meio a nossa Via Láctea, porém com um céu estrelado de aspecto completamente diverso, e este, apesar das suas dimensões colossais, nos pareceria, de longe, um pequenino floco lenticular perdido no infinito. Mas, antes de atingirmos a nova nebulosa, seríamos qual viajante que deixa uma cidade e percorre vasta região desabitada, antes que chegue a outra cidade. Teríamos transposto espaços incomensuráveis desprovidos de estrelas e de mundos, o que Galileu

denominou os desertos do espaço. À medida que avançássemos, veríamos a nossa nebulosa afastar-se atrás de nós, diminuindo de extensão às nossas vistas, ao mesmo tempo que, diante de nós, se apresentaria aquela para a qual nos dirigíssemos, cada vez mais distinta, semelhante à massa de centelhas da bomba de fogos de artifício. Transportando-nos pelo pensamento às regiões do espaço além do arquipélago da nossa nebulosa, veremos em torno de nós milhões de arquipélagos semelhantes e de formas diversas contendo cada um milhões de sóis e centenas de milhões de mundos habitados.

Tudo o que nos possa identificar com a imensidade da extensão e com a estrutura do Universo é de utilidade para a ampliação das ideias, tão restringidas pelas crenças vulgares. Deus se engrandece aos nossos olhos à medida que melhor compreendemos a grandeza de suas obras e nossa extrema pequenez. Estamos longe, como se vê, da crença que a Gênese mosaica implantou e que fez da nossa pequenina, imperceptível Terra, a criação principal de Deus, e dos seus habitantes os únicos objetos da sua solicitude. Compreendemos a vaidade dos homens que creem que tudo no Universo foi feito para eles e dos que ousam discutir a existência do Ser supremo. Dentro de alguns séculos, causará espanto que uma religião feita para glorificar a Deus o tenha rebaixado a tão mesquinhas proporções e que haja repelido, como concepção do espírito do mal, as descobertas que somente vieram aumentar a nossa admiração pela sua onipotência, iniciando-nos nos grandiosos mistérios da Criação. O espanto será ainda maior quando souberem que essas descobertas foram repelidas porque emancipariam o espírito dos homens e tirariam a preponderância dos que se diziam representantes de Deus na Terra.

60 **Nota de Allan Kardec:** Há aqui um efeito do tempo que a luz gasta para atravessar o espaço. Sendo de 70.000 léguas por segundo a sua velocidade, ela nos chega do Sol em 8 minutos e 13 segundos. Daí resulta que, se um fenômeno se passa na superfície do Sol, só o perceberemos 8 minutos mais tarde e, pela mesma razão, ainda o veremos 8 minutos depois da sua extinção. Se, em virtude do seu afastamento, a luz de uma estrela gasta mil anos para chegar até nós, só mil anos depois da sua formação veremos essa estrela. (Veja-se, para a explicação completa, a *Revista espírita* de março e maio de 1867, resenha de *Lúmen*, por C. Flammarion.)

CAPÍTULO VII

Esboço geológico da Terra

• Períodos geológicos • Estado primitivo do globo • Período primário • Período de transição • Período secundário • Período terciário • Período diluviano • Período pós-diluviano ou atual. Nascimento do homem

Períodos geológicos

1. A Terra contém em si os traços evidentes da sua formação, cujas fases podem ser acompanhadas com precisão matemática nos diferentes terrenos que constituem o seu arcabouço. O conjunto desses estudos constitui a chamada *Geologia*, nascida no século XIX e que projetou luz sobre a controvertida questão da origem do globo terreno e da dos seres vivos que o habitam. Aqui, não se trata de simples hipótese, mas do resultado rigoroso da observação dos fatos e, diante dos fatos, nenhuma dúvida se justifica. A história da formação do globo está escrita nas camadas geológicas de maneira bem mais exata do que nos livros preconcebidos, porque é a própria natureza que se revela, que se desnuda, e não a imaginação dos homens a criar sistemas. Onde se notem traços de fogo, pode-se dizer com certeza que houve fogo ali; onde se vejam os da água, pode-se afirmar com igual certeza que a água ali esteve; onde se observem traços de animais, pode-se dizer que aí viveram animais.

A Geologia é, pois, uma ciência de observação; só tira deduções do que vê; sobre os pontos duvidosos, nada afirma; não emite opiniões discutíveis, cuja solução definitiva ainda aguarde observações mais completas. *Sem as descobertas da Geologia, como sem as da Astronomia, a Gênese do mundo ainda estaria nas trevas da lenda*. Graças a ela, o homem conhece hoje a história da sua habitação, tendo desmoronado, para não mais tornar a erguer-se, a estrutura de fábulas que lhe rodeavam o berço.

2. Em todos os terrenos em que existam valas, escavações naturais ou praticadas pelos homens, nota-se aquilo que se chama *estratificações*, isto é, camadas superpostas. Os terrenos que apresentam essa disposição são designados pelo nome de *terrenos estratificados*. Essas camadas, de espessura muito variável, desde alguns centímetros até 100 metros e mais, se distinguem entre si pela cor e pela natureza das substâncias de que se compõem. Os trabalhos de engenharia, a perfuração de poços, a exploração de pedreiras e, sobretudo, de minas, permitiram que elas fossem observadas até grande profundidade.

3. Em geral as camadas são homogêneas, isto é, cada uma constituída da mesma substância, ou de substâncias diversas, mas que existiram juntas e formaram um todo compacto. A linha de separação que as isola umas das outras é sempre nitidamente sulcada, como nas fiadas de uma construção. Em parte alguma se apresentam misturadas e confundidas umas nas outras, nos pontos de seus respectivos limites, como se dá, por exemplo, com as cores do prisma e do arco-íris.

Por essas características, reconhece-se que elas se formaram sucessivamente, depositando-se uma sobre a outra, em condições e por causas diferentes. As mais profundas são, naturalmente, as que se formaram em primeiro lugar, tendo-se formado posteriormente as mais superficiais. A última de todas, a que se acha na superfície, é a camada de terra vegetal, que deve suas propriedades aos detritos de matérias orgânicas provenientes das plantas e dos animais.

4. As camadas inferiores, colocadas abaixo da camada vegetal, receberam em Geologia o nome de *rochas*, palavra que, nessa acepção, nem sempre implica a ideia de uma substância pedregosa, significando antes um leito ou banco feito de uma substância mineral qualquer. Umas são formadas de areia, de argila ou de terra argilosa, de marga, de seixos rolados; outras o são de pedras propriamente ditas, mais ou menos duras, tais como os arenitos, os mármores, os calcários ou pedras calcárias, as pedras molares, ou carvões de pedra, os asfaltos etc. Diz-se que uma rocha é mais ou menos possante, conforme é mais ou menos considerável a sua espessura.

Pela inspeção da natureza dessas rochas ou camadas, reconhece-se, por sinais certos, que umas provêm de matérias fundidas e, às vezes, vitrificadas sob a ação do fogo; outras, de substâncias terrosas depostas pela água; algumas de tais

substâncias se conservam desagregadas como as areias; outras, a princípio em estado pastoso, sob a ação de certos agentes químicos ou por outras causas, endureceram e adquiriram, com o tempo, a consistência da pedra. Os bancos de pedra superpostos denunciam depósitos sucessivos. O fogo e a água participaram, pois, da formação dos materiais que compõem o arcabouço sólido do globo terráqueo.

5. A posição normal das camadas terrosas ou pedregosas, provenientes de depósitos aquosos, é a horizontal. Quando vemos essas planícies imensas, que por vezes se estendem a perder de vista, de perfeita horizontalidade, lisas como se as tivessem nivelado com um rolo compressor, ou esses vales profundos, tão planos como a superfície de um lago, podemos estar certos de que, em época mais ou menos afastada, tais lugares estiveram por longo tempo cobertos de águas tranquilas que, ao se retirarem, deixaram em seco as terras que elas depositaram enquanto ali permaneceram. Retiradas as águas, essas terras se cobriram de vegetação. Se, em vez de terras gordurosas,[61] limosas ou margosas,[62] capazes de assimilar os princípios nutritivos, as águas apenas tivessem depositado areias silicosas, sem agregação, teríamos as planícies arenosas e áridas que constituem as charnecas e os desertos, dos quais nos podem dar pequena ideia os depósitos que ficam das inundações parciais e os que formam as aluviões na embocadura dos rios.

6. Embora a horizontal seja a posição mais generalizada e que normalmente assumem as formações aquosas, não é incomum se verem, nas regiões montanhosas e em extensões bem grandes, rochas duras, cuja natureza indica que foram formadas em posição inclinada e, algumas vezes, até vertical. Ora, como, segundo as leis de equilíbrio dos líquidos e da gravidade, os depósitos aquosos não podem formar-se senão em planos horizontais, pois os que se formam sobre planos inclinados são arrastados pelas correntes e pelo próprio peso para as baixadas, torna-se evidente que tais depósitos foram levantados por uma força qualquer, depois de se terem solidificado ou transformado em pedras.

Destas considerações se pode concluir, com certeza, que todas as camadas pedrosas que, provindo de depósitos aquosos, se encontram em posição perfeitamente horizontal, foram formadas, durante séculos, por águas tranquilas e que, todas as vezes que se achem em posição inclinada, o solo foi convulsionado e deslocado posteriormente, por subversões gerais ou parciais, mais ou menos consideráveis.

7. Um fato característico e da mais alta importância, pelo testemunho irrecusável que oferece, consiste na existência de despojos *fósseis* de animais e vegetais, encontrados em quantidades enormes dentro das diferentes camadas. E como esses despojos se encontram até nas mais duras pedras, deve-se concluir que a existência de tais seres é anterior à formação das aludidas pedras. Ora, se levarmos em conta o prodigioso número de séculos que foram necessários para operar esse endurecimento e para que elas alcançassem o estado em que se encontram desde tempos imemoriais, chega-se forçosamente à conclusão de que o aparecimento dos seres orgânicos na Terra se perde na noite dos tempos e que, portanto, é muito anterior à data que o *Gênesis* lhes assinala.[63,64]

8. Entre os despojos de vegetais e animais, existem alguns que são penetrados em todos os pontos de sua substância, sem que isso lhes tenha alterado a forma, de matérias silicosas ou calcárias que os transformaram em pedras, algumas das quais têm a dureza do mármore. São as petrificações propriamente ditas. Outros foram simplesmente envolvidos pela matéria no estado de flacidez; são encontrados intactos e, alguns, inteiros, nas mais duras pedras. Outros, finalmente, apenas deixaram marcas, mas de uma nitidez e delicadeza impressionantes. No interior de certas pedras encontraram-se até marcas de passos e, pela forma das patas, dos dedos e das unhas, chegou-se a reconhecer a espécie animal de que provinham.

9. Os fósseis de animais não contêm, e isso é fácil de se conceber, senão as partes sólidas e resistentes, isto é, as ossaturas, as escamas, os chifres e, algumas vezes, esqueletos completos. Na maior parte das vezes, no entanto, são apenas partes isoladas, que a procedência facilmente se reconhece. Examinando-se uma mandíbula, um dente, logo se vê se pertence a um animal herbívoro ou carnívoro. Como todas as partes do animal guardam necessária correlação, a forma da cabeça, de uma omoplata, de um osso da perna, de uma pata, basta para determinar o porte, a forma geral, o gênero de vida do animal.[65] Os animais terrestres têm uma organização que não permite confundi-los com os animais aquáticos. Os peixes e os moluscos fósseis são extremamente numerosos; só estes últimos formam, às vezes, bancos inteiros de grande espessura. Pela natureza deles, verifica-se sem dificuldade se são animais marinhos ou de água doce.

10. Os seixos rolados que, em certos lugares, formam rochas formidáveis, constituem inequívoco indício da origem deles. São arredondados como os calhaus de beira-mar, sinal certo do atrito que sofreram, por efeito das águas. As regiões onde eles se encontram enterrados, em massas consideráveis, foram incontestavelmente ocupadas pelo oceano ou, durante muito tempo, por águas violentamente agitadas.

11. Além disso, os terrenos das diversas formações se caracterizam pela natureza mesma dos fósseis que encerram. As mais antigas contêm espécies animais ou vegetais que desapareceram completamente da superfície do globo. Certas espécies mais recentes também desapareceram, mas conservaram outras análogas, que apenas diferem daquelas pelo porte e por alguns matizes de forma. Outras, finalmente, que seus últimos representantes ainda vemos, tendem evidentemente a desaparecer em futuro mais ou menos próximo, tais como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos etc. Assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam da nossa época, as espécies animais e vegetais também se aproximam das que existem hoje.

As perturbações, os cataclismos que se produziram na Terra desde a sua origem lhe mudaram as condições de aptidão para a manutenção da vida e fizeram que desaparecessem gerações inteiras de seres vivos.

12. Interrogando-se a natureza das camadas geológicas, chega-se a saber, de modo mais positivo, se, na época de sua formação, a região onde elas se apresentam era ocupada pelo mar, pelos lagos ou por florestas e planícies povoadas de animais terrestres. Conseguintemente, se numa mesma região se encontra uma série de camadas superpostas, contendo alternativamente fósseis marinhos, terrestres e de água doce, muitas vezes repetidas, esse fato constitui prova irrecusável de que essa região foi muitas vezes invadida pelo mar, coberta de lagos e tornada seca mais tarde.

E quantos séculos de séculos, certamente, de milhares de séculos, talvez, não foram precisos para que cada período se completasse! Que força poderosa não foi necessária para deslocar e trazer de volta o oceano, levantar montanhas! Por quantas revoluções físicas, comoções violentas não teve a Terra de passar, antes de ser qual a vemos desde os tempos históricos! E querer-se que tudo isso fosse obra executada em menos tempo do que leva uma planta para germinar!

13. O estudo das camadas geológicas atesta, como já se disse, formações sucessivas, que mudaram o aspecto do globo e dividem a sua história em muitas

épocas, constituindo os chamados *períodos geológicos*, cujo conhecimento é essencial para o estabelecimento da Gênese. Os principais deles são em número de seis, designados pelos nomes de períodos primário, de transição, secundário, terciário, diluviano, pós-diluviano ou atual. Os terrenos formados durante cada período também se chamam: terrenos primitivos, de transição, secundários etc. Diz-se, pois, que tal ou qual camada e rocha, tal ou qual fóssil se encontram nos terrenos de tal ou qual período.

14. É essencial notar que o número desses períodos não é absoluto, pois depende dos sistemas de classificação. Nos seis principais mencionados só se compreendem os que estão assinalados por uma mudança notável e geral no estado do globo; mas a observação prova que muitas formações sucessivas se operaram enquanto durou cada um deles. É por isso que são divididos em seis períodos caracterizados pela natureza dos terrenos e que elevam a vinte e seis o número das formações gerais bem assinaladas, sem contar os que provêm de modificações devidas a causas puramente locais.

Estado primitivo do globo[66]

15. O achatamento dos polos e outros fatos concludentes são indícios certos de que o estado da Terra, na sua origem, deve ter sido o de fluidez ou flacidez. Tal estado podia ter por causa a matéria liquefeita pela ação do fogo ou diluída pela da água.

Costuma-se dizer, proverbialmente: não há fumaça sem fogo. A rigor, esta sentença constitui uma aplicação do princípio: não há efeito sem causa. Pela mesma razão, pode-se dizer: não há fogo sem um foco. Ora, pelos fatos que se passam sob os nossos olhos, não é apenas fumaça o que se produz na Terra, mas fogo bastante real, que há de ter um foco. Vindo esse fogo do interior da Terra e não do alto, o foco há de estar no seu interior e, como o fogo é permanente, o foco também há de sê-lo.

O calor, que aumenta à medida que se penetra no interior da Terra e que, a certa profundidade, alcança temperatura altíssima; as fontes termais, tanto mais quentes quanto mais profundas estão as suas nascentes; os fogos e as massas de matéria fundida esbraseada que escapam dos vulcões, como que vastos respiradouros, ou pelas fendas abertas por alguns tremores de terra, não deixam dúvida sobre a existência de um fogo interior.

16. A experiência demonstra que a temperatura se eleva de um grau a cada 30 metros de profundidade, donde se conclui que, a uma profundidade de 300 metros, o aumento é de 10 graus; a 3.000 metros, de 100 graus, temperatura da água fervente; a 30.000 metros, ou seja, 7 ou 8 léguas, de 1.000 graus; a 25 léguas, de mais de 3.300 graus, temperatura à qual nenhuma matéria conhecida resiste à fusão. Daí ao centro, ainda há um espaço de mais de 1.400 léguas, ou 2.800 léguas em diâmetro, que seria ocupado por matérias fundidas.

Embora não haja aí mais que uma suposição, julgando da causa pelo efeito, tem ela todos os caracteres da probabilidade e leva à conclusão de que a Terra ainda é uma massa incandescente recoberta por uma crosta sólida da espessura de 25 léguas no máximo, o que é apenas a 120ª parte de seu diâmetro. Proporcionalmente, seria muito menos do que a espessura da mais delgada casca de laranja.

Aliás, a espessura da crosta terrestre é muito variável, porque há regiões, sobretudo nos terrenos vulcânicos, em que o calor e a flexibilidade do solo indicam que ela é pouco considerável. A alta temperatura das águas termais é também um indício de proximidade do fogo central.[67]

17. Assim sendo, torna-se evidente que o primitivo estado de fluidez ou de flacidez da Terra há de ter tido como causa a ação do calor e não da água. Em sua origem, pois, a Terra era uma massa incandescente. Em virtude da irradiação do calórico,[68] deu-se o que se dá com toda matéria em fusão: ela foi esfriando pouco a pouco, principiando o resfriamento, como era natural, pela superfície, que então endureceu, enquanto o interior se conservou fluido. Pode-se assim comparar a Terra a um bloco de carvão ao sair incandescente da fornalha, sua superfície se apaga e resfria, ao contato do ar, mantendo-se o seu interior em estado de ignição, conforme se verificará, quebrando-o.

18. Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha nenhum átomo a mais, nem a menos, do que hoje;[69] apenas, sob a influência dessa alta temperatura, a maior parte das substâncias que a compõem e que vemos sob a forma de líquidos ou de sólidos, de terras, de pedras, de metais e de cristais se achavam em estado muito diferente; sofreram unicamente uma transformação. Em consequência do resfriamento, os elementos formaram novas combinações. O ar, consideravelmente dilatado, devia estender-se a uma distância imensa; toda a água, forçosamente transformada em vapor, se encontrava misturada com o ar; todas as matérias suscetíveis de se volatilizarem,

tais como os metais, o enxofre, o carbono, se achavam em estado de gás. O estado da atmosfera nada tinha, portanto, de comparável ao que é hoje; a densidade de todos esses vapores lhe dava uma opacidade que nenhum raio de sol podia atravessar. Se nessa época um ser vivo pudesse existir na superfície do globo, apenas seria iluminado pelos reflexos sinistros da fornalha que lhe estava sob os pés e da atmosfera esbraseada, nem mesmo suspeitando da existência do Sol.

Período primário[70]

19. O primeiro efeito do resfriamento foi a solidificação da superfície exterior da massa em fusão e da formação aí de uma crosta resistente que, delgada inicialmente, foi se espessando pouco a pouco. Essa crosta constitui a pedra chamada *granito*, de extrema dureza, assim nomeada pelo seu aspecto granuloso. Nela se distinguem três substâncias principais: o feldspato, o quartzo ou cristal de rocha e a mica. Esta última tem brilho metálico, embora não seja um metal.

A camada granítica foi, pois, a primeira que se formou no globo, é a que o envolve por completo, constituindo de certo modo o seu arcabouço ósseo. É o produto direto da consolidação da matéria fundida. Sobre ela e nas cavidades que apresentava a sua superfície agitada foi que se depositaram sucessivamente as camadas dos outros terrenos, posteriormente formados. O que a distingue destes últimos é a total ausência de estratificação, ou seja, ela forma uma massa compacta e uniforme em toda a sua espessura, e não disposta em camadas. A efervescência da matéria incandescente havia de produzir nela numerosas e profundas fendas, pelas **quais essa matéria extravasava.**

20. O segundo efeito do resfriamento foi a liquefação de algumas matérias contidas no ar em estado de vapor, as quais se precipitaram na superfície do solo. Houve então chuvas e lagos de enxofre e de betume, verdadeiros riachos de ferro, cobre, chumbo e outros metais fundidos. Infiltrando-se pelas fissuras, essas matérias constituíram os veios e filões metálicos.

Sob o influxo desses diversos agentes, a superfície granítica experimentou sucessivas decomposições. Produziram-se misturas, que formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, distintos da rocha granítica, mas em massas confusas e sem estratificação regular.

Vieram, a seguir, as águas que, caindo sobre um solo ardente, se vaporizavam de novo, recaíam em chuvas torrenciais e assim sucessivamente, até que a temperatura lhes facultou permanecerem no solo em estado líquido.

É a formação dos terrenos graníticos que dá começo à série dos períodos geológicos, aos quais conviria que se acrescentasse o do estado primitivo, de incandescência do globo.

21. Tal o aspecto do primeiro período, verdadeiro *caos* de todos os elementos confundidos, à procura de estabilização, período em que nenhum ser vivo podia existir. Por isso mesmo, um de seus caracteres distintivos, em Geologia, é a ausência de qualquer vestígio de vida vegetal e animal.

É impossível assinalar uma duração determinada a esse primeiro período, assim como aos seguintes. Mas, considerando o tempo necessário para que uma bala[71] de determinado volume, aquecida até o branco, se resfrie na superfície, a ponto de permitir que uma gota de água possa permanecer sobre ela em estado líquido, calculou-se que, se essa bala tivesse o tamanho da Terra, seriam precisos mais de um milhão de anos.

Período de transição[72]

22. No começo do período de transição a crosta sólida granítica tinha pequena espessura e, portanto, oferecia resistência muito fraca à efervescência das matérias incandescentes que ela cobria e comprimia. Produziram-se, pois, intumescências, despedaçamentos numerosos, por onde se escapava a lava interior. O solo apresentava desigualdades pouco consideráveis.

As águas, pouco profundas, cobriam quase toda a superfície do globo, à exceção das partes soerguidas, formando terrenos baixos frequentemente alagados.

O ar se purgava pouco a pouco das matérias mais pesadas, temporariamente em estado gasoso, as quais, condensando-se por efeito do resfriamento, se haviam precipitado na superfície do solo, sendo depois arrastadas e dissolvidas pelas águas. Quando se fala de resfriamento naquela época, deve-se entender essa palavra em sentido relativo, isto é, em relação ao estado primitivo, porque a temperatura ainda havia de ser ardente.

Os espessos vapores aquosos que se elevavam de todas as partes da imensa superfície líquida recaíam em chuvas abundantes e quentes, que obscureciam o ar. Entretanto, os raios do sol começavam a aparecer através dessa atmosfera

brumosa. Uma das últimas substâncias de que o ar teve de expurgar-se, por ser gasoso o seu estado natural, foi o ácido carbônico, então uma de suas partes constituintes.

23. Por essa época, começaram a formar-se as camadas de terrenos de sedimento, depostas pelas águas carregadas de limo e de matérias diversas, apropriadas à vida orgânica. Foi então que surgiram aí os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal. Deles se encontram vestígios, a princípio em número reduzido, porém, depois, cada vez mais frequentes, à medida que se vai passando às camadas mais elevadas dessa formação. É notável que em toda parte a vida se manifesta tão logo lhe sejam propícias as condições, nascendo cada espécie desde que produzam as condições próprias à sua existência.

24. Os primeiros seres orgânicos que apareceram na Terra foram os vegetais de organização menos complexa, designados em botânica sob os nomes de criptógamos, acotiledôneos, monocotiledôneos, isto é, liquens, cogumelos, musgos, fetos e plantas herbáceas.[73] Ainda não se veem árvores de tronco lenhoso, mas, apenas, as do gênero palmeira, cuja haste esponjosa é análoga à das ervas.

Os animais desse período, que sucederam aos primeiros vegetais, eram exclusivamente marinhos: primeiramente, polipeiros, radiários,[74] zoófitos, animais cuja organização simples e, por assim dizer, rudimentar, se aproxima bastante da dos vegetais. Mais tarde surgem os crustáceos e peixes, cujas espécies hoje já não existem.

25. Sob a ação do calor e da umidade e em virtude do excesso de ácido carbônico espalhado no ar, gás impróprio à respiração dos animais terrestres, mas necessário às plantas, os terrenos expostos se cobriram rapidamente de uma vegetação exuberante, ao mesmo tempo que as plantas aquáticas se multiplicavam no seio dos pântanos. Plantas que, nos dias atuais, são simples ervas de alguns centímetros, atingiam altura e espessura prodigiosas. Havia, assim, florestas de fetos arborescentes de 8 a 10 metros de altura e de proporcional grossura. Licopódios (espécie de musgos), do mesmo porte; cavalinhas[75] de 4 a 5 metros, que a altura não passa hoje de 1 metro, e uma infinidade de espécies que não existem mais. Pelos fins do período, começaram a aparecer algumas árvores do gênero das coníferas ou pinheiros.

26. Em virtude do deslocamento das águas, os terrenos que produziam essas massas de vegetais foram submersos várias vezes, cobertos de novos sedimentos,

enquanto os que se tornaram secos adornavam-se, por sua vez, de vegetação semelhante. Houve, assim, várias gerações de vegetais, alternativamente aniquiladas e renovadas. Outro tanto não se deu com os animais que, sendo todos aquáticos, não estavam sujeitos a essas alternativas.

Esses despojos, acumulados durante longa série de séculos, formaram camadas de grande espessura. Sob a ação do calor, da umidade, da pressão exercida pelos posteriores depósitos terrosos e, sem dúvida, de diversos agentes químicos, dos gases, dos ácidos e dos sais produzidos pela combinação dos elementos primitivos, aquelas matérias vegetais sofreram uma fermentação que as converteu em *hulha* ou *carvão de pedra*. As minas de hulha são, pois, produto direto da decomposição dos acervos de vegetais acumulados durante o período de transição. É por isso que são encontrados em quase todas as regiões.[76]

27. Os restos fósseis da pujante vegetação dessa época, achando-se hoje sob os gelos das terras polares, tanto quanto na zona tórrida, deve-se concluir que, uma vez que a vegetação era uniforme, também a temperatura o havia de ser. Os polos, portanto, não se achavam cobertos de gelo, como agora. É que, então, a Terra tirava de si mesma o calor, do fogo central que aquecia de igual modo toda a camada sólida, ainda pouco espessa. Esse calor era muito superior ao que podia provir dos raios solares, enfraquecidos, além disso, pela densidade da atmosfera. Só mais tarde, quando a ação do calor central se tornou muito fraca ou nula sobre a superfície exterior do globo, a do Sol passou a preponderar e as regiões polares, que apenas recebiam raios oblíquos, portadores de pequena quantidade de calor, se cobriram de gelo. Compreende-se que na época de que falamos e ainda muito tempo depois, o gelo era desconhecido na Terra. Deve ter sido muito longo esse período, a julgar pelo número e pela espessura das camadas de hulha.[77]

Período secundário[78]

28. Com o período de transição desaparecem a vegetação colossal e os animais que caracterizam a época, seja porque as condições atmosféricas já não fossem as mesmas, seja porque uma série de cataclismos haja aniquilado tudo que tinha vida na Terra. É provável que as duas causas tenham contribuído para essa mudança, porquanto, de um lado, o estudo dos terrenos que assinalam o fim desse período comprova a ocorrência de grandes subversões causadas pelos

levantamentos e erupções que derramaram sobre o solo grandes quantidades de lavas e, por outro lado, porque grandes mudanças se operaram nos três reinos.

29. O período secundário se caracteriza, sob o aspecto mineral, por numerosas e fortes camadas que atestam uma formação lenta no seio das águas e que marcam diferentes épocas bem caracterizadas. A vegetação cresce com menos rapidez e é menos colossal que no período precedente, sem dúvida em virtude da diminuição do calor e da umidade e de modificações sobrevindas aos elementos constitutivos da atmosfera. Às plantas herbáceas e polpudas, juntam-se as de caule lenhoso e as primeiras árvores propriamente ditas.

30. Os animais ainda são aquáticos, ou, quando muito, anfíbios. A vida animal sobre a terra seca progride pouco. Desenvolve-se no seio dos mares uma prodigiosa quantidade de animais de conchas, devido à formação das matérias calcárias. Surgem novos peixes, de organização mais aperfeiçoada do que no período anterior. Aparecem os primeiros cetáceos. Os animais que mais caracterizam essa época são os répteis monstruosos, entre os quais se notam:

O Ictiossauro, espécie de peixe-lagarto, que chegava a ter quase 10 metros de comprimento, com mandíbulas prodigiosamente alongadas, armadas de 180 dentes. Sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem couraça escamosa. Seus olhos tinham o volume da cabeça de um homem; possuía barbatanas como a baleia e, semelhante a esta, expelia água por orifícios próprios para isso.

O Plesiossauro, outro réptil marinho, tão grande quanto o ictiossauro, tinha pescoço excessivamente longo, que se dobrava como o do cisne e lhe dava a aparência de enorme serpente ligada a um corpo de tartaruga. Tinha a cabeça do lagarto e os dentes do crocodilo. Sua pele devia ser lisa como a do Ictiossauro, porque não se lhe descobriu nenhum vestígio de escamas ou de carapaça.[79]

O Teleossauro é o que mais se aproxima dos crocodilos atuais, parecendo estes um ser em miniatura. Como estes últimos, tinha uma couraça escamosa e vivia, ao mesmo tempo, na água e em terra. Seu talhe era de cerca de 10 metros, dos quais 3 ou 4 só para a cabeça. Sua enorme boca tinha 2 metros de abertura.

O Megalossauro, grande lagarto, espécie de crocodilo de 14 a 15 metros de comprimento, essencialmente carnívoro, alimentava-se de répteis, de pequenos crocodilos e de tartarugas. Sua formidável mandíbula era armada de dentes em forma de lâmina de podadeira, de gume duplo, recurvados para trás, de tal forma que, uma vez enterrados na presa, tornava-se impossível que ela escapasse.

O Iguanodonte, o maior dos lagartos que já apareceram na Terra, tinha de 20 a 25 metros da cabeça à extremidade da cauda. Possuía sobre o focinho um chifre ósseo, semelhante ao do iguano da atualidade, do qual parece que só diferia pelo tamanho, já que este último tem apenas um metro de comprimento. A forma dos dentes prova que ele era herbívoro, e a dos pés que era um animal terrestre.[80]

O Pterodátilo, animal estranho, do tamanho de um cisne, participando, ao mesmo tempo, do réptil pelo corpo, do pássaro pela cabeça e do morcego pela membrana carnuda que lhe religava os dedos prodigiosamente longos. Essa membrana lhe servia de paraquedas quando se precipitava sobre a presa do alto de uma árvore ou de um rochedo. Não possuía bico córneo, como os pássaros, contudo os ossos das mandíbulas, do comprimento da metade do corpo e guarnecidos de dentes, terminavam em ponta como um bico.

31. Durante esse período, que deve ter sido muito longo, como o atestam o número e a exuberância das camadas geológicas, a vida animal tomou enorme desenvolvimento no seio das águas, qual se dera com a vegetação no período anterior. Mais depurado e mais favorável à respiração, o ar começou a permitir que alguns animais vivessem em terra. O mar se deslocou muitas vezes, mas sem abalos violentos. Com esse período desaparecem, por sua vez, aquelas raças de gigantescos animais aquáticos, substituídos mais tarde por espécies análogas, de formas mais proporcionadas e de menor porte.

32. O orgulho levou o homem a dizer que todos os animais foram criados por sua causa e para a satisfação de suas necessidades. Mas qual o número dos que lhe servem diretamente, dos quais lhe foi possível submeter, comparado ao número incalculável daqueles com os quais nunca ele teve, nem nunca terá, quaisquer relações? Como sustentar semelhante tese, em face das inumeráveis espécies que povoaram a Terra por milhares e milhares de séculos, e que afinal desapareceram, antes mesmo que ele surgisse? Poder-se-á afirmar que elas foram criadas em seu proveito? Entretanto, tais espécies tinham todas a sua razão de ser, a sua utilidade. Deus, por certo, não as criou por simples capricho da sua vontade, para dar a si mesmo, em seguida, o prazer de as aniquilar, pois que todas tinham vida, instintos, sensação de dor e de bem-estar. Com que fim ele o fez? Esse fim há de ter sido soberanamente sábio, embora ainda não o compreendamos. Certamente, um dia será permitido ao homem conhecê-lo, para confundir o seu orgulho; mas, enquanto isso não acontecer, como se ampliam

suas ideias ante os novos horizontes em que lhe é permitido, agora, mergulhar a vista, em presença do imponente espetáculo dessa Criação, tão majestosa no seu lento caminhar, tão precisa e tão invariável nos seus resultados!

Período terciário[81]

33. Com o período terciário começa nova ordem de coisas para a Terra. O estado de sua superfície muda completamente de aspecto; modificam-se profundamente as condições de vitalidade, aproximando-se do estado atual. Os primeiros tempos desse período são assinalados por uma interrupção da produção vegetal e animal; tudo revela traços de uma destruição quase geral dos seres vivos, aparecendo depois, sucessivamente, novas espécies, cuja organização, mais perfeita, se adapta à natureza do meio onde são chamados a viver.

34. Durante os períodos anteriores, a crosta sólida do globo, em virtude da sua pequena espessura, apresentava, como já foi dito, bem fraca resistência à ação do fogo interior. Facilmente despedaçado, esse envoltório permitia que as matérias em fusão se derramassem livremente pela superfície do solo. Já não se deu a mesma coisa quando este ganhou certa espessura; as matérias incandescentes, comprimidas de todos os lados, como a água em ebulição num vaso fechado, acabaram por produzir uma espécie de explosão. A massa granítica, violentamente quebrada num sem-número de pontos, ficou crivada de fendas, como um *vaso rachado*. Ao *longo dessas fendas*, a crosta sólida, levantada e deprimida, formou os picos, as cadeias de montanhas e suas ramificações. Certas partes do envoltório não chegaram a ser despedaçadas, foram apenas soerguidas, enquanto noutros pontos se produziram abalamentos e escavações.

A superfície do solo tornou-se então muito desigual. As águas que, até aquele momento, a cobriam de maneira quase uniforme na maior parte da sua extensão, foram impelidas para os lugares mais baixos, deixando em seco vastos continentes, ou cumes isolados de montanhas, formando ilhas.

Tal o grande fenômeno que se operou no período terciário e que transformou o aspecto do globo. Ele não se produziu nem de forma instantânea, nem simultaneamente em todos os pontos, mas sucessivamente e em épocas mais ou menos distanciadas.

35. Uma das primeiras consequências desses levantamentos foi, como já dissemos, a inclinação das camadas de sedimento, primitivamente horizontais e que assim se conservaram onde quer que o solo não tenha sofrido subversões. Foi, portanto, nos flancos e nas proximidades das montanhas que essas inclinações mais se pronunciaram.

36. Nas regiões onde as camadas de sedimento conservaram a horizontalidade, para alcançar as de formação primária, tem-se que atravessar todas as outras, até considerável profundidade, ao fim da qual se encontra inevitavelmente a rocha granítica. Quando, porém, se ergueram em montanhas, aquelas camadas foram levadas acima do seu nível normal, indo às vezes até grande altura, de tal sorte que, se fizermos um corte vertical no flanco da montanha, elas se mostram em toda a sua espessura e superpostas como as fiadas de uma construção.

É assim que, em grandes elevações, se encontram enormes bancos de conchas, primitivamente formados no fundo dos mares. Hoje está perfeitamente comprovado que em nenhuma época o mar foi capaz de alcançar semelhantes alturas, visto que, para isso, não bastariam nem mesmo todas as águas existentes na Terra, ainda mesmo que fossem em quantidade cem vezes maior. Seria preciso, pois, supor que a quantidade de água diminuiu e, então, caberia perguntar o que fora feito da porção que desapareceu. Os levantamentos, fato hoje incontestável, explicam de maneira lógica e rigorosa os depósitos marinhos que se encontram em certas montanhas.[82]

37. Nos locais onde o levantamento da rocha primitiva produziu completa rasgadura do solo, quer pela rapidez do fenômeno, quer pela forma, altura e volume da massa levantada, o granito foi posto a nu, *qual um dente que irrompeu da gengiva*. Levantadas, quebradas e arrumadas, as camadas que o revestiam ficaram a descoberto. É assim que terrenos pertencentes às mais antigas formações e que, na posição primitiva, se achavam a grande profundidade, compõem hoje o solo de certas regiões.

38. Deslocada pelo efeito dos soerguimentos, a massa granítica deixou em alguns lugares fendas por onde se escapa o fogo interior e se escoam as matérias em fusão: são os vulcões. Tais como chaminés de imensa fornalha, ou melhor, *como válvulas de segurança*, os vulcões, ao darem saída ao excesso das matérias ígneas, preservam o globo de comoções muito mais terríveis. Daí se poder dizer

que os vulcões em atividade são uma segurança para o conjunto da superfície do solo. É possível fazer-se ideia da intensidade desse fogo, ponderando-se que no próprio seio dos mares se abrem vulcões e que a massa de água que os recobre e neles penetra não consegue extingui-los.

39. Os levantamentos operados na massa sólida necessariamente deslocaram as águas, sendo estas impelidas para as partes côncavas, que ao mesmo tempo se haviam tornado mais profundas pela elevação dos terrenos emergidos e pela depressão de outros. Mas esses mesmos terrenos tornados baixos, levantados por sua vez ora num ponto, ora em outro, expulsaram as águas, que refluíram para outros lugares e assim por diante, até que pudessem tomar um leito mais estável.

Os sucessivos deslocamentos dessa massa líquida forçosamente trabalharam e abalaram a superfície do solo. Ao se escoarem, as águas arrastaram consigo uma parte dos terrenos de formações anteriores, postos a descoberto pelos levantamentos, desnudaram algumas montanhas que eles cobriam e lhes deixaram à mostra a base granítica ou calcária. Profundos vales foram cavados, enquanto outros foram aterrados.

Há, pois, montanhas formadas diretamente pela ação do fogo central, sobretudo as montanhas graníticas; outras são devidas à ação das águas que, arrastando as terras móveis e as matérias solúveis, cavaram vales em torno de uma base resistente, calcária, ou de outra natureza.

As matérias arrastadas pelas correntes de água formaram as camadas do período terciário, que facilmente se distingue dos precedentes, menos pela composição, que é quase a mesma, do que pela disposição.

As camadas dos períodos primário, de transição e secundário, formadas sobre uma superfície pouco acidentada, são mais ou menos uniformes na Terra toda; as do período terciário, ao contrário, formadas sob base muito desigual e pela ação transportadora das águas, apresentam caráter mais local. Por toda parte, fazendo-se escavações de certa profundidade, encontram-se todas as camadas anteriores, na ordem em que se formaram, à exceção do terreno terciário, onde nem sempre se encontram todas as suas camadas.

40. Durante as convulsões do solo, ocorridas no princípio deste período, concebe-se facilmente que a vida orgânica teve que ficar estacionária por algum tempo, o que se reconhece examinando terrenos isentos de fósseis. Desde, porém, que sobreveio um estado mais calmo, reapareceram os vegetais e os animais. Estando mudadas as condições de vitalidade, mais depurada a

atmosfera, formaram-se novas espécies, com organização mais perfeita. As plantas, sob o ponto de vista da estrutura, diferem pouco das de hoje.

41. Durante os dois períodos precedentes, os terrenos não cobertos por águas eram pouco extensos; eram, ainda assim, pantanosos e com frequência ficavam submersos. É por isso que só havia animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário, no decorrer do qual se formaram vários continentes, caracterizou-se pelo aparecimento dos animais terrestres.[83]

Assim como o período de transição assistiu ao nascimento de uma vegetação colossal, o período secundário ao de répteis monstruosos, também o terciário presenciou a produção de mamíferos gigantescos, tais como o *elefante*, o *rinoceronte*, o *hipopótamo*, o *paleotério*, o *megatério*, o *dinotério*, o *mastodonte*, o *mamute* etc. Estes dois últimos, variedades do elefante, tinham de 5 a 6 metros de altura e suas presas chegavam a 4 metros de comprimento. Esse período também assistiu ao nascimento dos pássaros, bem como à maioria das espécies animais que ainda hoje existem.[84] Algumas espécies dessa época sobreviveram aos cataclismos posteriores; outras, qualificadas genericamente de *animais antediluvianos*, desapareceram completamente, ou foram substituídas por espécies análogas, de formas menos pesadas e menos maciças, seus primeiros tipos foram como que esboços. Tais são o *felis speloea*, animal carnívoro do tamanho de um touro, com as características anatômicas do tigre e do leão; o *cervus megaceron*, variedade do cervo, cujos chifres, compridos de 3 metros, eram espaçados de 3 a 4 nas extremidades.

Período diluviano[85]

42. Este período é marcado por um dos maiores cataclismos que convulsionaram o globo, mudando por mais de uma vez o aspecto de sua superfície e destruindo uma imensidade de espécies vivas, das quais apenas restam despojos. Por toda parte deixou traços que atestam a sua generalidade. As águas, violentamente expulsas de seus leitos, invadiram os continentes, arrastando consigo as terras e os rochedos, desnudando as montanhas, desarraigando florestas seculares. Os novos depósitos que elas formaram são designados, em Geologia, pelo nome de *terrenos diluvianos*.

43. Um dos vestígios mais significativos desse grande desastre são os rochedos chamados *blocos erráticos*. Dá-se essa denominação a rochedos de granito que se encontram isolados nas planícies, repousando sobre terrenos terciários e no meio de terrenos diluvianos, algumas vezes a muitas centenas de léguas das montanhas de que foram arrancados. É claro que eles não podem ter sido transportados a tão grandes distâncias senão pela ação violenta das correntes.[86]

44. Um fato não menos característico e que sua causa ainda não se descobriu, é que só nos terrenos diluvianos se encontram os primeiros *aerólitos*. Visto que somente nessa época eles começaram a cair, conclui-se que a causa que os produz não existia anteriormente.

45. Foi também por essa época que os polos começaram a cobrir-se de gelo e que se formaram as geleiras das montanhas, o que indica notável mudança na temperatura do globo. Tal mudança deve ter sido súbita, porquanto, se se houvesse operado gradualmente, animais como os elefantes, que hoje só vivem nos climas quentes e que são encontrados em tão grande número no estado fóssil nas terras polares, teriam tido tempo de retirar-se pouco a pouco para as regiões mais temperadas. Tudo prova, ao contrário, que eles devem ter sido colhidos de surpresa por um grande frio e sitiados pelos gelos.[87]

46. Esse foi, pois, o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões se dividem sobre as causas que devem tê-lo produzido, porém, sejam elas quais forem, o que é certo é que o fato se deu. A suposição mais generalizada é de que se produziu uma *brusca* mudança na posição do eixo e dos polos da Terra; daí uma projeção geral das águas sobre a superfície. Se essa mudança se tivesse processado lentamente, a retirada das águas teria sido gradual, sem abalos, ao passo que tudo indica uma comoção violenta e súbita. Ignorando a sua verdadeira causa, não nos cabe emitir senão hipóteses.

O deslocamento repentino das águas também pode ter sido ocasionado pelo levantamento de certas partes da crosta sólida e pela formação de novas montanhas dentro dos mares, conforme se verificou no começo do período terciário. Mas isso não explica a mudança súbita da temperatura dos polos, sem falar que o cataclismo, nesse caso, não teria sido geral.

47. Na tormenta provocada pelo deslocamento das águas muitos animais pereceram; outros, para escaparem à inundação, se retiraram para os lugares

altos, para as cavernas e fendas, onde sucumbiram em massa, ou de fome, ou entredevorando-se, ou ainda, quem sabe, pela irrupção da água nos lugares onde se tinham refugiado e de onde não puderam fugir. Assim se explica a grande quantidade de ossadas de animais diversos, carnívoros e outros, que são encontrados de mistura em certas cavernas, que por essa razão foram chamadas *brechas* ou *cavernas de ossos*. São encontradas na maioria das vezes sob as estalagmites. Em algumas delas, as ossadas parecem ter sido arrastadas para ali pela correnteza das águas.[88]

Período pós-diluviano ou atual. Nascimento do homem[89]

48. Uma vez restabelecido o equilíbrio na superfície do globo, a vida vegetal e animal retomou prontamente o seu curso. Consolidado, o solo assumiu uma situação mais estável; o ar, mais depurado, se tornara apropriado a órgãos mais delicados. O Sol, brilhando em todo o seu esplendor através de uma atmosfera límpida, difundia, com a luz, um calor menos sufocante e mais vivificador que o da fornalha interna. A Terra se povoava de animais menos ferozes e mais sociáveis; mais suculentos, os vegetais proporcionavam alimentação menos grosseira; tudo, enfim, se achava preparado no planeta para o novo hóspede que o viria habitar. Apareceu então o *homem*, último ser da Criação, inteligência desse ser concorreria, daí em diante, para o progresso geral, progredindo ele próprio.

49. O homem só terá existido realmente na Terra depois do período diluviano, ou terá surgido antes dessa época? Esta questão é muito controvertida hoje, mas sua solução, seja ela qual for, nada mudará no conjunto dos fatos verificados, nem fará que o aparecimento da espécie humana não seja anterior, de muitos milhares de anos, à data que lhe assinala a Gênese bíblica.

O que levou a pensar que o advento dos homens ocorreu posteriormente ao dilúvio foi o fato de não se ter achado vestígio autêntico da sua existência no período anterior. As ossadas descobertas em diversos lugares e que resultaram na crença da existência de uma raça de gigantes antediluvianos foram reconhecidas como pertencentes a elefantes.

O que está fora de dúvida é que o homem não existia nem no período primário, nem no de transição, nem no secundário, não só porque não se descobriu nenhum vestígio dele, como também porque não havia condições de

vitalidade para ele. Se o seu aparecimento se deu no terciário, só pode ter sido no fim desse período e em pequena quantidade.

Além disso, por ter sido curto, o período diluviano não determinou mudanças notáveis nas condições atmosféricas, tanto que eram os mesmos os animais e os vegetais, antes e depois dele. Não é, pois, impossível que o aparecimento do homem tenha precedido esse grande cataclismo; está hoje comprovada a existência do macaco naquela época e recentes descobertas parecem confirmar a do homem.[90,91]

Seja como for, quer o homem tenha aparecido ou não antes do grande dilúvio universal, o que é certo é que o seu papel humanitário somente começou a esboçar-se no período pós-diluviano. Esse período, portanto, pode ser caracterizado pela presença do homem na Terra.

---

61 N.E.: Terra que é úmida, coesa, forte.

62 N.E.: Solos de calcário e argila, usados em olarias e como corretivo de terras agrícolas.

63 **Nota de Allan Kardec:** *Fóssil*, do latim *fossilia*, *fossĭlis*, derivado de *fossa* e de *fodere*, cavar, escavar a terra, é uma palavra que em Geologia se emprega para designar corpos ou despojos de corpos orgânicos de seres que viveram anteriormente às épocas históricas. Por extensão, diz-se igualmente das substâncias minerais que revelam traços da presença de seres organizados, tais como as marcas deixadas por vegetais ou animais. O termo *petrificação* só se emprega com relação aos corpos que se transformaram em pedra, pela infiltração de matérias silicosas ou calcárias nos tecidos orgânicos. Todas as petrificações são necessariamente fósseis, mas nem todos os fósseis são petrificações. Nos objetos que se revestem de uma camada pedregosa quando mergulhados em certas águas carregadas de substâncias calcárias, como as do regato de Saint-Allyre, perto de Clermont, no Auvergne [França], não são petrificações propriamente ditas, mas simples incrustações. Quanto aos monumentos, inscrições e objetos provenientes de fabricação humana, esses pertencem ao domínio da Arqueologia.

64 N.E.: Sabemos que as primeiras formas de vida (bactérias e algas azul-esverdeadas) sugiram há cerca de 3,5 milhões de anos, e há 570 milhões de anos as plantas e os animais complexos começaram a se desenvolver.

65 **Nota de Allan Kardec:** No ponto a que Georges Cuvier [1769–1832, zoólogo e paleontólogo francês] levou a ciência paleontológica, basta, frequentemente, um só osso para determinar o gênero, a espécie, a forma de um animal, seus hábitos e, mesmo, para o reconstruir todo.

66 N.E.: Na Escala do Tempo Geológico moderna, corresponde ao início da Era Pré-Cambriana.

67 N.E.: Estima-se que a espessura da crosta seja de 6km no leito dos oceanos e 40km na crosta continental.

68 N.T.: Kardec se serve aqui do termo *calórico*. Segundo teoria em voga no século XIX, trata-se de um fluido hipotético que seria o elemento responsável pelos fenômenos térmicos.

69 N.T.: Kardec não leva em conta os aerólitos nem a poeira cósmica que se vêm juntando à Terra com o correr dos tempos. Para mais detalhes quanto a este ponto, *vide*, na *Revista espírita* de setembro de 1868, o artigo intitulado: *Aumento e diminuição do volume da Terra*, sobretudo a dissertação do Espírito Galileu, ali contida. Tal artigo também se acha parcialmente comentado nesta obra, no cap. IX, item 15.

70 N.E.: Refere-se à parte da Era Pré-Cambriana, de acordo com a Escala de Tempo Geológico moderna.

71 N.E.: No original francês foi usado o termo “boulet”, projétil esférico de metal, munição de canhões.

72 N.E.: Refere-se à maior parte da Era Pré-Cambriana e toda a Era Paleozoica atuais.

73 N.E.: Atualmente se sabe que os primeiros seres vivos eram unicelulares, bactérias muito primitivas e desprovidas de núcleos.

74 N.E.: Classe de animais invertebrados, cujos órgãos estão dispostos simetricamente em torno de um eixo, ex.: equinodermos e pólipos.

75 **Nota de Allan Kardec:** Planta que vive nos pântanos, vulgarmente chamada cavalinha.

76 **Nota de Allan Kardec:** A turfa se formou da mesma maneira, pela decomposição dos amontoados de vegetais, em terrenos pantanosos, mas com a diferença de que, sendo de formação muito mais recente e sem dúvida em outras condições, ela não teve tempo de se carbonizar.

77 **Nota de Allan Kardec:** Na baía de Fundy (Nova Escócia), o Sr. Lyell [Charles Lyell (1797–1875), geólogo britânico] encontrou, numa camada de hulha de espessura de 400 metros, 68 níveis diferentes, apresentando traços evidentes de muitos solos de florestas, de cujas árvores os troncos ainda estavam guarnecidos de suas raízes. (L. Figuier) Não dando mais de mil anos para a formação de cada um desses níveis, já teríamos 68.000 anos só para essa camada de hulha.

78 N.E.: Era Mesozoica atual.

79 **Nota de Allan Kardec:** O primeiro fóssil deste animal foi descoberto na Inglaterra, em 1823. Depois, encontraram-se outros na França e na Alemanha.

80 **N.E.:** Somente após a desencarnação do autor, ocorrida em 1869, foram descobertos, na Inglaterra, fragmentos suficientes à montagem de um exemplar completo, pelos paleontólogos, permitindo melhor elucidar detalhes da descrição desse dinossauro. Ficou, então, claro que ele tinha uma calosidade óssea sobre o focinho, como os iguanídeos têm uma crista espinhosa no dorso, inexistindo chifres, que, no entanto, eram bastante evidentes em outros monstros, como nos saurópodes.

81 N.E.: Período Terciário da Era Cenozoica atual.

82 **Nota de Allan Kardec:** Foram encontradas nos Andes (América do Sul), camadas de calcário conchífero, a 5.000 metros acima do nível do oceano.

83 N.E.: No Período Secundário, que corresponde à Era Mesozoica, ocorre o desenvolvimento e expansão dos dinossauros; nesta mesma Era os continentes já estavam formados. No final da Era Mesozoica, há 65 milhões de anos, ocorre a extinção dos dinossauros.

84 N.E.: A Paleontologia situa o surgimento dos pássaros na Era Mesozoica moderna, mais exatamente no Período Jurássico, que corresponde ao Período Secundário desta obra.

85 N.E.: Corresponde à época do Pleistoceno, no Período Quaternário da Era Cenozoica.

86 **Nota de Allan Kardec:** Um desses blocos, provindo evidentemente, pela sua composição, das montanhas da Noruega, serve de pedestal à estátua de Pedro, o Grande, em São Petersburgo (Rússia).

87 **Nota de Allan Kardec:** Em 1771, o naturalista russo Pallas [Peter Simon Pallas (1741–1811), alemão, se tornou famoso na Rússia] encontrou nos gelos do Norte o corpo inteiro de um mamute revestido de pele e conservando parte das suas carnes. Em 1799, descobriu-se outro, igualmente encerrado num enorme bloco de gelo, na embocadura do rio Lena, na Sibéria, e que foi descrito pelo naturalista Adams. Os iacutos das circunvizinhanças lhe despedaçaram as carnes para alimentar seus cães. A pele se achava coberta de pelos negros e o pescoço estava guarnecido por espessa crina. A cabeça, sem as presas, que mediam mais de 3 metros, pesava mais de 400 libras. Seu esqueleto está no museu de São Petersburgo. Nas ilhas e nas bordas do mar glacial encontra-se tão grande quantidade de presas, que elas fazem objeto de considerável comércio, sob o nome de marfim fóssil ou da Sibéria.

88 **Nota de Allan Kardec:** Conhece-se grande número de cavernas semelhantes, algumas de enorme extensão. Várias existem no México, de muitas léguas. A de Aldesberg, em Carniola (Áustria), não tem menos de 3 léguas. Uma das mais notáveis é a de Gailenreuth, em Würtemberg (Alemanha). Há muitas delas na França, na Inglaterra, na Sicília (Itália) e em outras regiões da Europa.

89 N.E.: Corresponde atualmente à época do Holoceno, no Período Quaternário, da Era Cenozoica; época atual.

90 **Nota de Allan Kardec:** Veja-se *O homem antediluviano*, por Boucher de [Chévecoeur de] Perthes; *Os instrumentos de pedra*, idem; *Discurso sobre as revoluções do globo*, por Georges Cuvier, comentado pelo Dr. Hoefer.

91 N.E.: Atualmente se sabe que a existência da espécie humana remonta a 3 milhões de anos, o que corresponde ao Piloceno, última época do período.

CAPÍTULO VIII

Teorias sobre a formação da Terra

• Teoria da projeção • Teoria da condensação • Teoria da incrustação • Alma da Terra

Teoria da projeção

1. De todas as teorias relativas à origem da Terra, a que alcançou mais credibilidade nestes últimos tempos[92] foi a de *Buffon*,[93] seja pela posição que ele desfrutava no mundo científico, seja porque nada mais se sabia além do que ele disse naquela época.

Vendo que todos os planetas se movem na mesma direção, do ocidente para o oriente, e no mesmo plano, percorrendo órbitas cuja inclinação não passa de 7 graus e meio, Buffon concluiu, dessa uniformidade, que eles devem ter sido postos em movimento pela mesma causa.

Em sua opinião, sendo o Sol uma massa incandescente em fusão, um cometa se teria chocado com ele e, raspando-lhe a superfície, destacou uma porção que, projetada no espaço pela violência do choque, se dividiu em vários fragmentos. Esses fragmentos formaram os planetas, que continuaram a mover-se circularmente, pela combinação das forças centrífuga e centrípeta, no sentido dado pela direção do choque primitivo, isto é, no plano da eclíptica.

Os planetas seriam assim partes da substância incandescente do Sol e, por conseguinte, também teriam sido incandescentes em sua origem. Levaram para se resfriar e consolidar um tempo proporcional aos seus volumes respectivos e, quando a temperatura o permitiu, a vida apareceu na sua superfície.

Em virtude da diminuição gradual do calor central, a Terra chegaria, ao fim de certo tempo, a um estado de resfriamento completo; a massa líquida se congelaria inteiramente e o ar, cada vez mais condensado, acabaria por desaparecer. A diminuição da temperatura, tornando impossível a vida,

acarretaria o decréscimo e, depois, o desaparecimento de todos os seres organizados. O resfriamento, tendo começado pelos polos, ganharia pouco a pouco todas as regiões, até mesmo a linha do equador.

Tal é, segundo Buffon, o estado atual da Lua que, menor do que a Terra, seria hoje um mundo extinto, do qual a vida se acha excluída para sempre. O próprio Sol viria a ter, um dia, a mesma sorte. De acordo com os seus cálculos, a Terra teria gasto cerca de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual e dentro de 93.000 anos veria o termo da existência da natureza organizada.

2. A teoria de Buffon, contraditada pelas novas descobertas da Ciência, está hoje completamente abandonada, pelas seguintes razões:

1º) Durante muito tempo acreditou-se que os cometas eram corpos sólidos, cujo encontro com um planeta podia ocasionar a destruição deste. Nessa hipótese, a suposição de Buffon nada tinha de improvável. Sabe-se agora, porém, que os cometas são formados de uma matéria gasosa que, embora condensada, é bastante rarefeita[94] para que se possam perceber estrelas de grandeza média através de seus núcleos. Nesse estado, oferecendo menos resistência que o Sol, é impossível que num choque violento com este, eles sejam capazes de arremessar ao longe qualquer porção da massa solar.

2º) A natureza incandescente do Sol é também uma hipótese que nada, até o presente, confirma, e que as observações, ao contrário, parecem desmentir. Se bem ainda não haja certeza quanto à sua natureza, os poderosos meios de observação de que hoje dispõe a Ciência têm permitido que ele seja melhor estudado. Hoje a Ciência admite, de modo geral, que o Sol é um globo composto de matéria sólida, cercada de uma atmosfera luminosa, ou fotosfera, que não se acha em contato com a sua superfície.[95]

3º) Ao tempo de Buffon, somente se conheciam os seis planetas de que os Antigos eram conhecedores: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Descobriram-se depois outros em grande número, três dos quais, principalmente, Juno, Ceres e Palas, têm suas órbitas inclinadas de 13, 10 e 34 graus, o que não concorda com a hipótese de um movimento único de projeção.[96]

4º) Após a descoberta da lei da diminuição do calor, por Fourier, reconheceram-se completamente errôneos os cálculos de Buffon sobre o resfriamento da Terra. Na verdade, o nosso planeta não precisou apenas de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual, mas de milhões de anos.[97]

5º) Buffon só levou em conta o calor central da Terra, sem considerar o dos raios solares. Ora, é sabido hoje, mediante dados científicos de rigorosa precisão, baseados na experiência, que, em virtude da espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo não contribui, há muito tempo, senão em parcela insignificante, para a temperatura da superfície exterior. As variações que essa temperatura sofre são periódicas e devidas à ação preponderante do calor solar. (Cap. VII, item 25.) Sendo permanente o efeito dessa causa, enquanto o do calor central é nulo, ou quase nulo, a diminuição deste não pode trazer à superfície da Terra sensíveis modificações. Para que a Terra se tornasse inabitável pelo resfriamento geral, seria preciso que o Sol se extinguisse.[98]

Teoria da condensação

3. A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica é a que hoje prevalece na Ciência como a que a observação melhor justifica, a que resolve maior número de dificuldades e que se apoia, mais do que todas as outras, no grande princípio da unidade universal. Foi esta teoria que expomos no capítulo VI, intitulado *Uranografia geral*.

Como se vê, estas duas teorias conduzem ao mesmo resultado: estado primitivo de incandescência do globo; formação de uma crosta sólida pelo resfriamento; existência do fogo central e aparecimento da vida orgânica, logo que a temperatura a tornou possível. Diferem, todavia, em pontos essenciais e é provável que, se Buffon vivesse atualmente, por certo adotaria outras ideias.

A Geologia considera a Terra do ponto em que é possível a observação direta. Seu estado anterior, por escapar à observação, só pode ser hipotético. Ora, entre duas hipóteses, diz o bom senso que se deve preferir a que a lógica sanciona e que mais se ache de acordo com os fatos observados.

Teoria da incrustação

4. Falamos desta teoria apenas para não deixar de mencioná-la. Embora nada tenha de científica, conseguiu, não obstante, certa repercussão nos últimos tempos e seduziu algumas pessoas. Acha-se resumida na carta seguinte:

“Deus, segundo a *Bíblia*, criou o mundo em seis dias, 4.000 anos antes da Era Cristã. Esta tese é contestada pelos geólogos, firmados no estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis de vetustez que fazem remontar a

origem da Terra a milhões de anos. Entretanto, a Escritura disse a verdade e os geólogos também. E foi um simples camponês[99] que os pôs de acordo, informando que o nosso planeta não é mais do que um planeta *incrustativo*, muito moderno, composto de materiais antiquíssimos.

"Após o arrebatamento do *planeta desconhecido*, que chegara à maturidade, ou de harmonia com o que existiu no lugar que hoje ocupamos, a alma da Terra recebeu ordem de reunir seus satélites para formar nosso globo atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Somente quatro desses astros concordaram com a associação que lhes era proposta. Apenas a Lua persistiu na sua autonomia, visto que também os *globos têm o seu livre-arbítrio*. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético, que pôs em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal que eles possuíam e que trouxeram para a comunidade. A operação teve por únicas testemunhas a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo aqueles globos para lhes dar entranhas comuns. Praticada a soldadura, as águas se escoaram para os vazios que a ausência da Lua deixara. As atmosferas se confundiram e começou o despertar ou a ressurreição dos *germens que estavam em catalepsia*. O homem foi o último a ser tirado do estado de hipnotismo e se viu cercado da luxuriante vegetação do paraíso terrestre e dos animais que pastavam em paz ao seu derredor. Tudo isto se podia fazer em seis dias, com obreiros tão poderosos como os que Deus encarregara da tarefa. O planeta *Ásia* trouxe a raça amarela, a de civilização mais antiga; o *África*, a raça negra; o *Europa*, a raça branca, e o *América*, a raça vermelha.

"Assim, certos animais, de que apenas os despojos são encontrados, nunca teriam vivido na Terra atual, mas teriam sido transportados de outros mundos extintos pela velhice. Os fósseis que se encontram em climas sob os quais não teriam podido existir neste mundo viviam sem dúvida em zonas muito diferentes nos globos onde nasceram. Na Terra, tais despojos se encontram nos polos, ao passo que os animais viviam no equador dos globos a que pertenciam."

5. Esta teoria tem contra si os dados mais positivos da ciência experimental, além de deixar intacta a própria questão que ela pretende resolver, a questão da origem. Diz, é certo, como a Terra se teria formado, mas não diz como se formaram os quatro mundos que se reuniram para constituí-la.

Se as coisas se houvessem passado assim, como se explicaria a inexistência absoluta de quaisquer vestígios daquelas imensas soldaduras, não obstante terem ido até as entranhas do globo? Cada um daqueles mundos, o Ásia, o África, o Europa e o América, que se pretende haverem trazido os materiais que lhes eram próprios, teria uma geologia particular, diferente da dos demais, *o que não é exato*. Ao contrário, vê-se, primeiramente, que o núcleo granítico é uniforme, de composição homogênea em todas as partes do globo, *sem solução de continuidade*. Depois, as camadas geológicas se apresentam com a mesma formação, idênticas quanto à constituição, superpostas, em toda parte, na mesma ordem, contínuas, sem interrupção, de um lado a outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América, e reciprocamente. Essas camadas que dão testemunho das transformações do globo atestam que tais transformações se operaram em toda a sua superfície e não apenas numa porção desta; mostram os períodos de aparecimento, existência e desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais, nas diferentes partes do mundo; mostram a fauna e a flora desses períodos recuados a marcharem simultaneamente por toda parte, sob a influência de uma temperatura uniforme, e a mudar de caráter por toda parte à medida que a temperatura se modifica. Semelhante estado de coisas não se concilia com a formação da Terra pela associação de muitos mundos diferentes.

Além disso, é de perguntar-se o que teria sido feito do mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se esta não se houvesse recusado a reunir-se às suas irmãs. O que aconteceria à Terra atual se um dia a Lua tivesse a veleidade de vir tomar o seu lugar, expulsando deste o mar?

6. Esse sistema seduziu algumas pessoas, porque parecia explicar a presença das diferentes raças de homens na Terra e a localização delas. Mas, considerando-se que essas raças puderam proliferar em mundos distintos, por que não seriam capazes de desenvolver-se em pontos diversos do mesmo globo? É querer resolver uma dificuldade por meio de outra dificuldade maior. Efetivamente, quaisquer que fossem a rapidez e a *destreza* com que a *operação* se praticasse, aquela junção não se teria podido realizar sem violentos abalos. Quanto mais rápida ela fosse, tanto mais desastrosos haviam de ser os cataclismos. Parece, pois, impossível que seres *simplesmente mergulhados em sono cataléptico* hajam podido resistir-lhes, para, em seguida, despertarem tranquilamente. Se fossem apenas germens, em que consistiriam? Como é que

seres inteiramente formados se reduziriam ao estado de germens? Restaria sempre a questão de saber-se como esses germens novamente se desenvolveram. Ainda aí, teríamos a Terra a formar-se por processo miraculoso, processo, porém, menos poético e menos grandioso do que o da Gênese bíblica, ao passo que as leis naturais dão, da sua formação, uma explicação muito mais completa e, sobretudo, muito mais racional, deduzida da observação.[100,101]

Alma da Terra

7. A alma da Terra desempenhou papel primordial na teoria da incrustação. Vejamos se esta ideia tem melhor fundamento.

O desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio espiritual. O organismo se completa à medida que se multiplicam as faculdades da alma. A escala orgânica acompanha constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipo até o homem, e nem podia ser de outro modo, visto que a alma precisa de um instrumento apropriado à importância das funções que lhe cabe desempenhar. De que serviria à ostra possuir a inteligência do macaco, sem os órgãos necessários à sua manifestação? Se, portanto, a Terra fosse um ser animado, servindo de corpo a uma alma especial, essa alma, por efeito mesmo da sua constituição, teria de ser ainda mais *rudimentar* do que a do pólipo, já que a Terra não tem sequer a vitalidade da planta, ao passo que, pelo papel que atribuíram a essa alma, fizeram dela um ser dotado de razão e do mais completo livre-arbítrio, um Espírito superior, em suma, o que não é racional, porque Espírito algum se achou menos bem aquinhoado, nem mais aprisionado. Ampliada nesse sentido, a ideia da alma da Terra deve, então, ser arrolada entre as concepções sistemáticas e quiméricas.

Por alma da Terra pode-se entender, mais racionalmente, a coletividade dos Espíritos encarregados da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que já supõe certo grau de desenvolvimento intelectual. Ou, melhor ainda: alma da Terra é o Espírito a quem está confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que não pode ser confiada senão a um ser eminentemente superior em saber e em sabedoria. Em tal caso, esse Espírito não é, propriamente falando, a alma da Terra, porquanto não se acha encarnado nela, nem subordinado ao seu estado material. É um chefe preposto ao seu governo, como um general é o elemento mais indicado para o comando de um exército.

Um Espírito, incumbido de missão tão importante qual a do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou então Deus seria muito imprevidente por confiar a execução de suas leis a seres capazes de transgredi-las, a seu bel-prazer. Ora, segundo a doutrina da incrustação, a má vontade da alma da Lua é que dera causa a que a Terra ficasse incompleta. Há ideias que se refutam por si mesmas. (*Revista espírita*, setembro de 1868.)

---

92 N.E.: Final do século XVIII e a primeira metade do século XIX.

93 N.E.: Georges Louis Leclerc de Buffon (1707–1788), naturalista francês.

94 N.E.: A Ciência atualmente define os cometas como blocos de gelo e rocha com alguns quilômetros de extensão; quando um cometa se aproxima do Sol, o gelo superficial se evapora, formando uma "bola" de vapor que adquire a forma de longa cauda.

Hoje sabemos que os cometas não são tão inofensivos quando se chocam com planetas, mas o choque com o Sol não causaria qualquer dano a essa estrela.

95 **Nota de Allan Kardec:** Completa dissertação, à altura da ciência moderna, sobre a natureza do Sol e dos cometas se encontra na obra *Estudos e leituras sobre a astronomia*, e Camille Flammarion. Livraria Gauthier-Villard, 55, quai des Augustins, Paris.

96 N.T.: Na verdade são *planetoides*, isto é, pequenos corpos celestes que gravitam em torno do Sol. *Juno*, *Ceres* e *Palas*, bem como centenas de outros planetoides, estão localizados entre as órbitas dos planetas Júpiter e Marte.

97 N.E.: Estima-se que a Terra tenha iniciado seu processo de formação há 4.600 milhões de anos. O processo de solidificação da crosta teria ocorrido nos primeiros 500 milhões de anos.

98 **Nota de Allan Kardec:** Para mais esclarecimentos sobre este assunto e sobre a lei da diminuição do calor, veja-se a obra: *Cartas sobre as revoluções do globo*, pelo Dr. Bertrand, ex-aluno da Escola Politécnica de Paris, carta II. Esta obra, à altura da Ciência moderna, escrita com simplicidade e sem espírito de sistema, encerra um estudo geológico de grande interesse.

99 **Nota de Allan Kardec:** Michel de Figagnères (Var), autor de *Chave da vida*.

100 **Nota de Allan Kardec:** Quando tal sistema se liga a toda uma cosmogonia, é de perguntar-se sobre que base racional pode o resto assentar. A concordância que, por meio desse sistema, se pretende estabelecer entre a Gênese bíblica e a Ciência é inteiramente ilusória, pois que a própria Ciência o contradiz. O autor da carta acima, homem de grande saber, seduzido, um instante, por essa teoria, logo lhe descobriu os lados vulneráveis e não tardou a combatê-la com as armas da Ciência.

101 **N.E.:** Ver *Nota Explicativa*, p. 361.

CAPÍTULO IX

Revoluções do Globo

• Revoluções gerais ou parciais • Idade das montanhas • Dilúvio bíblico • Revoluções periódicas • Cataclismos futuros • Aumento e diminuição do volume da Terra

Revoluções gerais ou parciais

1. Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo, em virtude das suas transformações. Mas, com exceção do período diluviano, que se caracteriza por uma subversão repentina, todos os demais transcorreram lentamente, sem transições bruscas. Durante todo o tempo que os elementos constitutivos do globo levaram para tomar suas posições definitivas, as mutações houveram de ser gerais. Uma vez consolidada a base, apenas se devem ter produzido modificações parciais, na superfície.

2. Além das revoluções gerais, a Terra experimentou grande número de perturbações locais, que mudaram o aspecto de certas regiões. Como em relação às outras duas causas, contribuíram para essas perturbações o fogo e a água.

O fogo atuou quer produzindo erupções vulcânicas que, sob espessas camadas de cinzas e lavas, sepultaram os terrenos circunvizinhos, fazendo desaparecer cidades com seus habitantes, quer provocando terremotos e levantamentos da crosta sólida, que impeliam as águas para as regiões mais baixas, quer, enfim, pelo afundamento, em maior ou menor extensão, dessa mesma crosta, em alguns lugares, para onde as águas se precipitaram, deixando secos outros lugares. Foi assim que surgiram ilhas no meio do oceano, enquanto outras desapareceram; que porções de continentes se separaram e formaram ilhas; que braços de mar, secados, ligaram ilhas e continentes.

Quanto à água, essa atuou produzindo: ou a irrupção ou a retirada do mar em algumas costas; ou desmoronamentos que, interceptando as correntes líquidas,

formaram lagos; ou transbordamentos e inundações; ou, finalmente, aterros nas embocaduras dos rios. Esses aterros, rechaçando o mar, criaram novos territórios. Tal a origem do delta do Nilo, do delta do Ródano ou Camarga.

Idade das montanhas

3. Examinando-se os terrenos dilacerados pelo erguimento das montanhas e das camadas que formam os seus contrafortes, é possível determinar-lhes a idade geológica. Por idade geológica das montanhas não se deve entender o número de anos de sua existência, mas o período em que se formaram e, por conseguinte, sua ancianidade relativa. Seria errôneo acreditar-se que semelhante ancianidade corresponde à elevação que lhes é própria, ou à natureza exclusivamente granítica que revelem, uma vez que a massa de granito, ao dar-se o seu levantamento, pode ter perfurado e separado as camadas superpostas.

Comprovou-se assim, por meio da observação, que as montanhas dos Vosges, da Bretanha e da Côte-d'Or, na França, que não são muito elevadas, pertencem às mais antigas formações. Datam do período de transição, sendo anteriores aos depósitos de hulha. O Jura se formou na metade do período secundário; é, pois, contemporâneo dos répteis gigantes. Os Pireneus se formaram mais tarde, no começo do período terciário. O Monte Branco e o grupo dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pireneus e datam da metade do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são ainda mais recentes, pois só se formaram pelos fins desse mesmo período. Algumas montanhas da Ásia são mesmo posteriores ao período diluviano ou lhe são contemporâneas.

Esses levantamentos devem ter ocasionado grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis, pelo deslocamento das águas, pela interrupção e mudança do curso dos rios.[102]

Dilúvio bíblico

4. O dilúvio bíblico, também conhecido pelo nome de grande dilúvio asiático, é um fato cuja existência não pode ser contestada. Deveu-se, provavelmente, ao levantamento de uma parte das montanhas daquela região, como o do México. O que vem corroborar esta opinião é a existência de um mar interior, que outrora se estendia do mar Negro ao oceano Boreal, comprovada pelas observações geológicas. O mar de Azov, o mar Cáspio, cujas águas são salgadas, embora não se comuniquem com nenhum outro mar; o lago Aral e os

inúmeros lagos espalhados pelas imensas planícies da Tartália e as estepes da Rússia parecem restos daquele antigo mar. Por ocasião do levantamento das montanhas do Cáucaso, posterior ao dilúvio universal, parte daquelas águas foi rechaçada para o norte, na direção do oceano Boreal; outra parte, para o sul, em direção ao oceano Índico. Estas inundaram e devastaram justamente a Mesopotâmia e toda a região em que habitaram os antepassados do povo hebreu. Embora esse dilúvio se tenha estendido por uma superfície muito grande, é atualmente ponto comprovado que ele foi apenas local; que não pode ter sido causado pela chuva, visto como, por muito abundante e contínua que fosse e ainda que se prolongasse por quarenta dias, o cálculo prova que a quantidade de água caída das nuvens não seria suficiente para *cobrir toda a terra,* até acima das mais altas montanhas.

Para os homens de então, que não conheciam mais que uma extensão muito limitada da superfície do globo e não faziam a mínima ideia da sua configuração, desde que a inundação invadiu os países conhecidos, para eles é como se a Terra inteira fora invadida pelas águas. Se a essa crença acrescentarmos a forma imaginosa e hiperbólica peculiar ao estilo oriental, já não nos surpreenderá o exagero da narração bíblica sobre esse assunto.

5. O dilúvio asiático foi evidentemente posterior ao aparecimento do homem na Terra, visto que a lembrança dele se conservou pela tradição em todos os povos daquela parte do mundo, os quais o consagraram em suas teogonias.[103]

É igualmente posterior ao grande dilúvio universal que assinalou o início do atual período geológico. Quando falamos de homens e animais antediluvianos, estamos nos referindo àquele primeiro cataclismo.

Revoluções periódicas

6. Além do seu movimento anual em torno do Sol, que produz as estações, do seu movimento de rotação sobre si mesma em 24 horas, que resulta no dia e na noite, a Terra tem um terceiro movimento que se completa em cerca de 25.000 anos, ou, mais exatamente, em 25.868 anos e que produz o fenômeno designado em Astronomia sob o nome de *precessão dos equinócios*. (Cap. V, item 11.)

Esse movimento, que não se pode explicar em poucas palavras, sem o auxílio de figuras e sem uma demonstração geométrica, consiste numa espécie de oscilação circular, que se tem comparado a um pião a morrer, em virtude da qual

o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo cone cujo vértice está no centro do planeta, abrangendo as bases desses cones a superfície circunscrita pelos círculos polares, isto é, uma amplitude de 23 graus e meio de raio.

7. O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério a outro, se encontra perpendicular ao equador, o que acontece duas vezes por ano, a 21 de março, quando o Sol passa para o hemisfério boreal, e a 22 de setembro, quando volta ao hemisfério austral.

Mas em consequência da mudança gradual na obliquidade do eixo, o que acarreta outra mudança na obliquidade do equador sobre a eclíptica, o momento do equinócio avança cada ano de alguns minutos (25 minutos e 7 segundos). É este avanço que é chamado *precessão dos equinócios* (do latim *praecessĭo,* ação de preceder).

Com o tempo, esses poucos minutos fazem horas, dias, meses e anos, resultando daí que o equinócio da primavera, que agora se verifica no mês de março, em dado tempo se verificará em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro. Então o mês de dezembro terá a temperatura de março e março a de junho e assim por diante, até que, voltando ao mês de março, as coisas se encontrarão de novo no estado atual, o que se dará ao fim de 25.868 anos, para começar indefinidamente a mesma revolução.[104]

8. Desse movimento cônico do eixo, resulta que os polos da Terra não olham constantemente os mesmos pontos do céu; que a Estrela Polar nem sempre será estrela polar; que os polos gradualmente se inclinam mais ou menos para o Sol e recebem dele raios mais ou menos diretos. É por isso que a Islândia e a Lapônia, por exemplo, localizadas no círculo polar, poderão, em dado tempo, receber raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália e que, na posição do extremo oposto, a Espanha e a Itália poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia, e assim por diante, a cada renovação do período de 25.000 anos.[105]

9. As consequências desse movimento ainda não puderam ser determinadas com precisão, porque somente se tem podido observar uma pequena parte da sua revolução. Há, pois, a esse respeito, apenas presunções, algumas das quais com caráter de certa probabilidade. Essas consequências são:

1º) O aquecimento e o resfriamento alternativo dos polos e, por conseguinte, a fusão dos gelos polares durante a metade do período de 25.000 anos e a nova

formação deles durante a outra metade desse período. Por conseguinte, os polos não estariam condenados a uma perpétua esterilidade, cabendo-lhes gozar por sua vez dos benefícios da fertilidade.

2º) O deslocamento gradativo do mar, que pouco a pouco invade as terras litorâneas e põe outras a descoberto, para de novo as abandonar, voltando ao seu leito anterior. Esse movimento periódico, renovado indefinidamente, constituiria uma verdadeira maré universal de 25.000 anos.

A lentidão com que se opera esse movimento do mar torna o fenômeno quase imperceptível para cada geração, fazendo-se, porém, sensível, ao cabo de alguns séculos. Ele não pode causar nenhum cataclismo súbito, porque os homens se retiram, de geração em geração, à proporção que o mar avança, e avançam pelas terras de onde o mar se retira. É a essa causa, mais que provável, que alguns cientistas atribuem o afastamento do mar de certas costas e sua invasão em outras partes.

10. O deslocamento demorado, gradual e periódico do mar é um fato que a experiência comprova, atestado por inúmero exemplos em todos os pontos do globo. Tem por efeito o entretenimento das forças produtivas da Terra. A longa imersão é para os terrenos um tempo de repouso, durante o qual eles recuperam os princípios vitais esgotados por uma não menos longa produção. Os imensos depósitos de matérias orgânicas, formados pela permanência das águas durante séculos e séculos, são adubações naturais, periodicamente renovadas, e as gerações se sucedem sem se aperceberem de tais mudanças.[106]

Cataclismos futuros

11. As grandes comoções da Terra têm-se produzido nas épocas em que a crosta sólida do planeta, em virtude da sua fraca espessura, quase não oferecia nenhuma resistência à efervescência das matérias incandescentes no seu interior. Tais comoções foram diminuindo de intensidade à proporção que aquela crosta se consolidava. Numerosos vulcões já se acham extintos, enquanto outros estão soterrados pelos terrenos de formação posterior.

Certamente ainda poderão produzir-se perturbações locais, por efeito de erupções vulcânicas, da eclosão de alguns vulcões novos, ou em virtude de inundações repentinas de algumas regiões;[107] algumas ilhas poderão surgir do mar e outras ser por ele tragadas; mas o tempo dos cataclismos gerais já passou, como os que assinalaram os grandes períodos geológicos. A Terra adquiriu uma

estabilidade que, sem ser absolutamente invariável, coloca doravante o gênero humano ao abrigo das perturbações gerais, a menos que intervenham causas desconhecidas, a ela estranhas e que de modo algum se possam prever.[108]

12. Quanto aos cometas, estamos hoje completamente certos em relação à influência que exercem, mais salutar do que nociva, por parecerem destinados a reabastecer os mundos, se assim nos podemos exprimir, trazendo-lhes os princípios vitais que eles armazenam em sua corrida pelo espaço e na vizinhança dos sóis. Assim, pois, seriam antes fontes de prosperidade do que mensageiros de desgraças.

Por sua natureza fluídica, já bem comprovada (cap. VI, itens 28 e seguintes), não é mais de se temer um choque violento com o nosso planeta, porquanto, se um deles encontrasse a Terra, seria esta última que o atravessaria, como se passasse através de um nevoeiro.[109] Menos temível ainda é a cauda que arrastam, já que não passa do reflexo da luz solar na imensa atmosfera que os envolve, tanto assim que se mostra constantemente dirigida para o lado oposto ao Sol, mudando de direção conforme a posição deste astro. Essa matéria gasosa também poderia, em virtude da rapidez de sua marcha, formar uma espécie de cabeleira, semelhante ao rastro deixado no mar por um navio em marcha, ou à fumaça de uma locomotiva. Aliás, muitos cometas já se têm aproximado da Terra sem lhe causarem qualquer dano; e, em razão de sua densidade respectiva, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior do que a dele sobre ela. Somente resquícios de velhos preconceitos podem fazer que a presença de um cometa inspire terror.[110]

13. Deve-se igualmente relegar entre as hipóteses quiméricas a possibilidade do encontro da Terra com outro planeta. A regularidade e a invariabilidade das leis que presidem aos movimentos dos corpos celestes tiram toda possibilidade de semelhante encontro.[111]

A Terra, no entanto, terá um fim. De que maneira? Isso ainda pertence ao domínio das hipóteses; como, porém, ela ainda se acha longe da perfeição que pode alcançar e da ancianidade que lhe indicaria o declínio, seus habitantes atuais podem estar certos de que tal fato não se dará no correr do tempo em que eles vivem. (Cap. VI, itens 48 e seguintes.)

14. Fisicamente, a Terra teve as convulsões da sua infância; entrou agora num período de relativa estabilidade: na do progresso pacífico, que se realiza pelo retorno regular dos mesmos fenômenos físicos e pelo concurso inteligente

do homem. Mas *ainda está em pleno trabalho de gestação do progresso moral*. Aí residirá a causa de suas maiores comoções. *Até que a humanidade haja crescido suficientemente em perfeição, pela inteligência e pela prática das Leis divinas, as maiores perturbações serão causadas mais pelos homens do que pela natureza, isto é, serão antes morais do que físicas*.

Aumento e diminuição do volume da Terra[112]

15. O volume da Terra aumenta, diminui ou permanece estacionário? Alguns, para sustentar que o volume da Terra aumenta, se baseiam no fato de as plantas darem ao solo mais do que dele tiram, o que é verdade num sentido, mas não em outro. As plantas se nutrem tanto, e até mais, de substâncias gasosas que haurem na atmosfera, quanto das que sugam pelas raízes. Ora, a atmosfera faz parte integrante do globo; os gases que a constituem provêm da decomposição dos corpos sólidos, e estes, recompondo-se, retomam o que lhe deram. É uma troca, ou antes uma perpétua transformação, de tal sorte que o crescimento dos vegetais e dos animais se opera com o auxílio dos elementos constitutivos do globo, e os seus despojos, por mais consideráveis que sejam, não aumentam de um átomo a sua massa. Se, por essa causa, a parte sólida do globo aumentasse de modo permanente, seria à custa da atmosfera, que diminuiria de outro tanto e acabaria por se tornar imprópria à vida, se não recuperasse, pela decomposição dos corpos sólidos, o que perde pela composição deles.

Na origem da Terra, as primeiras camadas geológicas se formaram de matérias sólidas momentaneamente volatilizadas, por efeito da alta temperatura, e que, condensadas mais tarde pelo resfriamento, se precipitaram. É fora de dúvida que elas elevaram um pouco a superfície do solo, mas sem acrescentar coisa alguma à massa total, visto que ali apenas havia um deslocamento da matéria. Quando a atmosfera, expurgada dos elementos estranhos que continha em suspensão, se encontrou em seu estado normal, as coisas tomaram o curso regular em que depois seguiram. Hoje, a menor modificação na constituição da atmosfera acarretaria, forçosamente, a destruição dos habitantes da Terra, mas também é provável que novas raças se formassem noutras condições.

Considerada desse ponto de vista, a massa do globo, isto é, a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas, é incontestavelmente a mesma, desde a sua origem. Se o globo experimentasse

uma dilatação ou uma condensação, seu volume aumentaria ou diminuiria, sem que a massa sofresse qualquer alteração. Portanto, se a Terra aumentasse de massa, seria por efeito de uma causa estranha, já que ela não poderia tirar de si mesma os elementos necessários ao seu aumento.

Há uma opinião segundo a qual o globo aumentaria de massa e de volume pelo afluxo de matéria cósmica interplanetária. Esta ideia nada tem de irracional, mas é hipotética demais para ser admitida em princípio. Não passa de um sistema combatido por sistemas contrários, sobre os quais a Ciência ainda nada estabeleceu. Eis aqui, a tal respeito, a opinião do eminente Espírito que ditou os sábios estudos *uranográficos* inseridos no capítulo VI desta obra:

"Os mundos se esgotam pelo envelhecimento e tendem a dissolver-se para servir de elementos de formação a outros universos. Restituem pouco a pouco ao fluido cósmico universal do espaço o que dele tiraram para formar-se. Além disso, todos os corpos se gastam pelo atrito; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico tem por efeito diminuir-lhe constantemente a massa, embora a mudança seja de quantidade inapreciável em determinado tempo.[113]

Em minha opinião, a existência dos mundos pode dividir-se em três períodos. — Primeiro período: condensação da matéria, período esse em que o volume do globo diminui consideravelmente, mas a massa conserva-se a mesma; é o período da infância. — Segundo período: contração, solidificação da crosta; eclosão dos germens, desenvolvimento da vida até a aparição do tipo mais aperfeiçoado. Nesse momento, o globo está em toda a sua plenitude; é a época da virilidade; ele perde, mas muito pouco, os seus elementos constitutivos. — Período de decrescimento *material*: À medida que seus habitantes progridem *espiritualmente*, ele passa ao período de decrescimento *material*; sofre perdas, não só em consequência do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, como uma pedra dura que, corroída pelo tempo, acaba reduzida a poeira. Em seu duplo movimento de rotação e translação, ele entrega ao espaço parcelas fluidificadas da sua substância, até o momento em que se completa a sua dissolução.

Mas, então, como o poder de atração é diretamente proporcional à massa, não digo ao volume, diminuída a massa do globo, modificam-se as suas condições de equilíbrio no espaço. Dominado por globos mais poderosos, aos quais ele não pode fazer contrapeso, resultam daí desvios nos seus movimentos e, portanto,

profundas mudanças nas condições de vida em sua superfície. Assim, nascimento, vida e morte; ou infância, virilidade, decrepitude, tais são as três fases por que passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica. Só o Espírito, que não é matéria, é indestrutível.” (Galileu, *Sociedade Espírita de Paris*, 1868.)[114]

---

102 **Nota de Allan Kardec:** O século XVIII registrou notável exemplo de um fenômeno desse gênero. A seis dias de marcha da cidade do México, existia, em 1750, uma região fértil e bem cultivada, onde davam em abundância arroz, milho e bananas. No mês de junho, pavorosos tremores de terra abalaram o solo, renovando-se continuamente durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro, produziu-se violenta convulsão; um território de muitas léguas de extensão começou a erguer-se pouco a pouco e acabou por alcançar a altitude de 500 pés, numa superfície de 10 léguas quadradas. O terreno ondulava como as águas do mar ao sopro da tempestade; milhares de montículos se elevavam e afundavam alternadamente; afinal, abriu-se um abismo de perto de 3 léguas, de onde eram lançados, a prodigiosa altura, fumaça, fogo, pedras em brasa e cinzas. Seis montanhas surgiram desse abismo escancarado, entre as quais o vulcão a que foi dado o nome de *Jorullo*, que agora se eleva a 550 metros acima da antiga planície. No momento em que começaram os abalos do solo, os dois rios de *Cutimba* e *San Pedro*, refluindo, inundaram toda a planície hoje ocupada pelo Jorullo; no terreno, porém, que sem cessar se elevava, outro sorvedouro se abriu e os absorveu. Os dois reapareceram mais tarde, no oeste, num ponto muito afastado de seus antigos leitos. (Louis Figuier, *A Terra antes do dilúvio*, p. 370.)

103 **Nota de Allan Kardec:** A lenda indiana sobre o dilúvio refere, segundo o livro dos *Vedas*, que Brama, transformado em peixe, dirigiu-se ao piedoso monarca Vaivaswata e lhe disse: “Chegou o momento da dissolução do Universo; em breve estará destruído tudo o que existe na Terra. Tens que construir um navio em que embarcarás, depois de teres feito embarcar sementes de todos os vegetais. Esperar-me-ás nesse navio e eu virei ter contigo, trazendo à cabeça um chifre, pelo qual me reconhecerás.” O santo obedeceu; construiu um navio, embarcou nele e o atou por um cabo muito forte ao chifre do peixe. O navio foi rebocado durante muitos anos com extrema rapidez, por entre as trevas de uma tremenda tempestade, abordando, afinal, ao cume do monte Himawat (Himalaia). Brama ordenou em seguida a Vaivaswata que criasse todos os seres e com eles povoasse a Terra.

É flagrante a analogia desta lenda com a narrativa bíblica de Noé. Da Índia ela passara ao Egito, como uma imensidão de outras crenças. Ora, como o livro dos *Vedas* é anterior ao de Moisés, a narração que naquele se encontra, sobre o dilúvio, não pode ser uma cópia da deste último. O mais provável é que Moisés, que aprendera as doutrinas dos sacerdotes egípcios, haja tomado a estes a sua descrição.

104 **Nota de Allan Kardec:** A precessão dos equinócios provoca outra mudança: a que se opera na posição dos signos do zodíaco. A Terra, girando em torno do Sol em um ano, à medida que avança, o Sol, cada mês, se encontra diante de uma nova constelação. Estas são em número de doze, a saber: *Carneiro, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário, Peixes*. São chamadas constelações zodiacais, ou signos do zodíaco, e formam um círculo no plano do equador terrestre. Conforme o mês do nascimento de um indivíduo, diz-se que ele nascera sob tal ou qual signo; daí os prognósticos da Astrologia. Mas, em virtude da precessão dos equinócios, acontece que os meses já não correspondem às mesmas constelações. Alguém que nasça no mês de julho já não está no signo do Leão, porém no de Câncer. Cai assim a ideia supersticiosa ligada à influência dos signos. (Cap. V, item 12.)

105 **Nota de Allan Kardec:** O deslocamento gradual das linhas isotérmicas, fenômeno que a Ciência reconhece de modo tão positivo como o do deslocamento do mar, é um fato material que apoia esta teoria.

106 **Nota de Allan Kardec:** Entre os fatos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podem citar-se os seguintes:

No golfo da Gasconha [ou Golfo de Biscaia, separa a costa oeste da França da costa norte da Espanha], entre o velho Soulac e a Torre de Cordouan, quando o mar está calmo, percebe-se no fundo da água trechos de muralha: são restos da antiga e grande cidade de *Noviomagus*, invadida pelas ondas em 580. O rochedo de Cordouan, que se achava então ligado à margem, está agora a 12 quilômetros.

No mar da Mancha, sobre a costa do Havre, as águas ganham terreno dia a dia e minam as falésias de Sainte-Adresse, que pouco a

pouco desmoronam. A dois quilômetros da costa, entre Sainte-Adresse e o cabo de Hève, existe um banco que outrora se achava à vista e ligado à terra firme. Antigos documentos atestam que nesse lugar, por sobre o qual hoje se navega, existia o vilarejo de Saint-Denis-chef-de-Caux. Tendo o mar invadido o terreno no século XIV, a Igreja foi tragada em 1378. Dizem que, com bom tempo, é possível ver-se os seus destroços no fundo do mar.

Em quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar só é contido à força de diques, que se rompem de tempos em tempos. O antigo lago Flevo, que se reuniu ao mar em 1225, forma hoje o golfo de *Zuyderzée*. Essa irrupção do oceano tragou várias povoações.

Segundo isto, o território de Paris e da França toda seria um dia novamente ocupado pelo mar, como já o foi muitas vezes, conforme o demonstram as observações geológicas. Então, as partes montanhosas formarão ilhas, como o são agora Jersey, Guernesey e a Inglaterra, outrora contíguas ao continente.

Navegar-se-á por sobre regiões que atualmente se percorrem em estradas de ferro; os navios aportarão em Montmartre, no monte Valeriano, nos outeiros de Saint-Cloud e de Meudon; os bosques e florestas, agora lugares de passeio, ficarão sepultados nas águas, cobertos de limo e povoados de peixes, em vez de pássaros.

O dilúvio bíblico não pode ter tido essa causa, pois que foi repentina a invasão das águas e de curta duração a permanência delas, ao passo que, de outro modo, essa permanência teria sido de muitos milhares de anos e ainda duraria, sem que os homens se dessem conta disso.

107 N.T.: No dia 26 de dezembro de 2004, ondas gigantescas de até 12 metros de altura invadiram o litoral de doze países do sul da Ásia, especialmente a Indonésia, onde causaram maiores danos, mas se estendendo também à Oceania e à costa oriental da África. Chamadas de *tsunami*, tais ondas foram provocadas por um abalo sísmico submarino cujo epicentro ocorreu no oceano Índico, a 9.000 metros de profundidade, próximo à ilha de Sumatra, tendo atingido 9 graus na escala Richter e provocado, segundo estimativas da ONU, a morte imediata de 150.000 pessoas.

108 N.E.: Em 15/2/2013, cai na Rússia (região dos Montes Urais) um meteoro. A rocha, estimada em 10 toneladas, entrou na atmosfera e começou a se desfazer; a onda de choque causada por sua queda quebrou vidraças, balançou prédios, causando ferimentos em 1.100 pessoas. (Fonte: Jornal *O Globo*.)

109 N.E.: Hoje sabemos que o núcleo cometário é sólido, formado por gelo e rocha, e que um impacto direto com a Terra ou outro planeta qualquer poderia causar sérios danos.

110 **Nota de Allan Kardec:** O cometa de 1861 atravessou a órbita da Terra num ponto do qual esta se achava a uma distância de apenas 20 horas. A Terra esteve, portanto, mergulhada na atmosfera dele, sem que daí resultasse qualquer acidente.

111 N.E.: O movimento orbital dos planetas em torno do Sol é regido por três propriedades conhecidas como Leis de Kepler – 1ª Lei: os planetas descrevem órbitas elípticas em torno do Sol, que ocupa um dos focos da elipse; 2ª Lei: as áreas percorridas pelo raio vetor (reta que une um planeta ao Sol), são proporcionais ao tempo gasto em percorrê-las; 3ª Lei: os quadrados dos tempos de revolução são proporcionais aos cubos dos semieixos maiores das órbitas.

112 N.T.: Para mais detalhes, veja-se a *Revista espírita* de setembro de 1868.

113 **Nota de Allan Kardec:** No seu movimento de translação em torno do Sol, a velocidade da Terra é de 400 léguas por minuto. Sendo de 9.000 léguas a sua circunferência, em seu movimento de rotação ao redor do seu eixo, cada ponto do equador percorre 9.000 léguas em 24 horas, ou 6,3 léguas por minuto.

114 **N.E.:** Ver *Nota Explicativa*, p. 361.

CAPÍTULO X

Gênese orgânica

• Formação primeira dos seres vivos • Princípio vital • Geração espontânea • Escala dos seres orgânicos • O homem corpóreo[115]

Formação primeira dos seres vivos

1. Houve um tempo em que não existiam animais; logo, eles tiveram começo. Cada espécie foi aparecendo à medida que o globo adquiria as condições à sua existência. Isto é positivo. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que, existindo um primeiro casal, os indivíduos se tenham multiplicado. Mas de onde saiu esse primeiro casal? É um desses mistérios que dizem respeito ao princípio das coisas e sobre os quais apenas se podem formular hipóteses. Se a Ciência ainda não é capaz de resolver completamente o problema, pode, ao menos, encaminhá-lo para a solução.

2. A primeira questão que se apresenta é esta: cada espécie animal saiu de um *casal primitivo* ou de vários casais criados, ou, se o preferirem, *germinados* simultaneamente em diversos lugares? Esta última suposição é a mais provável, e pode-se mesmo dizer que ressalta da observação. Com efeito, o estudo das camadas geológicas atesta a presença, em terrenos de idêntica formação, e em proporções enormes, das mesmas espécies em pontos do globo muito afastados uns dos outros. Essa multiplicação tão generalizada e, de certo modo, contemporânea, teria sido impossível com um único tipo primitivo.[116]

Por outro lado, a vida de um indivíduo, sobretudo de um indivíduo nascente, está sujeita a tantas vicissitudes que toda uma criação poderia ficar comprometida, sem a pluralidade dos tipos, o que implicaria uma imprevidência inadmissível por parte do Criador supremo. Aliás, se num ponto um tipo pôde formar-se, em muitos outros pontos ele se poderia formar igualmente, por efeito da mesma causa.

Tudo, pois, concorre para provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3. A formação dos primeiros seres vivos pode deduzir-se, por analogia, da mesma lei em virtude da qual se formaram e formam todos os dias os corpos inorgânicos. À medida que se aprofunda o estudo das leis da natureza, as engrenagens que, à primeira vista, pareciam tão complicadas se vão simplificando e confundindo na grande lei de unidade que preside a toda a obra da Criação. Isso se entenderá melhor quando estiver compreendida a formação dos corpos inorgânicos, que é o seu degrau primário.

4. A Química considera elementares certo número de substâncias, tais como o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Ao se combinarem, eles formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inúmeras variedades que resultam da combinação destes.

A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige especial concurso de circunstâncias, seja um determinado grau de calor, de sequidão ou de umidade, seja o movimento ou o repouso, seja uma corrente elétrica etc. Se essas condições não existirem, a combinação não se verificará.

5. Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, enquanto o composto que deles resulta adquire outras, diferentes das primeiras. É assim, por exemplo, que o oxigênio e o hidrogênio, que são dois gases invisíveis, quimicamente combinados formam a água, que é líquida, sólida ou vaporosa, conforme a temperatura. Na água não existe mais, a bem dizer, nem oxigênio, nem hidrogênio, mas um corpo novo. Decomposta essa água, os dois gases, tornados livres, recobram suas propriedades, não havendo mais água. A mesma quantidade de água pode ser assim, alternativamente, decomposta e recomposta ao infinito.

6. A composição e a decomposição dos corpos se operam em virtude do grau de afinidade que os princípios elementares guardam entre si.[117] A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca que existe entre o oxigênio e o hidrogênio; mas, se se puser em contato com a água um corpo que tenha com o oxigênio mais afinidade do que a que este tem com o hidrogênio, a água se decompõe; o oxigênio é absorvido, o hidrogênio torna-se livre e já não haverá água.

7. Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, isto é, pela combinação de uma quantidade determinada de princípios constituintes. Assim, para formar a água, são necessárias uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Se duas partes de oxigênio forem combinadas com duas de hidrogênio, em vez de água teremos o dióxido de hidrogênio, líquido corrosivo, formado, no entanto, dos mesmos elementos que entram na composição da água, mas em outra proporção.

8. Tal é, em poucas palavras, a lei que preside à formação de todos os corpos da natureza. A inumerável variedade desses corpos resulta de pequeníssimo número de princípios elementares combinados em proporções diferentes.

Assim, o oxigênio, combinado em certas proporções com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo, ambos inofensivos, dão origem aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o alvaiade, o mínio, que são venenosos. O oxigênio, com os metais chamados cálcio, sódio, potássio, forma a cal, a soda, a potassa. A cal, unida ao ácido carbônico, forma os carbonatos de cal ou pedras calcárias, tais como o mármore, a cré, a pedra de construção, as estalactites das grutas; unida ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cal ou gesso e o alabastro; ao ácido fosfórico, forma o fosfato de cálcio, base sólida dos ossos; o cloro e o hidrogênio formam o ácido clorídrico ou hidroclórico; o cloro e o sódio formam o cloreto de sódio ou sal marinho.

9. Todas essas combinações e milhares de outras se obtêm artificialmente, em pequena escala, nos laboratórios de química; elas se operam espontaneamente e em grande escala no grande laboratório da natureza.

Em sua origem, a Terra não continha essas matérias em combinação, mas apenas os seus princípios constituintes volatilizados. Quando as terras calcárias e outras, tornadas pedrosas com o tempo, se depositaram na sua superfície, aquelas matérias não existiam inteiramente formadas; porém, se encontravam no ar, em estado gasoso, todas as substâncias primitivas. Precipitadas por efeito do resfriamento, essas substâncias, sob o império de circunstâncias favoráveis, se combinaram, segundo o grau de suas afinidades moleculares. Foi então que se formaram as diversas variedades de carbonatos, de sulfatos etc., a princípio em dissolução nas águas, depois na superfície do solo.

Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra voltasse ao estado primitivo de incandescência, tudo se decomporia; os elementos se separariam;

todas as substâncias fusíveis se fundiriam; todas as que são volatilizáveis, se volatilizariam. Depois, outro resfriamento determinaria nova precipitação e de novo se formariam as antigas combinações.

10. Estas considerações provam quanto a Química era necessária para a compreensão da Gênese. Antes de se conhecerem as leis da afinidade molecular, era impossível compreender-se a formação da Terra. Esta ciência lançou grande luz sobre a questão, como o fizeram a Astronomia e a Geologia, sob outros pontos de vista.

11. Na formação dos corpos sólidos, um dos mais notáveis fenômenos é o da cristalização, que consiste na forma regular que assumem certas substâncias, ao passarem do estado líquido ou gasoso para o estado sólido. Essa forma, que varia de acordo com a natureza da substância, é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide. Todos conhecem os cristais de açúcar cândi; os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces que terminam em pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro, ou carvão cristalizado. Os desenhos que no inverno se produzem sobre as vidraças são devidos à cristalização do vapor de água durante a congelação, sob a forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais corresponde à forma particular das moléculas de cada corpo. Essas partículas, infinitamente pequenas para nós, mas que não deixam por isso de ocupar um certo espaço, solicitadas umas para as outras pela atração molecular, se arrumam e se justapõem segundo o exigem suas formas, de modo a tomar cada uma o seu lugar em torno do núcleo ou primeiro centro de atração e a constituir um conjunto simétrico.

A cristalização só se opera em certas circunstâncias favoráveis, fora das quais ela não pode dar-se. O grau da temperatura e o repouso absoluto são condições essenciais. Compreende-se que um calor muito forte, mantendo afastadas as moléculas, não lhes permitiria que se condensassem, e que a agitação, impossibilitando-lhes um arranjo simétrico, não lhes deixaria formar senão uma massa confusa e irregular e, portanto, nada de cristalização propriamente dita.

12. A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos. A análise química mostra que todas as substâncias vegetais e animais são compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, os que desempenham papel mais importante são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono. Os outros entram

acessoriamente. Como no reino mineral, a diferença de proporções na combinação desses elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bile, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, o lenho, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas[118] etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, não entra nenhum corpo especial que também não se encontre no reino mineral.[119]

13. Alguns exemplos comuns darão a compreender as transformações que se operam no reino orgânico, pela só modificação dos elementos constitutivos.

No suco de uva não há vinho, nem álcool, mas simplesmente água e açúcar. Quando o suco fica maduro e são propícias as condições, produz-se nele um trabalho íntimo a que se dá o nome de fermentação. Por esse trabalho, uma parte do açúcar se decompõe; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono se separam e se combinam nas proporções necessárias a produzir o álcool, de sorte que, ao se beber suco de uva, não se bebe realmente álcool, pois que este ainda não existe. Ele se forma das partes constituintes da água e do açúcar, sem que haja, em suma, uma molécula a mais ou a menos.

No pão e nos legumes que se comem, não há certamente carne, nem sangue, nem osso, nem bílis, nem matéria cerebral; entretanto, esses mesmos alimentos, decompondo-se e se recompondo pelo trabalho da digestão, produzem aquelas diferentes substâncias tão só pela transmutação de seus elementos constitutivos.

Na semente de uma árvore, não há madeiras, folhas, flores, frutos e seria erro pueril acreditar-se que a árvore inteira, sob forma microscópica, ali se encontra. Quase não há, sequer, na semente, oxigênio, hidrogênio e carbono na quantidade necessária para formar uma folha de árvore. A semente[120] contém um germe que desabrocha quando encontra condições favoráveis. Esse germe se desenvolve em virtude dos sucos que haure da terra e dos gases que aspira do ar. Tais sucos, que não são lenho, nem folhas, nem flores, nem frutos, ao se infiltrarem na planta, formam-lhe a seiva, como nos animais formam o sangue. Levada pela circulação a todas as partes do vegetal, a seiva, conforme o órgão a que vai ter e onde sofre uma elaboração especial, se transforma em lenho, folhas, frutos, como o sangue se transforma em carne, ossos, bílis etc. Contudo, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, diversamente combinados.

14. As diferentes combinações dos elementos, para a formação das substâncias minerais, vegetais e animais, não podem, pois, operar-se, a não ser

nos meios e em circunstâncias propícias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares estão numa forma de inércia. Mas desde que as circunstâncias se tornam favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximam-se e se separam em virtude da lei das afinidades e, por suas múltiplas combinações, compõem a infinita variedade das substâncias. Se essas condições desaparecerem, o trabalho cessa subitamente, para recomeçar quando elas de novo se apresentarem. É assim que a vegetação se ativa, enfraquece, para e prossegue, sob a ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca; que esta planta prospera, num clima ou num terreno, e se estiola ou perece em outros.

15. O que se passa diariamente sob os nossos olhos pode colocar-nos na pista do que se passou na origem dos tempos, visto que as leis da natureza são invariáveis.

Uma vez que os elementos constitutivos dos seres orgânicos e inorgânicos são os mesmos; que os vemos incessantemente, em dadas circunstâncias, a formar pedras, plantas e frutos, podemos concluir daí que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram, como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares, em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a esta ou àquela espécie.

A semelhança de forma e de cores, na reprodução dos indivíduos de cada espécie, pode comparar-se à semelhança de forma de cada espécie de cristal. Ao se justaporem sob a ação da mesma lei, as moléculas produzem conjunto análogo.[121]

Princípio vital

16. Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes dos minerais, falamos em sentido exclusivamente material, pois que aqui só se trata do corpo. Sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte, há na matéria orgânica um princípio especial, inapreensível, e que ainda não pôde ser definido: *o princípio vital*. Ativo no ser vivo, esse princípio se acha *extinto* no ser morto; mas nem por isso deixa de dar à substância propriedades características que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, porém, jamais

chegou a reconstituir sequer uma folha morta, prova evidente de que há nos seres orgânicos alguma coisa que não existe nos inorgânicos.

17. Será o princípio vital algo distinto que tenha existência própria? Ou, integrado no sistema da unidade do elemento gerador, não passa de um estado particular, uma das modificações do fluido cósmico universal, pela qual este se torne princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? É neste último sentido que as comunicações acima reproduzidas resolvem a questão. (Cap. VI, *Uranografia geral*.)

Mas seja qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, o certo é que ele existe, pois que se apreciam os seus efeitos. Pode-se, portanto, logicamente, admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital, por ser necessário à destinação deles; ou, se o preferirem, que esse princípio se desenvolveu, por efeito mesmo da combinação dos elementos, tal como se desenvolvem, em certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade.

18. Combinando-se sem o princípio vital, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono só teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica.

A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio vital *se extingue*, como o calor, quando a roda deixa de girar. Mas o *efeito* produzido sobre o estado molecular do corpo pelo princípio vital subsiste após a extinção desse princípio, como a carbonização da madeira persiste após a extinção do calor. Na análise dos corpos orgânicos, a Química encontra os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, mas é incapaz de reconstituir aqueles corpos, porque, já não existindo a causa, não lhe é possível reproduzir o *efeito*, ao passo que pode reconstituir uma pedra.

19. Tomamos para termo de comparação o calor que se desenvolve pelo movimento de uma roda, por ser um efeito vulgar, que todo mundo conhece e é mais fácil de se compreender. Contudo, teríamos sido mais exato se houvéssemos dito que, na combinação dos elementos para formarem os corpos orgânicos, desenvolve-se a *eletricidade*. Os corpos orgânicos seriam, então,

verdadeiras *pilhas elétricas*, que funcionariam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: é a vida; que deixam de funcionar quando tais condições desaparecem: é a morte. Segundo essa maneira de ver, o princípio vital não seria mais que uma espécie particular de eletricidade, denominada *eletricidade animal*, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos,[122] sua produção cessa por ocasião da morte, por se extinguir tal ação.

Geração espontânea[123]

20. É natural perguntar-se por que já não se formam seres vivos nas mesmas condições em que se formaram os primeiros que surgiram na Terra.[124]

A questão da geração espontânea, que tanto preocupa a Ciência, embora ainda esteja diversamente resolvida, não pode deixar de lançar luz sobre esse ponto. O problema proposto é este: formam-se atualmente seres orgânicos pela simples reunião dos seres que os constituem, sem germens previamente produzidos pelo modo habitual de geração, ou, por outra, sem pais nem mães?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente, apoiando-se em observações diretas que parecem concludentes. Pensam outros que todos os seres vivos se reproduzem uns pelos outros, firmados sobre o fato, que a experiência comprova, de que os germens de certas espécies vegetais e animais, mesmo dispersos, conservam latente vitalidade durante um tempo considerável, até que as circunstâncias lhes favoreçam a eclosão. Esta maneira de entender deixa sempre em aberto a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21. Sem discutir os dois sistemas, convém notar que o princípio da geração espontânea evidentemente só se pode aplicar aos seres das ordens mais inferiores dos reinos animal e vegetal, àqueles nos quais a vida começa a despontar em organismo, relativamente simples e, de certo modo, rudimentar. Foram esses, de fato, os primeiros que apareceram na Terra e que a formação houve de ser espontânea. Assistiríamos assim a uma criação permanente, análoga à que se produziu nas primeiras idades do mundo.

22. Mas, então, por que não se formam da mesma maneira os seres de complexa organização? É fato positivo que esses seres não existiram sempre; logo, tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os

vermes intestinais e outros podem produzir-se espontaneamente, por que não se dá o mesmo com as árvores, os peixes, os cães, os cavalos?

Param aí, por enquanto, as investigações; desaparece o fio condutor e, até que ele seja encontrado, o campo fica aberto às hipóteses. Seria, pois, imprudente e prematuro apresentar meros sistemas como verdades absolutas.

23. Se a geração espontânea é fato demonstrado,[125] por mais limitado que seja, não deixa de constituir um fato capital, uma baliza capaz de indicar o caminho para novas observações. Se os seres orgânicos completos não se produzem dessa maneira, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Vendo o carvalho sair da bolota, quem pode afirmar que não exista um laço misterioso entre o pólipo e o elefante? (Item 25.)

No estado atual dos nossos conhecimentos, não podemos estabelecer a teoria da geração espontânea *permanente*, senão como hipótese, mas como hipótese provável e que um dia, talvez, tome lugar entre as verdades científicas incontestáveis.[126]

Escala dos seres orgânicos

24. Não há delimitação nitidamente marcada entre os reinos vegetal e animal. Nas fronteiras dos dois reinos estão os *zoófitos* ou *animais plantas*, cujo nome indica que eles participam de um e outro, servindo-lhes de traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como aqueles, elas precisam de luz, de calor e de água; estiolam-se e morrem, caso lhes faltem esses elementos. A absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Têm como caráter distintivo mais acentuado o fato de se conservarem presas ao solo e tirarem dele a nutrição, sem se deslocarem.

O zoófito tem a aparência exterior da planta. Como planta, mantém-se preso ao solo; como animal, a vida nele se acha mais acentuada; tira a sua alimentação do meio ambiente.

Um degrau acima, o animal é livre e já procura o seu alimento. Em primeiro lugar vêm as inúmeras variedades de pólipos, de corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, só diferindo das plantas pela faculdade de locomoção; seguem-se, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto, os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos sem ossos,

alguns deles nus, como as lesmas, os polvos, outros providos de conchas, como o caracol, a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura, como o caranguejo, a lagosta; os insetos, aos quais a vida assume prodigiosa atividade e se manifesta o instinto engenhoso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns sofrem metamorfose, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem depois a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, que compreende os peixes, os répteis, os pássaros e, por fim, os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

25. Se se considerarem apenas os dois pontos extremos da cadeia, por certo não haverá nenhuma analogia aparente; mas, se se passar de um elo a outro sem solução de continuidade, chega-se, sem transição brusca, da planta aos animais vertebrados. Compreende-se então que os animais de organização complexa não sejam mais do que uma transformação ou, em outras palavras, um desenvolvimento gradual, a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior e, assim, sucessivamente, até o ser primitivo elementar. Entre a bolota e o carvalho a diferença é grande; entretanto, se acompanharmos passo a passo o desenvolvimento da bolota, chegaremos ao carvalho e já não nos admiraremos de que este proceda de tão pequena semente. Ora, se a bolota encerra em latência os elementos próprios à formação de uma árvore gigantesca, por que não se daria o mesmo do ácaro ao elefante? (Item 23.)

Diante do exposto, compreende-se que não exista geração espontânea senão para os seres orgânicos elementares. As espécies superiores seriam o produto das transformações sucessivas desses mesmos seres, à medida que as condições atmosféricas se lhes foram tornando propícias. Adquirindo cada espécie a faculdade de reproduzir-se, os cruzamentos acarretaram inúmeras variedades. Depois, uma vez instalada em condições favoráveis, quem nos diz que os germens primitivos de onde ela surgiu não desapareceram para sempre, por inúteis? Quem nos diz que o nosso ácaro atual seja idêntico ao que, de transformação em transformação, produziu o elefante? Explicar-se-ia, assim, por que não há geração espontânea entre os animais de organização complexa.

Esta teoria, sem ser admitida ainda de maneira definitiva, é a que tende evidentemente a predominar hoje na Ciência. É aceita pelos observadores sérios como a mais racional dentre todas as que existem.

O homem corpóreo

26. Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais difere unicamente por algumas nuanças na forma exterior. Quanto ao mais, a mesma composição química de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive, morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram no corpo dos animais. Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que se haviam combinado para formá-lo, de modo que esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas no próprio homem.

27. Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos *bímanos*. Logo abaixo dele vêm os *quadrúmanos* (animais de quatro mãos), ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, guardam certa aparência com o homem, a tal ponto que, durante muito tempo, foram denominados *homens das florestas*. Como o homem, esses macacos caminham eretos, usam cajados, constroem choças e levam o alimento à boca com o auxílio das mãos: sinais característicos.

28. Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, reconhece-se que, desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e seus anéis, sem exceção de um só, têm um ponto de contato com o anel precedente. *Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior*. Visto que as condições do corpo do homem são idênticas às dos outros corpos, química e constitucionalmente, e considerando-se que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, também ele há de se ter formado nas mesmas condições que os outros.

29. Embora isso possa custar muito ao seu orgulho, o homem deve resignar-se a não ver em seu *corpo material* senão o último anel da animalidade *na Terra*. Aí está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar.

Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, tanto mais cresce de importância o princípio espiritual. Se o primeiro o nivela ao bruto, o segundo o eleva a uma altura incomensurável. Vemos o limite extremo do animal, mas não vemos o limite a que chegará o Espírito do homem.

30. Por aí o materialismo pode ver que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da Ciência e o seu positivismo, vai ao encontro deles e os provoca, porque está certo de que o princípio espiritual, *que tem existência própria*, em nada pode com elas sofrer.

O Espiritismo marcha ao lado do materialismo, no campo da matéria; admite tudo o que o segundo admite; mas avança para além do ponto em que este se detém. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham juntos, partindo de um mesmo ponto; chegados a certa distância, um diz: "Não posso ir mais longe." O outro prossegue e descobre um novo mundo. Por que, então, o primeiro diz que o segundo é louco? só porque, entrevendo novos horizontes, o segundo se decide a transpor os limites que o outro julga por bem não avançar? Também Cristóvão Colombo não foi tachado de louco, porque acreditava na existência de um mundo além do oceano? Quantos desses loucos sublimes a História não conta, que têm feito a humanidade avançar e aos quais se tecem coroas, depois de lhes haver atirado lama?

Pois bem! O Espiritismo, esta loucura do século XIX, segundo os que se obstinam em permanecer ligados à Terra, nos torna evidente todo um mundo, bem mais importante para o homem do que a América, visto que nem todos os homens vão à América, ao passo que todos, sem exceção de um só, vão ao mundo dos Espíritos, fazendo incessantes travessias de um para o outro. Chegados, portanto, ao ponto em que nos achamos com relação à Gênese, o materialismo se detém, enquanto o Espiritismo prossegue em suas pesquisas no domínio da *Gênese espiritual.*

---

115 N.T.: A palavra — "corpóreo" — não faz parte do original francês que serviu de base para esta tradução. Consta, porém, no "Sumário" da obra e, mais adiante, no subtítulo que trata dos itens 26 a 30 deste capítulo, razão por que a inserimos neste livro.

116 N.E.: Segundo Charles Darwin (1809–1882), naturalista britânico, autor de *Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural* (1859), as espécies teriam evoluído pelo processo de seleção natural, ou seja, os indivíduos mais aptos a sobreviver em um determinado ambiente, apresentam mais probabilidade de gerar uma prole que herde suas características genéticas, que por sua vez sofrem imperceptíveis mutações genéticas de geração em geração. Ao longo de séculos, o acúmulo de pequenas mutações genéticas acaba resultando em grandes modificações e aperfeiçoamentos se compararmos com a primeira geração daquela espécie, podendo surgir até novas espécies, bem diversas da primeira.

A teoria mais aceita atualmente é, então, a de que todas as espécies do planeta estão de alguma forma interligadas, das mais simples às

mais complexas.

117 N.E.: Eletronegatividade é a maior ou menor tendência de um átomo para receber elétrons e formar um íon negativo.

118 N.E.: Os tecidos orgânicos que formam os músculos, os ossos, o sangue, o caule etc., são constituídos por células, seres vivos microscópicos que desempenham funções especializadas, necessárias ao funcionamento de cada órgão do ser a que pertencem.

119 **Nota de Allan Kardec:** O quadro abaixo, da análise de algumas substâncias, mostra a diferença de propriedades que resulta tão só da variação na proporção em que entram os elementos constituintes. Sobre 100 partes, temos:

	Carbono	*Hidrogênio*	*Oxigênio*	*Azoto*
Açúcar de cana	*42.470*	*6.900*	*50.360*	–
Açúcar de uva	*36.710*	*6.870*	*56.510*	–
Álcool	*51.980*	*13.700*	*34.320*	–
Azeite de oliveira	*77.210*	*13.360*	*9.430*	–
Óleo de nozes	*79.774*	*10.570*	*9.122*	*0.534*
Gordura	*78.996*	*11.700*	*9.304*	–
Fibrina	*53.360*	*7.021*	*19.685*	*19.934*

120 N.E.: Na semente, como em todos os ovos que presidem à formação dos seres vivos, encontram-se presentes os genes que contêm o código genético com as informações necessárias à formação da planta.

121 N.E.: Hoje sabemos que os processos de reprodução de qualquer ser vivo dependem das informações contidas nos genes dos ascendentes do ser que está sendo gerado. Cada indivíduo, com as características e funções de seus órgãos, está relacionado com o ambiente em que vive, o que torna melhor adaptado e garante a sobrevivência da sua espécie.

122 N.E.: Hoje sabemos que se refere às células. O metabolismo celular, na troca iônica da bomba de sódio e potássio, produz uma diferença de potencial elétrico, ou seja, produz eletricidade animalizada, pois que é realizada por um ser vivo, a célula. Com a morte da célula, cessa a produção de eletricidade resultante de seu metabolismo, do conjunto dos órgãos, do corpo com um todo.

123 N.T.: Allan Kardec, neste como em outros pontos, serviu-se dos conhecimentos científicos da época em que viveu, e não podia ir além. Hoje, porém, está sobejamente comprovado pela Ciência que não existe geração espontânea, nem mesmo para os seres “das ordens mais inferiores” da Criação, como vírus e bactérias, por exemplo. Não se deve esquecer, entretanto, que Kardec teve o cuidado de apresentar a teoria da geração espontânea como *hipótese provável*, e não como *princípio constitutivo* da Doutrina Espírita. (Ver item 23.)

124 N.E.: O planeta não apresenta as mesmas condições que possibilitaram a existência de seus primeiros habitantes.

125 N.E.: Atualmente temos a Teoria da Evolução Química ou Molecular, que postula que a vida surgiu a partir do processo de evolução química de compostos inorgânicos, dando origem a moléculas orgânicas e, depois, às primeiras e mais simples formas de vida.

126 **Nota de Allan Kardec:** Veja-se na *Revista espírita* de julho de 1868, o desenvolvimento da teoria da geração espontânea. [Artigo: *A geração espontânea e a gênese*.]

CAPÍTULO XI



Gênese espiritual

• Princípio espiritual • União do princípio espiritual à matéria • Hipótese sobre a origem do corpo humano • Encarnação dos Espíritos • Reencarnações • Emigrações e imigrações dos Espíritos • Raça adâmica • Doutrina dos anjos decaídos e do paraíso perdido[127]

Princípio espiritual

1. A existência do princípio espiritual é um fato que, a bem dizer, não precisa de demonstração, do mesmo modo que o da existência do princípio material. É, de certa forma, uma verdade axiomática. Ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria pelos que lhe são próprios.

De acordo com este princípio: “Todo efeito tem uma causa; logo, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente”, não há quem não faça a distinção entre o movimento mecânico de um sino que o vento agite e o movimento desse mesmo sino para dar um sinal, um aviso, atestando, só por isso, que obedece a um pensamento, a uma intenção. Ora, não podendo acorrer a ninguém a ideia de atribuir pensamento à matéria do sino, tem-se de concluir que o move uma inteligência à qual ele serve de instrumento para que ela se manifeste.

Pela mesma razão, ninguém terá a ideia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Se, quando vivo, o homem pensa, é que há nele alguma coisa que não existe quando está morto. A diferença que há entre ele e o sino é que a inteligência, que faz com que este se mova, está fora dele, ao passo que está no homem a que o faz atuar.

2. O princípio espiritual é o corolário da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, visto que não se poderia conceber a soberana inteligência a reinar, durante toda a eternidade, unicamente sobre a matéria bruta, como não se poderia conceber que um monarca terrestre, durante

toda a sua vida, reinasse exclusivamente sobre pedras. Como não se pode admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade — a justiça e a bondade — seriam inúteis essas qualidades, se Ele só as devesse exercitar sobre a matéria.

3. Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, a criar seres inteligentes e sensíveis, para os votar ao nada, após alguns dias de sofrimentos sem compensações, a recrear-se nessa sucessão indefinida de seres que nascem sem o haverem pedido, pensando por um instante apenas para conhecerem a dor, e se extinguindo para sempre após efêmera existência.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem objetivo. Eis por que o materialismo e o ateísmo são corolários um do outro; negando a causa, não podem admitir o efeito; negando o efeito, não podem admitir a causa. O materialismo é, pois, coerente consigo mesmo, embora não o seja com a razão.

4. A ideia da perpetuidade do ser espiritual é inata no homem, achando-se nele em estado de intuição e de aspiração. O homem compreende que somente aí está a compensação às misérias da vida. Essa é a razão por que sempre houve e haverá cada vez mais espiritualistas do que materialistas e mais deístas do que ateus.

À ideia intuitiva e à força do raciocínio o Espiritismo vem juntar a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua individualidade. Torna precisa e define o que aquela ideia tinha de vago e de abstrato. Mostra o ser inteligente a atuar fora da matéria, quer depois, quer durante a vida do corpo.

5. O princípio espiritual e o princípio vital são uma só e mesma coisa? — Partindo, como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria alguma razão para confundi-los. Desde, porém, que se veem seres que vivem e não pensam, como as plantas; corpos humanos que ainda se revelam animados de vida orgânica quando já não existe qualquer manifestação de pensamento; uma vez que no ser vivo se produzem movimentos vitais independentes de qualquer intervenção da vontade; que durante o sono a vida orgânica se conserva em plena atividade, enquanto a vida intelectual não se manifesta por nenhum sinal exterior, tem cabimento admitir-se que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao Espírito. Ora, visto que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem

uma vitalidade independente da matéria, torna-se evidente que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes. (Cap. X, itens 16 a 19.)

6. Terá o princípio espiritual sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Será apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor etc.? — Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia pela desagregação, como o princípio vital; o ser inteligente não teria mais do que uma existência momentânea, como a do corpo, volvendo ao nada ao morrer, ou, o que daria na mesma, ao todo universal. Seria, numa palavra, a sanção das doutrinas materialistas.

As propriedades *sui generis* que se reconhecem ao princípio espiritual provam que ele tem existência própria, independente, pois que, se sua origem estivesse na matéria, aquelas propriedades lhe faltariam. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se, remontando dos efeitos à causa, à conclusão de que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados *Espíritos*, como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos.

7. Admitido o ser espiritual e não podendo ele proceder da matéria, qual a sua origem, seu ponto de partida? — Não dispomos aqui absolutamente de meios de investigação, como para tudo o que diz respeito ao princípio das coisas. O homem só pode comprovar o que existe, cabendo-lhe, acerca de tudo o mais, apenas formular hipóteses. E, ou porque esse conhecimento esteja fora do alcance da sua inteligência atual, ou porque lhe possa ser inútil ou prejudicial, Deus não lho concede nem mesmo pela revelação.

O que Deus permite que seus mensageiros lhe digam e o que, aliás, o próprio homem pode deduzir por si mesmo do princípio da soberana justiça, atributo essencial da Divindade, é que todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais. Que todos atingirão o grau de perfeição compatível com os esforços pessoais das criaturas; que todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de igual solicitude; que não há nenhum mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta.

8. Ao mesmo tempo que criou, desde todo o sempre, mundos materiais, Deus igualmente tem criado seres espirituais desde toda a eternidade. Se não fosse assim, os mundos materiais não teriam nenhum objetivo. Seria muito mais fácil se conceberem os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes últimos sem aqueles. Os mundos materiais é que teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências.

9. O progresso é a condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa à meta a que devem atingir. Ora, havendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando incessantemente, também desde toda a eternidade tem havido seres que já atingiram o ponto culminante da escala.

Antes que a Terra existisse, mundos incontáveis haviam sucedido a mundos e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço já estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que surgiram para a vida até os que, desde toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os Espíritos puros, vulgarmente chamados anjos.

União do princípio espiritual à matéria

10. Tendo a matéria que ser objeto de trabalho do Espírito para o desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, razão pela qual veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Devendo a matéria ser, ao mesmo tempo, objeto e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos.

O corpo é, pois, ao mesmo tempo, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro envoltório apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cumpre executar, tal como se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro à proporção que ele vai se mostrando capaz de executar obra mais bem cuidada.

11. Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, ajusta-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais, cabendo a ele empregá-los. É assim

que as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um mecanismo cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo também se explica a marca especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo. (Cap. VIII, item 7, Alma da Terra.)[128]

12. Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, é de todo necessário, em benefício do seu adiantamento, que faça uso de suas faculdades, rudimentares a princípio. É por isso que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à medida que suas forças vão aumentando. Ora, como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram origem a corpos organizados aptos a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos, qualquer que fosse o grau de adiantamento que houvessem alcançado, encontraram os elementos necessários à sua vida carnal.

13. Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e se decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para a sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem o corpo privado de vida se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas ou uma roupa imprestável.

14. O corpo, pois, não passa de um envoltório destinado a receber o Espírito, pouco importando sua origem e os materiais que entram na sua construção. Seja ou não o corpo do homem uma criação especial, o que é certo é que tem a formá-lo os mesmos elementos que formam o corpo dos animais, a animá-lo o mesmo princípio vital, ou, por outra, a aquecê-lo o mesmo fogo, como tem a iluminá-lo a mesma luz e se acha sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades. Eis um ponto que não sofre contestação.

Caso se considere apenas a matéria, abstraindo do Espírito, o homem nada tem que o distinga do animal. Tudo, porém, muda de aspecto, tão logo se estabelece distinção entre a *habitação* e o *habitante*.

Um grande senhor, seja numa choupana, seja envergando as vestes de um camponês, não deixa de ser um grande senhor. O mesmo se dá com o homem: não é a sua vestidura de carne que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte, mas o ser espiritual que existe nele, o seu Espírito.

Hipótese sobre a origem do corpo humano

15. Da semelhança de formas exteriores que existe entre o corpo do homem e o do macaco, alguns fisiologistas concluíram que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada aí há de impossível, nem o que afete a dignidade do homem. É possível que corpos de macaco tenham servido de vestimenta aos primeiros Espíritos humanos, necessariamente pouco adiantados, que viessem encarnar na Terra, visto ser essa vestimenta mais apropriada às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de se fazer para o Espírito um envoltório especial, ele teria achado um já pronto. Vestiu-se então da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como algumas vezes o homem se reveste da pele de certos animais, sem deixar de ser homem.

Fique bem entendido que aqui se trata apenas de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada somente para mostrar que a origem do corpo em nada prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica paridade entre o seu Espírito e o do macaco.

16. Admitida essa hipótese, pode-se dizer que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nas particularidades, conservando a forma geral do conjunto (item 11). Melhorados pela procriação, os corpos se reproduziram nas mesmas condições, como sucede com as árvores enxertadas. Deram origem a uma espécie nova, que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo, à medida que o Espírito ia progredindo. O Espírito macaco, que não foi aniquilado, continuou a procriar, para seu uso, corpos de macaco, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos de homens, variantes do primeiro molde em que ele se estabeleceu. O tronco se bifurcou: produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco.

Como não há transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros homens que apareceram na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência. Em nossos dias ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta semelhança com o macaco que só lhes falta serem peludos para que tal semelhança se torne completa.

Encarnação dos Espíritos

17. O Espiritismo nos ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o corpo, na encarnação.

Pela sua essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, precisando de um intermediário, que é o envoltório fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele. Trata-se de um envoltório semimaterial, isto é, que pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado *perispírito*, faz de um ser abstrato, do Espírito, um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, conforme se dá com todos os fluidos imponderáveis, que são, como se sabe, os mais potentes motores.

O fluido perispirítico constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante sua união com o corpo, serve de veículo ao pensamento do Espírito, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Tem por fios condutores os nervos, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.

18. Quando um Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao germe que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o germe se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do *princípio vital-material do germe*, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, *molécula a molécula*, ao corpo que se forma. É por isso que se diz que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, *se enraíza*, de certa maneira, nesse germe, como uma planta na terra. Quando o germe chega ao seu pleno desenvolvimento, a união é completa e então nasce o ser para a vida exterior.

Por um efeito contrário, esta união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do germe, cessa desde que esse princípio deixa de atuar, em consequência da desagregação do corpo. Mantida até então por uma força atuante, tal união se desfaz logo que essa força deixa de atuar. Então o perispírito se desprende, *molécula a molécula*, conforme se unira,

e o Espírito é restituído à liberdade. Assim, *não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito*.

Considerando-se que, um instante após a morte, a integridade do Espírito é completa; que suas faculdades adquirem até maior poder de penetração, ao passo que o princípio de vida se acha extinto no corpo, fica provado, sem margem de dúvida, que o princípio vital e o princípio espiritual são duas coisas distintas.

19. O Espiritismo nos faz compreender, pelos fatos cuja observação ele faculta, os fenômenos que acompanham essa separação. Algumas vezes ela é rápida, fácil, suave e insensível, ao passo que em outras é lenta, laboriosa, horrivelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20. Um fenômeno particular que a observação também assinala, acompanha sempre a encarnação do Espírito. Desde que este é apanhado no laço fluídico que o prende ao germe, entra em estado de perturbação, que aumenta à medida que o laço se aperta, perdendo o Espírito a consciência de si próprio, de modo que jamais presencia o seu nascimento. Quando a criança respira, o Espírito começa a recobrar as suas faculdades, que se desenvolvem à medida que se formam e consolidam os órgãos que lhes hão de servir às manifestações.

21. Entretanto, ao mesmo tempo que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente, que haviam ficado temporariamente em estado de latência e que, voltando à atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor que antes. Ele renasce tal qual se fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Ainda aí se manifesta a bondade do Criador, visto que a lembrança do passado, muitas vezes penosa e humilhante, adicionada aos amargores de uma nova existência, poderia perturbá-lo e lhe criar embaraços. Ele apenas se lembra do que aprendeu, porque isso lhe é útil. Se por vezes conserva vaga intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sono fugitivo. É, pois, um novo homem, por mais antigo que seja o seu Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições anteriores. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se desdobra diante dos olhos e ele julga se empregou bem ou mal o seu tempo.

22. Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado. O Espírito é sempre *ele mesmo*, antes, durante e depois da encarnação, sendo esta apenas uma fase da sua existência. Tal esquecimento se dá tão só no curso da vida exterior de relação, visto que o Espírito, em parte desprendido dos laços carnais pelo sono, é restituído à liberdade e à vida espiritual, lembrando-se, por conseguinte, do seu passado, já que não tem a visão tão obscurecida pela matéria.

23. Tomando-se a humanidade no grau mais ínfimo da escala intelectual, como se encontra nos mais atrasados selvagens, pergunta-se se aí está o ponto inicial da alma humana. Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades; seria, por assim dizer, o seu período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal.

Este sistema, fundado na grande lei de unidade que preside à Criação, corresponde, forçoso é convir, à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então de formar uma categoria de seres deserdados, para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem, mas os atributos especiais de que se acha dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam e dele fazem um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga que lhe deu origem. Por haver passado pela fieira da animalidade, o homem não deixaria de ser homem; já não seria animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe que o pôs no mundo.

Mas este sistema levanta numerosas questões, que não convém discutir aqui, assim como não vale a pena examinar as diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Sem, pois, pesquisarmos a origem da alma, sem procurarmos conhecer as fieiras pelas quais ela porventura haja passado, tomamo-la *ao entrar na humanidade*, no ponto em que, dotada de senso moral e de livre-arbítrio, começa a incorrer na responsabilidade de seus atos.

24. A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover ao alimento do

corpo, à sua segurança, ao seu bem-estar, força-o naturalmente a empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. Desse modo, sua união com a matéria é útil ao seu adiantamento, e é por isso que *a encarnação é uma necessidade*. Além disso, pelo trabalho inteligente que ele executa em seu proveito, sobre a matéria, auxilia a transformação e o progresso material do globo que lhe serve de habitação. É assim que, progredindo, colabora na obra do Criador, da qual se torna fator inconsciente.

25. Todavia, a encarnação do Espírito não é constante, nem perpétua, mas transitória. Deixando um corpo, ele não retoma outro imediatamente. Durante lapso de tempo mais ou menos considerável, vive da vida espiritual, que é a sua vida normal, de tal sorte que o tempo que lhe duram as encarnações vem a ser insignificante, comparado ao que passa no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente, no sentido de que aplica ao seu adiantamento os conhecimentos e a experiência que alcançou durante a vida corporal; examina o que fez enquanto habitou a Terra, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça planos e toma resoluções pelas quais pretende guiar-se em nova existência, com a ideia de melhor se conduzir. Desse modo, cada existência representa um passo à frente no caminho do progresso, uma espécie de escola de aplicação.

26. Normalmente, a encarnação não é uma punição para o Espírito, conforme pensam alguns, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de ele progredir. (*O céu e o inferno*, Primeira parte, cap. III, itens 8 e seguintes.)

À medida que progride moralmente, o Espírito se desmaterializa, isto é, depura-se ao se libertar da influência da matéria; sua vida se espiritualiza, suas faculdades e percepções se ampliam; sua felicidade se torna proporcional ao progresso realizado. Como, porém, age em virtude do seu livre-arbítrio, pode ele, por negligência ou má vontade, retardar o seu avanço; prolonga, consequentemente, a duração de suas encarnações materiais, que, então, se lhe tornam uma punição, visto que, por sua falta, ele permanece nas categorias inferiores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa. Depende, pois, do Espírito abreviar, pelo trabalho de depuração executado sobre si mesmo, a duração do período das encarnações.

27. O progresso material de um globo acompanha o progresso moral de seus habitantes. Ora, sendo incessante a criação dos mundos e dos Espíritos e progredindo estes mais ou menos rapidamente, conforme o uso que façam do livre-arbítrio, segue-se que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, em que a encarnação é mais ou menos material e onde, por conseguinte, o trabalho, para os Espíritos, é menos rude. Deste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados. Povoada por Espíritos mais ou menos inferiores, a vida corpórea é aí mais penosa do que nos outros planetas, havendo-os também mais atrasados, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra e em confronto com os quais esta seria, relativamente, um mundo feliz.

28. Depois que os Espíritos realizaram a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, deixam-no para encarnar em outro mais adiantado, onde possam adquirir novos conhecimentos e assim por diante, até que, não lhes sendo mais de proveito algum a encarnação em corpos materiais, passam a viver exclusivamente da vida espiritual, na qual continuam a progredir em outro sentido e por outros meios. Chegados ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade. Admitidos nos conselhos do Onipotente, conhecem-lhe o pensamento e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos no governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de todos os graus de adiantamento.

Assim, qualquer que seja o grau em que se achem na hierarquia espiritual, do mais ínfimo ao mais elevado, os Espíritos têm suas atribuições no grande mecanismo do universo; todos são úteis ao conjunto e, ao mesmo tempo, a si próprios. Aos menos adiantados, como a simples serviçais, incumbe o desempenho de uma tarefa material que, a princípio inconsciente, se torna depois cada vez mais inteligente. No mundo espiritual há atividade por toda parte e em nenhum ponto ociosidade inútil.

A coletividade dos Espíritos constitui, de certo modo, a alma do universo. Por toda parte, o elemento espiritual é que atua em tudo, sob o influxo do pensamento divino. Sem esse elemento, só há matéria inerte, destituída de finalidade, sem inteligência e tendo por único motor as forças materiais, que deixam uma multidão de problemas insolúveis. Com a ação do elemento espiritual *individualizado*, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, e tudo se explica. É por isso que, sem a espiritualidade, o homem esbarra em dificuldades insuperáveis.

29. Quando a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência da espécie humana, encarnaram nela Espíritos humanos. De onde vinham? Quer tenham sido criados naquele momento, quer tenham procedido, completamente formados, do espaço, de outros mundos, ou da própria Terra, a presença deles neste planeta, a partir de certa época, é um fato, pois que antes deles só havia animais. Revestiram-se de corpos adequados às suas necessidades especiais, às suas aptidões, e que, fisiologicamente, tinham as características da animalidade. Sob a influência deles e por meio do exercício de suas faculdades, esses corpos se modificaram e aperfeiçoaram: é o que a observação comprova. Deixemos, pois, de lado a questão da origem, por enquanto insolúvel; tomemos o Espírito, não em seu ponto de partida, mas no momento em que, manifestando-se nele os primeiros germens do livre-arbítrio e do senso moral, nós o vemos desempenhar o seu papel humanitário, sem nos inquietarmos com o meio onde haja transcorrido o período da sua infância, ou, se o preferirem, da sua incubação. Apesar da analogia do seu envoltório com o dos animais, poderemos diferenciá-lo destes últimos pelas faculdades intelectuais e morais que o caracterizam, como, debaixo das mesmas vestes grosseiras, distinguimos o rústico do homem civilizado.

30. Embora os primeiros que surgiram devessem ser pouco adiantados, pela razão mesma de terem de encarnar em corpos muito imperfeitos, haveria, decerto, sensíveis diferenças entre seus caracteres e aptidões.

Os que se assemelhavam naturalmente se agruparam por analogia e simpatia. Assim, a Terra se achou povoada de Espíritos de diversas categorias, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Recebendo os corpos a impressão do caráter do Espírito e procriando-se esses corpos na conformidade dos respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças, quer quanto ao físico, quer quanto ao moral (item 11). Continuando a encarnar entre os que se lhes assemelhavam, os Espíritos similares perpetuaram o caráter distintivo, físico e moral, das raças e dos povos, caráter que só com o tempo desaparece, mediante a fusão e o progresso deles. (*Revista espírita*, julho de 1860: “Frenologia e fisiognomonia”.)[129]

31. Podem comparar-se os Espíritos que vieram povoar a Terra a esses bandos de emigrantes de origens diversas, que vão estabelecer-se numa terra virgem. Aí encontram madeira e pedra para erguerem habitações, cada um dando à sua um cunho especial, de acordo com o grau do seu saber e com o seu gênio

particular. Grupam-se então por analogia de origens e de gostos, acabando os grupos por formar tribos, depois povos, cada qual com costumes e características próprios.

32. O progresso não foi, pois, uniforme em toda a espécie humana. Como era natural, as raças mais inteligentes adiantaram-se às outras, mesmo sem levar em conta que muitos Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual, vindo encarnar na Terra juntamente com os primeiros aí chegados, tornaram ainda mais sensível a diferença em matéria de progresso. Seria impossível, com efeito, atribuir-se a mesma ancianidade de criação aos selvagens, que mal se distinguem do macaco, e aos chineses, nem, ainda menos, aos europeus civilizados.

Entretanto, os Espíritos dos selvagens também fazem parte da humanidade e um dia alcançarão o nível em que se acham os seus irmãos mais velhos, mas *sem dúvida não será em corpos da mesma raça física*, impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento já não estiver em correspondência com o seu desenvolvimento, os Espíritos emigrarão daquele meio, para encarnar em outro mais elevado e assim por diante, até que tenham conquistado todas as graduações terrestres, após o que deixarão a Terra, para passar a mundos cada vez mais avançados. (*Revista espírita*, abril de 1862: “Perfectibilidade da raça negra”.)[130]

Reencarnações

33. O princípio da reencarnação é uma consequência necessária da lei de progresso. Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas, quanto as que viviam há mil anos. Além disso, não haveria nenhuma conexão entre elas, nenhuma relação necessária; seriam de todo estranhas umas às outras. Por que, então, as almas de hoje haviam de ser mais bem dotadas por Deus do que as que as precederam? Por que compreendem melhor as coisas? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas, sem as haverem aprendido? Desafiamos alguém a sair desse dilema, a menos que admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma justiça soberana. (Cap. II, item 19.)

Admiti, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em tempos distantes; que possivelmente foram bárbaras como os séculos em que estiveram no mundo, mas que progrediram; que para cada nova existência trazem o que adquiriram nas existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados não são almas criadas mais perfeitas, mas que se aperfeiçoaram por *si mesmas* com o tempo, e tereis a única explicação plausível da causa do progresso social. (*O livro dos espíritos*, Livro II, cap. IV e V.)

34. Algumas pessoas imaginam que as diferentes existências da alma se passam de mundo em mundo, e não num mesmo globo, em que cada Espírito viria uma única vez. Esta doutrina seria admissível se todos os habitantes da Terra estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. Eles só poderiam progredir indo de um mundo a outro, de modo que a encarnação na Terra não lhes traria nenhuma utilidade. Ora, Deus nada faz de inútil; desde que aí se encontram a inteligência e a moralidade em todos os graus, da selvageria que beira o animal até a mais adiantada civilização, é evidente que esse mundo oferece um vasto campo de progresso. Por que o selvagem haveria de procurar em outra parte o grau de progresso imediatamente acima daquele em que se encontra, quando esse grau se acha ao lado dele e assim por diante? Por que o homem adiantado não teria sido capaz de fazer as suas primeiras etapas senão em mundos inferiores, quando ao seu redor estão seres análogos aos desses mundos, sem falar que, não só de povo a povo, mas no seio do mesmo povo e da mesma família há diferentes graus de adiantamento? Se fosse assim, Deus teria feito coisa inútil, colocando lado a lado a ignorância e o saber, a barbaria e a civilização, o bem e o mal, quando é justamente esse contato que faz que os retardatários avancem.

Não há, pois, necessidade de que os homens mudem de mundo a cada etapa, como não há razão para o estudante mudar de colégio para passar de uma classe a outra. Longe de ser vantagem para o seu progresso, tal fato seria um entrave, porquanto o Espírito ficaria privado do exemplo que lhe oferece a observação do que ocorre nos graus mais elevados e da possibilidade de reparar seus erros no mesmo meio e em presença dos seres a quem ofendeu, possibilidade que representa para ele o mais poderoso meio de realizar o seu progresso moral. Se, após curta coabitação, os Espíritos se dispersassem e se tornassem estranhos uns aos outros, romper-se-iam os laços de família e de amizade, por falta de tempo suficiente para se consolidarem.

Ao inconveniente moral se juntaria um inconveniente material. A natureza dos elementos, as leis orgânicas e as condições de existência variam de acordo com os mundos; sob esse aspecto, não há dois orbes perfeitamente idênticos. Nossos tratados de Física, de Química, de Anatomia, de Medicina, de Botânica etc. para nada serviriam nos outros mundos e, entretanto, o que neles se aprende não fica perdido. Não só isso desenvolve a inteligência, como também as ideias que se colhem de tais obras auxiliam a aquisição de outras. (Cap. VI, itens 61 e seguintes.) Se o Espírito fizesse sua aparição apenas uma única vez, muitas vezes de curta duração, num mesmo mundo, em cada migração ele se acharia em condições inteiramente diferentes; operaria de cada vez sobre elementos novos, com forças e segundo leis que desconheceria, antes de ter tido tempo de elaborar os elementos conhecidos, de os estudar e de os aplicar. De cada vez teria de fazer um novo aprendizado e essas mudanças incessantes representariam um obstáculo ao progresso. O Espírito, portanto, tem de permanecer no mesmo mundo, até que haja adquirido a soma de conhecimentos e o grau de perfeição que esse mundo comporta. (Item 31.)

Que os Espíritos deixem, por um mundo mais adiantado, aquele do qual nada mais podem conseguir, é como deve ser e é. Tal o princípio. Se existem alguns que deixam antes do tempo o mundo em que vinham encarnando, isso é devido a causas individuais que Deus, em sua sabedoria, examina atentamente.

Tudo na Criação tem uma finalidade, sem o que Deus nem seria prudente, nem sábio. Ora, se a Terra não devesse ser mais que uma etapa do progresso para cada indivíduo, que utilidade haveria para os Espíritos das crianças que morrem em tenra idade, de aí passarem alguns anos, alguns meses, algumas horas, durante as quais nada podem adquirir dele? Dá-se a mesma coisa com os deficientes mentais. Uma teoria somente é boa quando resolve todas as questões que lhe dizem respeito. O caso das mortes prematuras tem sido uma pedra de tropeço para todas as doutrinas, exceto para a Doutrina Espírita, a única que a resolveu de maneira racional e completa.

Para o progresso daqueles que cumprem na Terra uma missão normal, há vantagem real em voltarem ao mesmo meio para aí continuarem o que deixaram inacabado, muitas vezes na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, a fim de repararem o mal que tenham feito ou de sofrerem a pena de talião.

Emigrações e imigrações dos Espíritos

35. No intervalo de suas existências corpóreas, os Espíritos se encontram no estado de erraticidade e formam a população espiritual ambiente do globo. Pelas mortes e pelos nascimentos, as duas populações, terrestre e espiritual, deságuam incessantemente uma na outra. Há, pois, diariamente, emigrações do mundo corpóreo para o mundo espiritual e imigrações do mundo espiritual para o mundo corpóreo: é o estado normal.

36. Em certas épocas, reguladas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações se operam em massas mais ou menos consideráveis, em virtude das grandes revoluções que lhes acarretam a partida simultânea em quantidades enormes, logo substituídas por quantidades equivalentes de encarnações. Devem-se, portanto, considerar os flagelos destruidores e os cataclismos como ocasiões de chegadas e partidas coletivas, meios providenciais de renovamento da população corporal do globo, de ela se retemperar pela introdução de novos elementos espirituais mais depurados. É verdade que há destruição de grande número de corpos nessas catástrofes; isso, contudo, não passa de *vestimentas que se rasgam*, já que nenhum Espírito perece; eles apenas mudam de planos; em vez de partirem isoladamente, partem em bandos; essa a única diferença, visto que, por uma causa ou por outra, cedo ou tarde fatalmente terão que partir.

As renovações rápidas, quase instantâneas, que se produzem no elemento espiritual da população, em consequência dos flagelos destruidores, apressam o progresso social; sem as emigrações e imigrações que de tempos em tempos lhe vêm dar violento impulso, esse progresso só se realizaria com extrema lentidão.

É de notar-se que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso de ordem física, intelectual ou moral e, por conseguinte, no estado social das nações nas quais elas ocorrem. É que têm por fim operar uma transformação na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

37. Essa transfusão, que se opera entre a população encarnada e desencarnada de um mesmo planeta, igualmente se efetua entre os mundos, quer individualmente, nas condições normais, quer por massas, em circunstâncias especiais. Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, donde resulta a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos. Novas raças de Espíritos, vindo misturar-se às existentes, constituem novas raças de homens. Ora, como os Espíritos nunca mais perdem o que adquiriram, trazem consigo a inteligência e a intuição dos conhecimentos que

possuem, imprimindo, por conseguinte, o caráter que lhes é peculiar à raça corpórea que venham animar. Para isso, não precisam que novos corpos sejam criados exclusivamente para serem usados por eles. Desde que a espécie corpórea existe, eles encontram sempre corpos prontos para os receber. Nada mais são, portanto, do que novos habitantes. Quando chegam à Terra, integram-lhe, a princípio, a população espiritual, para depois encarnarem como os outros.

Raça adâmica

38. Segundo o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas *colônias de Espíritos*, vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por esse motivo, chamada *raça adâmica*. Quando chegou à Terra, o planeta já estava povoado desde tempos imemoriais, *como a América, quando chegaram os europeus*.

Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste globo, a raça adâmica é, com efeito, a mais inteligente, a que impele ao progresso todas as outras. A Gênese no-la mostra, desde os seus primórdios, industriosa, apta às artes e às ciências, sem haver passado aqui pela infância intelectual, o que não se dá com as raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante. Tudo prova que a raça adâmica não é antiga na Terra e nada se opõe a que seja considerada como habitando este globo desde apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos nem com as observações antropológicas, antes tenderia a confirmá-las.

39. No estado atual dos conhecimentos, não é admissível a doutrina segundo a qual todo o gênero humano procede de uma individualidade única, de há seis mil anos somente até hoje. As principais considerações que a contradizem, tomadas à ordem física e à ordem moral, resumem-se nos seguintes tópicos:

Do ponto de vista fisiológico, algumas raças apresentam tipos particulares característicos que não lhes permitem uma origem comum. Há diferenças que evidentemente não são simples efeito do clima, pois que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros e reciprocamente. O ardor do Sol queima e escurece a epiderme, porém nunca transformou um branco em negro, nem lhe achatou o nariz, ou mudou a forma dos traços da fisionomia, nem lhe tornou lanudo nem crespo o cabelo comprido e sedoso.

Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido[131] especial subcutâneo peculiar à espécie.

Deve-se, pois, considerar as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo origem própria, como tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diversas partes do globo. O cruzamento delas produziu as raças mistas secundárias. Os caracteres fisiológicos das raças primitivas constituem indício evidente de que elas procedem de tipos especiais. As mesmas considerações se aplicam, conseguintemente, tanto aos homens quanto aos animais, no que diz respeito à pluralidade dos troncos. (Cap. X, itens 2 e seguintes.)

40. Adão e seus descendentes são representados na Gênese como homens essencialmente inteligentes, visto como, desde a segunda geração, constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. Seus progressos nas artes e nas ciências são rápidos e duradouros. Não se conceberia, portanto, que esse tronco tenha tido, como ramos, numerosos povos tão atrasados, de inteligência tão rudimentar, que ainda em nossos dias rastejam a animalidade, que hajam perdido todos os traços e, até, a menor lembrança do que faziam seus pais. Tão radical diferença nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta, com evidência não menor, uma diferença de origem.

41. Independentemente dos fatos geológicos, a prova da existência do homem na Terra, antes da época fixada pela Gênese, é tirada da população do globo. Sem falar da cronologia chinesa, que, dizem alguns, remonta a trinta mil anos,[132] documentos mais autênticos provam que o Egito, a Índia e outros países já eram povoados e floresciam, pelo menos, três mil anos antes da Era Cristã, ou seja, mil anos depois da criação do primeiro homem, segundo a cronologia bíblica. Documentos e observações recentes não deixam hoje dúvida alguma quanto às relações que existiram entre a América e os antigos egípcios, devendo-se, portanto, concluir que essa região já era povoada naquela época. Seria, então, forçoso admitir-se que, em mil anos, a posteridade de um único homem foi capaz de povoar a maior parte da Terra. Ora, semelhante fecundidade estaria em flagrante contradição com todas as leis antropológicas.[133]

42. A impossibilidade se torna ainda mais evidente quando se admite, com a Gênese, que o dilúvio destruiu *todo o gênero humano*, com exceção de Noé e de sua família, que não era numerosa, no ano 1656 do mundo, ou seja, 2.348 anos antes da Era Cristã. Em realidade, pois, dataria apenas de Noé o povoamento da Terra. Ora, quando os hebreus se estabeleceram no Egito, 612 anos após o

dilúvio, esse país já era um poderoso império, que teria sido povoado, sem falar de outras regiões, em menos de seis séculos, tão só pelos descendentes de Noé, o que não é admissível.

Notemos, de passagem, que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros. Seria de admirar que houvessem perdido a lembrança de uma comunidade de origem tão próxima deles, quando conservavam religiosamente os monumentos de sua história.

Rigorosa lógica, corroborada pelos fatos, demonstra, pois, da maneira mais categórica, que o homem está na Terra desde tempo indeterminado, muito anterior à época que a Gênese assinala. Dá-se a mesma coisa com a diversidade dos troncos primitivos, pois demonstrar a impossibilidade de uma proposição é demonstrar a proposição contrária. Se a Geologia descobre traços autênticos da presença do homem antes do grande período diluviano, mais completa ainda será a demonstração.

Doutrina dos anjos decaídos e do paraíso perdido[134]

43. Os mundos progridem fisicamente, pela elaboração da matéria e, moralmente, pela depuração dos Espíritos que os habitam. A felicidade que neles se desfruta está na razão direta da predominância do bem sobre o mal e a predominância do bem resulta do adiantamento moral dos Espíritos. Não basta o progresso intelectual, visto que com a inteligência eles podem fazer o mal.

Logo que um mundo tem chegado a um de seus períodos de transformação, a fim de ascender na hierarquia dos mundos, operam-se mutações na sua população encarnada e desencarnada. É quando se dão as grandes emigrações e imigrações (itens 34 e 35). Os que, apesar da sua inteligência e do seu saber, perseveraram no mal, em sua revolta contra Deus e contra suas leis, se tornariam daí em diante um embaraço ao ulterior progresso moral, uma causa permanente de perturbação para a tranquilidade e a felicidade dos bons, pelo que são excluídos da humanidade a que até então pertenceram e enviados a mundos menos adiantados, onde aplicarão a inteligência e a intuição dos conhecimentos que adquiriram ao progresso daqueles entre os quais são chamados a viver, expiando, ao mesmo tempo, por uma série de existências penosas e por meio de árduo trabalho, suas faltas passadas e seu *voluntário* endurecimento.

Que serão tais seres, entre essas outras populações, para eles novas, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos, ali vindos em expiação?

A terra *de onde foram expulsos* não será, para eles, um *paraíso perdido*? Essa terra não lhes era um *lugar de delícias*, em comparação com o meio ingrato onde vão ficar relegados por milhares de séculos até que hajam merecido libertar-se dele? A vaga lembrança intuitiva que guardam da terra de onde vieram é para eles como longínqua miragem a lhes recordar o que *perderam por culpa própria*.

44. Ao mesmo tempo que os maus se afastam do mundo em que habitavam, Espíritos melhores aí os substituem, vindos quer da erraticidade, concernente a esse mesmo mundo, quer de um mundo menos adiantado, que mereceram abandonar, Espíritos esses para os quais a nova habitação é uma recompensa. Desse modo, a população espiritual, renovada e expurgada dos seus piores elementos, fará com que melhore, ao cabo de algum tempo, o estado moral daquele mundo.

Às vezes essas mutações são parciais, isto é, circunscritas a um povo, a uma raça; de outras vezes são gerais, quando chega para o globo o período de renovação.

45. A raça adâmica apresenta todos os caracteres de uma raça proscrita. Os Espíritos que a integram foram exilados para a Terra, já povoada, mas de homens primitivos, imersos na ignorância, que aqueles tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não é esse, com efeito, o papel que essa raça tem desempenhado até hoje? Sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde vieram os Espíritos que a compõem era mais adiantado do que a Terra. Havendo esse mundo entrado numa nova fase de progresso e não tendo tais Espíritos, pela sua obstinação, querido colocar-se à altura desse progresso, lá estariam deslocados e constituiriam um obstáculo à marcha providencial das coisas. Por isso foram excluídos de lá e substituídos por outros, que o mereceram.

Relegando aquela raça para este mundo de labor e de sofrimento, Deus teve razão para lhe dizer: “Tirarás o alimento da terra com o suor do teu rosto.” Na sua mansuetude, prometeu-lhe que lhe enviaria um *Salvador*, isto é, alguém que a esclareceria sobre o caminho que lhe cumpria tomar, para sair desse lugar de miséria, desse *inferno*, e ganhar a felicidade dos eleitos. Esse Salvador, Ele lho enviou na pessoa do Cristo, que lhe ensinou a lei de amor e de caridade que ela desconhecia e que seria a verdadeira âncora de salvação.

É igualmente com o objetivo de fazer que a humanidade progrida em determinado sentido que os Espíritos superiores, embora não tenha as qualidades do Cristo, encarnam de tempos a tempos na Terra para desempenhar missões especiais, proveitosas, simultaneamente, ao adiantamento pessoal deles, se as cumprirem de acordo com os desígnios do Criador.

46. Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria um contrassenso, assim como a promessa feita por Deus. Suponhamos, com efeito, que a alma de cada homem seja criada por ocasião do nascimento do corpo e não faça mais do que aparecer e desaparecer da Terra; que relação haveria entre as que vieram desde Adão até Jesus Cristo e as que vieram depois? Todas seriam estranhas umas às outras. A promessa de um Salvador, feita por Deus, não podia aplicar-se aos descendentes de Adão, uma vez que suas almas ainda não estavam criadas. Para que a missão do Cristo pudesse corresponder às palavras de Deus, seria preciso que estas se aplicassem às mesmas almas. Se são novas estas almas, não podem estar maculadas pela falta do primeiro pai, que é apenas pai carnal e não pai espiritual. De outro modo, Deus teria *criado* almas com mácula de uma falta que não podia deixar nelas qualquer vestígio, pois que elas não existiam. A doutrina comum do pecado original implica, por conseguinte, a necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e as do tempo de Adão; implica, portanto, a reencarnação.

Dizei que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados na Terra ao tempo de Adão e que se achavam manchadas dos vícios que lhes acarretaram ser excluídas de um mundo melhor, e tereis a única interpretação racional do pecado original, pecado peculiar a cada indivíduo e não resultado da responsabilidade da falta de outrem a quem ele jamais conheceu. Dizei que essas almas ou Espíritos renascem diversas vezes na Terra para a vida corpórea, a fim de progredirem e se depurarem; que o Cristo veio esclarecer *essas mesmas almas*, não só acerca de suas vidas passadas, como também em relação às suas vidas ulteriores, e somente então dareis à sua missão um sentido real e sério, que a razão pode aceitar.

47. Um exemplo familiar, notável por sua analogia, tornará ainda mais compreensíveis os princípios que acabam de ser expostos.

A 24 de maio de 1861, a fragata *Ifigênia* transportou à Nova Caledônia[135] uma companhia disciplinar composta de 291 homens. À chegada, o comandante

lhes baixou uma ordem do dia concebida nos seguintes termos:

“Pondo os pés nesta terra longínqua, já sem dúvida compreendestes o papel que vos está reservado.

A exemplo dos bravos soldados da nossa marinha, que servem sob as vossas vistas, ajudar-nos-eis a levar com brilho o facho da civilização ao seio das tribos selvagens da Nova Caledônia. Não é uma bela e nobre missão, pergunto? Desempenhá-la-eis dignamente.

Escutai a palavra e os conselhos dos vossos chefes. Estou à frente deles. Entendei bem as minhas palavras.

A escolha do vosso comandante, dos vossos oficiais, dos vossos suboficiais e cabos constitui garantia certa de que todos os esforços serão tentados para fazer de vós excelentes soldados; digo mais: para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em colonos honrados, *se o quiserdes*.

A nossa disciplina é severa e assim deve ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, ficai sabendo, do mesmo modo que, justa e paternal, saberá distinguir o erro do vício e da degradação...”

Aí tendes um punhado de homens expulsos, pelo seu mal proceder, de um país civilizado, e mandados, por punição, para o meio de um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? “Infringistes as leis do vosso país; nele vos tornastes causa de perturbação e escândalo e fostes expulsos; mandam-vos para aqui, mas aqui podeis resgatar o vosso passado; podeis, pelo trabalho, criar para vós uma posição honrosa e vos tornar cidadãos honestos. Tendes uma bela missão a cumprir: levar a civilização a estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que procederem bem. Tendes a sorte nas vossas mãos; podereis melhorá-la, *se o quiserdes*, porque tendes o livre-arbítrio.”

Para aqueles homens, lançados ao seio da selvageria, a mãe-pátria não é um paraíso que eles perderam pelas suas próprias faltas e por se rebelarem contra a lei? Naquela terra distante não são eles anjos decaídos? A linguagem do chefe não é idêntica à de que Deus utilizou quando falou aos Espíritos exilados na Terra: “Desobedecestes às minhas leis e, por isso, eu vos expulsei do mundo onde podíeis viver felizes e em paz. Aqui, estareis condenados ao trabalho; mas podereis, pelo vosso bom procedimento, merecer perdão e reconquistar a pátria que perdestes por vossa falta, isto é, o céu?”

48. À primeira vista, a ideia da queda parece em contradição com o princípio segundo o qual os Espíritos não podem retrogradar. Deve-se, porém, considerar

que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo. O Espírito, embora em posição inferior, nada perde do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado, decaído do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido nem mais ignorante.

49. Será crível que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão transformar-se de súbito em modelos de virtude? Que vão abjurar de repente os seus erros do passado? Seria desconhecer a humanidade, quem assim pensasse. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica, uma vez transplantados para a terra de exílio, não se despojaram instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservaram as inclinações que traziam, um resto da velha levedura. Ora, não é esse o verdadeiro pecado original?

---

127 N.T.: A expressão — “e do paraíso perdido” — não faz parte do cabeçalho do original francês que serviu de base para esta tradução, nem do “Sumário” da obra. Consta, porém, mais adiante, no subtítulo que trata dos itens 43 a 49 deste capítulo, razão pela qual a inserimos neste livro.

128 **N.E.:** Ver *Nota Explicativa*, p. 361.

129 **N.E.:** Ver *Nota Explicativa*, p. 361.

130 **N.E.:** Ver *Nota Explicativa*, p. 361.

131 N.T.: A cor da pele provém da maior ou menor quantidade de melanina produzida na pele por células especiais chamadas *melanócitos*. Quanto maior a produção de melanina, tanto mais negra é a pele.

132 N.E.: Os vestígios humanos mais antigos encontrados na China datam de 1,7 milhão de anos. A dinastia Xia é considerada a primeira e data de 2000 a.C.

133 **Nota de Allan Kardec:** A Exposição Universal de 1867 exibiu antiguidades do México que não deixam a menor margem de dúvida sobre as relações que os povos desse país tiveram com os antigos egípcios. O Sr. Léon Méchedin, numa nota fixada no templo mexicano da Exposição, assim se exprimia:

“Não é conveniente que se publiquem, prematuramente, as descobertas feitas, do ponto de vista da história do homem, pela recente expedição científica do México. Entretanto, nada se opõe a que o público saiba, desde já, que a exploração assinalou a existência de grande número de cidades desaparecidas com o tempo, mas que a picareta e as explosões podem retirar de suas mortalhas. As escavações puseram a descoberto, por toda parte, *três camadas de civilizações*, que parecem dar ao mundo americano uma antiguidade fabulosa.”

É assim que todos os dias a Ciência opõe o desmentido dos fatos à doutrina que limita a 6.000 anos a aparição do homem na Terra e pretende fazê-lo derivar de um tronco único.

134 **Nota de Allan Kardec:** Quando, na *Revista espírita* de 1862, publicamos um artigo sobre *a interpretação da doutrina dos anjos decaídos*, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controvertida, porque então nos faltavam elementos suficientes para uma afirmação categórica. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Hoje, essa teoria já passou pela prova do controle universal; não só foi bem aceita pela imensa maioria dos espíritas, como a mais racional e mais conforme com a soberana Justiça de Deus, tendo sido confirmada também pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que diz respeito à origem da raça adâmica.

135 N.E.: Território francês ultramarino.

CAPÍTULO XII



Gênese mosaica

• Os seis dias • Paraíso perdido

Os seis dias

1. Capítulo 1 – 1. No começo Deus criou o Céu e a Terra. – 2. A Terra era uniforme e inteiramente nua; as trevas cobriam a face do abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. – 3. Ora, Deus disse: “Faça-se a luz e a luz foi feita.” – 4. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. – 5. Deu à luz o nome de *dia* e às trevas o nome de *noite* e da tarde e da manhã fez o primeiro dia.

6. Disse Deus também: “Faça-se o firmamento no meio das águas e que ele separe das águas as águas.” – 7. E Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam acima do firmamento. E assim se fez. – 8. E Deus deu ao firmamento o nome de *céu*; da tarde e da manhã se fez o segundo dia.

9. Disse Deus ainda: “Reúnam num só lugar as águas que estão sob o *céu* e apareça o elemento árido.” E assim se fez. – 10. Deus deu ao elemento árido o nome de *terra* e chamou *mar* a todas as águas reunidas. E viu que isso estava bem. – 11. Disse mais: “Produza a terra a erva verde que traz a semente e árvores frutíferas que deem frutos cada um de uma espécie, e que contenham em si mesmas as suas sementes, para se reproduzirem na terra.” E assim se fez. – 12. A terra então produziu a erva verde que trazia consigo a sua semente, conforme a espécie, e árvores frutíferas que continham em si mesmas suas sementes, cada uma de acordo com a sua espécie. E Deus viu que estava bom. – 13. E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.

14. Deus disse também: “Façam-se corpos de luz no firmamento do céu, a fim de que separem o dia da noite e sirvam de sinais para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos. – 15. Brilhem eles no firmamento do céu e iluminem a Terra. E assim se fez.” – 16. Deus então fez dois grandes corpos luminosos, um, maior, para presidir ao dia, o outro, menor, para presidir à noite; fez também as estrelas. – 17. E os pôs no firmamento do céu, para brilharem sobre a Terra. – 18. Para presidirem ao dia e à noite e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que estava bom. – 19. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.

20. Disse Deus ainda: “Produzam as águas animais vivos que nadem nas águas e pássaros que voem sobre a Terra debaixo do firmamento do céu.” – 21. Deus então criou os grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, que as águas produziram, cada um de uma espécie, e criou também todos os pássaros, cada um de uma espécie. Viu que estava bom. – 22. E os abençoou, dizendo: “Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem sobre a Terra.” – 23. E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.

24. Também disse Deus: “Produza a Terra animais vivos, cada um de sua espécie, os animais domésticos e os animais selvagens, em suas diferentes espécies.” E assim se fez. – 25. Deus fez, pois, os animais selvagens da Terra em suas espécies, os animais domésticos e todos os répteis, cada um de sua espécie. E Deus viu que estava bom.

26. Disse, em seguida: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e que ele mande sobre os peixes do mar, os pássaros do céu, os animais, sobre toda a Terra e sobre todos os répteis que se movem na terra.” – 27. Deus então criou o homem à sua imagem e o criou à imagem de Deus e o criou macho e fêmea. – 28. Deus os abençoou e lhes disse: “Crescei e multiplicai-vos, enchei a Terra e sujeitai-a, dominai sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na terra.” – 29. Disse Deus ainda: “Dei-vos todas as ervas que trazem sua semente à terra e todas as árvores que encerram em si mesmas suas sementes, cada uma de uma espécie, a fim de que vos sirvam de alimento.” – 30. E dei-as a todos os animais da terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move na Terra e que é vivo e animado, a fim de que tenham com que se alimentar. E assim se fez. – 31. Deus viu todas as coisas que havia feito; eram todas muito boas. – 32. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

Capítulo II – 1. O Céu e a Terra ficaram, pois, acabados assim com todos os seus ornamentos. – 2. Deus terminou no sétimo dia toda a obra que fizera e repousou nesse sétimo dia, após haver acabado todas as suas obras. – 3. Abençoou o sétimo dia e o santificou, porque cessara nesse dia de produzir todas as obras que criara. – 4. Tal a origem do Céu e da Terra e é assim que eles foram criados no dia que o Senhor fez um e outro. – 5. E que criou todas as plantas dos campos antes que houvessem saído da terra e todas as ervas das planícies antes que houvessem germinado. Porque o Senhor Deus ainda não tinha feito que chovesse sobre a terra e não havia homem para lavrá-la. – 6. Mas da terra se elevava uma fonte que lhe regava toda a superfície.

7. O Senhor Deus formou, pois, o homem do limo da terra e lhe espalhou sobre o rosto um sopro de vida, e o homem se tornou vivente e animado.

2. Depois das explanações contidas nos capítulos precedentes sobre a origem e a constituição do universo, de acordo com os dados fornecidos pela Ciência,

quanto à parte material, e pelo Espiritismo, quanto à parte espiritual, convinha confrontar tudo isso com o texto da Gênese de Moisés, a fim de que cada um pudesse estabelecer comparações e julgar com conhecimento de causa. Bastarão algumas explicações complementares para tornar compreensíveis as partes que precisam de esclarecimentos especiais.

3. Sobre alguns pontos, há, sem dúvida, notável concordância entre a Gênese de Moisés e a doutrina científica; mas seria erro imaginar que basta se substituam os seis dias de 24 horas da Criação por seis períodos indeterminados, para se tornar completa a analogia. Outro erro não menor seria acreditar-se que, salvo o sentido alegórico de certas palavras, a Gênese e a Ciência caminham lado a lado, sendo uma, como se vê, simples paráfrase da outra.

4. Notemos, em primeiro lugar, conforme vimos no cap. VII, item 14, que é inteiramente arbitrário o número de seis períodos geológicos, visto que se eleva a mais de vinte cinco o número de formações bem caracterizadas, número que, além disso, apenas determina as grandes fases gerais. Ele só foi adotado, no começo, para encaixar as coisas, o mais possível, no texto bíblico, numa época, aliás, pouco distante, em que se entendia que a Ciência devia ser controlada pela *Bíblia*. É por isso que os autores da maior parte das teorias cosmogônicas, tendo em vista facilitar a sua aceitação, se esforçaram por se pôr de acordo com o texto sagrado. Logo que se apoiou no método experimental, a Ciência sentiu-se mais forte e se emancipou. Hoje é ela que controla a *Bíblia*.

Por outro lado, a Geologia, tomando por ponto de partida unicamente a formação dos terrenos graníticos, não abrange, no cômputo de seus períodos, o estado primitivo da Terra. Tampouco se ocupa com o Sol, com a Lua e com as estrelas, nem com o conjunto do universo, que pertencem à Astronomia. Para enquadrar tudo na Gênese, cumpre que se acrescente um primeiro período, que abarque essa ordem de fenômenos e ao qual se poderia chamar *período astronômico*.

Além disso, nem todos os geólogos consideram o período diluviano como formando um período distinto, mas como um fato transitório, passageiro, que não mudou sensivelmente o estado climático do globo, nem marcou uma fase nova para as espécies vegetais e animais, visto que, com poucas exceções, as mesmas espécies se encontram antes como depois do dilúvio. Podemos, pois, desprezar esse período, sem, por isso, nos afastarmos da verdade.

5. O quadro comparativo que se segue, no qual se acham resumidos os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite que se abranja o conjunto e se possa julgar as relações e as diferenças que existem entre os referidos períodos e a gênese bíblica.

CIÊNCIA	*GÊNESE*
I. PERÍODO ASTRONÔMICO — Aglomeração da matéria cósmica universal, num ponto do espaço, em nebulosa que deu origem, pela condensação da matéria em diversos pontos, às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas. Estado primitivo fluídico e incandescente da Terra. — Atmosfera imensa carregada de toda a água em vapor e de todas as matérias volatilizáveis.	*1º DIA — O Céu e a Terra. — A luz.*
II. PERÍODO PRIMÁRIO — Endurecimento da superfície da Terra, pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. — Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios solares. — Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. — Ausência completa de vida orgânica.	*2º DIA — O firmamento. — Separação das águas que estão acima do firmamento das que lhe estão debaixo.*
III. PERÍODO DE TRANSIÇÃO — As águas cobrem toda a superfície do globo. — Primeiros depósitos de sedimentos formados pelas águas. — Calor úmido. — O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. — Primeiros seres organizados da mais rudimentar constituição. — Liquens, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. — Primeiros animais marinhos: zoófitos, polipeiros, crustáceos. — Depósitos de hulha.	*3º DIA — As águas que estão debaixo do firmamento se reúnem; aparece o elemento árido. — A terra e os mares. — As plantas.*
IV. PERÍODO SECUNDÁRIO — Superfície da - Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e paludosas. Temperatura menos ardente; atmosfera mais depurada. Consideráveis depósitos de calcários pelas águas. — Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas;	*4º DIA — O Sol, a Lua e as estrelas.*

primeiras árvores. — Peixes; cetáceos; animais aquáticos e anfíbios.	
V. PERÍODO TERCIÁRIO — Grandes intumescimentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retirada das águas para os lugares baixos; *Atmosfera depurada; temperatura atual produzida pelo calor solar. — Gigantescos animais terrestres. Vegetais e animais da atualidade. Pássaros.*	*5º DIA — Os peixes e os pássaros.*
DILÚVIO UNIVERSAL	*GÊNESE*
VI. PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO — Terrenos de aluvião. — Vegetais e animais da atualidade. — O homem.	*6º DIA — Os animais terrestres. — O homem.*

6. O primeiro fato que se destaca desse quadro comparativo é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde de maneira rigorosa, como muitos pensam, a cada um dos seis períodos geológicos. A concordância mais notável é a da sucessão dos seres orgânicos, que é quase a mesma, com pequena diferença, e no aparecimento do homem, por último. Esse é um fato importante.

Há também coincidência, não quanto à ordem numérica dos períodos, mas quanto ao fato em si, na passagem em que se lê que, ao terceiro dia, “as águas que estão debaixo do céu se reuniram num só lugar e apareceu o elemento árido”. É a expressão do que ocorreu no período terciário, quando as elevações da crosta sólida puseram a descoberto os continentes e repeliram as águas, que foram formar os mares. Foi somente então que apareceram os animais terrestres,[136] segundo a Geologia e segundo Moisés.

7. Quando Moisés diz que a Criação foi feita em seis dias, terá querido falar de dias de 24 horas, ou terá empregado essa palavra no sentido de período, de duração? A primeira hipótese é a mais provável se nos ativermos ao texto acima, primeiramente porque esse é o sentido próprio da palavra hebraica *iôm*, traduzida por *dia*; depois, a referência à tarde e à manhã, como limitações de cada um dos seis dias, dá lugar a que se suponha que ele haja querido falar de dias comuns. Não se pode conceber qualquer dúvida a tal respeito, quando é dito no versículo 5: “*Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.*” Isto, evidentemente, só se pode aplicar

ao dia de 24 horas, constituído de períodos de luz e de trevas. O sentido ainda se torna mais preciso quando ele diz, no versículo 17, falando do Sol, da Lua e das estrelas: "*Colocou-as no firmamento do céu, para luzirem sobre a Terra; para presidirem ao dia e à noite e para separarem a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.*"

Aliás, tudo na Criação era miraculoso e, desde que se envereda pela senda dos milagres, pode-se perfeitamente crer que a Terra foi feita em seis vezes 24 horas, sobretudo quando se ignoram as primeiras leis naturais. Todos os povos civilizados partilharam dessa crença até o momento em que a Geologia forneceu as provas que demonstravam a sua impossibilidade.

8. Um dos pontos na gênese que têm sido mais criticados é o da criação do Sol depois da luz. Tentaram explicá-lo, com o auxílio dos próprios dados fornecidos pela Geologia, dizendo que, nos primeiros tempos de sua formação, por se achar carregada de vapores densos e opacos, a atmosfera terrestre não permitia a visão do Sol que, assim, efetivamente não existia para a Terra. Semelhante explicação poderia até ser admissível se naquela época já houvesse na Terra habitantes que verificassem a presença ou a ausência do Sol. Ora, segundo o próprio Moisés, não havia na época senão plantas, que, todavia, não teriam podido crescer e multiplicar-se sem a ação do calor solar.

Há, pois, evidentemente, um anacronismo na ordem que Moisés estabeleceu para a criação do Sol; mas, involuntariamente ou não, ele não errou, dizendo que a luz precedeu o Sol. O Sol não é o princípio da luz universal, mas uma concentração do elemento luminoso em um ponto, ou, por outra, do fluido que, em certas circunstâncias, adquire as propriedades luminosas. Esse fluido, que é a causa, havia necessariamente de preceder ao Sol, que é apenas um efeito. O Sol é *causa*, relativamente à luz que dele se irradia; é *efeito*, com relação à luz que recebeu.

Num aposento escuro, uma vela acesa é um pequeno sol. Que é que se fez para acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade iluminante do fluido luminoso e concentrou-se num ponto esse fluido. A vela é a causa da luz que se difunde pelo aposento; mas, caso não existisse o princípio luminoso antes da vela, esta não poderia ter sido acesa.

O mesmo se dá com o Sol. O erro provém da ideia falsa, alimentada por longo tempo, de que o universo inteiro começou com a Terra, não se compreendendo, em consequência, que o Sol pudesse ser criado depois da luz.

Sabe-se agora que, antes que o nosso Sol e a nossa Terra fossem criados, já existiam milhões de sóis e de terras no espaço, desfrutando, por conseguinte, da luz. Em princípio, pois, a asserção de Moisés é perfeitamente exata; é falsa quando faz crer que a Terra foi criada antes do Sol. Estando, pelo seu movimento de translação, sujeita ao Sol, a Terra houve de ser formada depois dele. É o que Moisés não podia saber, já que ignorava a lei de gravitação.[137]

Essa mesma ideia se encontra na Gênese dos antigos persas. No primeiro capítulo do *Vendidad*,[138] diz Ormuz,[139] ao narrar a origem do mundo: "Criei a luz que foi iluminar o Sol, a Lua e as estrelas." (*Dicionário de mitologia universal*) A forma, aqui, é sem dúvida mais clara e mais científica do que em Moisés e dispensa comentários.

9. Moisés, evidentemente, partilhava das mais primitivas crenças sobre a cosmogonia. Como os homens do seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Essa ideia se acha expressa sem alegoria, nem ambiguidade, nesta passagem (versículos 6 e seguintes): "*Deus disse: Faça-se o firmamento no meio das águas para separar das águas as terras. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam por cima do firmamento.*" (Veja-se cap. V, "Antigos e modernos sistemas do mundo", itens 3 a 5.)

Segundo uma crença antiga, a água era tida como o princípio primitivo, o elemento gerador, de sorte que Moisés não fala da criação das águas, parecendo que elas já existiam. "As trevas cobriam o abismo", isto é, as profundezas do espaço, que a imaginação figurava ocupada vagamente pelas águas, em plenas trevas, antes da criação da luz. Eis aí por que Moisés diz: "O Espírito de Deus pairava sobre as águas." Tida a Terra como formada no meio das águas, era preciso isolá-la. Imaginou-se então que Deus fizera o firmamento — uma abóbada sólida — para separar as águas de cima das que estavam sobre a Terra.

A fim de compreendermos certas partes da Gênese, faz-se indispensável que nos coloquemos no ponto de vista das ideias cosmogônicas da época que ela reflete.

10. Em face dos progressos da Física e da Astronomia, é insustentável semelhante doutrina.[140] Entretanto, Moisés atribui aquelas palavras ao próprio Deus. Ora, já que elas exprimem um fato notoriamente falso, de duas uma: ou Deus se enganou no relato que fez de sua obra, ou esse relato não é de origem

divina. Não sendo admissível a primeira hipótese, deve-se concluir que Moisés apenas exprimiu suas próprias ideias. (Cap. 1, item 3.)

11. Moisés se aproxima um tanto mais da verdade, dizendo que Deus formou o homem do limo da terra.[141] De fato, a Ciência demonstra (cap. X) que o *corpo* do homem se compõe de elementos tomados à matéria inorgânica, ou, por outra, ao limo da terra.

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, aparentemente pueril, se admitida ao pé da letra, mas profunda quanto ao sentido. Tem por fim mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem e que, por conseguinte, é igual a este perante Deus e não uma criatura à parte, feita para ser subjugada e tratada como um ser desprezível. Tendo-a como saída da própria carne do homem, a imagem da igualdade é bem mais expressiva do que se houvera sido formada, separadamente, do mesmo limo. Equivale a dizer ao homem que ela é sua igual e não sua escrava, que ele a deve amar como parte de si mesmo.

12. Para espíritos incultos, sem nenhuma ideia das leis gerais, incapazes de abranger o conjunto e de conceber o infinito, essa criação miraculosa e instantânea apresentava qualquer coisa de fantástico que feria a imaginação. O quadro do universo tirado do nada em alguns dias, por um só ato da vontade criadora, era para eles o sinal mais evidente do poder de Deus. Que descrição, com efeito, mais sublime e mais poética desse poder do que estas palavras: “Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita!” Deus, a criar o universo pela ação lenta e gradual das leis da natureza, lhes teria parecido menor e menos poderoso. Precisavam qualquer coisa de maravilhoso, que saísse do modelo comum, porque, do contrário, teriam dito que Deus não era mais hábil do que os homens. Uma teoria científica e racional da Criação os deixaria frios e indiferentes.

Não rejeitemos, pois, a Gênese bíblica; ao contrário, estudemo-la, como se estuda a história da infância dos povos. Trata-se de uma época rica de alegorias, cujo sentido oculto se deve buscar; alegorias que se devem comentar e explicar com o auxílio das luzes da razão e da Ciência. Cumpre, no entanto, ao ressaltar as suas belezas poéticas e os seus ensinamentos velados pela forma imaginosa, que se lhe apontem expressamente os erros, no próprio interesse da religião. Esta será muito mais respeitada quando esses erros deixarem de ser impostos à fé, como verdades, e Deus parecerá maior e mais poderoso quando não lhe envolverem o nome em fatos controversos.

Paraíso perdido[142]

13. Capítulo 2 – 8. Ora, o Senhor Deus plantara desde o começo um jardim de delícias, no qual pôs o homem que ele formara. – 9. O Senhor Deus também fizera sair da terra toda espécie de árvores belas ao olhar e de fruto era agradável ao paladar e, no meio do paraíso,[143] a árvore da vida, com a árvore da ciência do bem e do mal. (*Jeová Eloim fez sair da terra* [min haadama] *toda árvore bela de se ver e boa para se comer e a árvore da vida* [vehetz hachayim] *no meio do jardim e a árvore da ciência do bem e do mal.*)

15. O Senhor tomou, pois, do homem e o colocou no paraíso de delícias, a fim de que o cultivasse e guardasse. – 16. Deu-lhe também essa ordem e lhe disse: "Come de todas as árvores do paraíso." (*Jeová Eloim ordenou ao homem* [hal haadam] *dizendo: De toda árvore do jardim podes comer.*) – 17. Mas não comas absolutamente o fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porquanto, logo que o comeres, morrerás com toda a certeza. (*E a árvore da ciência do bem e do mal* [oumehtz hadaat tob vara] *não comerás, pois que no dia em que dela comeres morrerás.*)

14. Capítulo 3 – 1. Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais que o Senhor Deus formara na Terra. E ela disse à mulher: "Por que Deus vos ordenou que não comêsseis os frutos de todas as árvores do paraíso?" (*E a serpente* [nâhâsch] *era mais astuta do que todos os animais terrestres que Jeová Eloim havia feito; ela disse à mulher* [el haïscha]: "*Eloim terá dito: 'Não comereis de nenhuma árvore do jardim?'*") – 2. A mulher respondeu: "Comemos dos frutos de todas as árvores que estão no paraíso." (*Disse ela, a mulher, à serpente: podemos comer do fruto* [miperi] *das árvores do jardim.*) – 3. Mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos ordenou que não comêssemos dele e que não lhe tocássemos, para que não corramos o perigo de morrer. – 4. A serpente replicou à mulher: "Certamente não morrereis. – 5. Mas é que Deus sabe que, tão logo houverdes comido desse fruto, vossos olhos se abrirão e sereis como *deuses*, conhecendo o bem e o mal."

6. A mulher considerou então que o fruto daquela árvore era bom de comer; que era belo e agradável à vista. E, tomando dele, o comeu e o deu a seu marido, que também comeu. (*A mulher viu que a árvore era boa como alimento, e que era desejável a árvore para compreender* [leaskil], *e tomou de seu fruto etc.*)

8. E como ouvissem a voz do Senhor Deus, que passeava à tarde pelo jardim, quando sopra um vento brando, eles se retiraram para o meio das árvores do paraíso, a fim de se ocultarem de diante da sua face.

9. Então o Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: "Onde estás?" – 10. Adão lhe respondeu: "Ouvi a tua voz no paraíso e tive medo, porque estava nu, sendo essa a razão por que me escondi." – 11. O Senhor lhe retrucou: "E como soubestes que estavas nu, senão porque

comeste o fruto da árvore da qual eu vos proibi que comêsseis?" – 12. Adão lhe respondeu: "A mulher que me deste por companheira me apresentou o fruto dessa árvore e eu dele comi." – 13. O Senhor Deus disse à mulher: "Por que fizeste isso?" Ela respondeu: "A serpente me enganou e eu comi desse fruto."

14. Então, o Senhor Deus disse à serpente: "Por teres feito isso, serás maldita entre todos os animais e todas as bestas da terra; andarás sobre o ventre e comerás terra por todos os dias de tua vida. – 15. Porei uma inimizade entre ti e a mulher, entre a sua raça e a tua. Ela te esmagará a cabeça e tu tentarás morder-lhe o calcanhar."

16. Deus disse também à mulher: "Afligir-te-ei com muitos males durante a tua gravidez; parirás com dor; estarás sob a dominação de teu marido e ele te dominará."

17. Disse em seguida a Adão: "Por haveres escutado a voz de tua mulher e teres comido do fruto da árvore de que te proibi que comesses, a terra te será maldita por causa do que fizeste e só com muito trabalho tirarás dela com que te alimentes, durante toda a tua vida. – 18. Ela te produzirá espinhos e sarças e te alimentarás com a erva da terra. – 19. E comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de donde foste tirado, porque és pó e em pó te tornarás."

20. E Adão deu à sua mulher o nome de *Eva*, que significa a vida, porque ela era a mãe de todos os viventes.

21. O Senhor Deus também fez para Adão e sua mulher vestidura de peles com que os cobriu. – 22. E disse: "Eis aí Adão feito *um de nós*, sabendo o bem e o mal. Impeçamos, pois, agora, que ele deite mão à árvore da vida, que também tome do seu fruto e que, comendo desse fruto, viva eternamente." (*Jeová Eloim disse: "Eis aí, o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; agora ele pode estender a mão e tomar da árvore da vida* [veata pen ischlachyado velakach mehetz hachayim]*; comerá dele e viverá eternamente*.")

23. O Senhor Deus o fez sair do jardim de delícias, a fim de que fosse trabalhar no cultivo da terra de onde ele fora tirado. 24. E, tendo-o expulsado, colocou querubins[144] diante do jardim de delícias, os quais faziam luzir uma espada de fogo, para guardarem o caminho que levava à árvore da vida.

15. Sob uma imagem pueril e às vezes ridícula, se nos ativermos à forma, a alegoria oculta frequentemente grandes verdades. À primeira vista, haverá fábula mais absurda do que a de Saturno, o deus que devorava pedras, tomando-as por seus filhos? Entretanto, quanta filosofia e quanta verdade nessa figura, se lhe buscarmos o sentido moral! Saturno é a personificação do tempo; como todas as

coisas são obra do tempo, ele é o pai de tudo o que existe; mas também tudo se destrói com o tempo. Saturno a devorar pedras é o símbolo da destruição, pelo tempo, dos mais duros corpos, seus filhos, visto que se formaram com o tempo. E quem, segundo essa mesma alegoria, escapa a semelhante destruição? Somente Júpiter, símbolo da inteligência superior, do princípio espiritual que é indestrutível. É mesmo tão natural essa imagem que, na linguagem moderna, sem alusão à fábula antiga, se diz, de uma coisa que afinal se deteriorou, ter sido devorada pelo tempo, carcomida, devastada pelo tempo.

Toda a mitologia pagã, aliás, não é mais, na realidade, do que um vasto quadro alegórico das diversas faces, boas e más, da humanidade. Para quem lhe busca o espírito, é um curso completo da mais alta filosofia, como acontece com as fábulas da atualidade. O absurdo estava em tomarem a forma pelo fundo.

16. Dá-se a mesma coisa com a Gênese, na qual se têm que perceber grandes verdades morais debaixo das figuras materiais que, tomadas ao pé da letra, seriam tão absurdas como se, em nossas fábulas, tomássemos em sentido literal as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão é a personificação da humanidade; sua falta individualiza a fraqueza do homem, em quem predominam os instintos materiais a que ele não sabe resistir.[145]

A árvore, como árvore da vida, é o emblema da vida espiritual; como árvore da Ciência, é o da consciência do bem e do mal, que o homem adquire pelo desenvolvimento da sua inteligência e do livre-arbítrio, em virtude do qual ele escolhe entre um e outro. Assinala o ponto em que a alma do homem, deixando de ser guiada unicamente pelos instintos, toma posse da sua liberdade e incorre na responsabilidade dos seus atos.

O fruto da árvore simboliza o objeto dos desejos materiais do homem; é a alegoria da cobiça e da concupiscência; resume, numa figura única, os motivos de arrastamento ao mal. O comer é sucumbir à tentação. A árvore se ergue no meio do jardim de delícias para mostrar que a sedução está no seio mesmo dos prazeres e para lembrar que, se o homem der preponderância aos gozos materiais, prender-se-á à Terra e se afastará do seu destino espiritual.[146]

A morte de que ele é ameaçado, caso transgrida a proibição que lhe é feita, é um aviso das consequências inevitáveis, físicas e morais, decorrentes da violação das leis divinas que Deus lhe gravou na consciência. É bem evidente que aqui não se trata da morte corpórea, pois que, depois de cometida a falta, Adão ainda

viveu longo tempo, mas sim da morte espiritual, ou, em outras palavras, a perda dos bens que resultam do adiantamento moral, perda figurada pela sua expulsão do jardim de delícias.

17. A serpente está longe de ser considerada hoje como tipo de astúcia. Ela entra aqui mais pela sua forma do que pelo seu caráter, como alusão à perfídia dos maus conselhos, que se insinuam como a serpente e da qual, por essa razão, muitas vezes o homem nem desconfia. Aliás, se a serpente, por haver enganado a mulher é que foi condenada a rastejar, dever-se-á deduzir que antes esse animal tinha pernas; mas, neste caso, já não era serpente. Por que, então, impor à fé ingênua e crédula das crianças, como verdades, alegorias tão evidentes, e que, falseando o julgamento delas, faz que mais tarde venham a considerar a *Bíblia* como uma colcha de fábulas absurdas?

Além disso, deve-se notar que o termo hebreu *nâhâsch*, *traduzido* por serpente, vem da raiz *nâhâsch*, que significa: *fazer encantamentos, adivinhar as coisas ocultas*, podendo, pois, significar: *encantador, adivinho*. Com esta acepção, ele é encontrado na própria *Gênesis*, 44:5 e 15, a propósito da taça que José mandou esconder no saco de Benjamim: "*A taça que roubaste é a mesma em que meu Senhor bebe e de que se serve para adivinhar (nâhâsch).*[147] *Ignoras que não há quem me iguale na ciência de adivinhar (nâhâsch)?* — No livro *Números*, 23:23: *Não há encantamentos (nâhâsch) em Jacó, nem adivinhos em Israel.*" Em consequência, a palavra *nâhâsch* tomou também a significação de *serpente*, réptil que os encantadores tinham a pretensão de encantar, ou de que se serviam em seus encantamentos.

A palavra *nâhâsch* só foi traduzida por *serpente* na versão dos *Setenta* — os quais, segundo Hutcheson, corromperam o texto hebreu em muitos lugares — versão essa escrita em grego no segundo século da era cristã. As inexatidões dessa versão resultaram, sem dúvida, das modificações que a língua hebraica sofrera no intervalo transcorrido, visto que o hebreu do tempo de Moisés era uma língua morta, que diferia do hebreu vulgar, tanto quanto o grego antigo e o árabe literário diferem do grego e do árabe modernos.[148]

É, pois, provável que Moisés tenha apresentado como sedutor da mulher o desejo indiscreto de conhecer as coisas ocultas, suscitado pelo espírito de adivinhação, o que concorda com o sentido primitivo da palavra *nâhâsch*,

adivinhar, e, por outro lado, com estas palavras “Deus sabe que, logo que houverdes comido desse fruto, vossos olhos se abrirão e sereis como *deuses*. — Ela, a mulher, viu que era cobiçável a árvore para compreender (leaskil) e tomou do seu fruto.” Não se deve esquecer que Moisés queria proscrever de entre os hebreus a arte da adivinhação praticada pelos egípcios, tanto é que proibiu os primeiros de interrogar os mortos e o Espírito Píton. (*O céu e o inferno*, Primeira Parte, cap. XI.)

18. A passagem que diz: “O Senhor passeava pelo jardim à tarde, quando se levanta vento brando”, é uma imagem ingênua e um tanto pueril, que a crítica não deixou de assinalar; mas nada tem que surpreenda, se nos reportarmos à ideia que os hebreus dos tempos primitivos faziam da Divindade. Para aquelas inteligências limitadas, incapazes de conceber abstrações, Deus havia de ter uma forma concreta e eles referiam tudo à humanidade, como único ponto que conheciam. Por isso Moisés lhes falava como a crianças, por meio de imagens sensíveis. No caso de que se trata era a personificação da Potência Soberana, como os pagãos personificavam, em figuras alegóricas, as virtudes, os vícios e as ideias abstratas. Mais tarde os homens despojaram da forma a ideia, do mesmo modo que a criança, tornada adulta, procura o sentido moral dos contos com que foi acalentada. Deve-se, portanto, considerar essa passagem como uma alegoria, figurando a Divindade a vigiar em pessoa os objetos da sua criação. O grande rabino Wogue a traduziu assim: “Eles ouviram *a voz* do Eterno Deus, percorrendo o jardim do lado de onde vem o dia.”

19. Se a falta de Adão consistiu literalmente em ter comido um fruto, ela não poderia de modo algum, pela sua natureza quase pueril, justificar o rigor com que foi punida. Não se poderia tampouco admitir, racionalmente, que o fato seja qual geralmente o supõem; de outro modo Deus, ao considerar irremissível o fato, teria condenado a sua própria obra, já que Ele criara o homem para a propagação. Se Adão houvesse entendido assim a proibição de tocar no fruto da árvore e com ela se houvesse conformado escrupulosamente, onde estaria a humanidade e que teria sido feito dos desígnios do Criador?

Deus não criara Adão e Eva para ficarem sós na Terra; a prova disso está nas próprias palavras que lhes dirige logo depois de os ter formado, quando eles ainda estavam no paraíso terrestre: “*Deus os abençoou e lhes disse: ‘Crescei e multiplicai-vos, enchei a Terra e submetei-a ao vosso domínio.’*” (*Gênesis*,

1:28.) Uma vez que a multiplicação era lei já no paraíso terreno, a expulsão deles dali não pode ter tido como causa o fato suposto.

O que deu crédito a essa suposição foi o sentimento de vergonha que Adão e Eva manifestaram ante o olhar de Deus e que os levou a se ocultarem. Mas essa própria vergonha é uma figura por comparação: simboliza a confusão que todo culpado experimenta em presença daquele que por ele foi ofendido.

20. Finalmente, qual foi, em suma, a falta tão grande que resultou na condenação perpétua de todos os descendentes daquele que a cometeu? Caim, o fratricida, não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo a pôde definir logicamente, porque todos, apegados à letra, giraram dentro de um círculo vicioso.

Hoje já sabemos que essa falta não é um ato isolado, pessoal, de um indivíduo, mas que compreende, sob um único fato alegórico, o conjunto das prevaricações de que a humanidade da Terra, ainda imperfeita, pode tornar-se culpada e que se resumem nisto: *infração da Lei de Deus*. Eis por que a falta do primeiro homem, simbolizando este a humanidade, tem por símbolo um ato de desobediência.

21. Dizendo a Adão que ele tiraria da terra o alimento com o suor de seu rosto, Deus simboliza a obrigação do trabalho; mas por que fez do trabalho uma punição? Que seria da inteligência do homem se ele não a desenvolvesse pelo trabalho? Que seria da Terra se não fosse fecundada, transformada, saneada pelo trabalho inteligente do homem?

Está dito (*Gênesis*, 2:5 e 7): "*O Senhor Deus ainda não havia feito chover na Terra e não havia nela homens que a cultivassem. O Senhor formou então o homem do limo da terra.*" Essas palavras, aproximadas destas outras: *Enchei a Terra*, provam que o homem, desde a sua origem, estava destinado a ocupar *toda a terra e a cultivá-la;* provam, também, que o paraíso não era um lugar circunscrito a um canto do globo. Se a cultura da terra houvesse de ser uma consequência da falta de Adão, resultaria que, se Adão não tivesse pecado, a terra permaneceria inculta e os desígnios de Deus não se teriam cumprido.

Por que Ele disse à mulher que ela pariria com dor, em virtude de haver cometido a falta? Como pode a dor do parto ser um castigo, quando é um efeito do organismo e quando está provado, fisiologicamente, que é uma necessidade? Como pode ser punição uma coisa que se produz segundo as leis da natureza? É

o que os teólogos ainda não explicaram, nem poderão explicar enquanto não abandonarem o ponto de vista em que se colocaram. Entretanto, podem justificar-se aquelas palavras que parecem tão contraditórias.

22. Notemos, em primeiro lugar, que se as almas de Adão e Eva tivessem sido tiradas do nada, no exato momento da criação de seus corpos, como ainda se ensina, o casal devia ser inexperiente em todas as coisas; devia, pois, ignorar o que é morrer. Já que os dois estavam *sozinhos* na Terra, ao menos enquanto viviam no paraíso terrestre, não tinham assistido à morte de ninguém. Como, então, teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como Eva teria podido compreender que parir com dor seria uma punição, visto que, tendo acabado de nascer para a vida, ela jamais tivera filhos e era a única mulher existente no mundo?

As palavras de Deus, portanto, não deviam ter nenhum sentido para Adão e Eva. Mal surgidos do nada, eles não podiam saber como nem por que haviam surgido ali; não deviam compreender nem o Criador nem o motivo da proibição que lhes era feita. Sem nenhuma experiência das condições da vida, pecaram como crianças que agem sem discernimento, o que torna ainda mais incompreensível a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre a humanidade inteira.

23. Entretanto, o que constitui para a Teologia um caso sem solução, o Espiritismo o explica sem dificuldade e de maneira racional, pela anterioridade da alma e pela pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do homem. Com efeito, admitamos que Adão e Eva já tivessem vivido e tudo logo se justifica: Deus não lhes fala como a crianças, mas como a seres no estado de o compreenderem e que o compreendem, prova evidente de que ambos trazem aquisições anteriores. Admitamos, além disso, que hajam vivido em um mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, em que o trabalho do Espírito substituía o do corpo; que, por se haverem rebelado contra a Lei de Deus, figurada na desobediência, tenham sido afastados de lá e exilados, por punição, para a Terra, no qual o homem, pela natureza do globo, é constrangido a um trabalho corpóreo, e reconheceremos que Deus estava coberto de razão quando lhes disse: “No mundo em que ireis viver doravante, cultivareis a terra e dela tirareis o alimento com o suor do vosso rosto”; e, à mulher: “Parirás com dor”, porque tal é a condição desse mundo. (Cap. XI, itens 31 e seguintes.)

O paraíso terrestre, cujos vestígios têm sido inutilmente procurados na Terra, era, por conseguinte, a figura do mundo de felicidade onde Adão vivera, ou melhor, onde vivera a raça dos Espíritos que ele personifica. A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes do nosso planeta, e a mudança de situação foi a consequência da expulsão. O anjo armado com uma espada flamejante, a defender a entrada do paraíso, simboliza a impossibilidade em que se acham os Espíritos dos mundos inferiores, de penetrar nos mundos superiores, antes que o mereçam pela sua depuração. (Veja-se adiante o cap. XIV, itens 8 e seguintes.)

24. Capítulo 4 – 13. Caim (Depois do assassínio de Abel), responde ao Senhor: “A minha iniquidade é grande demais, para que me possa ser perdoada. – 14. Vós me expulsais hoje de cima da Terra e eu irei me ocultar da vossa face. Serei fugitivo e vagabundo na Terra e qualquer um então que me encontre me matará.” – 15. O Senhor lhe respondeu: “Não, isto não se dará, porquanto, quem matar Caim será punido severamente.” E o Senhor pôs um sinal sobre Caim, a fim de que não o matassem os que viessem a encontrá-lo.

16. Tendo-se retirado de diante do Senhor, Caim ficou errando pela Terra e habitou a região oriental do Éden. – 17. Havendo conhecido sua mulher, ela concebeu e pariu Enoque. Ele construiu (*vaïehi bôné;* literalmente: estava construindo) uma cidade a que chamou *Enoque* (Enoquia) do nome de seu filho. (*Gênesis*, 4:13 a 17.)

25. Se nos apegarmos à letra de *Gênesis*, eis as consequências a que chegaremos: Adão e Eva estavam sós no mundo, depois de expulsos do paraíso terrestre; só posteriormente tiveram os dois filhos Caim e Abel. Ora, tendo-se Caim retirado para outra região depois de haver assassinado o irmão, não tornou mais a ver seus pais, que de novo ficaram isolados. Só muito mais tarde, na idade de 130 anos, foi que Adão teve um terceiro filho, que se chamou Set, depois desse nascimento ele ainda viveu, segundo a genealogia bíblica, oitocentos anos, e teve mais filhos e filhas.

Quando, pois, Caim foi estabelecer-se a leste do Éden, somente havia na Terra três pessoas: seu pai e sua mãe, e ele, *sozinho*, de seu lado. Entretanto, Caim teve mulher e um filho. Que mulher podia ser essa e onde ele pudera desposá-la? O texto hebreu diz: *Ele estava construindo uma cidade*, e não: *ele construiu*, o que indica uma ação presente e não posterior. Mas uma cidade

pressupõe a existência de habitantes, visto não ser de presumir que Caim a fizesse para si, sua mulher e seu filho, nem que a pudesse edificar sozinho.

Dessa própria narrativa, portanto, logo se conclui que a região era povoada. Ora, não podia sê-lo pelos descendentes de Adão, que então se reduziam a um só: Caim. Aliás, a presença de outros habitantes ressalta igualmente destas palavras de Caim: “Serei fugitivo e vagabundo e quem quer que me encontre me matará”, e da resposta que Deus lhe deu. Por quem ele temia ser morto e que utilidade teria o sinal que Deus lhe pôs para preservá-lo, visto que ele não iria encontrar ninguém? Ora, se havia na Terra outros homens além da família de Adão, é que esses homens aí estavam antes dele, de onde se deduz esta consequência, tirada do próprio texto do *Gênesis*: Adão não é o primeiro, nem o único pai do gênero humano. (Cap. XI, item 34.)[149]

26. Eram necessários os conhecimentos que o Espiritismo forneceu acerca das relações do princípio espiritual com o princípio material, acerca da natureza da alma, da sua criação em estado de simplicidade e de ignorância, da sua união com o corpo, da sua indefinida marcha progressiva através de sucessivas existências e através dos mundos, que são outros tantos degraus da senda do aperfeiçoamento, acerca da sua gradual libertação da influência da matéria, mediante o uso do livre-arbítrio, da causa dos seus pendores bons ou maus e de suas aptidões, do fenômeno do nascimento e da morte, da situação do Espírito na erraticidade e, finalmente, do futuro como prêmio de seus esforços por se melhorar e da sua perseverança no bem, para que se fizesse luz sobre todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a essa luz, o homem sabe doravante de onde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que sofre. Sabe que seu futuro está em suas mãos e que a duração do seu cativeiro neste mundo depende unicamente dele. Despida da alegoria acanhada e mesquinha, a Gênese se lhe apresenta grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, ela confundirá a incredulidade e triunfará.

---

136 N.E.: Anfíbios e insetos foram os primeiros animais presentes no planeta, surgiram no Período Devoniano, da Era Paleozoica.

137 N.E.: A *Lei da gravitação universal* foi formulada pelo cientista inglês Isaac Newton (1642–1727), que concluiu: “Duas partículas se atraem com forças cuja intensidade é diretamente proporcional ao produto de suas massas e inversamente proporcional ao quadrado da distância que as separa.”

138 N.E.: Um dos livros do Avesta, que são os textos sagrados do Zoroastrismo. Código de leis civis e religiosas.

139 N.E.: Aúra-Masda, Ormasde — deus supremo da Criação; princípio do bem, da harmonia, da beleza e da luz, na religião

zoroastriana (antiga religião persa, fundada no século VII a.C. por Zoroastro, caracterizada pelo dualismo ético, cósmico e teogônico, que implica a luta primordial entre dois deuses, representantes do bem e do mal. O zoroastrismo influenciou em diversos aspectos doutrinários a tradição judaico-cristã).

140 **Nota de Allan Kardec:** Por mais grosseiro que seja o erro de tal crença, com ela ainda se embalam as crianças do nosso tempo, como se se tratasse de uma verdade sagrada. Tremem os educadores quando ousam aventurar-se a uma tímida interpretação. Como pretenderem que isso não venha mais tarde a fazer incrédulos?

141 **Nota de Allan Kardec:** O termo hebreu *haadam*, homem, do qual se compôs Adão, e o termo *haadama*, terra, têm a mesma raiz.

142 **Nota de Allan Kardec:** Em seguida a alguns versículos se acha a tradução literal do texto hebreu, exprimindo mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico ressalta assim mais claramente.

143 **Nota de Allan Kardec:** Paraíso, do latim *paradīsus*, derivado do grego *paradeisos*, jardim, pomar, lugar plantado de árvores. O termo hebreu empregado em *Gênesis* é *hagan*, que tem a mesma significação.

144 **Nota de Allan Kardec:** Do hebreu *cherub*, *keroub*, lavrar; anjos do segundo coro da primeira hierarquia, que eram representados com quatro asas, quatro faces e patas de boi.

145 **Nota de Allan Kardec:** Está hoje perfeitamente reconhecido que a palavra hebreia *haadam* não é um nome próprio, mas significa: *o homem em geral, a Humanidade*, o que destrói toda a estrutura levantada sobre a personalidade de Adão.

146 **Nota de Allan Kardec:** Em nenhum texto o fruto é especializado na *maçã*, palavra que só se encontra nas versões infantis. O termo do texto hebreu é *peri*, que tem as mesmas acepções que em francês, sem determinação de espécie e pode ser tomado em sentido material, moral, alegórico, em sentido próprio e figurado. Para os israelitas não há interpretação obrigatória; quando uma palavra tem várias acepções, cada um a entende como quer, contanto que a interpretação não seja contrária à gramática. O termo *peri* foi traduzido em latim por *malum*, que se aplica tanto à maçã, como a qualquer outra espécie de frutos. Deriva do grego *melon*, particípio do verbo *melo*, interessar, cuidar, atrair.

147 **Nota de Allan Kardec:** Desse fato se poderá inferir que os egípcios conheciam a mediunidade no *copo de água?* (*Revista espírita*, junho de 1868.)

148 **Nota de Allan Kardec:** O termo *nâhâsch* existia na língua egípcia, com a significação de *negro*, provavelmente porque os negros tinham o dom dos encantamentos e da adivinhação. Talvez também por isso é que as esfinges, de origem assíria, eram representadas por uma figura de negro.

149 **Nota de Allan Kardec:** Esta ideia não é nova. La Peyrère, sábio teólogo do século XVII, em seu livro *Preadamitas*, escrito em latim e publicado em 1655, extraiu do texto original da *Bíblia*, adulterado pelas traduções, a prova evidente de que a Terra era habitada antes da vinda de Adão. Essa é a opinião atual de muitos eclesiásticos esclarecidos.

Os milagres
segundo o Espiritismo

Capítulo XIII	Características dos milagres
Capítulo XIV	Os fluidos
Capítulo XV	Os milagres do Evangelho

CAPÍTULO XIII



Características dos milagres

• Os milagres no sentido teológico • O Espiritismo não faz milagres • Deus faz milagres? • O sobrenatural e as religiões

Os milagres no sentido teológico

1. Na sua acepção etimológica, a palavra *milagre* (de *miracŭlum*) significa: *prodígio, maravilha; coisa extraordinária*. A Academia a definiu assim: *Um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da natureza*.

Na acepção usual, essa palavra perdeu, como tantas outras, a significação primitiva. De geral que era, tornou-se de acepção restrita. No entender das massas, um *milagre* implica a ideia de um fato extranatural; no sentido teológico, é uma derrogação das leis da natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. Tal é, com efeito, a sua acepção vulgar, que se tornou o sentido próprio, de modo que só por comparação e por metáfora se aplica às circunstâncias ordinárias da vida.

Uma das características dos milagres propriamente ditos é o fato de ser inexplicável, realizando-se, por isso mesmo, com exclusão das leis naturais. E tanto essa é a ideia que se lhe associa que, se um fato miraculoso vem encontrar explicação, se diz que já não constitui milagre, por mais surpreendente que seja. O que, para a Igreja, confere valor aos milagres é justamente a origem sobrenatural deles e a impossibilidade de serem explicados. Firmou-se tão bem sobre esse ponto que toda assimilação dos milagres aos fenômenos da natureza constitui para ela uma heresia, um atentado contra a fé, tanto assim que excomungou e até queimou muita gente por não ter querido crer em certos milagres.

Outro caráter do milagre é o fato de ser insólito, isolado, excepcional. Logo que um fenômeno se reproduz, quer espontânea, quer voluntariamente, é que

está submetido a uma lei e, desde então, seja ou não conhecida a lei, não pode ser um milagre.

2. Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. Se um homem realmente morto for chamado à vida por intervenção divina, haverá verdadeiro milagre, por ser esse um fato contrário às leis da natureza. Mas se em tal homem houver apenas aparência de morte, se lhe restar uma *vitalidade latente* e a Ciência, ou uma ação magnética qualquer, conseguir reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas ter-se-á dado um fenômeno natural, mas, para o vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso. Lance um físico, do meio de certas campinas, um papagaio elétrico e faça que o raio caia sobre uma árvore e certamente esse novo Prometeu[1] será tido por armado de diabólico poder. Se, porém, Josué[2] houvesse detido o movimento do Sol, ou antes, da Terra, aí sim, teríamos verdadeiro milagre, visto não existir nenhum magnetizador dotado de poder suficiente para operar semelhante prodígio.

Os séculos de ignorância foram fecundos em milagres, porque se considerava sobrenatural tudo aquilo cuja causa não se conhecia. À medida que a Ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso se foi restringindo; mas como a Ciência ainda não havia explorado todo o campo da natureza, larga parte dele ficou reservada para o maravilhoso.

3. Expulso do domínio da materialidade pela Ciência, o maravilhoso se encastelou no da espiritualidade, no qual encontrou o seu último refúgio. O Espiritismo, ao demonstrar que o elemento espiritual é uma das forças vivas da natureza, força que incessantemente atua em concorrência com a força material, faz que voltem ao âmbito dos efeitos naturais os que dele haviam saído, porque, como os outros, tais efeitos também se acham sujeitos a leis. Se for expulso da espiritualidade, o maravilhoso já não terá razão de ser e só então se poderá dizer que passou o tempo dos milagres. (Cap. I, item 18.)

O Espiritismo não faz milagres

4. O Espiritismo vem, pois, por sua vez, fazer o que cada ciência fez no seu advento: revelar novas leis e explicar, conseguintemente, os fenômenos compreendidos na alçada dessas leis. Esses fenômenos, é certo, se prendem à existência dos Espíritos e à intervenção deles no mundo material. Ora, dizem, é justamente nisso que consiste o sobrenatural. Mas, então, seria preciso provar

que os Espíritos e suas manifestações são contrários às leis da natureza; que aí não há, nem pode haver, a ação de uma dessas leis.

O Espírito nada mais é do que a alma sobrevivente ao corpo; é o ser principal, visto que não morre, enquanto o corpo não passa de um acessório que se destrói. Sua existência, portanto, é tão natural depois, como durante a encarnação; está submetido às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo está sujeito às leis que regem o princípio material; mas como esses dois princípios têm necessária afinidade, como reagem incessantemente um sobre o outro, como da ação simultânea deles resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma quanto a outra, não sendo, pois, a primeira uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

5. Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito, dando-se o mesmo quando ele não está encarnado. Como Espírito, faz o que fazia o homem, na medida de suas capacidades; apenas, por já não ter o corpo carnal para instrumento, serve-se, quando necessário, dos órgãos materiais de um encarnado, que vem a ser o que se chama *médium*. Procede então como alguém que, não podendo escrever por si mesmo, se vale de um secretário, ou que, não sabendo uma língua, recorre a um intérprete. O secretário e o intérprete são os *médiuns* do encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.

6. Já não sendo o mesmo no estado de encarnação o meio em que os Espíritos atuam e os modos por que atuam, os efeitos também são diferentes. Tais efeitos só parecem sobrenaturais porque se produzem com o auxílio de agentes que não são os de que nos servimos. Desde, porém, que esses agentes estão na natureza e as manifestações se dão em virtude de certas leis, nada há de sobrenatural ou de maravilhoso. Antes de se conhecerem as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios aos olhos de certa gente; a partir do momento em que se conheceu a causa, desapareceu o maravilhoso. Dá-se o mesmo com os fenômenos espíritas, que não saem mais das leis naturais do que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que serviram de fundamento a uma imensidão de crenças supersticiosas.

7. Entretanto, dir-se-á, admitis que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não é isso uma derrogação da lei da gravidade? — Sim, da lei conhecida. Conhecem-se, porém, todas as leis? Antes

que se houvesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada máquina, transportando vários homens, pudesse triunfar da força de atração? Aos olhos do vulgo, isso não pareceria maravilhoso, diabólico? Aquele que, há um século, tivesse proposto a transmitir um telegrama a 500 léguas e receber a resposta dentro de alguns minutos teria passado por louco; se o fizesse, teriam acreditado estar o diabo às suas ordens, porque então só o diabo era capaz de andar tão depressa. Hoje, no entanto, não só se reconhece possível o fato, como ele parece muito natural. Por que, pois, um fluido desconhecido não teria a propriedade de contrabalançar, em dadas circunstâncias, o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? É, com efeito, o que ocorre no caso de que se trata. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. IV.)

8. Estando na natureza, os fenômenos espíritas se hão produzido em todos os tempos; mas precisamente porque seu estudo não podia ser feito pelos meios materiais de que dispõe a ciência vulgar, permaneceram muito mais tempo do que outros no domínio do sobrenatural, de onde o Espiritismo agora os retira.

Baseado em aparências inexplicáveis, o sobrenatural deixa livre curso à imaginação que, a vagar pelo desconhecido, gera as crenças supersticiosas. Uma explicação racional, fundada nas leis da natureza, reconduzindo o homem ao terreno da realidade, fixa um ponto de parada aos transviamentos da imaginação e destrói as superstições. Longe de ampliar o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe até os seus extremos limites e lhe derruba o último refúgio. Se é certo que ele faz crer na possibilidade de alguns fatos, não menos certo é que, por outro lado, impede a crença em muitos outros, porque demonstra, no campo da espiritualidade, a exemplo da Ciência no âmbito da materialidade, o que é possível e o que não o é. Todavia, como não alimenta a pretensão de haver dito a última palavra seja sobre o que for, nem mesmo sobre o que é da sua competência, ele não se apresenta como absoluto regulador do possível e deixa de lado os conhecimentos reservados ao futuro.

9. Os fenômenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito, seja durante a encarnação, seja no estado de erraticidade. É pelas manifestações que produz que a alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade; julga-se dela pelos seus efeitos; sendo natural a causa, o efeito também o é. São esses efeitos que constituem objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de chegar-se a um

conhecimento tão completo quanto possível da natureza e dos atributos da alma, como das leis que regem o princípio espiritual.

10. Para os que negam a existência do princípio espiritual independente e, por conseguinte, negam a existência da alma individual e sobrevivente, a natureza toda está na matéria tangível; todos os fenômenos que se referem à espiritualidade são, para esses negadores, sobrenaturais e, portanto, quiméricos. Não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos e, quando estes são patentes, eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação e se negam a aprofundá-los. Daí a opinião preconcebida que os torna inaptos a apreciar judiciosamente o Espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo que não seja material.

11. Embora o Espiritismo admita os efeitos, que são a consequência da existência da alma, não se segue que admita todos os efeitos qualificados de maravilhosos e que se proponha a justificá-los e dar-lhes crédito; que se faça campeão de todos os devaneios, de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas. Seria preciso conhecê-lo muito pouco para pensar assim. Seus adversários julgam opor-lhe um argumento sem réplica, quando, depois de terem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard,[3] sobre os calvinistas das Cevenas,[4] ou sobre os religiosos de Loudun,[5] chegaram a descobrir fatos patentes de embuste, que ninguém contesta. Mas essas histórias serão, porventura, o evangelho do Espiritismo? Seus adeptos já terão negado que o charlatanismo haja explorado em proveito próprio alguns fatos? que a imaginação os tenha criado? que o fanatismo os haja exagerado muitíssimo? Ele não é mais solidário com as extravagâncias que se cometam em seu nome do que a Ciência com os abusos da ignorância e a verdadeira religião com os abusos do fanatismo. Muitos críticos julgam o Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares, ficções daqueles contos. O mesmo seria julgar a História pelos romances históricos e pelas tragédias.

12. Na maior parte das vezes os fenômenos espíritas são espontâneos e se produzem sem nenhuma ideia preconcebida da parte das pessoas com que eles se dão e que, em regra, são as que neles menos pensam. Existem alguns que, em certas circunstâncias, podem ser provocados pelos agentes denominados *médiuns*. No primeiro caso, o médium é *inconsciente* do que se produz por seu intermédio; no segundo, age com conhecimento de causa, de que resulta a

classificação de *médiuns conscientes* e *médiuns inconscientes*. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram com frequência entre os mais obstinados incrédulos que, assim, praticam o Espiritismo sem o saberem, nem quererem. Por isso mesmo, os fenômenos espontâneos têm capital importância, visto não se poder suspeitar da boa-fé dos que os obtêm. Dá-se aqui o que se dá com o sonambulismo que, em certos indivíduos, é natural e involuntário, enquanto em outros é provocado pela ação magnética.[6]

Quer esses fenômenos resultem ou não de um ato da vontade, a causa primeira é exatamente a mesma e em nada se afasta das leis naturais. Os médiuns, portanto, não produzem coisa alguma de sobrenatural; por conseguinte, não fazem *nenhum milagre*. As próprias curas instantâneas não são mais milagrosas do que os outros efeitos, já que resultam da ação de um agente fluídico, que desempenha o papel de agente terapêutico, suas propriedades não deixam de ser naturais por terem sido ignoradas até agora. O epíteto de *taumaturgos*, dado a certos médiuns pela crítica ignorante dos princípios do Espiritismo é, pois, totalmente impróprio. A qualificação de milagres atribuída, por comparação, a esta espécie de fenômenos, somente pode induzir em erro sobre o verdadeiro caráter deles.

13. A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não os torna mais milagrosos do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos acerca dessa força, o Espiritismo nos dá a solução de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, em tempos recuados, passaram por prodígios. Do mesmo modo que o magnetismo, ele revela uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, porque eles se produziram em todos os tempos, porém não se conhecia a lei, e foi o desconhecimento desta que gerou a superstição. Conhecida essa lei, desaparece o maravilhoso e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas não operam milagres quando fazem que uma mesa se mova sozinha, ou que os mortos escrevam, do mesmo modo que o médico não opera um milagre quando faz que um moribundo reviva, ou o físico, quando faz que o raio caia.

Aquele que pretendesse *fazer milagres* com o auxílio desta ciência ou seria um ignorante do assunto ou um enganador de tolos.

14. Considerando-se que o Espiritismo repudia toda pretensão às coisas miraculosas, fora da sua esfera haverá milagres, na acepção usual desta palavra?

Digamos, primeiramente, que entre os fatos reputados milagrosos, ocorridos antes do advento do Espiritismo e que ainda ocorrem no presente, a maior parte, se não todos, encontram explicação nas novas leis que ele veio revelar. Esses fatos, portanto, se compreendem, embora sob outro nome, na ordem dos fenômenos espíritas e, como tais, nada têm de sobrenatural. Fique, porém, bem entendido que só nos referimos aos fenômenos autênticos, e não aos que, com a denominação de milagres, são produto de uma indigna charlatanice, com vistas a explorar a credulidade. Tampouco nos referimos a certos fatos lendários que podem ter tido, originariamente, um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou até o absurdo. É sobre esses fatos que o Espiritismo vem projetar luz, fornecendo meios de separar a verdade do erro.

Deus faz milagres?

15. Quanto aos milagres propriamente ditos, Deus, sem dúvida, pode fazê-los, visto que nada lhe é impossível. Mas será que os faz? Ou, em outras palavras, derroga as leis que Ele mesmo estabeleceu? Não cabe ao homem prejulgar os atos da Divindade nem subordiná-los à fraqueza do seu entendimento. Contudo, em face das coisas divinas, temos, para critério do nosso juízo, os próprios atributos de Deus. Ao poder soberano, Ele reúne a soberana sabedoria, devendo-se, pois, concluir que nada faz de inútil. Por que, então, faria milagres? Para atestar o seu poder, dizem. Mas o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais eloquente pelo grandioso conjunto das obras da Criação, pela sábia previdência que essa Criação revela, tanto nas mais gigantescas quanto nas mais insignificantes, e pela harmonia das leis que regem o mecanismo do universo, do que por algumas pequeninas e pueris derrogações que todos os prestidigitadores sabem imitar? Que se diria de um engenheiro mecânico que, para provar a sua habilidade, desmantelasse um relógio construído pelas suas mãos, obra-prima de ciência, a fim de mostrar que pode desmanchar o que fizera? Seu saber, ao contrário, não ressalta muito mais da regularidade e da precisão do movimento da sua obra?

A questão dos milagres propriamente ditos não é, pois, da alçada do Espiritismo; mas, ponderando que Deus não faz coisas inúteis, a Doutrina emite a seguinte opinião: *Não sendo necessários os milagres para a glorificação de Deus, nada no universo se produz fora do âmbito das leis gerais. Deus não faz milagres, porque, sendo, como são, perfeitas as suas leis, não lhe é necessário derrogá-las*. Se há fatos que não compreendemos, é que ainda nos faltam os conhecimentos necessários.

16. Admitindo que Deus houvesse alguma vez, por razões que não podemos apreciar, derrogado acidentalmente leis por ele mesmo estabelecidas, tais leis já não seriam imutáveis. Mesmo, porém, que semelhante derrogação seja possível, ter-se-á, pelo menos, de reconhecer que só Ele, Deus, dispõe desse poder; sem se negar ao Espírito do mal a onipotência, não se pode admitir que lhe seja permitido desfazer a obra divina, operando, de seu lado, prodígios capazes de seduzir até os eleitos, pois que isso implicaria a ideia de um poder igual ao de Deus. É, no entanto, o que ensinam. Se Satanás tem o poder de sustar o curso das leis naturais, que são obra de Deus, sem a permissão deste, é mais poderoso que a Divindade. Logo, Deus não possui a onipotência e se, como pretendem alguns, delega poderes a Satanás, para mais facilmente induzir os homens ao mal, falta-lhe a soberana bondade. Em ambos os casos, há negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.

Esta a razão por que a Igreja distingue os bons milagres, que procedem de Deus, dos maus milagres, que procedem de Satanás. Como, porém, diferenciar um do outro? Seja satânico ou divino, nem por isso um milagre deixa de ser uma derrogação das leis emanadas unicamente de Deus. Se um indivíduo é curado por suposto milagre, quer seja Deus quem o opere, quer Satanás, não deixará por isso de ter havido cura. É preciso fazer ideia muito acanhada da inteligência humana pretender-se que semelhantes doutrinas possam ser aceitas nos dias de hoje.

Reconhecida a possibilidade de alguns fatos considerados miraculosos, deve-se concluir que, seja qual for a origem que se lhes atribua, eles são efeitos naturais de que se podem utilizar *Espíritos encarnados* ou *desencarnados*, como de tudo, como da própria inteligência e dos conhecimentos científicos de que disponham, para o bem ou para o mal, conforme neles predominem a bondade ou a perversidade. Um ser perverso, valendo-se do saber que haja adquirido,

pode fazer coisas que passem por prodígios aos olhos dos ignorantes; mas quando tais efeitos dão em resultado um bem qualquer, seria ilógico atribuir-lhes uma origem diabólica.

17. Mas a religião, dizem, se apoia em fatos que não são explicados nem explicáveis. Inexplicados, talvez; inexplicáveis, é outra questão. Que sabe o homem das descobertas e dos conhecimentos que o futuro lhe reserva? Sem falar do milagre da Criação, o maior de todos sem contestação possível, já pertencente ao domínio da lei universal, não vemos reproduzirem-se hoje, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, os êxtases, as visões, as aparições, as percepções a distância, as curas instantâneas, as suspensões de mesas, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos desde tempos imemoriais, tidos outrora por maravilhosos e que presentemente se demonstra pertencerem à ordem das coisas naturais, de acordo com a lei constitutiva dos seres? Os livros sagrados estão cheios de fatos desse gênero, qualificados de sobrenaturais; como, porém, se encontram fatos análogos e até mais maravilhosos ainda em todas as religiões pagãs da Antiguidade, se a veracidade de uma religião dependesse do número e da natureza de tais fatos, não se saberia dizer qual a que devesse prevalecer.

O sobrenatural e as religiões

18. Pretender-se que o sobrenatural é o fundamento indispensável de toda religião, que é a pedra angular do edifício cristão, é sustentar perigosa tese. Assentar as verdades do Cristianismo sobre a base exclusiva do maravilhoso é dar-lhe fraco alicerce, cujas pedras facilmente se soltam com o passar dos dias. Essa tese, de que se constituíram defensores eminentes teólogos, leva direto à conclusão de que, em dado tempo, já não haverá religião possível, nem mesmo a cristã, desde que se chegue a demonstrar que é natural o que se considera sobrenatural, visto que, por mais que se acumulem argumentos, não se conseguirá sustentar a crença de que um fato é miraculoso depois de se haver provado que não o é. Ora, a prova de que um fato não é uma exceção nas leis naturais é quando pode ser explicado por essas mesmas leis e que, podendo reproduzir-se por intermédio de um indivíduo qualquer, deixa de ser privilégio dos santos. Não é do *sobrenatural* que necessitam as religiões, mas do *princípio*

espiritual, que elas confundem erradamente com o maravilhoso e sem o qual não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto de vista mais elevado; dá-lhe uma base mais sólida do que a dos milagres: as leis imutáveis de Deus, que regem tanto o princípio espiritual como o princípio material. Essa base desafia o tempo e a Ciência, porque o tempo e a Ciência virão sancioná-la.

Deus não se torna menos digno da nossa admiração, do nosso reconhecimento, do nosso respeito, por não haver derrogado suas leis, grandiosas, sobretudo, pela imutabilidade que as caracteriza. Não há necessidade do sobrenatural para que se preste a Deus o culto que lhe é devido. A natureza não é de si mesma tão imponente, a ponto de dispensar o que quer que seja para provar o poder divino? A religião encontraria menos incrédulos se, em todos os pontos, fosse sancionada pela razão. O Espiritismo nada tem que perder com semelhante sanção; ao contrário, só pode ganhar. Se alguma coisa o tem prejudicado na opinião de muitas pessoas, foi precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural.

19. Se tomarmos a palavra *milagre* em sua acepção etimológica, no sentido de *coisa admirável*, teremos milagres incessantemente sob as vistas. Aspiramo-los no ar e os calcamos com os pés, porque tudo é milagre na natureza.

Querem dar ao povo, aos ignorantes, aos pobres de espírito uma ideia do poder de Deus? Mostrem-no na sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na apropriação de todas as partes de cada ser às suas necessidades, de acordo com o meio onde ele é posto a viver. Mostrem-lhes a ação de Deus na vergôntea de um arbusto, na flor que desabrocha, no Sol que tudo vivifica. Mostrem-lhes a sua bondade na solicitude que dispensa a todas as criaturas, por mais ínfimas que sejam, a sua previdência, na razão de ser de todas as coisas, entre as quais nenhuma é inútil, no bem que sempre decorre de um mal aparente e temporário. Façam-lhes compreender, principalmente, que o mal real é obra do homem e não de Deus; não procurem amedrontá-los com o quadro das penas eternas, em que acabam não mais crendo e que os levam a duvidar da bondade de Deus; antes, deem-lhes coragem, mediante a certeza de poderem um dia redimir-se e reparar o mal que hajam praticado. Apontem-lhes as descobertas da Ciência como revelações das Leis divinas e não como obras de Satanás. Ensinai-lhes, finalmente, a ler no livro da natureza, constantemente aberto diante deles, nesse

livro inesgotável, em que se acham inscritas em cada página a bondade e a sabedoria do Criador. Eles, então, compreenderão que um Ser tão grande, que com tudo se ocupa, que por tudo vela, tudo prevê, forçosamente dispõe do poder supremo. O lavrador o verá ao arar o seu campo, e o desventurado, nas suas aflições, o bendirá dizendo: Se sou infeliz, é por minha culpa. Então, os homens serão verdadeiramente religiosos, racionalmente religiosos, sobretudo, muito mais do que acreditando em pedras que suam sangue ou em estátuas que piscam os olhos e derramam lágrimas.

---

1 N.E.: Na mitologia grega é um dos Titãs, roubou o fogo sagrado dos deuses e transmitiu-o aos homens. Zeus, para puni-lo, acorrentou-o ao Cáucaso, onde uma águia comia-lhe o fígado, que se regenerava incessantemente. Foi libertado por Hércules.

2 N.E.: Também chamado Oseias. Depois da morte de Moisés, Josué liderou o povo de Israel na conquista de Canaã e foi responsável por conduzir os israelitas à Terra Prometida. Sua liderança é narrada no *Livro de Josué*, em que se destaca a tomada da cidade de Jericó entre outros fatos que contaram com prodigiosa intervenção divina, como no dia em que o sol e lua chegaram a parar durante a batalha de Josué em defesa dos gibeonitas, contra o ataque de reis cananeus.

3 N.E.: Em 1729, no Cemitério de Saint-Médard, junto ao túmulo do diácono Francisco de Paris, morto em 1727 e considerado homem muito caridoso, começaram a ocorrer milagres, pessoas passaram a visitar o túmulo e lá sofriam convulsões e se autoinfligiam torturas.

4 N.E.: Protestantes franceses que foram expatriados por pegarem em armas após a revogação do Édito de Nantes (1685); eram assim chamados por vestir camisa sobre suas roupas.

5 N.E.: A Possessão das Freiras de Loudun foi um suposto conjunto de possessões demoníacas que ocorreram em Loudun, França, em 1634; as freiras sofreram convulsões e proferiram linguagem abusiva.

6 **Nota de Allan Kardec:** *O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. V; *Revista espírita* – exemplos: agosto e dezembro de 1865.

CAPÍTULO XIV



Os fluidos

I. Natureza e propriedade dos fluidos • Elementos fluídicos • Formação e propriedades do perispírito • Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento • Qualidades dos fluidos

II. Explicação de alguns fenômenos considerados sobrenaturais • Vista espiritual ou psíquica. Dupla vista. Sonambulismo. Sonhos • Catalepsia. Ressurreições • Curas • Aparições. Transfigurações • Manifestações físicas. Mediunidade • Obsessões e possessões

I. Natureza e propriedade dos fluidos

Elementos fluídicos

1. A Ciência resolveu a questão dos milagres que decorrem mais particularmente do elemento material, quer explicando-os, quer demonstrando-lhes a impossibilidade, em face das leis que regem a matéria. Mas os fenômenos em que prepondera o elemento espiritual, não podendo ser explicados unicamente por meio das leis da natureza, escapam às investigações da Ciência. É por isto que eles, mais do que os outros, apresentam os caracteres *aparentes* do maravilhoso. É, pois, nas leis que regem a vida espiritual que se pode encontrar a explicação dos milagres dessa categoria.

2. O fluido cósmico universal é, como já foi demonstrado, a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza. (Cap. X.) Como princípio elementar do universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o estado normal primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certo modo, consecutivo ao primeiro. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria

tangível, porém, ainda aí, não há transição brusca, visto que se podem considerar os nossos fluidos imponderáveis[7] como termo médio entre os dois estados. (Cap. IV, itens 10 e seguintes.)

Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, os chamados *fenômenos materiais*, são da alçada da Ciência propriamente dita; os outros, qualificados de *fenômenos espirituais ou psíquicos*, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições do Espiritismo. Como, porém, a vida espiritual e a vida corporal se acham em contato incessante, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se prendem à vida corpórea; os que são do domínio *exclusivo* da vida espiritual escapam aos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito.[8]

3. No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedam do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão origem aos fenômenos peculiares do mundo invisível.

Dentro da relatividade de tudo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes.

Lá, porém, como neste mundo, somente aos Espíritos mais esclarecidos é dado compreender o papel que desempenham os elementos constitutivos do mundo onde eles se acham. Os ignorantes do mundo invisível são tão incapazes de explicar a si mesmos os fenômenos a que assistem e para os quais muitas vezes concorrem maquinalmente, como os ignorantes da Terra o são para explicar os efeitos da luz ou da eletricidade, para dizer de que modo é que veem e escutam.

4. Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à percepção dos nossos sentidos, feitos para perceberem a matéria tangível e não a matéria etérea. Há os pertencentes a um meio diverso a tal ponto do nosso, que deles só podemos fazer ideia mediante comparações tão imperfeitas como aquelas mediante as quais um cego de nascença procura fazer ideia da teoria das cores.

Mas entre esses fluidos alguns são tão intimamente ligados à vida corpórea que, de certa forma, pertencem ao meio terreno. Em falta de percepção direta, podem-se observar os seus efeitos, como se observam os do fluido do ímã, fluido que jamais se viu, podendo-se adquirir sobre a natureza deles conhecimento de alguma precisão. Esse estudo é essencial, porque está nele a solução de uma imensidade de fenômenos inexplicáveis unicamente pelas leis da matéria.

5. O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, da qual nada nos pode dar ideia; o ponto oposto é a sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, dão-se inúmeras transformações, mais ou menos aproximadas de um e de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, os menos puros, conseguintemente, compõem o que se pode chamar *a atmosfera espiritual da Terra*. É desse meio, onde igualmente vários são os graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados deste planeta haurem os elementos necessários à economia de suas existências. Por mais sutis e impalpáveis que nos pareçam, esses fluidos não deixam por isso de ser de natureza grosseira, em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores.

O mesmo se dá na superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias de cada um. Quanto menos material é a vida neles, tanto menos afinidade têm os fluidos espirituais com a matéria propriamente dita.

A qualificação de *fluidos espirituais* não é rigorosamente exata, já que, em última análise, eles são sempre matéria mais ou menos quintessenciada. De realmente *espiritual*, só mesmo a alma ou princípio inteligente. Dá-se-lhes essa denominação por comparação apenas e, sobretudo, pela afinidade que eles guardam com os Espíritos. Pode-se dizer que são a matéria do mundo espiritual, razão por que são chamados *fluidos espirituais*.

6. Quem conhece, aliás, a constituição íntima da matéria tangível? Ela talvez somente seja compacta em relação aos nossos sentidos, e o que o provaria é a facilidade com que os fluidos espirituais e os Espíritos a atravessam, aos quais não oferece maior obstáculo do que o que os corpos transparentes oferecem à luz.[9]

Tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, deve ser possível à matéria tangível, *desagregando-se*, voltar ao estado de eterização, do mesmo modo que o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gás impalpável. *Na realidade, a solidificação da matéria não passa de um estado transitório, que pode voltar ao seu estado primitivo quando deixam de existir as condições de coesão*.

Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é capaz de adquirir uma espécie de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos, que parecem autênticos, tenderiam a fazer supor que assim fosse. Ainda não conhecemos senão as fronteiras do mundo invisível; o futuro, sem dúvida, nos reserva o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender o que para nós ainda é mistério.

Formação e propriedades do perispírito

7. O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou *alma*. Já vimos que também o corpo carnal tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, pois o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispirítico e o corpo carnal têm, pois, origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes.

8. Os Espíritos extraem o seu perispírito do meio em que se encontram, isto é, eles formam esse envoltório a partir dos fluidos ambientes. Resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito devem variar conforme os mundos. Sendo Júpiter considerado um planeta muito adiantado em comparação com a Terra, e como um orbe onde a vida corpórea não apresenta a materialidade da nossa, os envoltórios perispiríticos hão de ser ali de natureza muito mais quintessenciada do que aqui. Ora, assim como não poderíamos existir naquele mundo com o

nosso corpo carnal, também os nossos Espíritos não poderiam nele penetrar com o perispírito terrestre que os envolve. Deixando a Terra, o Espírito aí abandona o seu envoltório fluídico e toma outro apropriado ao mundo onde vai habitar.

9. A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel-prazer e, por conseguinte, não podem passar, à vontade, de um mundo para outro. O envoltório fluídico de alguns deles, se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível, é ainda pesado demais, se assim nos podemos exprimir, com relação ao mundo espiritual, para não permitir que eles saiam do meio que lhes é próprio. Nessa categoria se devem incluir aqueles cujo perispírito é tão grosseiro que eles o confundem com o corpo carnal, razão pela qual acreditam-se vivos. Esses Espíritos, cujo número é considerável, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações terrenas. Outros, um pouco mais desmaterializados, não o são, contudo, suficientemente, para se elevarem acima das regiões terrestres.[10]

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e, até, encarnar neles. Tiram, dos elementos constitutivos do mundo onde entram, os materiais para a formação do envoltório fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontram. Fazem como o príncipe que despe temporariamente suas vestes para envergar os trajes plebeus, sem deixar por isso de ser nobre.

É assim que os Espíritos da categoria mais elevada podem manifestar-se aos habitantes da Terra ou encarnar em missão entre estes. Tais Espíritos trazem consigo, não o envoltório, mas a lembrança intuitiva das regiões de onde vieram e que veem em pensamento. São videntes entre cegos.

10. A camada de fluidos espirituais que envolvem a Terra pode ser comparada às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras do que as camadas superiores. Esses fluidos não são homogêneos; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais necessariamente se encontram as moléculas elementares que lhes formam a base, porém mais ou menos alteradas. Os efeitos que esses fluidos produzem estarão na razão da *soma* das partes puras que eles encerram. Tal, por comparação, o álcool retificado, ou misturado, em diferentes proporções, com a água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta, por efeito dessa mistura, enquanto sua força e sua inflamabilidade diminuem, embora no todo continue a haver álcool puro.

Os Espíritos chamados a viver naquele meio tiram dele seus perispíritos; porém, *conforme o Espírito seja mais ou menos depurado, seu perispírito se formará das partes mais puras ou das mais grosseiras do fluido peculiar ao mundo onde ele encarna*. O Espírito produz aí, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai a si as moléculas que a sua natureza pode assimilar.

Resulta disso esse fato capital: *a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda*. O mesmo já não se dá com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, se forma dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, em todos, o corpo produz os mesmos efeitos, as necessidades são semelhantes, ao passo que diferem em tudo o que respeita ao perispírito.

Também resulta que: *o envoltório perispirítico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, encarnando - excepcionalmente, em missão, num mundo inferior, têm perispírito menos grosseiro do que o dos naturais*[11] *desse mundo*.

11. O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que nele têm de viver: os peixes, na água; os seres terrestres, no ar; os seres espirituais, no fluido espiritual ou etéreo, mesmo que estejam na Terra. *O fluido etéreo está para as necessidades do Espírito, como a atmosfera está para as necessidades dos encarnados*. Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Não morreriam no meio desses fluidos, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados dali, como a criatura terrena se afasta de um fogo muito ardente ou de uma luz muito deslumbrante. Eis por que não podem sair do meio que lhes é peculiar à natureza; para mudarem de meio, precisam antes mudar de natureza, despojar-se dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; numa palavra, que se depurem e se transformem moralmente. Então, gradualmente se identificam com um meio mais depurado que se lhes torna uma necessidade, como os olhos, para quem

viveu longo tempo nas trevas, insensivelmente se habituam à luz do dia e ao fulgor do Sol.

12. Assim, tudo no universo se liga, tudo se encadeia; tudo se acha submetido à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a mais compacta materialidade até a mais pura espiritualidade. A Terra é como um vaso de onde se escapa uma fumaça densa que vai clareando à medida que se eleva e essas parcelas rarefeitas se perdem no espaço infinito.

A potência divina refulge em todas as partes desse grandioso conjunto e, no entanto, pretende-se que Deus, não contente com o que já fez, venha perturbar essa harmonia! Que se rebaixe ao papel de mágico, produzindo efeitos pueris, dignos de um prestidigitador! E, como se não bastasse, ousam lhe dar, como rival em habilidade, o próprio Satanás! Não haveria modo de amesquinhar mais a majestade divina e admiram-se de que a incredulidade progrida!

Tendes razão de dizer: “A fé vai-se!”, mas a que se vai é a fé em tudo o que choca o bom senso e a razão; a mesma fé à que outrora levava a dizerem: “Vão-se os deuses!”, mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade está sempre viva no coração do homem e, por mais sufocada que tenha sido sob o amontoado de histórias pueris com que a oprimiram, ela se reerguerá mais forte, desde que se sinta libertada, tal como a planta que, comprimida, se levanta de novo, logo que a banham os raios do sol!

Sim, tudo é milagre na natureza, porque tudo é admirável e dá testemunho da sabedoria divina! Esses milagres são visíveis a toda a gente, a todos os que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir e não em proveito apenas de alguns. Não! Não há milagres no sentido que comumente atribuem a essa palavra, porque tudo decorre das leis eternas da Criação, e essas leis são perfeitas.

Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento

13. Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento de onde eles tiram os materiais sobre os quais operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnais, impressionáveis somente pela matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente da luz comum,

pela causa e pelos efeitos; finalmente, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14. Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizando com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; de outras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa para que esta se produza, como basta que module uma ária para que esta repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se torna visível a um encarnado que possua vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora ele haja tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores — enfermidades, cicatrizes, membros amputados etc. — que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça, o que não significa de modo algum que haja conservado essa aparência. Certamente, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zarolho, nem decapitado; o que ocorre é que, retrocedendo o seu *pensamento* à época em que tinha tais efeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro, e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele estava habituado a usar. Um avarento manuseará ouro; um militar trará suas armas e seu uniforme; um fumante, o seu cachimbo; um lavrador, o seu arado e seus bois; uma mulher velha, a sua roca. Para o Espírito, que também é fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais como eram antes, no estado material, para o homem vivo; mas em virtude de serem criações do

pensamento, a existência deles é tão fugaz quanto o próprio pensamento que os gerou.[12]

15. Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e vibrações sonoras.

Há mais: criando *imagens fluídicas*, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho; toma nele corpo e aí de certo modo *se fotografa*. Tenha um homem, por exemplo, a ideia de matar a outro; por mais impassível que se conserve o seu corpo material, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento e reproduz todas as sutilezas deste último; executa fluidicamente o gesto, o ato que desejou praticar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal qual se lhe desenrola no espírito.

É assim que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler em outra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Contudo, vendo a intenção, ela pode pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem precisar seus detalhes, nem, ainda, afirmar que ele ocorra, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos e mudar as disposições. Ela não pode ver o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus.

Qualidades dos fluidos

16. A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem consequências de importância capital e direta para os encarnados. Sendo esses fluidos o veículo do pensamento e podendo este lhes modificar as propriedades, é evidente que eles devem achar-se impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os fazem vibrar, modificando-se pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus, ou que estes projetam, são, portanto, viciados, ao passo que os que

recebem a influência dos Espíritos bons são tão puros quanto o comporta o grau da perfeição moral destes.

17. Seria impossível fazer-se uma enumeração ou classificação dos fluidos bons e maus, ou especificar as suas qualidades respectivas, considerando-se que a diversidade deles é tão grande quanto a dos pensamentos.

Os fluidos não possuem qualidades *sui generis*, mas as que adquirem no meio onde se elaboram; modificam-se pelos eflúvios desse meio, como o ar pelas exalações, a água pelos sais das camadas que atravessa. Conforme as circunstâncias, suas qualidades são, como as da água e do ar, temporárias ou permanentes, o que os torna especialmente apropriados à produção de tais ou tais efeitos.

Os fluidos também não possuem denominações especiais. Como os odores, eles são designados pelas suas propriedades, seus efeitos e tipos originais. Sob o ponto de vista moral, trazem a marca dos sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de violência, de hipocrisia, de bondade, de benevolência, de amor, de caridade, de doçura etc. Sob o aspecto físico, eles são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, soporíficos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se força de transmissão, de propulsão etc. O quadro dos fluidos seria, pois, o de todas as paixões, das virtudes e dos vícios da humanidade e das propriedades da matéria, correspondentes aos efeitos que eles produzem.

18. Sendo apenas Espíritos encarnados, os homens têm uma parcela da vida espiritual, visto que vivem dessa vida tanto quanto da vida corpórea; primeiramente durante o sono e, muitas vezes, no estado de vigília. Ao encarnar, o Espírito conserva o seu perispírito, com as qualidades que lhe são próprias, e que, como se sabe, não fica circunscrito pelo corpo, mas irradia à sua volta e o envolve como que de uma atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha um papel preponderante no organismo. Pela sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados.

O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o dos desencarnados, e se transmite de Espírito a Espírito pelas mesmas vias; conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes.

Uma vez que os fluidos ambientes são modificados pela projeção dos pensamentos do Espírito, seu envoltório perispirítico, que é parte constituinte do seu ser e que recebe de modo direto e permanente a impressão de seus pensamentos, deve, com mais forte razão, guardar as marcas de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos Espíritos maus podem depurar-se pelo afastamento destes, cujos perispíritos, porém, serão sempre os mesmos, enquanto o Espírito não se modificar por si próprio.

Sendo o perispírito dos encarnados de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, qual se fora uma esponja a embeber-se de um líquido. Esses fluidos exercem sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto, por sua expansão e irradiação, o perispírito acaba se confundindo com eles.

Os fluidos espirituais atuam sobre o perispírito e este, por sua vez, reage sobre o organismo material com que se acha em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo ressente uma impressão salutar; se forem maus, a impressão será penosa. Se os eflúvios maus forem permanentes e enérgicos, poderão ocasionar desordens físicas; certas enfermidades não têm outra causa.

Os meios onde predominam os Espíritos maus são, pois, impregnados de fluidos deletérios que o encarnado absorve pelos poros perispiríticos, como absorve pelos poros do corpo os miasmas pestilenciais.

19. Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião. Uma assembleia é um foco de irradiação de pensamentos diversos. É como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um emite uma nota. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de eflúvios fluídicos cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas do mesmo modo que há irradiações sonoras, harmônicas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, a impressão é agradável; se for discordante, a impressão será penosa. Ora, para isso não é necessário que o pensamento se exteriorize por palavras; quer ele se externe, quer não, a irradiação existe sempre.

Tal é a causa da satisfação que se experimenta numa reunião simpática, animada de pensamentos bons e benévolos, na qual reina uma saudável atmosfera moral e se respira à vontade; sai-se reconfortado dali, porque

impregnado de salutares eflúvios fluídicos. Basta, porém, que se misturem aí alguns pensamentos malévolos, para produzirem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido ou o de uma nota desafinada num concerto. Desse modo também se explica a ansiedade, o indefinível mal-estar que se experimenta numa reunião antipática, na qual pensamentos malévolos provocam correntes de fluido repugnante.

20. O pensamento produz, pois, uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral, fato este que só o Espiritismo podia tornar compreensível. O homem o sente instintivamente, visto que procura as reuniões homogêneas e simpáticas, nas quais sabe que pode haurir novas forças morais. Pode-se mesmo dizer que em tais reuniões ele recupera as perdas fluídicas que sofre todos os dias pela irradiação do pensamento, como recupera, por meio dos alimentos, as perdas do corpo material. É que, com efeito, o pensamento é uma emissão que ocasiona uma perda real de fluidos espirituais e, por conseguinte, de fluidos materiais, de maneira tal que o homem precisa retemperar-se com os eflúvios que recebe do exterior.

Quando se diz que um médico cura um doente por meio de boas palavras, enuncia-se uma verdade absoluta, porque um pensamento bondoso traz consigo fluidos reparadores que atuam sobre o físico, tanto quanto sobre o moral.

21. Dir-se-á que se podem evitar os homens sabidamente mal-intencionados. Sim, certamente; mas como fugiremos à influência dos Espíritos maus que pululam à nossa volta e, sem serem vistos, se insinuam por toda parte?

O meio é muito simples, porque depende da vontade do próprio homem, que traz consigo o necessário preservativo. Os fluidos se combinam pela semelhança de suas naturezas; os dessemelhantes se repelem; há incompatibilidade entre os fluidos bons e os maus, como entre o óleo e a água.

O que se faz quando o ar está viciado? Procede-se ao seu saneamento, cuida-se de depurá-lo, destruindo o foco dos miasmas, expelindo os eflúvios malsãos, por meio de correntes mais fortes de ar salubre. Contra a invasão dos fluidos maus é preciso que se oponham os fluidos bons e, como cada um tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, todos trazem consigo o remédio indispensável. Trata-se apenas de depurar essa fonte e de lhe dar qualidades tais que se constitua para as más influências um *repulsor*, em vez de ser uma força atrativa. O perispírito, portanto, é uma couraça a que se deve dar a melhor têmpera possível. Ora, como as suas qualidades guardam relação direta

com as qualidades da alma, é preciso trabalhar pela sua melhoria, visto que são as imperfeições da alma que atraem os Espíritos maus.

As moscas são atraídas pelos focos de corrupção; destruídos esses focos, elas desaparecerão. Dá-se a mesma coisa com os Espíritos maus, que vão para onde o mal os atrai; eliminado o mal, eles se afastarão. *Os Espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, nada têm que temer da influência dos maus.*

II. Explicação de alguns fenômenos considerados sobrenaturais

Vista espiritual ou psíquica. Dupla vista.[13] Sonambulismo. Sonhos

22. O perispírito é o traço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual. É por seu intermédio que o Espírito encarnado se acha em relação contínua com os desencarnados; é, em suma, com o auxílio dele que se operam no homem fenômenos especiais, cuja causa fundamental não se encontra na matéria tangível e que, por essa razão, parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e nas irradiações do fluido perispirítico que se deve buscar a causa da *dupla vista*, ou *vista espiritual*, a que também se pode chamar *vista psíquica*, da qual muitas pessoas são dotadas, quase sempre sem o saberem, assim como a vista sonambúlica.

O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito. É por seu intermédio que o Espírito encarnado percebe as coisas espirituais que escapam aos sentidos carnais. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, ou *psíquico*, elas são generalizadas: o Espírito vê, ouve e sente, por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispirítico.

No homem, tais fenômenos constituem a manifestação da vida espiritual; é a alma a agir fora do organismo. Na dupla vista ou percepção pelo sentido psíquico, ele não vê com os olhos do corpo, embora, muitas vezes, por hábito, dirija o olhar para o ponto que lhe chama a atenção. Vê com os olhos da alma, e a prova disto é que vê perfeitamente bem com os olhos fechados e vê o que está muito além do seu campo visual. Lê o pensamento figurado no raio fluídico. (Item 15.)[14]

23. Embora, durante a vida, o Espírito se encontre *preso* ao corpo pelo perispírito, não se acha tão escravizado a ponto de não poder alongar a cadeia que o prende e transportar-se a um ponto distante, seja na Terra ou no espaço. Só a contragosto o Espírito permanece ligado ao corpo, porque a sua vida normal é a de liberdade, ao passo que a vida corpórea é a do servo preso à gleba.

O Espírito, portanto, sente-se feliz em deixar o corpo, como o pássaro ao deixar a gaiola; aproveita todas as ocasiões para dele se libertar, todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. É o fenômeno designado como *emancipação da alma*, o qual se produz sempre durante o sono. Toda vez que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o Espírito se desprende. (*O livro dos espíritos*, Livro II, cap. VIII.)

Nesses momentos o Espírito vive da vida espiritual, enquanto o corpo vive apenas da vida vegetativa; acha-se, em parte, no estado em que se encontrará após a morte; percorre o espaço, conversa com os amigos e com outros Espíritos, livres ou *encarnados* como ele.

O laço fluídico que o prende ao corpo só se rompe definitivamente por ocasião da morte; a separação completa somente se dá por efeito da extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito, a qualquer distância que esteja, é instantaneamente chamado à sua prisão, desde que a sua presença aí se torne necessária. Ele, então, retoma o curso da vida exterior de relação. Por vezes, ao despertar, conserva uma lembrança das suas peregrinações, uma imagem mais ou menos precisa, que constitui o sonho; ou, pelo menos, traz delas intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos, justificando plenamente o provérbio: A noite é boa conselheira.

Assim se explicam igualmente certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase etc., e que nada mais são do que manifestações da vida espiritual.[15]

24. Considerando-se que a visão espiritual não se opera por meio dos olhos do corpo, segue-se que a percepção das coisas não se verifica mediante a luz ordinária: de fato, a luz material é feita para o mundo material; para o mundo espiritual existe uma luz especial cuja natureza desconhecemos, porém que é, sem dúvida, uma das propriedades do fluido etéreo, adequada às percepções visuais da alma. Há, portanto, luz material e luz espiritual. A primeira emana de focos circunscritos aos corpos luminosos; a segunda tem o seu foco em toda

parte, sendo esta a razão por que não há obstáculo para a visão espiritual; esta não é embaraçada nem pela distância, nem pela opacidade da matéria, não existindo para ela a obscuridade. O mundo espiritual é, pois, iluminado pela luz espiritual, que tem seus efeitos próprios, como o mundo material é iluminado pela luz solar.

25. Assim, envolta no seu perispírito, a alma traz consigo o seu princípio luminoso. Penetrando a matéria em virtude da sua essência etérea, não há corpos opacos para a sua visão. Entretanto, a vista espiritual não tem a mesma extensão, nem a mesma penetração em todos os Espíritos. Somente os Espíritos puros a possuem em toda a sua pujança. Nos inferiores ela se acha enfraquecida pela relativa grosseria do perispírito, que se lhe interpõe como se fora uma espécie de nevoeiro.

Ela se manifesta em diferentes graus, nos Espíritos encarnados, pelo fenômeno da segunda vista, tanto no sonambulismo natural ou magnético, quanto no estado de vigília. Conforme o grau de poder da faculdade, diz-se que a lucidez é maior ou menor. É com o auxílio dessa faculdade que certas pessoas veem o interior do organismo humano e descrevem as causas das doenças.

26. A vista espiritual, portanto, faculta percepções especiais que, não tendo por sede os órgãos materiais, se operam em condições muito diversas das que decorrem da vida corpórea. Por esta razão, não se podem esperar efeitos idênticos, nem experimentá-la pelos mesmos processos. Efetuando-se fora do organismo, ela tem uma mobilidade que frustra todas as previsões. Deve ser estudada em seus efeitos e em suas causas e não por assimilação com a vista ordinária, que ela não se destina a suprir, salvo casos excepcionais, que não se poderiam tomar como regra.

27. Nos Espíritos encarnados, a vista espiritual é necessariamente incompleta e imperfeita e, por conseguinte, sujeita a aberrações. Tendo por sede a própria alma, o estado desta há de influir nas percepções que aquela vista faculte. Conforme o grau de desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, ela pode dar, quer durante o sono, quer no estado de vigília: 1º a percepção de certos fatos materiais e reais, como o conhecimento de alguns eventos que se passam a grande distância, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma doença e os remédios adequados para o seu tratamento; 2º a percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a presença dos Espíritos; 3º imagens fantásticas criadas pela imaginação,

análogas às criações fluídicas do pensamento. (Veja-se, acima, o item 14.) Estas criações se acham sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as gera. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas de certas crenças religiosas e com elas preocupadas lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, tais quais essas pessoas os imaginam. Às vezes, é toda uma epopeia. Os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos veem o inferno e o paraíso. Se, ao despertarem ou saírem do êxtase, conservam lembrança exata de suas visões, tais pessoas as tomam como realidades confirmativas de suas crenças, quando tudo não passa de produto de seus próprios pensamentos.[16] É preciso, pois, que se faça uma distinção muito rigorosa nas visões extáticas, antes de se dar crédito a elas. A tal propósito, o remédio para a excessiva credulidade é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

28. Os sonhos propriamente ditos apresentam as três características das visões acima descritas. Às duas primeiras categorias dessas visões pertencem os sonhos de previsões, pressentimentos e avisos.[17] Na terceira, isto é, nas criações fluídicas do pensamento, é que se pode encontrar a causa de certas imagens fantásticas, que nada têm de real, com relação à vida material, mas que têm, para o Espírito, uma realidade tal, que o corpo lhe sente o contrachoque, havendo casos em que os cabelos embranquecem sob a impressão de um sonho. Essas criações podem ser provocadas: pela exaltação das crenças; pelas lembranças retrospectivas; por gostos, desejos, paixões, temor, remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou por um incômodo qualquer nas funções do organismo; finalmente, por outros Espíritos, com objetivo benévolo ou maléfico, conforme a sua natureza.[18]

Catalepsia. Ressurreições

29. A matéria inerte é insensível; o fluido perispirítico o é igualmente, mas transmite a sensação ao centro sensitivo, que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem, pois, no Espírito, qual choque elétrico, por intermédio do fluido perispirítico, que parece ter nos nervos os seus fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas que, desconhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual, ainda não puderam achar explicação para todos os efeitos.

Esta interrupção pode ocorrer pela amputação de um membro ou pela secção de um nervo, mas também, parcialmente ou de maneira geral e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação, de grande superexcitação ou preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito não pensa no corpo e, em sua febril atividade, atrai a si, a bem dizer, o fluido perispirítico que, retirando-se da superfície, produz aí uma insensibilidade momentânea. Poder-se-ia também admitir que, em certas circunstâncias, se opera uma modificação molecular no próprio fluido perispirítico, que lhe tira temporariamente a propriedade de transmissão. É por isso que, muitas vezes, no ardor do combate, um militar não percebe que está ferido; que uma pessoa, cuja atenção se acha concentrada num trabalho, não ouve o ruído que fazem à sua volta. Efeito análogo, porém mais pronunciado, ocorre com alguns sonâmbulos na letargia e na catalepsia. Finalmente, do mesmo modo também se pode explicar a insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires. (*Revista espírita*, janeiro de 1868: *Os Aïssaouas ou os convulsionários da Rua le Peletier*.)

A paralisia já não tem absolutamente a mesma causa: aí o efeito é todo orgânico; são os próprios nervos, os fios condutores que se tornam inaptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que se alteraram.

30. Em certos estados patológicos, em que o Espírito deixou o corpo e o perispírito só se acha aderido a ele por meio de alguns pontos, o corpo apresenta todas as aparências da morte, de sorte que se enuncia uma verdade absoluta, dizendo que a vida aí está por um fio. Tal estado pode durar mais ou menos tempo, podendo mesmo certas partes do corpo entrar em decomposição, sem que, no entanto, a vida se ache definitivamente extinta. Enquanto não está rompido o último fio, o Espírito pode, quer por uma ação enérgica da sua *própria* vontade, quer por um *influxo fluídico estranho, igualmente forte*, ser chamado de volta ao corpo. É como se explicam certos fatos de prolongamento da vida contra todas as probabilidades e algumas supostas ressurreições. É a planta a renascer, como às vezes acontece, de uma só fibrila da raiz. Quando, porém, as últimas moléculas do corpo fluídico já se destacaram do corpo carnal ou quando este último já chegou a um estado irreparável de degradação, o regresso à vida se torna impossível.[19]

Curas

31. Como já vimos, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são simples transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode oferecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera mediante a substituição de uma molécula *malsã* por uma molécula *sã*. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas depende, também, da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica mais abundante e dá ao fluido maior força de penetração. Depende ainda das intenções daquele que deseje realizar a cura, *seja homem ou Espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas.

32. Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variados, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; de outras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas em alguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos ou até, exclusivamente, por ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade, há infinitas gradações. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido, a desempenhar o papel de agente terapêutico e seu efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

33. A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras:

1º) Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha subordinada à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2º) Pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual* cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito.[20]

3º) Pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, ao qual este serve de condutor. É o magnetismo *misto, semiespiritual*, ou, se o

preferirem, *humano-espiritual*. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades que lhe faltam. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é, algumas vezes, espontâneo, porém é provocado, com mais frequência, por um apelo do magnetizador.

34. A faculdade de curar pela influência fluídica é muito comum e pode desenvolver-se pelo exercício; mas a de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais rara e o seu apogeu pode ser considerado excepcional. No entanto, em épocas diversas e no seio de quase todos os povos, surgiram indivíduos que a possuíram em grau eminente. Nestes últimos tempos, apareceram muitos exemplos notáveis, cuja autenticidade não sofre contestação. Uma vez que as curas desse gênero repousam num princípio natural e que o poder de operá-las não constitui privilégio, o que se segue é que elas não se operam fora da natureza e que só são miraculosas na aparência.[21]

Aparições. Transfigurações

35. No seu estado normal, o perispírito é invisível para nós; como, porém, é formado de matéria etérea, o Espírito pode, em certos casos, por ato da sua vontade, fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as *aparições*, que não se dão, do mesmo modo que os outros fenômenos, fora das leis da natureza. Nada tem esse de mais extraordinário do que o do vapor que, invisível quando muito rarefeito, se torna visível quando condensado.

Conforme o grau de condensação do fluido perispirítico, a aparição é às vezes vaga e vaporosa; de outras vezes, mais claramente definida; de outras, enfim, tem todas as aparências da matéria tangível. Pode mesmo chegar até a tangibilidade real, a ponto de o observador se enganar sobre a natureza do ser que tem diante de si.

As aparições vaporosas são frequentes, sendo a forma sob a qual se apresentam muitos indivíduos, depois de terem morrido, às pessoas que lhes são afeiçoadas. As aparições tangíveis são mais raras, se bem haja delas numerosos exemplos, perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer dar-se a conhecer, imprimirá ao seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo.[22]

36. É de notar-se que as aparições tangíveis só têm da matéria carnal as aparências, sem, contudo, terem as suas qualidades. Em virtude da natureza fluídica que as caracteriza, não podem ter a mesma coesão da matéria, porque,

na realidade, elas não possuem carne. Formam-se instantaneamente e desaparecem do mesmo modo ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas.[23] Os seres que se apresentam nessas condições não nascem nem morrem como os outros homens. São vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba de onde vêm, como vieram, nem para onde vão. Ninguém os poderia matar, nem prender, nem encarcerar, visto que não têm corpo carnal. Os golpes que porventura se lhes desferissem atingiriam somente o vácuo.

Tal o caráter dos *agêneres*,[24] com os quais se pode conversar e trocar ideias, sem suspeitar da sua natureza, mas que não demoram longo tempo entre os homens e não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.[25]

Além disso, os agêneres denotam sempre, em suas atitudes, qualquer coisa de estranho e de insólito que lembra ao mesmo tempo a materialidade e a espiritualidade: neles, o olhar é simultaneamente vaporoso e penetrante, não possuindo a nitidez do olhar através dos olhos de carne; a linguagem, breve e quase sempre sentenciosa, nada tem do brilho e da volubilidade da linguagem humana; a aproximação deles causa uma sensação particular e indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de temor, e quem com eles se põe em contato, embora os tome por indivíduos quais todos os outros, é levado a dizer involuntariamente: Ali está uma criatura singular.[26]

37. Como o perispírito é o mesmo, tanto nos encarnados, como nos desencarnados, um Espírito encarnado, por efeito completamente idêntico, pode, num momento de liberdade, aparecer num ponto diverso daquele em que repousa seu corpo, com os traços que lhe são habituais e com todos os sinais de sua identidade. Foi esse fenômeno, do qual se conhecem muitos casos autênticos, que levou à crença na existência dos homens duplos.[27]

38. Um efeito peculiar aos fenômenos dessa espécie consiste no fato de as aparições vaporosas, e mesmo tangíveis, não serem perceptíveis a toda gente, indistintamente. Os Espíritos só se mostram quando o querem e a quem também o querem. Um Espírito, pois, poderia aparecer, numa assembleia, a um ou a muitos dos presentes e não ser visto pelos demais. Isso acontece porque as percepções desse gênero se efetuam por meio da vista espiritual, e não por intermédio da vista carnal, levando-se em conta que, além dessa modalidade de vista não ser dada a toda gente, pode ser retirada, se for conveniente, pela só

vontade do Espírito, àquele a quem ele não queira mostrar-se, como pode dá-la momentaneamente, se julgar necessário.

A condensação do fluido perispirítico nas aparições, mesmo nos casos de tangibilidade, não tem, pois, as propriedades da matéria ordinária; a não ser assim as aparições seriam perceptíveis pelos olhos do corpo, de sorte que todas as pessoas presentes as perceberiam.[28]

39. Podendo o Espírito operar transformações na contextura do seu envoltório perispirítico e irradiando-se esse envoltório em torno do corpo qual atmosfera fluídica, pode produzir-se na superfície mesma do corpo um fenômeno análogo ao das aparições. A imagem do corpo real pode apagar-se mais ou menos completamente, sob a camada fluídica, e assumir outra aparência; ou, então, vistos através da camada fluídica modificada, à semelhança de um prisma, os traços primitivos podem tomar outra expressão. Se, saindo do terra a terra, o Espírito encarnado se identifica com as coisas do mundo espiritual, a expressão de um semblante feio pode tornar-se bela, radiosa e até luminosa; se, ao contrário, o Espírito é presa de paixões más, um semblante belo pode tomar um aspecto horroroso.

Assim se operam as *transfigurações*, que refletem sempre qualidades e sentimentos predominantes no Espírito. O fenômeno resulta, portanto, de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispirítica, que se produz sobre o próprio corpo do vivo e, algumas vezes, no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é o fato de serem, geralmente, perceptíveis por todos os assistentes e com os olhos do corpo, precisamente por se basearem na matéria carnal visível, ao passo que, nas aparições puramente fluídicas, não há matéria tangível.[29]

Manifestações físicas. Mediunidade

40. Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea dos corpos pesados, da escrita mediúnica, tão antigos quanto o mundo, mas vulgares atualmente, facultam a explicação de alguns fenômenos análogos, aos quais, pela ignorância da lei que os rege, se atribuía caráter sobrenatural e miraculoso. Tais fenômenos repousam sobre as propriedades do fluido perispirítico, quer dos encarnados, quer dos Espíritos livres.

41. É por meio do seu perispírito que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo; é ainda por intermédio desse mesmo fluido que ele se manifesta; ao atuar sobre a matéria inerte, produz ruídos, movimentos de mesa e outros objetos, que levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente, se considerarmos que, entre nós, os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que o Espírito faz que os médiuns escrevam, falem ou desenhem. Como já não dispõem de corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma de empréstimo, fazendo que atue como se fora seu próprio corpo, mediante o eflúvio fluídico que derrama sobre ele.

42. É pelo mesmo processo que o Espírito atua sobre a mesa, quer para que esta se mova, sem que o seu movimento tenha significação determinada, quer para que dê pancadas inteligentes, indicativas das letras do alfabeto, a fim de formarem palavras e frases, fenômeno designado sob o nome de *tiptologia*. A mesa não passa de um instrumento de que o Espírito se utiliza, como se serve do lápis para escrever, dando-lhe uma vitalidade momentânea, por meio do fluido que lhe inocula, porém *absolutamente não se identifica com ela*. Assim, as pessoas que, tomadas de emoção ao manifestar-se um ser que lhes é caro, abraçam a mesa, praticam um ato ridículo; é exatamente como se abraçassem a bengala de que um amigo se serve para bater no chão. Fazem a mesma coisa os que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse encerrado na madeira, ou como se a madeira se houvesse tornado Espírito.

Quando comunicações são transmitidas por esse meio, deve-se imaginar que o Espírito está, não na mesa, mas ao lado, *tal qual se acharia se estivesse vivo* e como seria visto se, nesse momento, pudesse tornar-se visível. Dá-se a mesma coisa nas comunicações pela escrita: ver-se-ia o Espírito ao lado do médium, dirigindo sua mão ou lhe transmitindo pensamentos por meio de uma corrente fluídica.

43. Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue com a força de um braço, mas a envolve e penetra de uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravitação, como faz o ar com os balões e os papagaios de papel. O fluido que se infiltra na mesa dá-lhe

momentaneamente maior leveza específica. Quando fica pregada ao solo, ela se acha numa situação análoga à da campânula pneumática sob a qual se fez o vácuo. Não há aqui mais que simples comparações destinadas a mostrar a analogia dos efeitos e não a semelhança absoluta das causas. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. IV.)

Compreende-se, de acordo com o que fica dito, que não há para o Espírito maior dificuldade em erguer uma pessoa do que em levantar uma mesa, em transportar um objeto de um lugar para outro, ou atirá-lo seja onde for. Todos esses fenômenos se produzem em virtude da mesma lei.[30]

Quando a mesa "persegue" alguém, não é que o Espírito corra em sua direção, visto que ele pode permanecer tranquilamente no mesmo lugar. O que acontece em tais casos é que ele dá uma impulsão à mesa, por meio de uma corrente fluídica, com o auxílio da qual ela se move a seu bel-prazer, apontando em direção à pessoa visada.

Quando as pancadas são ouvidas na mesa ou em outro lugar, não é que o Espírito esteja a bater com a mão ou com qualquer objeto. Ele apenas dirige sobre o ponto de onde vem o ruído um jato de fluido e este produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o ruído, como qualquer pessoa é capaz de modificar os sons produzidos pelo ar.[31]

44. Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever em língua que lhes é estranha; a tratar, oralmente ou por escrito, de assuntos que estão fora do alcance da instrução que receberam. Não é raro se verem alguns que escrevem correntemente sem nunca terem aprendido a escrever; outros que compõem poesias sem jamais na vida terem sabido fazer um verso; outros que desenham, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento sem conhecerem desenho, pintura, escultura ou arte musical. É frequente o fato de um médium escrevente reproduzir com perfeição a grafia e a assinatura que os Espíritos, que por ele se comunicam, tinham quando vivos, embora jamais os houvesse conhecido.

Entretanto, esse fenômeno não é mais maravilhoso do que o de se fazer que uma criança escreva quando se conduz sua mão; pode-se, dessa maneira, conseguir que ela execute tudo o que se queira. Pode-se fazer que qualquer pessoa escreva num idioma que ela ignore, ditando-se-lhe as palavras letra a letra. Compreende-se que o mesmo se possa dar com a mediunidade, desde que se atente na maneira por que os Espíritos se comunicam com os médiuns que,

para eles, não passam de instrumentos passivos. Se, porém, o médium tem o mecanismo, se venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares e, finalmente, se possui no cérebro os elementos daquilo que o Espírito quer fazê-lo executar, ele se acha na posição do homem que sabe ler e escrever correntemente; o trabalho se torna mais fácil e mais rápido; resta ao Espírito apenas transmitir seus pensamentos ao intérprete, para que este os reproduza pelos meios de que dispõe.

A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas decorre, na maioria das vezes, dos conhecimentos que ele possuiu em outra existência e dos quais seu Espírito conservou a intuição. Se, por exemplo, ele foi poeta ou músico, encontrará mais facilidade para assimilar o pensamento poético ou musical que um Espírito queira fazê-lo expressar. A língua que ele hoje ignora pode ter-lhe sido familiar em outra existência, o que explica maior aptidão de sua parte para escrever mediunicamente nessa língua.[32]

Obsessões e possessões

45. Os Espíritos maus pululam em torno da Terra, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação maléfica desses Espíritos faz parte dos flagelos com que a humanidade se debate neste mundo. A obsessão, que é um efeito dessa ação, como as doenças e todas as tribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita como tal.

A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta características muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem sinais exteriores perceptíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas. Na mediunidade audiente e psicográfica, a obsessão se traduz pela obstinação de um Espírito em querer manifestar-se, com exclusão de todos os outros.

46. Assim como as moléstias resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. A uma causa física opõe-se uma força física; a uma causa moral é preciso que se contraponha uma força moral. Para preservar o corpo das enfermidades, é preciso fortificá-lo; para garantir a alma contra a obsessão, tem-se que fortalecê-la. Daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pela sua própria melhoria, o que na maioria das vezes é suficiente para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de pessoas

estranhas. Este socorro se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque neste caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio.

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e sua origem frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É daquele fluido que é preciso desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *há que se expulsar o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor*.

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, *atuar sobre o ser inteligente*, ao qual é preciso que se tenha o direito de *falar com autoridade*, que, entretanto, não a possui quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.

Mas ainda não é tudo: para assegurar a libertação, é preciso que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que nele desponte o arrependimento, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com vistas à sua educação moral. Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, concorre para ela com a vontade e a prece. Já não se dá o mesmo quando, seduzido pelo Espírito que o domina, se ilude com relação às qualidades deste último e se compraz no erro a que é conduzido, porque, então, longe de a secundar, o obsidiado repele toda assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar de que se dispõe para atuar contra os propósitos maléficos do Espírito obsessor.

47. Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este enlaçado por uma espécie de teia e constrangido a agir contra a sua vontade.

Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. Por conseguinte, a possessão é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, considerando-se que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, item 18.)

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fora seu próprio corpo; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, age com seus braços, como o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão, é o desencarnado que fala e atua, de modo que, quem o haja conhecido em vida, reconhecerá sua linguagem, sua voz, os gestos e até a expressão da fisionomia.

48. Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, *toma* do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria sua roupa a outro encarnado. Isso é feito sem qualquer perturbação ou mal-estar, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, antes se apodera dele, se este, que é o titular, não possui bastante *força moral para lhe resistir.* E o faz por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, seja por estrangulação, seja atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injuria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todas as características da loucura furiosa.

Os fatos deste gênero, posto que em diferentes graus de intensidade, são muito numerosos, e muitos casos de loucura não resultam de outra causa. Com frequência a eles se juntam desordens patológicas, que são meras consequências e contra as quais nada adiantam os tratamentos médicos, enquanto subsiste a causa originária. O Espiritismo, dando a conhecer essa fonte de onde provém

uma parte das misérias humanas, indica o remédio a ser aplicado: atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência.[33]

49. Na maioria das vezes, a obsessão e a possessão são individuais, mas, não raro, são epidêmicas. Quando uma revoada de Espíritos maus se lança sobre uma localidade, é como se uma tropa de inimigos a invadisse. Nesse caso, o número dos indivíduos atacados pode ser bastante considerável.[34]

---

7 N.E.: Os gases são exemplo desse fluido, invisíveis, embora possam ser detectados e pesados.

8 **Nota de Allan Kardec:** A denominação de fenômeno *psíquico* exprime com mais exatidão o pensamento do que a de fenômeno *espiritual*, considerando-se que esses fenômenos repousam sobre as propriedades e os atributos da alma, ou melhor, dos fluidos perispiríticos, inseparáveis da alma. Esta qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por leis; pode-se, pois, admiti-los como efeitos psíquicos, sem os admitir a título de milagres.

9 N.E.: Hoje, sabemos que a matéria parece ser compacta e impenetrável em razão da repulsão elétrica que existe entre os átomos que a constituem, impedindo que os seres e objetos materiais se interpenetrem. No mais, a massa do átomo se concentra no seu núcleo, seríamos então um grande aglomerado de moléculas.

10 **Nota de Allan Kardec:** Exemplos de Espíritos que ainda julgam pertencer a este mundo: *Revista espírita,* dezembro de 1859; novembro de 1864; abril de 1865.

11 N.E.: É preciso salientar que no século XIX as teorias raciais estavam em voga, dando *status* científico às desigualdades entre os seres humanos; Kardec, porém, codificou toda uma doutrina — o Espiritismo —, que tem como base a igualdade entre os homens, pois que todos somos Espíritos em busca de evolução, as raças seriam apenas “roupagens” que vestimos durante determinada encarnação.

12 **Nota de Allan Kardec:** Veja-se a *Revista espírita,* julho de 1859; e *O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. VIII.

13 N.T.: Também chamada de *segunda vista*.

14 **Nota de Allan Kardec:** Fatos de dupla vista e lucidez sonambúlica relatados na *Revista espírita:* janeiro e novembro de 1858; julho de 1861; novembro de 1865.

15 **Nota de Allan Kardec:** Exemplos de letargia e de catalepsia: *Revista espírita: Sra. Schwabenhaus*, setembro de 1858; *A jovem cataléptica da Suábia*, janeiro de 1866.

16 **Nota de Allan Kardec:** É assim que se podem explicar as visões da irmã Elmerich que, reportando-se ao tempo da paixão do Cristo, diz ter visto coisas materiais que nunca existiram, a não ser nos livros que ela leu; as da Sra. Cantianille B... (*Revista espírita,* agosto de 1866), e uma parte das visões de Swedenborg.

17 **Nota de Allan Kardec:** Veja-se, mais adiante, o cap. XVI, *Teoria da presciência*, itens 1 a 3.

18 **Nota de Allan Kardec:** *Revista espírita*, junho e setembro de 1866; *O livro dos espíritos*, questão 400.

19 **Nota de Allan Kardec:** Exemplos: *Revista espírita*, *Sr. Cardon, médico*, agosto de 1863; *Uma ressurreição* (A mulher corsa), maio de 1866.

20 **Nota de Allan Kardec:** Exemplos: *Revista espírita*, fevereiro de 1863; abril e setembro de 1865.

21 **Nota de Allan Kardec:** Exemplos de curas instantâneas relatadas na *Revista espírita*: *O príncipe de Hohenlohe, médium curador*, dezembro de 1866; sobre as curas do Sr. Jacob, outubro e novembro de 1866 e de 1867; *Simonet, médium curador de Bordeaux,* agosto de 1867; *O alcaide Hassan, ou a bênção do sangue*, outubro de 1867; *O cura Gassner, médium curador*, novembro de 1867.

22 **Nota de Allan Kardec:** *O livro dos médiuns,* Segunda parte, caps. VI e VII.

23 **N.E.:** As materializações prolongadas, quais as verificadas por William Crookes, não eram, então, conhecidas. *Vide* no livro editado

pela FEB, as interessantes experiências com o Espírito Katie King.

24 N.E.: (Do grego *a*, privativo, e *géiné, géinomaï*, gerar; que foi gerado.) Variedade de aparição tangível; estado de certos Espíritos, quando temporariamente revestem as formas de uma pessoa viva, a ponto de produzirem completa ilusão. ("Vocabulário espírita" de *O livro dos médiuns*.)

25 **N.E.:** Segundo a *Bíblia*, este fato se deu na família de Tobias. (Ver *O livro de Tobias*.)

26 **Nota de Allan Kardec:** Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres: *Revista Espírita*, janeiro e outubro de 1858; janeiro, fevereiro, março, agosto e novembro de 1859; abril e maio de 1860; julho de 1861; abril de 1866; *O lavrador Thomas Martin e Luís XVIII*, detalhes completos, dezembro de 1866.

27 **Nota de Allan Kardec:** Exemplos de aparições de pessoas vivas: *Revista espírita*, dezembro de 1858; fevereiro e agosto de 1859; novembro de 1860.

28 **Nota de Allan Kardec:** Só com extrema reserva se devem acolher as narrativas de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam não passar de efeito de uma imaginação superexcitada e, talvez, de uma invenção com fins interesseiros. Convém, pois, levar em conta, muito escrupulosamente, as circunstâncias, a honradez da pessoa, assim como o interesse que ela possa ter em abusar da credulidade de indivíduos excessivamente confiantes.

29 **Nota de Allan Kardec:** Exemplo e teoria da transfiguração: *Revista espírita*, março de 1859. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. VII.)

30 **Nota de Allan Kardec:** Tal o princípio dos fenômenos de *transporte*, fenômeno este muito real, mas que não convém admitir senão com extrema reserva, visto ser um daqueles que mais se prestam à imitação e à trapaça. A honradez irrecusável da pessoa que os obtém, seu absoluto desinteresse, material e moral, e o concurso das circunstâncias acessórias devem ser tomados em séria consideração. É preciso desconfiar da produção de tais efeitos, principalmente quando eles se deem com excessiva facilidade, e ter por suspeitos os que se repetem com extrema frequência e, por assim dizer, à vontade. Os prestidigitadores fazem coisas mais extraordinárias ainda.

O levantamento de uma pessoa não é um fato menos positivo, mas muito mais raro, talvez porque seja muito mais difícil de ser imitado. É notório que o Sr. Home se elevou mais de uma vez até o teto, dando assim volta à sala. Dizem que São Cupertino possuía a mesma faculdade, fato que não é mais miraculoso com este do que com aquele.

31 **Nota de Allan Kardec:** Exemplos de manifestações materiais e de perturbações operadas pelos Espíritos: *Revista espírita, Manifestações físicas* (A moça dos panoramas), janeiro de 1858; *O fantasma da Senhorita Clairon*, fevereiro de 1858; *O Espírito batedor de Bergzabern*, narração completa, maio, junho e julho de 1858; *O Espírito batedor de Dibbelsdorf*, agosto de 1858; *O padeiro de Dieppe*, março de 1860; *O fabricante de São Petersburgo*, abril de 1860; *O trapeiro da Rua des Noyers*, agosto de 1860; *O Espírito batedor do Aube*, janeiro de 1861; *Um Espírito batedor no século XVI*, janeiro de 1864; *Manifestações de Poitiers*, maio de 1864 e maio de 1865; *O Espírito batedor da irmã Maria*, junho de 1864; *Manifestações espontâneas de Marselha*, abril de 1865; *Manifestações de Fives, perto de Lille (Norte)*, agosto de 1865; *Os ratos de Équihen*, fevereiro de 1866.

32 **Nota de Allan Kardec:** A aptidão que algumas pessoas denotam para línguas que elas manejam, sem, por assim dizer, as haver aprendido, não tem como origem senão a lembrança intuitiva do que souberam em outra existência. O caso do poeta Méry, relatado na *Revista espírita* de novembro de 1864, é uma prova do que dizemos. É evidente que, se na sua mocidade, Méry fosse médium, teria escrito em latim tão facilmente como em francês, o que, para todos, teria passado por prodígio.

33 **Nota de Allan Kardec:** Exemplos de cura de obsessões e de possessões: *Revista espírita* — dezembro de 1863; janeiro e junho de 1864; janeiro e junho de 1865; fevereiro de 1866; junho de 1867.

34 **Nota de Allan Kardec:** Foi uma epidemia desse gênero que, faz alguns anos, atacou a aldeia de Morzine, na Saboia. (Veja-se o relato completo dessa epidemia na *Revista espírita* de dezembro de 1862; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863.)

CAPÍTULO XV



Os milagres do Evangelho

• Superioridade da natureza de Jesus • Sonhos • Estrela dos magos • Dupla vista • Curas • Possessos • Ressurreições • Jesus caminha sobre a água • Transfiguração • Tempestade aplacada • Bodas de Caná • Multiplicação dos pães • Tentação de Jesus • Prodígios por ocasião da morte de Jesus • Aparição de Jesus após sua morte • Desaparecimento do corpo de Jesus

Superioridade da natureza de Jesus

1. Os fatos relatados no Evangelho e que foram até agora considerados miraculosos pertencem, na sua maioria, à ordem dos *fenômenos psíquicos*, isto é, os que têm como causa primeira as faculdades e os atributos da alma. Confrontando-os com os que ficaram descritos e explicados no capítulo anterior, reconhecer-se-á sem dificuldade que há entre eles identidade de causa e de efeito. A História registra outros fatos análogos, em todos os tempos e no seio de todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos forçosamente se produziram. Pode-se, é verdade, no que se refere a esse ponto, contestar a veracidade da História; mas hoje eles se produzem sob os nossos olhos e, por assim dizer, à vontade e por indivíduos que nada têm de excepcionais. Basta o fato da reprodução de um fenômeno, em condições idênticas, para provar que ele é possível e se acha submetido a uma lei, não sendo, portanto, miraculoso.

O princípio dos fenômenos psíquicos repousa, como já vimos, nas propriedades do fluido perispirítico, que constitui o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida corpórea e depois da morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos Espíritos e no papel que eles desempenham como força ativa da natureza. Conhecidos estes elementos e comprovados os seus efeitos, tem-se, como consequência, de admitir a

possibilidade de certos fatos que eram rejeitados enquanto se lhes atribuía uma origem sobrenatural.

2. Sem nada prejulgar sobre a natureza do Cristo, cujo exame não entra no quadro desta obra, e não o considerando, por hipótese, senão como um Espírito superior, não podemos deixar de reconhecê-lo como um dos Espíritos de ordem mais elevada e, por suas virtudes, colocado muitíssimo acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que produziu, a sua encarnação neste mundo forçosamente há de ter sido uma dessas missões que a Divindade somente confia a seus mensageiros diretos, para cumprimento de seus desígnios. Mesmo sem supor que Ele fosse o próprio Deus, mas um enviado de Deus para transmitir sua palavra aos homens, seria mais do que um profeta, porquanto seria um Messias divino.

Como homem, tinha a organização dos seres carnais, mas como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual do que da vida corpórea, de cujas fraquezas não era passível. *A superioridade de Jesus com relação aos homens não resultava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava a matéria de modo absoluto, e da do seu perispírito, haurido da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres*. (Cap. XIV, item 9.) Sua alma não devia achar-se presa ao corpo senão pelos laços estritamente indispensáveis. Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava *dupla vista*, não só permanente, como de excepcional penetração e muito superior à que comumente possuem os homens comuns. O mesmo havia de dar-se nele com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispiríticos ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe conferia imensa força magnética, secundada pelo desejo incessante de fazer o bem.

Agiria como *médium* nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo poderoso médium curador? Não, visto que o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados. Ora, o Cristo não precisava de assistência, pois que era Ele quem assistia os outros. Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como, em certos casos, o podem fazer os encarnados, na medida de suas forças. Que Espírito, aliás, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se porventura ele recebia algum influxo estranho, esse só de Deus lhe poderia vir. Segundo definição dada por um Espírito, ele era *médium de Deus*.

Sonhos

3. José, diz o Evangelho, foi avisado por um anjo, que lhe apareceu em sonho e lhe aconselhou que fugisse para o Egito com o menino. (*Mateus*, 2:19 a 23.)

Os avisos por meio de sonhos desempenham grande papel nos livros sagrados de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos narrados, e sem os discutir, o fenômeno em si mesmo nada tem de anormal, visto saber-se que é durante o sono que o Espírito, desprendido dos laços da matéria, entra momentaneamente na vida espiritual, onde se encontra com os que lhe são conhecidos. É com frequência a ocasião que os Espíritos protetores aproveitam para se manifestar a seus protegidos e lhes dar conselhos mais diretos. São numerosos os exemplos autênticos de avisos por sonhos; porém, não se deve concluir daí que todos os sonhos são avisos, nem, ainda menos, que tudo o que se vê em sonho tem uma significação qualquer. Deve-se incluir a arte de interpretar os sonhos no rol das crenças supersticiosas e absurdas. (Cap. XIV, itens 27 e 28.)

Estrela dos magos

4. Dizem que uma estrela apareceu aos magos que foram adorar a Jesus; que ela lhes ia à frente indicando-lhes o caminho e que se deteve quando chegaram. (*Mateus*, 2:1 a 12.)

A questão não é saber se o fato narrado por Mateus é real ou não, ou se não passa de uma figura indicativa de que os magos foram guiados de forma misteriosa ao lugar onde estava o menino Jesus, uma vez que não existe meio algum de verificação; trata-se, isto sim, de saber se é possível um fato de tal natureza.

O que é certo é que, naquela circunstância, a luz não podia ser uma estrela. Na época em que o fato ocorreu, era possível acreditassem que fosse, porque então se pensava que as estrelas eram pontos luminosos cravados no firmamento e que podiam cair sobre a Terra; mas não hoje, quando se conhece a natureza das estrelas.

Entretanto, por não ter como causa a que lhe atribuíram, não deixa de ser possível o fato da aparição de uma luz com o aspecto de uma estrela. Um Espírito pode aparecer sob forma luminosa, ou transformar uma parte do seu fluido perispirítico em um foco luminoso. Muitos fatos desse gênero, recentes e

perfeitamente autênticos, não procedem de outra causa, que nada apresenta de sobrenatural. (Cap. XIV, itens 13 e seguintes.)

Dupla vista

Entrada de Jesus em Jerusalém

5. Quando eles se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, perto do Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, dizendo-lhes: — “Ide a essa aldeia que está à vossa frente e, lá chegando, encontrareis amarrada uma jumenta e junto dela o seu jumentinho; desamarrai-a e trazei-mos. — Se alguém vos disser qualquer coisa, respondei que o Senhor precisa deles e logo deixará que os conduzais.” — Ora, tudo isso se deu, a fim de que se cumprisse esta palavra do profeta: — Dizei à filha de Sião: “Eis o teu rei, que vem a ti, cheio de doçura, montado numa jumenta e com o jumentinho da que está sob o jugo.” (*Zacarias*, 9:9 e 10.)

Os discípulos então foram e fizeram o que Jesus lhes ordenara. — E, tendo trazido a jumenta e o jumentinho, a cobriram com suas vestes e o fizeram montar. (*Mateus*, 21:1 a 7.)

Beijo de Judas

6. “Levantai-vos, vamos, que já está perto daqui aquele que me há de trair.” — Ainda não acabara de dizer essas palavras e eis que Judas, um dos doze, chegou e com ele uma tropa de gente armada de espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. — Ora, o que o traía lhes dera um sinal para o reconhecerem, dizendo-lhes: “Aquele a quem eu beijar é esse mesmo o que procurais; apoderai-vos dele.” — Logo, pois, se aproximou de Jesus e lhe disse: “Mestre, eu te saúdo; e o beijou.” — Jesus lhe respondeu: “Meu amigo, que vieste fazer aqui?” Ao mesmo tempo, os outros, avançando, se lançaram a Jesus e dele se apoderaram. (*Mateus*, 26:46 a 50.)

Pesca milagrosa

7. Um dia, estando Jesus à margem do lago de Genesaré, como a multidão o comprimisse para ouvir a palavra de Deus — viu Ele duas barcas atracadas à borda do lago, das quais os pescadores haviam desembarcado e lavavam suas redes. — Entrou numa dessas barcas, que era de Simão, e lhe pediu que a

afastasse um pouco da margem; e, tendo-se sentado, ensinava ao povo de dentro da barca.

Quando acabou de falar, disse a Simão: “Avança para o mar e lança as tuas redes de pescar.” — Respondeu-lhe Simão: “Mestre, trabalhamos a noite toda e nada apanhamos; contudo, pois que mandas, lançarei a rede.” — Tendo-a lançado, apanharam tão grande quantidade de peixes que a rede se rompeu. — Acenaram para os companheiros que estavam na outra barca, a fim de que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram de tal modo as barcas, que por pouco estas não afundaram. (*Lucas,* 5:1 a 7.)

Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus

8. Caminhando ao longo do mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam suas redes ao mar, pois que eram pescadores, e lhes disse: “Segui-me e eu farei de vós pescadores de homens.” — Logo eles deixaram suas redes e o seguiram.

Daí, continuando, Ele viu dois outros irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam numa barca com Zebedeu, pai de ambos, os quais estavam a consertar suas redes, e os chamou. — Eles imediatamente deixaram as redes e o pai e o seguiram. (*Mateus,* 4:18 a 22.)

Saindo dali, Jesus, ao passar, viu um homem sentado à banca dos impostos, chamado Mateus, ao qual disse: “Segue-me; e o homem logo se levantou e o seguiu.” (*Mateus,* 9:9.)

9. Estes fatos nada apresentam de surpreendente para quem conheça o poder da dupla vista e a causa, muito natural, dessa faculdade. Jesus a possuía em grau supremo e pode-se dizer que ela constituía o seu estado normal, conforme o atesta grande número de atos da sua vida e o que explicam hoje os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada de miraculosa igualmente se explica pela dupla vista. Jesus não produziu peixes de modo espontâneo onde não os havia; Ele viu, com a vista da alma, como teria podido fazê-lo um lúcido vígil, o lugar onde se achavam os peixes e disse com segurança aos pescadores que lançassem ali suas redes.

A acuidade do pensamento e, por conseguinte, certas previsões, são consequência da vista espiritual. Quando Jesus chama a si Pedro, André, Tiago, João e Mateus, é que já lhes conhecia as disposições íntimas e sabia que eles o acompanhariam e que eram capazes de desempenhar a missão que planejava

confiar-lhes. Era preciso que eles próprios tivessem intuição da missão que iriam desempenhar para, sem hesitação, atenderem ao chamamento de Jesus. O mesmo se deu quando, por ocasião da ceia, Ele anunciou que um dos doze o trairia e o apontou, dizendo ser aquele que punha a mão no prato, e também quando predisse que Pedro o negaria.

Em muitas passagens do Evangelho se lê: “Mas Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, lhes diz...” Ora, como poderia Ele conhecer o pensamento de seus interlocutores, senão pelas irradiações fluídicas desses pensamentos e, ao mesmo tempo, pela visão espiritual que lhe permitia ler-lhes no foro íntimo?

Muitas vezes, supondo que um pensamento se acha sepultado nos refolhos da alma, o homem não suspeita que traz em si um espelho em que se reflete aquele pensamento, um revelador na sua própria irradiação fluídica, impregnada dele. Se víssemos o mecanismo do mundo invisível que nos cerca, as ramificações dos fios condutores do pensamento, a ligarem todos os seres inteligentes, corporais e incorpóreos, os eflúvios fluídicos carregados das marcas do mundo moral, os quais, como correntes aéreas, atravessam o espaço, ficaríamos muito menos surpreendidos diante de certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso. (Cap. XIV, itens 15, 22 e seguintes.)

Curas

Perda de sangue

10. Então, uma mulher, que havia doze anos sofria de uma hemorragia — que padecera muito nas mãos dos médicos e que, tendo gasto todos os seus bens, não conseguira nenhum alívio — tendo ouvido falar de Jesus, veio com a multidão atrás dele e lhe tocou as vestes, porque dizia: “Se eu conseguir ao menos lhe tocar nas vestes, ficarei curada.” — No mesmo instante, o fluxo sanguíneo estancou e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela enfermidade.

Logo, Jesus, *conhecendo em si mesmo a virtude que dele havia saído*, se voltou no meio da multidão e disse: “Quem me tocou as vestes?” — Seus discípulos lhe disseram: “Vês que a multidão te aperta de todos os lados e perguntas quem te tocou?” — Ele olhava em torno de si à procura daquela que o tocara.

Mas a mulher, que sabia o que se passara em si, tomada de medo e pavor, veio lançar-se aos pés de Jesus e lhe declarou toda a verdade. — Disse-lhe Ele,

então: “Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz e fica curada da tua enfermidade.” (*Marcos*, 5:25 a 34.)

11. Estas palavras: *conhecendo em si mesmo a virtude que dele havia saído*, são significativas. Exprimem o movimento fluídico que se operava de Jesus para a doente; ambos experimentaram a ação que acabara de produzir-se. É de notar-se que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve magnetização nem imposição das mãos. Bastou a irradiação fluídica normal para realizar a cura.

Mas por que essa irradiação se dirigiu para aquela mulher e não para outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e estava cercado pela multidão? A razão é bem simples. Considerado como matéria terapêutica, o fluido tem que atingir a desordem orgânica, a fim de repará-la; pode então ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança, pela fé do doente, em suma. Com relação à corrente fluídica, o primeiro age como uma bomba premente, e o segundo como uma bomba aspirante. Algumas vezes, é necessária a simultaneidade das duas ações; de outras, basta uma só. O segundo caso foi o que ocorreu no fato de que tratamos.

Jesus tinha, pois, razão para dizer: *Tua fé te salvou*. Compreende-se que a fé a que Ele se referia não é uma virtude mística, qual a entendem muitas pessoas, mas uma verdadeira *força atrativa*, de sorte que aquele que não a possui opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou, pelo menos, uma força de inércia, que paralisa a ação. Assim sendo, é fácil compreender-se que, apresentando-se ao curador dois doentes com a mesma enfermidade, um possa ser curado e outro não. É este um dos mais importantes princípios da mediunidade curadora e que explica certas anomalias aparentes, apontando-lhes uma causa muito natural. (Cap. XIV, itens 31 a 33.)

O cego de Betsaida

12. Tendo chegado a Betsaida, trouxeram-lhe um cego e lhe pediam que o tocasse. Tomando o cego pela mão, Ele o levou para fora da cidade, passou-lhe saliva nos olhos e, havendo-lhe imposto as mãos, lhe perguntou se via alguma coisa. — O homem, olhando, disse: “Vejo a andar homens que me parecem árvores.” — Jesus lhe colocou de novo as mãos sobre os olhos e ele começou a ver melhor. Afinal, ficou tão perfeitamente curado que via distintamente todas as

coisas. — Ele o mandou para casa, dizendo-lhe: “Vai para tua casa; se entrares na cidade, não digas a ninguém o que se deu contigo.” (*Marcos,* 8:22 a 26.)

13. Aqui, é evidente o efeito magnético; a cura não foi instantânea, mas gradual e consequente a uma ação prolongada e reiterada, embora mais rápida do que na magnetização ordinária. A primeira sensação que o homem teve foi exatamente a que experimentam os cegos ao recobrarem a vista. Por um efeito de óptica, os objetos lhes parecem de tamanho exagerado.

Paralítico

14. Tendo subido a uma barca, Jesus atravessou o lago e veio à sua cidade (Cafarnaum). — Como lhe apresentassem um paralítico deitado em seu leito, Jesus, notando-lhe a fé, disse ao paralítico: “Meu filho, tem confiança; perdoados te são os teus pecados.”

Logo alguns escribas disseram entre si: “Este homem blasfema.” — Mas Jesus, *tendo percebido o que eles pensavam*, perguntou-lhes: “Por que alimentais maus pensamentos em vossos corações? — Pois, que é mais fácil dizer: — Teus pecados te são perdoados, ou dizer: Levanta-te e anda?”

Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na Terra o poder de perdoar os pecados, disse então ao paralítico: “Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa.”

O paralítico se levantou imediatamente e foi para sua casa. — Vendo aquele milagre, o povo se encheu de temor e rendeu graças a Deus, por haver concedido tal poder aos homens. (*Mateus,* 9:1 a 8.)

15. Que podiam significar aquelas palavras: *Teus pecados te são perdoados* e em que podiam elas influir para a cura? O Espiritismo lhes dá a explicação, como a uma infinidade de outras palavras incompreendidas até hoje. Ele nos ensina, por meio da pluralidade das existências, que os males e aflições da vida são muitas vezes expiações do passado, bem como que sofremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos em existência anterior, até que tenhamos pago a dívida de nossas imperfeições, pois as existências são solidárias umas com as outras.

Se, portanto, a enfermidade daquele homem era uma expiação do mal que ele praticara, ao dizer-lhe Jesus: *Teus pecados te são perdoados*, é como se lhe tivesse dito: “Pagaste a tua dívida; a fé que agora possuis anulou a causa da tua enfermidade; em consequência, mereces ficar livre dela.” Daí o haver dito aos

escribas: “Tão fácil é dizer: Teus pecados te são perdoados, como: Levanta-te e anda.” Cessada a causa, o efeito tem que cessar. É justamente o caso do prisioneiro a quem se declara: “Teu crime está expiado e perdoado”, o que equivaleria a lhe dizer: “Podes sair da prisão.”

Os dez leprosos

16. Um dia, indo Ele para Jerusalém, passava pelos confins da Samaria e da Galileia e, estando prestes a entrar numa aldeia, dez leprosos vieram ao seu encontro e, conservando-se afastados, clamaram em altas vozes: Jesus, Senhor nosso, tem piedade de nós. — Dando com eles, disse-lhes Jesus: Ide mostrar-vos aos sacerdotes. Quando iam a caminho, ficaram curados.

Um deles, vendo-se curado, voltou sobre seus passos, glorificando a Deus em altas vozes; e foi lançar-se aos pés de Jesus, com o rosto em terra, a lhe render graças. Esse era samaritano.

Disse então Jesus: “Não foram curados todos dez? Onde estão os outros nove? — Nenhum deles houve que voltasse e glorificasse a Deus, a não ser este estrangeiro?” — E disse a esse: “Levanta-te; vai; tua fé te salvou.” (*Lucas*, 17:11 a 19.)

17. Os samaritanos eram cismáticos,[35] mais ou menos como os protestantes em relação aos católicos, e desprezados pelos judeus como heréticos. Curando indistintamente judeus e samaritanos, Jesus dava, ao mesmo tempo, uma lição e um exemplo de tolerância; e fazendo ressaltar que só o samaritano voltara para glorificar a Deus, mostrava que havia nele maior soma de verdadeira fé e de reconhecimento do que nos que se diziam ortodoxos. Acrescentando: *Tua fé te salvou*, fez ver que Deus considera o que há no fundo do coração e não a forma exterior da adoração. Entretanto, os outros também foram curados. Foi preciso que assim acontecesse para que Ele pudesse dar a lição que tinha em vista e tornar evidente a ingratidão deles. Mas quem sabe o que daí lhes haja resultado? Quem sabe se eles terão se beneficiado da graça que lhes foi concedida? Dizendo ao samaritano: *Tua fé te salvou*, Jesus dá a entender que o mesmo não aconteceu aos outros.

Mão seca

18. De outra vez Jesus entrou no templo e aí encontrou um homem que tinha seca uma das mãos. — E eles o observavam para ver se Ele o curaria em dia de sábado, para terem um motivo de o acusar. — Então, disse Ele ao homem que

tinha a mão seca: “Levanta-te e coloca-te ali no meio.” — Depois disse aos presentes: “É permitido em dia de sábado fazer o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la?” Eles permaneceram em silêncio. — Jesus, porém, encarando-os com indignação, tanto o afligia a dureza de seus corações, disse ao homem: “Estende a tua mão. Ele a estendeu e ela se tornou sã.”

Logo os fariseus saíram e se reuniram contra Ele em conciliábulo com os herodianos, sobre o meio de o perderem. — Mas Jesus se retirou com seus discípulos para o mar, acompanhando-o grande multidão da Galileia e da Judeia — de Jerusalém, da Idumeia e de além Jordão; e os das cercanias de Tiro e de Sídon, tendo ouvido falar das coisas que Ele fazia, vieram em grande número ao seu encontro. (*Marcos*, 3:1 a 8.)

A mulher curvada

19. Jesus ensinava numa sinagoga todos os dias de sábado. — Um dia, viu ali uma mulher possuída de um Espírito que a punha doente, havia dezoito anos; era tão curvada que não podia olhar para cima. — Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: “Mulher, estás livre da tua enfermidade.” — Impôs-lhe ao mesmo tempo as mãos e, endireitando-se, ela rendeu graças a Deus.

Mas o chefe da sinagoga, indignado por Jesus haver feito uma cura em dia de sábado, disse ao povo: “Há seis dias destinados ao trabalho; vinde nesses dias para serdes curados e não nos dias de sábado.”

O Senhor, tomando a palavra, disse-lhe: “Hipócrita, qual de vós não solta da carga o seu boi ou seu jumento em dia de sábado e não o leva a beber? — Por que então não se deveria libertar, em dia de sábado, dos laços que a prendiam, esta filha de Abraão, que Satanás conservara atada durante dezoito anos?”

A estas palavras, todos os seus adversários ficaram confusos e todo o povo encantado de vê-lo praticar tantas ações gloriosas. (*Lucas*, 13:10 a 17.)

20. Este fato prova que naquela época a maior parte das doenças era atribuída ao demônio, e que todos confundiam, como ainda hoje, os possessos com os doentes, mas em sentido inverso, isto é, hoje os que não acreditam nos Espíritos maus confundem as obsessões com as moléstias patológicas.

O paralítico da piscina

21. Depois disso, tendo chegado a festa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. — Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas, que se chamava em hebreu *Betesda*, a qual tinha cinco galerias — onde, em grande número, se achavam

deitados doentes, cegos, coxos e os que tinham os membros ressecados, todos à espera de que as águas fossem agitadas — Porque o anjo do Senhor, em certa época, descia àquela piscina e lhe movimentava a água e aquele que fosse o primeiro a entrar nela, depois de ter sido movimentada a água, ficava curado, qualquer que fosse a sua doença.

Ora, estava lá um homem que se achava doente havia trinta e oito anos. — Jesus, tendo-o visto e sabendo-o doente desde longo tempo, perguntou-lhe: "Queres ficar curado?" — O doente respondeu: "Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina depois que a água é movimentada; e, durante o tempo que levo para chegar lá, outro desce antes de mim." — Disse-lhe Jesus: "Levanta-te, toma o teu leito e vai-te." — No mesmo instante o homem se achou curado e, tomando de seu leito, pôs-se a andar. Ora, aquele dia era um sábado.

Disseram então os judeus ao que fora curado: "Não te é permitido levares o teu leito." — Respondeu o homem: "Aquele que me curou disse: Toma o teu leito e anda." — Perguntaram-lhe eles então: "Quem foi esse que te disse: Toma o teu leito e anda?" — Mas nem mesmo o que fora curado sabia quem o curara, porque Jesus se retirara do meio da multidão que lá estava.

Depois, encontrando aquele homem no templo, Jesus lhe disse: "Vês que foste curado; não tornes de futuro a pecar, para que não te suceda coisa pior."

O homem foi ter com os judeus e lhes disse que fora Jesus quem o curara. — Era por isso que os judeus perseguiam a Jesus, porque ele fazia essas coisas em dia de sábado. — Então, Jesus lhes disse: "Meu Pai trabalha até hoje e eu trabalho também." (*João,* 5:1 a 17.)

22. Entre os romanos, chamava-se piscina (da palavra latina *piscis*, peixe), aos reservatórios ou viveiros onde se criavam peixes. Mais tarde, o termo se tornou extensivo aos tanques destinados a banhos em comum.

A piscina de Betesda em Jerusalém era uma cisterna, próxima ao Templo, alimentada por uma fonte natural, cuja água parecia ter tido propriedades curativas. Era, sem dúvida, uma fonte intermitente que, em certas épocas, jorrava com força, agitando a água. Segundo a crença vulgar, esse era o momento mais favorável às curas. Talvez, ao brotar da fonte, as propriedades da água fossem mais ativas; ou então, que a agitação que o jorro produzia na água fizesse vir à tona a vasa[36] salutar para algumas moléstias. Tais efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos hoje; mas, à época, as ciências estavam pouco adiantadas e à maioria dos fenômenos incompreendidos se atribuía uma causa

sobrenatural. Os judeus, pois, acreditavam que a agitação da água se devesse à presença de um anjo, e essa crença lhes parecia tanto mais fundada porque viam, naquelas ocasiões, que a água se mostrava mais curativa.

Depois de haver curado aquele homem, Jesus lhe disse: “Para o futuro não tornes a pecar, a fim de que não te suceda coisa pior.” Por essas palavras, deu-lhe a entender que a sua doença era uma punição e que, se ele não se melhorasse, poderia vir a ser de novo punido e com mais rigor. Essa doutrina é inteiramente conforme à que ensina o Espiritismo.

23. Jesus fazia questão de operar suas curas em dia de sábado, para ter ensejo de protestar contra o rigorismo dos fariseus no tocante à guarda desse dia. Queria mostrar-lhes que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das formalidades; que a piedade está nos sentimentos do coração. Justificava-se, declarando: “Meu Pai trabalha até hoje e eu trabalho também.” Quer dizer: Deus não interrompe suas obras, nem sua ação sobre as coisas da natureza, em dia de sábado. Continua a produzir tudo quanto é necessário à vossa alimentação e à vossa saúde, e eu lhe sigo o exemplo.

Cego de nascença

24. Ao passar, Jesus viu um homem que era cego desde que nascera; e seus discípulos lhe fizeram esta pergunta: “Mestre, quem pecou, esse homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?” — Jesus lhes respondeu: “Nem ele, nem os que o puseram no mundo; mas para que nele se manifestem as obras do poder de Deus. É preciso que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; vem depois a noite, na qual ninguém pode fazer obras. — Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.”

Tendo dito isso, cuspiu no chão e, havendo feito lama com a sua saliva, ungiu com essa lama os olhos do cego — e lhe disse: “Vai lavar-te no tanque de *Siloé*, que significa *Enviado*.” Ele foi, lavou-se e voltou vendo claro.

Seus vizinhos e os que o viam antes a pedir esmolas diziam: “Não é este o que estava assentado e pedia esmola?” Uns respondiam: “É ele”; outros diziam: “Não, é um que se parece com ele.” O homem, porém, lhes dizia: “Sou eu mesmo.” — Perguntaram-lhe então: “Como se abriram os teus olhos?” — Ele respondeu: “Aquele homem que se chama Jesus fez um pouco de lama e passou nos meus olhos, dizendo: ‘Vai ao tanque de *Siloé* e lava-te.’ Fui, lavei-me e vejo.” — Disseram-lhe: “Onde está Ele?” Respondeu o homem: “Não sei.”

Levaram então aos fariseus o homem que estivera cego. — Ora, fora num dia

de sábado que Jesus fizera aquela lama e lhe abrira os olhos.

Também os fariseus o interrogaram para saber como recobrara a vista. Ele lhes disse: “Ele me pôs lama nos olhos, eu me lavei e vejo.” — Ao que alguns fariseus retrucaram: “Esse homem não é enviado de Deus, pois que não guarda o sábado.” Outros, porém, diziam: “Como poderia um homem mau fazer tais prodígios?” Havia, a propósito, dissensão entre eles.

Disseram de novo ao que fora cego: “E tu, que dizes desse homem que te abriu os olhos?” Ele respondeu: “Digo que é um profeta.” — Mas os judeus não acreditaram que aquele homem fora cego e que houvesse recobrado a vista, enquanto não fizeram vir o pai e a mãe dele — e os interrogaram assim: “É esse o vosso filho, que dizeis ter nascido cego? Como é que ele agora vê?” — O pai e a mãe responderam: “Sabemos que esse é nosso filho e que nasceu cego; não sabemos, porém, como agora vê e tampouco sabemos quem lhe abriu os olhos. Interrogai-o; ele já tem idade, que responda por si mesmo.”

Seu pai e sua mãe falavam desse modo porque temiam os judeus, visto que estes já haviam resolvido em comum que *quem quer que reconhecesse a Jesus como o Cristo seria expulso da sinagoga*. — Foi o que obrigou o pai e a mãe do rapaz a responderem: Ele já tem idade; interrogai-o.

Chamaram pela segunda vez o homem que fora cego e lhe disseram: “Glorifica a Deus; sabemos que esse homem é um pecador.” Ele lhes respondeu: “Se é um pecador, não sei, tudo o que sei é que estava cego e agora vejo.” — Tornaram a perguntar-lhe: “Que te fez Ele e como te abriu os olhos?” — Respondeu o homem: “Já vo-lo disse e bem o ouvistes; por que quereis ouvi-lo pela segunda vez? Quereis, porventura, tornar-vos seus discípulos?” — Ao que eles o carregaram de injúrias e lhe disseram: “Sê tu seu discípulo; quanto a nós, somos discípulos de Moisés. — Sabemos que Deus falou a Moisés, ao passo que não sabemos de onde este saiu.”

O homem lhes respondeu: “É de espantar que não saibais de onde Ele é e que Ele me tenha aberto os olhos. — Ora, sabemos que Deus não exalça os pecadores; mas àquele que o honre e faça a sua vontade, a esse, Deus exalça. — Desde que o mundo existe, jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. — Se esse homem não fosse um enviado de Deus, nada poderia fazer de tudo o que tem feito.”

Disseram-lhe os fariseus: “Tu és todo pecado, desde o ventre de tua mãe, e queres ensinar-nos a nós?” E o expulsaram. (*João*, 9:1 a 34.)

25. Esta narrativa, tão simples, tão singela, traz em si a marca evidente da verdade. Nada existe aí de fantástico nem de maravilhoso. É uma cena da vida real apanhada em flagrante. A linguagem do cego é exatamente a desses homens simples, nos quais o bom senso supre a falta de saber e que retrucam com bonomia aos argumentos de seus adversários, expendendo razões a que não faltam justeza nem oportunidade. O tom dos fariseus não é o dos orgulhosos que nada admitem acima de suas inteligências e que se enchem de indignação perante a só ideia de que um homem do povo lhes possa fazer observações? Salvo a cor local dos nomes, dir-se-ia que o fato é do nosso tempo.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto fora da Igreja. Era uma espécie de excomunhão. Os espíritas, cuja doutrina é a do Cristo, interpretada de acordo com o progresso das luzes atuais, são tratados como os judeus que reconheciam em Jesus o próprio Messias. Excomungando-os, a Igreja os põe fora de seu seio, como fizeram os escribas e os fariseus com os seguidores do Cristo. Eis aí um homem que é expulso porque não pode admitir que aquele que o curou seja um possesso do demônio e porque rende graças a Deus pela sua cura!

Não é o que fazem com os espíritas? Obter dos Espíritos salutares conselhos, reconciliação com Deus e com o bem, curas, tudo isso é obra do diabo e merecedor de anátema. Não se têm visto padres declararem, do alto do púlpito, que é melhor uma pessoa conservar-se incrédula do que recobrar a fé por meio do Espiritismo? Não há os que dizem aos doentes que estes não deviam ter procurado curar-se com os espíritas que possuem esse dom, porque esse dom é satânico? Não há os que pregam que os necessitados não devem aceitar o pão que os espíritas distribuem, por ser do diabo esse pão? Que outra coisa diziam ou faziam os padres judeus e fariseus? Aliás, fomos avisados de que tudo hoje tem que se passar como ao tempo do Cristo.

A pergunta dos discípulos: Foi algum pecado deste homem que deu causa a que ele *nascesse* cego? revela que eles tinham a intuição de uma existência anterior, pois, do contrário, ela não teria sentido, visto que um pecado somente pode ser causa de uma enfermidade de *nascença*, se cometido antes do nascimento e, por conseguinte, numa existência anterior. Se Jesus considerasse falsa semelhante ideia, ter-lhes-ia dito: “Como este homem poderia ter pecado antes de haver nascido?” Em vez disso, porém, diz que aquele homem estava cego, não por ter pecado, mas para que nele se manifestasse o poder de Deus, isto é, para que servisse de instrumento a uma demonstração do poder de Deus.

Se não era uma expiação do passado, era uma provação que devia servir ao progresso daquele Espírito, porque Deus, que é justo, não lhe imporia um sofrimento sem compensação.

Quanto ao meio empregado para o curar, é evidente que aquela espécie de lama feita de saliva e terra não podia encerrar nenhuma virtude, a não ser pela ação do fluido curativo de que fora impregnada. É assim que as substâncias mais insignificantes, como a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de veículo, ou, se quiserem, de *reservatório*.

Numerosas curas operadas por Jesus

26. Jesus ia por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todos os langores e todas as enfermidades no meio do povo. — Tendo-se espalhado a sua reputação por toda a Síria; traziam-lhe os que estavam doentes e afligidos por dores e males diversos, os possessos, os lunáticos, os paralíticos e Ele a todos curava. — Acompanhava-o grande multidão da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e de além Jordão. (*Mateus*, 4:23 a 25.)

27. De todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, os mais numerosos são, incontestavelmente, as curas. Ele queria provar, dessa forma, que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem; que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes, por meio de coisas extraordinárias.

Aliviando os sofrimentos, prendia a si as criaturas pelo coração e fazia prosélitos mais numerosos e sinceros do que se apenas os maravilhasse com espetáculos para os olhos. Daquele modo, fazia-se amado, ao passo que se houvesse se limitado a produzir surpreendentes fatos materiais, como o exigiam os fariseus, a maioria das pessoas não teria visto nele senão um feiticeiro ou um hábil prestidigitador, que *os desocupados buscariam para se distrair.*

Assim, quando João Batista manda perguntar-lhe, por seus discípulos, se ele era o Cristo, a sua resposta não foi: “Eu o sou”, como qualquer impostor teria respondido. Não lhes fala de prodígios, nem de coisas maravilhosas; responde-lhes simplesmente: “Ide dizer a João: os cegos veem, os doentes são curados, os surdos ouvem, o Evangelho é anunciado aos pobres.” É como se houvesse dito: “Reconhecei-me pelas minhas obras; julgai a árvore pelo seu fruto”, porque era esse o verdadeiro caráter da sua missão divina.

28. Também é pelo bem que faz que o Espiritismo prova a sua missão providencial. Ele cura os males físicos, mas cura, sobretudo, as doenças morais, e são esses os maiores prodígios pelos quais ele se afirma. Seus mais sinceros adeptos não são os que foram tocados pela observação de fenômenos extraordinários, mas os que dele recebem a consolação para suas almas; os que se libertaram da tortura da dúvida; aqueles a quem levantou o ânimo na aflição, que hauriram forças na certeza de um futuro mais feliz, no conhecimento do seu ser espiritual e de seus destinos. São esses os de fé inabalável, porque sentem e compreendem.

Os que não veem no Espiritismo senão efeitos materiais não podem compreender sua força moral. É por isso que os incrédulos, que apenas o conhecem por meio de fenômenos cuja causa primeira não admitem, consideram os espíritas meros prestidigitadores e charlatães. Não será, pois, por meio de prodígios que o Espiritismo triunfará da incredulidade, mas pela multiplicação dos seus benefícios morais, porquanto, se é certo que os incrédulos não admitem os prodígios, também é certo que conhecem, como toda gente, o sofrimento e as aflições, e ninguém recusa alívio e consolação.

Possessos

29. Vieram em seguida a Cafarnaum, e Jesus, entrando primeiramente, em dia de sábado, na sinagoga, os instruía. — Admiravam-se da sua doutrina, porque Ele os instruía como tendo autoridade e não como os escribas.

Ora, achava-se na sinagoga um homem possesso de um Espírito impuro, que disse: — "Que há entre ti e nós, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: És o santo de Deus." — Jesus, porém, falando-lhe ameaçadoramente, disse: "Cala-te e sai desse homem." — Então, agitando o homem em violentas convulsões, o Espírito impuro saiu dele.

Ficaram todos tão surpreendidos que perguntavam uns aos outros: Que é isto? Que nova doutrina é esta? Ele dá ordem com império, até os Espíritos impuros, e estes lhe obedecem. (*Marcos*, 1:21 a 27.)

30. Tendo eles saído, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio. — Expulso o demônio, o mudo falou e o povo, tomado de admiração, dizia: "Jamais se viu coisa semelhante em Israel."

Mas os fariseus, ao contrário, diziam: "É pelo príncipe dos demônios que Ele expele os demônios." (*Mateus*, 9:32 a 34.)

31. Quando Ele se dirigia ao lugar onde estavam os outros discípulos, viu em torno destes uma grande multidão e muitos escribas que com eles disputavam. — Logo que deu com Jesus, todo o povo se tomou de espanto e temor e correram todos a saudá-lo.

Perguntou Ele então: Sobre que disputáveis em assembleia? — Um homem, do meio do povo, tomando a palavra, disse: “Mestre, trouxe-te o meu filho, que está possesso de um Espírito mudo; — em todo lugar onde dele se apossa, atira-o por terra e o menino espuma, rilha os dentes e se torna todo seco. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam.”

Disse-lhes Jesus: “Ó gente incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-mo.” — Trouxeram-lho e ainda não havia ele posto os olhos em Jesus, e o Espírito entrou a agitá-lo violentamente; ele caiu no chão e se pôs a rolar espumando.

Jesus perguntou ao pai do menino: “Desde quando isto lhe sucede? — ‘Desde pequenino’, diz o pai. — ‘E o Espírito o tem lançado, muitas vezes, ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer; se puderes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e socorre-nos.’”

Respondeu-lhe Jesus: “Se puderes crer, tudo é possível àquele que crê.” — Logo disse o pai do menino, banhado em lágrimas: “Senhor, creio, ajuda-me na minha incredulidade.”

Jesus, vendo que o povo acorria em multidão, falou em tom de ameaça ao Espírito impuro, dizendo-lhe: Espírito surdo e mudo sai desse menino e não entres mais nele. — Então, o Espírito, soltando grande grito e agitando o menino em violentas convulsões, saiu, ficando o menino como morto, de sorte que muitos diziam que ele morrera. — Mas Jesus, tomando-lhe as mãos e amparando-o, fê-lo levantar-se.

Quando Jesus voltou para casa, seus discípulos lhe perguntaram, em particular: “Por que não pudemos nós expulsar esse demônio?” — Ele respondeu: “Os demônios desta espécie não podem ser expulsos senão pela prece e pelo jejum.” (*Marcos*, 9:14 a 28.)

32. Apresentaram-lhe então um possesso cego e mudo e Ele o curou, de modo que o possesso começou a falar e a ver: — Todo o povo ficou cheio de admiração e dizia: Não é esse o filho de Davi?

Mas os fariseus, ouvindo isso, diziam: “Este homem expulsa os demônios com o auxílio de Belzebu, príncipe dos demônios.”

Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse-lhes: “Todo reino que se dividir contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa que se divide contra si mesma não pode subsistir. — Se Satanás expulsa a Satanás, ele está dividido contra si mesmo; como, pois, o seu reino poderá subsistir? — E, se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem os expulsarão vossos filhos? Por isso, eles próprios serão os vossos juízes. — Se eu expulso os

demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vós.” (*Mateus*, 12:22 a 28.)

33. As libertações de possessos, juntamente com as curas, figuram entre os mais numerosos atos de Jesus. Entre os fatos dessa natureza, como os acima relatados, alguns há (item 30) em que a possessão não é evidente. Provavelmente, naquela época, como ainda hoje acontece, atribuía-se à influência dos demônios todas as doenças cuja causa não se conhecia, principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia. Outros há, todavia, em que a ação dos Espíritos maus não deixa dúvida. Esses casos guardam tão frisante analogia com os de que somos testemunhas, que neles se reconhecem todos os sintomas de tal gênero de afecção. A prova da participação de uma inteligência oculta, em tal caso, ressalta de um fato material: são as numerosas curas radicais obtidas, em alguns centros espíritas, tão só pela evocação e doutrinação dos Espíritos obsessores, sem magnetização, nem medicamentos e, muitas vezes, na ausência do paciente e a grande distância deste. A imensa superioridade do Cristo lhe dava tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos, então chamados demônios, que bastava a Ele ordenar que se retirassem para que se vissem obrigados a não resistir a essa ordem formal. (Cap. XIV, item 46.)

34. O fato de alguns Espíritos maus terem sido mandados meter-se em corpos de porcos[37] é contrário a todas as probabilidades. Aliás, seria difícil explicar a existência de tão numeroso rebanho de porcos num país onde esse animal inspirava horror e não oferecia nenhuma utilidade para a alimentação. Não é por ser mau que um Espírito deixa de ser um Espírito humano, embora tão imperfeito que continue a fazer o mal, depois de desencarnar, como o fazia antes, e é contrário a todas as leis da natureza que ele possa animar o corpo de um animal. É preciso, pois, ver nesse fato a existência de um desses exageros tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou, talvez, uma alegoria destinada a caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos.

35. Tudo indica que, ao tempo de Jesus, os obsidiados e os possessos eram bastante numerosos na Judeia; daí a oportunidade que Ele teve de curar a muitos. Sem dúvida, os Espíritos maus haviam invadido aquele país e causado uma epidemia de possessões. (Cap. XIV, item 49.)

Sem apresentarem caráter epidêmico, as obsessões individuais são extremamente frequentes e se revelam sob os mais variados aspectos, os quais facilmente se reconhecem por um conhecimento mais amplo do Espiritismo.

Podem, muitas vezes, trazer consequências nocivas à saúde, quer agravando afecções orgânicas, quer ocasionando-as. Um dia, virão a ser, incontestavelmente, incluídas entre as causas patológicas que requerem, pela sua natureza especial, meios curativos igualmente especiais. Ao revelar a causa do mal, o Espiritismo abre novo caminho à arte de curar e fornece à Ciência o meio de alcançar êxito onde até hoje quase sempre vê malogrados seus esforços, em virtude de não atacar a causa primordial do mal. (*O livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXIII.)

36. Os fariseus acusavam a Jesus de expulsar os demônios pela influência dos demônios. Segundo eles, o bem que Jesus fazia era obra de Satanás, sem refletirem que, se Satanás expulsasse a si mesmo, praticaria uma insensatez. É de notar-se que os fariseus daquele tempo já pretendessem que toda faculdade transcendente e, por esse motivo, reputada sobrenatural, era obra do demônio, visto que, na opinião deles, era do demônio que Jesus recebia o poder de que dispunha. É esse mais um ponto de semelhança daquela com a época atual e tal doutrina é ainda a que a Igreja procura fazer que prevaleça hoje, contra as manifestações espíritas.[38]

Ressurreições

A filha de Jairo

37. Tendo Jesus passado novamente, de barca, para a outra margem, logo que desembarcou grande multidão se reuniu em torno dele. Então, um chefe de sinagoga, chamado Jairo, veio ao seu encontro e, ao aproximar-se dele, se lançou aos seus pés — a suplicar com insistência, dizendo: “Tenho uma filha que está no momento extremo, vem impor-lhe as mãos para a curar e lhe salvar a vida.”

Jesus foi com ele, acompanhado de grande multidão, que o comprimia.

Quando Jairo ainda falava, vieram pessoas que lhe eram subordinadas e lhe disseram: “Tua filha está morta; por que hás de dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe?” — Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao chefe da sinagoga: “Não te aflijas, crê apenas.” — E a ninguém permitiu que o acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.

Chegando à casa do chefe da sinagoga, viu Ele uma aglomeração confusa de pessoas que choravam e soltavam grandes gritos. — Entrando, disse-lhes Ele: “Por que fazeis tanto alarido e por que chorais? *Esta menina não está morta,*

está apenas adormecida.” — Zombavam dele. Tendo feito que toda a gente saísse, chamou o pai e a mãe da menina e os que tinham vindo em sua companhia e entrou no lugar onde a menina se achava deitada. — Tomou-lhe a mão e disse: “*Talita cumi”*, isto é, “minha filha, levanta-te, eu to ordeno.” — No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a andar, pois contava doze anos, e ficaram todos maravilhados e espantados. (*Marcos*, 5:21, 35 a 42.)

O filho da viúva de Naim

38. No dia seguinte, Jesus dirigiu-se a uma cidade chamada Naim; acompanhavam-no seus discípulos e grande multidão. — Quando estava perto da porta da cidade, aconteceu que levavam um morto para ser sepultado, filho único de sua mãe; e essa mulher era viúva; estava com ela grande número de pessoas da cidade. — Tendo-a visto, o Senhor se tomou de compaixão para com ela e lhe disse: “Não chores.” — Depois, aproximando-se, tocou o esquife e os que o conduziam pararam. Então, disse Ele: “Jovem, levanta-te, eu o ordeno.” — Imediatamente o moço se sentou e começou a falar. E Jesus o restituiu à sua mãe.

Todos os que estavam presentes ficaram tomados de espanto e glorificavam a Deus, dizendo: “Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo.” — O rumor desse milagre que Ele fizera se espalhou por toda a Judeia e por todas as regiões circunvizinhas. (*Lucas*, 7:11 a 17.)

39. O fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto seria totalmente contrário às leis da natureza e, portanto, milagroso. Ora, não é preciso que se recorra a essa ordem de fatos para que se tenha a explicação das ressurreições realizadas pelo Cristo. Se, mesmo na atualidade, as aparências às vezes enganam os profissionais, quão mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde não se tomava nenhuma precaução contra eles e onde o sepultamento era imediato.[39] É, pois, de todo provável que, nos dois casos acima, apenas houvesse síncope ou letargia. O próprio Jesus declara positivamente, com relação à filha de Jairo: *Esta menina*, disse Ele, *não está morta, está apenas adormecida*.

Considerando-se o poder fluídico que Jesus possuía, nada há de espantoso em que esse fluido vivificante, dirigido por uma vontade poderosa, haja reanimado os sentidos em torpor; que haja mesmo feito voltar o Espírito ao corpo, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispirítico ainda não se rompera

definitivamente. Para os homens daquela época, que consideravam morto o indivíduo que tão logo deixasse de respirar, havia ressurreição em casos tais, de modo que o afirmavam de muito boa-fé; contudo, o que havia na realidade era *cura* e não ressurreição, na acepção legítima do termo.

Lázaro[40]

40. Quanto à ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, não infirma de modo algum esse princípio. Dizem que ele já estava no sepulcro há quatro dias; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal, o que é sinal de decomposição. Esta alegação também nada prova, visto que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão. A morte só se verifica quando são atacados os órgãos essenciais à vida. Aliás, quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas como sabia disso? Ela apenas o supunha, pois que Lázaro estava enterrado há quatro dias; entretanto, não podia ter nenhuma certeza desse fato. (Cap. XIV, item 29.)[41]

Jesus caminha sobre a água

> **41.** Logo, Jesus convidou os discípulos a tomarem a barca e passarem para a outra margem, enquanto Ele se despediu do povo. — Depois das despedidas, subiu a um monte para orar e, tendo caído a noite, achou-se Ele sozinho naquele lugar.
>
> Enquanto isso, a barca era fortemente açoitada pelas ondas, em meio do mar, porque o vento soprava em sentido contrário. — Mas, na quarta vigília da noite, Jesus foi ter com eles, caminhando sobre o mar.[42] — Quando eles o viram andando sobre o mar, turbaram-se e diziam: “É um fantasma” e se puseram a gritar, amedrontados. Jesus então lhes falou, dizendo: “Tranquilizai-vos, sou eu, não tenhais medo.”
>
> Pedro lhe respondeu: “Senhor, se és Tu, manda que eu vá ao teu encontro, caminhando sobre as águas.” Disse-lhe Jesus: “Vem.” Então Pedro, descendo da barca, caminhava sobre a água, ao encontro de Jesus. Mas, vindo um grande vento, ele teve medo; e como começasse a submergir, clamou: “Senhor, salva-me.” Logo, Jesus, estendendo-lhe a mão, disse: “Homem de pouca fé! Por que duvidaste?” — E, tendo subido para a barca, cessou o vento. — Então, os que estavam na barca, aproximando-se dele, o adoraram, dizendo: “Verdadeiramente és o filho de Deus.” (*Mateus*, 14:22 a 33.)

42. Este fenômeno encontra explicação natural nos princípios acima expostos, cap. XIV, item 43. Exemplos análogos provam que ele nada tem de

impossível, nem de miraculoso, pois que se produz sob a ação das leis da natureza. Pode operar-se de duas maneiras:

Jesus, embora estivesse vivo, pôde aparecer sobre a água com uma forma tangível, enquanto seu corpo permaneceu em outro lugar. É a hipótese mais provável. Pode-se mesmo reconhecer, nessa narrativa, alguns sinais característicos das aparições tangíveis. (Cap. XIV, itens 35 a 37.)

Por outro lado, também pode ter sucedido que seu corpo fosse sustentado e neutralizada a sua gravidade pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço, sem ponto de apoio. Idêntico efeito se produz muitas vezes com os corpos humanos.

Transfiguração

> **43.** Seis dias depois, tendo chamado Pedro, Tiago e João em particular, Jesus os levou consigo a um alto monte afastado[43] e se transfigurou diante deles. — Enquanto orou, seu rosto pareceu inteiramente outro; suas vestes se tornaram brilhantemente luminosas e brancas como a neve, como nenhum lavadeiro na Terra é capaz de fazer alguma tão alva. — E eles viram aparecer Elias e Moisés, a conversar com Jesus.
>
> Então, disse Pedro a Jesus: “Mestre, estamos bem aqui; façamos três tendas: uma para ti, outra para Moisés, outra para Elias.” — É que ele não sabia o que dizia, tão espantado estava.
>
> Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e, dessa nuvem, partiu uma voz, fazendo ouvir estas palavras: “Este é o meu Filho bem-amado; escutai-o.”
>
> Logo, olhando para todos os lados, a ninguém mais viram, senão a Jesus, que ficara a sós com eles.
>
> Quando desciam do monte, ordenou-lhes Ele que a ninguém falassem do que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos. — E eles conservaram o fato em segredo, inquirindo uns dos outros o que teria Ele querido dizer com estas palavras: Até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dentre os mortos. (*Marcos*, 9:2 a 9.)

44. É ainda nas propriedades do fluido perispirítico que se encontra a explicação deste fenômeno. A transfiguração, explicada no cap. XIV, item 39, é um fato bastante comum que, em virtude da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas a pureza do perispírito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse excepcional fulgor. Quanto à aparição de Moisés e Elias cabe

inteiramente no rol de todos os fenômenos do mesmo gênero. (Cap. XIV, itens 35 e seguintes.)

De todas as faculdades que Jesus revelou, nenhuma se encontra fora das condições da humanidade e que não se ache comumente nos homens, porque estão todas na ordem da natureza. Porém, pela superioridade de sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, aquelas faculdades atingiram nele proporções acima das que são vulgares. Posto de lado o seu envoltório carnal, Ele nos exibia a condição dos Espíritos puros.

Tempestade aplacada

> **45.** Certo dia, tendo tomado uma barca com seus discípulos, disse-lhes Ele: “Passemos à outra margem do lago.” Partiram então. Durante a travessia, Ele adormeceu. — Então, um grande turbilhão de vento se abateu de súbito sobre o lago, de sorte que, enchendo-se a barca de água, eles se viam em perigo. Aproximaram-se, pois, dele e o despertaram, dizendo-lhe: “Mestre, perecemos.” Jesus, levantando-se, falou, ameaçador, aos ventos e às ondas agitadas, e uns e outras se aplacaram, sobrevindo grande calma. Ele então lhes disse: “Onde está a vossa fé?” Eles, porém, cheios de temor e admiração, perguntavam uns aos outros: “Quem é este que assim dá ordens ao vento e às ondas, e eles lhe obedecem?” (*Lucas*, 8:22 a 25.)

46. Ainda não conhecemos bastante os segredos da natureza para dizer se há ou não inteligências ocultas presidindo à ação dos elementos. Na hipótese de haver, o fenômeno em questão poderia ter resultado de um ato de autoridade sobre essas inteligências e provaria um poder que não é permitido a nenhum homem exercer.

Seja como for, o fato de Jesus dormir tranquilamente durante a tempestade, atesta, de sua parte, uma segurança que só se pode explicar pela circunstância de que seu Espírito *via* não haver perigo nenhum e que a tempestade ia se acalmar.

Bodas de Caná

47. Este milagre, mencionado apenas no Evangelho de João, é apresentado como o primeiro que Jesus realizou e, nessas condições, deveria ter sido um dos mais notados. Entretanto, parece haver produzido bem fraca impressão, visto que nenhum outro evangelista trata dele. Um fato tão extraordinário era para deixar espantados os convivas no mais alto grau e sobretudo o dono da casa, os quais, todavia, parece que não o perceberam.

Considerado em si mesmo, esse fato tem pouca importância em comparação com os que, verdadeiramente, atestam as qualidades espirituais de Jesus. Admitindo que as coisas se tenham passado conforme foram narradas, é notável que seja esse o único fenômeno de tal gênero que se tenha produzido. Jesus era de natureza extremamente elevada para se ater a efeitos puramente materiais, destinados apenas a aguçar a curiosidade da multidão que, então, o teria nivelado a um mágico. Ele sabia que as coisas úteis lhe conquistariam mais simpatias e lhe granjeariam mais adeptos do que as que facilmente passassem por fruto de grande habilidade e destreza, mas que não tocavam o coração. (Cap. XIV, item 27.)

Se bem que o fato se possa explicar, até certo ponto, por uma ação fluídica que houvesse mudado as propriedades da água, dando-lhe o sabor de vinho, conforme atestam numerosos exemplos oferecidos pelo magnetismo, essa hipótese é pouco provável, considerando-se que, em tal caso, tendo do vinho unicamente o sabor, a água teria conservado a sua coloração, o que não deixaria de ser notado. É mais racional que se veja aí uma daquelas parábolas tão frequentes nos ensinos de Jesus, como a do filho pródigo, a do festim das bodas, do mau rico, da figueira que secou, e tantas outras, que, todavia, se apresentam com caráter de fatos ocorridos. Provavelmente, durante as refeições, Ele terá aludido ao vinho e à água, tirando de ambos um ensinamento. O que justifica esta opinião são as palavras que o mordomo lhe dirige a respeito: “Toda gente serve em primeiro lugar o vinho bom e, depois que todos o têm bebido muito, serve o menos fino; tu, porém, reservaste até agora o bom vinho.”

Entre duas hipóteses, deve-se preferir a mais racional; e os espíritas não são tão crédulos a ponto de só verem manifestações por toda parte, nem tão absolutos em suas opiniões que pretendam explicar tudo por meio dos fluidos.

Multiplicação dos pães

48. A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentadores e, ao mesmo tempo, alimentado as zombarias dos incrédulos. Sem se darem ao trabalho de lhe perscrutar o sentido alegórico, para estes últimos ele não passa de um conto pueril. Entretanto, a maioria das pessoas sérias tem visto na narrativa desse fato, embora sob forma diferente da ordinária, uma parábola, em que se compara o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.

Pode-se, todavia, perceber nela mais do que uma simples figura e admitir, de certo ponto de vista, a realidade de um fato material, sem que, para isso, seja preciso se recorrer ao prodígio. É sabido que uma grande preocupação de espírito, bem como a atenção fortemente presa a uma coisa fazem esquecer a fome. Ora, os que seguiam a Jesus eram criaturas ávidas de ouvi-lo; nada, pois, há de espantoso em que, fascinados por sua palavra e talvez também pela poderosa ação magnética que Ele exercia sobre os que o cercavam, estes não tenham experimentado a necessidade material de comer.

Jesus, que previa esse resultado, não teve nenhuma dificuldade para tranquilizar os discípulos, dizendo-lhes, na linguagem figurada que lhe era habitual, e admitindo que realmente houvessem trazido pães, que estes bastariam para saciar a fome da multidão. Ao mesmo tempo, dava aos discípulos uma lição, dizendo-lhes: “Dai-lhes vós mesmos de comer.” Ensinava-lhes, assim, que eles também podiam alimentar por meio da palavra.

Dessa forma, a par do sentido moral alegórico, produziu-se um efeito fisiológico natural e muito conhecido. O prodígio, no caso, está no ascendente da palavra de Jesus, bastante poderosa para cativar a atenção de uma multidão imensa, a ponto de fazê-la esquecer-se de comer. Esse poder moral comprova a superioridade de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que deve ser considerada como alegoria. O próprio Jesus, aliás, confirmou esta explicação nas duas passagens seguintes:

O fermento dos fariseus

> **49.** Ora, tendo seus discípulos passado para o outro lado do mar, esqueceram-se de levar pães. — Jesus lhes disse: Tende o cuidado de vos precaver contra o fermento dos fariseus e dos saduceus. — Eles, porém, pensavam e diziam entre si: É porque não trouxemos pães.
>
> Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Homens de pouca fé, por que haveis de estar cogitando de não terdes trazido pães? Ainda não compreendeis e não vos lembrais quantos cestos levastes? — Como não compreendereis que não é do pão que eu vos falava, quando disse que vos guardásseis do fermento dos fariseus e saduceus?
>
> Eles então compreenderam que ele não lhes dissera que se preservassem do fermento que se põe no pão, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (*Mateus*, 16:5 a 12.)

O pão do céu

> **50.** No dia seguinte, o povo, que permanecera do outro lado do mar, notou que lá não chegara outra barca e que Jesus não havia entrado na que seus discípulos tomaram, que estes

haviam partido sós — e como tinham chegado depois outras barcas de Tiberíades, perto do lugar onde o Senhor, após render graças, os alimentara com cinco pães; e como verificassem por fim que Jesus não estava lá, tampouco seus discípulos, entraram naquelas barcas e foram para Cafarnaum, em busca de Jesus. — E, tendo-o encontrado além do mar, disseram-lhe: "Mestre, quando vieste para cá?"

Jesus lhes respondeu: "Em verdade, em verdade vos digo que me procurais, não por causa dos milagres que vistes, mas porque eu vos dei pão a comer e ficastes saciados. — Trabalhai por ter, não o alimento que perece, mas o que dura para a vida eterna e que o Filho do Homem vos dará, porque foi nele que Deus, o Pai, imprimiu seu selo e seu caráter."

Perguntaram-lhe eles: "Que devemos fazer para produzir obras de Deus?" — Respondeu-lhes Jesus: "A obra de Deus é que creiais naquele que Ele enviou."

Perguntaram-lhe então: "Que milagre operarás que nos faça crer, vendo-o? Que farás de extraordinário? — Nossos pais comeram o maná no deserto, conforme está escrito: Ele lhes deu de comer o pão do céu."

Jesus lhes respondeu: "Em verdade, em verdade vos digo que Moisés não vos deu o pão do céu; meu Pai é quem dá o verdadeiro pão do céu — porque o pão de Deus é aquele que desceu do céu e que dá vida ao mundo."

Disseram eles então: "Senhor, dá-nos sempre desse pão."

Jesus lhes respondeu: "*Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome e aquele que em mim crê não terá sede*. — Mas, eu já vos disse: vós me tendes visto e não credes."

Em verdade, em verdade vos digo: "Aquele que crê em mim tem a vida eterna. — Eu sou o pão da vida. — Vossos pais comeram o maná do deserto e morreram. — Aqui está o pão que desceu do céu, a fim de que quem dele comer não morra." (*João*, 6:22 a 36; 47 a 50.)

51. Na primeira passagem, Jesus, lembrando o fato precedentemente produzido, dá claramente a entender que não se tratara de pães materiais, pois, a não ser assim, não teria sentido a comparação por Ele estabelecida com o fermento dos fariseus: "*Ainda não compreendeis*", diz Ele, "e não vos recordais de que cinco pães bastaram para cinco mil pessoas e de que dois pães foram suficientes para quatro mil? Como não compreendestes que não era de pão que eu vos falava, quando vos dizia que vos preservásseis do fermento dos fariseus?" Esse confronto não teria nenhuma razão de ser na hipótese de uma multiplicação material. O fato teria sido muito extraordinário em si mesmo e, como tal, deveria

ter impressionado fortemente a imaginação dos discípulos, que, entretanto, pareciam não mais se lembrar dele.

É o que também ressalta com a mesma clareza do discurso que Jesus proferiu sobre o pão do céu, empenhado em fazer que seus ouvintes compreendessem o verdadeiro sentido do alimento espiritual. “Trabalhai”, diz Ele, “não por conseguir o alimento que perece, mas pelo que se conserva para a vida eterna e que o Filho do Homem vos dará”. Esse alimento é a sua palavra, pão que desceu do céu e dá vida ao mundo. “Eu sou”, declara Ele, “o pão da vida; *aquele que vem a mim não terá fome e aquele que crê em mim jamais terá sede*”.

Tais distinções, porém, eram muito sutis para aquelas naturezas rudes, que só compreendiam as coisas tangíveis. Para eles, o maná que alimentara o corpo de seus antepassados era o verdadeiro pão do céu; aí é que estava o milagre. Se, pois, o fato da multiplicação dos pães houvesse ocorrido materialmente, por que teria impressionado tão fracamente aqueles mesmos homens, em benefício dos quais essa multiplicação se realizara poucos dias antes, a ponto de perguntarem a Jesus: “Que milagre farás para que, vendo-o, te creiamos? Que farás de extraordinário?” É que eles entendiam por milagres os prodígios que os fariseus pediam, isto é, sinais que aparecessem no céu por ordem de Jesus, como pela varinha de um mágico. Ora, o que Jesus fazia era simples demais e não se afastava das leis da natureza; as próprias curas não possuíam caráter estranho, nem muito extraordinário. Para eles, os milagres espirituais não representavam grande coisa.

Tentação de Jesus

52. Jesus, transportado pelo diabo ao pináculo do templo, depois ao cume de uma montanha e tentado por ele, constitui uma daquelas parábolas que lhe eram familiares e que a credulidade pública transformou em fatos materiais.[44]

53. “Jesus não foi arrebatado. Ele apenas quis fazer que os homens compreendessem que a humanidade se acha sujeita a falir e que deve manter-se sempre vigilante contra as más inspirações a que, pela sua natureza fraca, é impelida a ceder. A tentação de Jesus é, pois, uma figura e fora preciso ser cego para tomá-la ao pé da letra. Como pretenderíeis que o Messias, o Verbo de Deus encarnado, tenha estado submetido, por algum tempo, por mais curto que fosse, às sugestões do demônio e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demônio o

houvesse deixado *por algum tempo,* o que levaria a supor que o Cristo continuou submetido ao poder daquela entidade maléfica? Não; compreendei melhor os ensinos que vos foram dados. O Espírito do mal não teria nenhum poder sobre a essência do bem. Ninguém diz ter visto Jesus no cume da montanha, nem no pináculo do Templo. Sem dúvida, tal fato se teria espalhado por todos os povos. A tentação, portanto, não constituiu um ato material e físico. Quanto ao ato moral, admitiríeis que o Espírito das trevas pudesse dizer àquele que conhecia sua própria origem e o seu poder: ‘Adora-me, que te darei todos os reinos da Terra?’ Então o demônio desconheceria aquele a quem fazia tais oferecimentos? Não é provável. Ora, se o conhecia, suas propostas eram uma insensatez, pois ele sabia perfeitamente que seria repelido por aquele que viera destruir o seu império sobre os homens.

“Compreendei, portanto, o sentido dessa parábola, pois se trata apenas de uma parábola, do mesmo modo que nos casos do *Filho Pródigo* e do *Bom Samaritano*. Aquela mostra os perigos que correm os homens, se não resistem à voz íntima que lhes clama sem cessar: ‘Podes ser mais do que és; podes possuir mais do que possuis; podes engrandecer-te, adquirir muito; cede à voz da ambição e todos os teus desejos serão satisfeitos.’ Ela vos mostra o perigo e o meio de o evitardes, dizendo às más inspirações: *Retira-te, Satanás!* ou, por outras palavras: *Vai-te, tentação!*

“As duas outras parábolas que lembrei mostram o que ainda pode esperar aquele que, por muito fraco para expulsar o demônio, lhe sucumbiu às tentações. Mostram a misericórdia do pai de família, pousando a mão sobre a fronte do filho arrependido e concedendo-lhe, com amor, o perdão implorado. Mostram o culpado, o cismático, o homem repelido por seus irmãos, valendo mais, aos olhos do Juiz supremo, do que os que o desprezam, por praticar Ele as virtudes ensinadas pela lei de amor.

“Pesai bem os ensinamentos que os Evangelhos contêm; sabei distinguir o que ali está em sentido próprio, ou em sentido figurado, e os erros que vos têm cegado durante tantos séculos se apagarão pouco a pouco, cedendo lugar à brilhante luz da verdade.” – *João Evangelista* (Bordeaux, 1862.)

Prodígios por ocasião da morte de Jesus

54. Ora, desde a sexta hora do dia até a nona, toda a Terra se cobriu de trevas.

> Ao mesmo tempo o véu do Templo se rasgou em dois, de alto a baixo; a terra tremeu; as pedras se fenderam; — os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos, que estavam no sono da morte, ressuscitaram; — e, saindo de seus túmulos após a ressurreição, vieram à cidade santa e foram vistos por muitas pessoas. (*Mateus*, 27:45, 51 a 53.)

55. É estranho que tais prodígios, operando-se no próprio momento em que a atenção da cidade se concentrava no suplício de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenham sido notados, já que nenhum historiador os menciona. Parece impossível que um tremor de terra e o fato de ficar *toda a Terra* envolta em trevas durante três horas, num país onde o céu é sempre de perfeita limpidez, tenham passado despercebidos.

A duração de tal obscuridade teria sido quase a de um eclipse do Sol, mas os eclipses dessa espécie só se produzem na lua nova, e a morte de Jesus ocorreu em fase de lua cheia, a 14 de *nissan*, dia da Páscoa dos judeus.

O obscurecimento do Sol também pode ser produzido pelas manchas que se observam na sua superfície. Em tal caso, o brilho da luz se enfraquece sensivelmente, porém nunca a ponto de produzir obscuridade e trevas. Supondo que um fenômeno desse gênero tivesse ocorrido, ele resultaria de uma causa perfeitamente natural.[45]

Quanto aos mortos que ressuscitaram, possivelmente *algumas pessoas* tiveram visões ou viram aparições, o que não é excepcional. Entretanto, como então não se conhecia a causa desse fenômeno, presumiram que as figuras vistas saíam dos sepulcros.

Comovidos com a morte de seu Mestre, os discípulos de Jesus sem dúvida ligaram a essa morte alguns fatos particulares, aos quais não teriam prestado nenhuma atenção em outra ocasião. Bastou, talvez, que um fragmento de rochedo se haja destacado naquele momento para que pessoas inclinadas ao maravilhoso tenham visto nesse fato um prodígio e, ampliando-o, tenham dito que as pedras se fenderam.

Jesus é grande por suas obras e não pelos quadros fantásticos com que um entusiasmo pouco ponderado achou por bem envolvê-lo.

Aparição de Jesus após sua morte

> **56.** Mas Maria (Madalena) se conservou fora, perto do sepulcro, a derramar lágrimas. E, estando a chorar, como se abaixasse para olhar dentro do sepulcro — viu dois anjos vestidos

de branco, assentados no lugar onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira, o outro ao lado dos pés. — Disseram-lhe eles: “Mulher, por que choras?” Ela respondeu: “É que levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram.”

Tendo dito isto, voltou-se e viu Jesus de pé, *sem saber, entretanto, que fosse Jesus*. — Este então lhe disse: “Mulher, por que choras? A quem procuras?” Ela, pensando que fosse o jardineiro, lhe disse: “Senhor, se foste tu quem o tirou, dizei-me onde o puseste e eu o levarei.”

Disse-lhe Jesus: “Maria.” Logo ela se voltou e disse: “*Rabboni”*, isto é: “Meu Senhor.” — Jesus lhe respondeu: “Não me toques, porque ainda não subi para o meu Pai; mas vai ter com meus irmãos e dize-lhes de minha parte: Subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus.”

Maria Madalena foi então dizer aos discípulos que vira o Senhor e que este lhe dissera aquelas coisas. (*João*, 20:11 a 18.)

57. Naquele mesmo dia, indo dois deles para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios[46] — falavam entre si de tudo o que se passara. — E aconteceu que, quando conversavam e discorriam sobre isso, Jesus se lhes juntou e se pôs a caminhar com eles; — *seus olhos, porém, estavam tolhidos, a fim de que não o pudessem reconhecer*. — Ele disse: “De que vínheis falando a caminhar e por que estais tão tristes?”

Um deles, chamado Cleofas, tomando a palavra disse: “Serás em Jerusalém o único estrangeiro que não saiba do que aí se passou nestes últimos dias?” — “Que foi?” perguntou Ele. Responderam-lhe: “A respeito de Jesus de Nazaré, que foi um poderoso profeta diante de Deus e diante de toda a gente, e acerca do modo por que os príncipes dos sacerdotes e os nossos senadores o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. — Ora, nós esperávamos fosse Ele quem resgatasse Israel, no entanto já estamos no terceiro dia depois que tais coisas aconteceram. — É certo que algumas mulheres das que estavam conosco nos espantaram, pois que, tendo ido ao seu sepulcro antes do romper do dia, nos vieram dizer que anjos mesmos lhes apareceram, dizendo-lhes que Ele está vivo. — E alguns dos nossos, tendo ido também ao sepulcro, encontraram todas as coisas conforme as mulheres haviam referido; mas, quanto a Ele, não o encontraram.”

Disse-lhes então Jesus: “Ó Insensatos, de coração tardo a crer em tudo que os profetas disseram! Não era preciso que o Cristo sofresse todas essas coisas e que entrasse assim na sua glória?” — E, a começar de Moisés, passando em seguida por todos os profetas, lhes explicava o que em todas as Escrituras fora dito dele.

Ao se aproximarem da aldeia para onde se dirigiam, Ele deu mostras de que ia mais longe. — Os dois o obrigaram a deter-se, dizendo-lhe: “Fica conosco, que já é tarde e o dia está em declínio.” Ele entrou com os dois. — Estando com eles à mesa, tomou do pão, abençoou-o e

lhes deu. — *Abriram-se-lhes ao mesmo tempo os olhos e ambos o reconheceram; Ele, porém, lhes desapareceu das vistas.*

Então, disseram um ao outro: “Não é verdade que o nosso coração ardia dentro de nós, quando Ele nos falava pelo caminho, explicando-nos as Escrituras?” — E, erguendo-se no mesmo instante, voltaram a Jerusalém e viram que os onze apóstolos e os que continuavam com eles estavam reunidos — e diziam: “O Senhor em verdade ressuscitou e *apareceu* a Simão.” — Então, também eles narraram o que lhes acontecera em caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão.

Enquanto assim confabularam, *Jesus se apresentou no meio deles e lhes disse*: “A paz seja convosco; sou eu, não vos assusteis.” — Mas na perturbação e no medo de que foram tomados eles imaginaram estar vendo *um Espírito*.

E Jesus lhes disse: “Por que vos turbais? Por que se elevam tantos pensamentos nos vossos corações? — Olhai para as minhas mãos e para os meus pés e reconhecei que sou eu mesmo. Tocai-me e considerai que um Espírito não tem carne, nem osso, como vedes que eu tenho.” — Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.

Mas como eles ainda não acreditassem, tão transportados de alegria e de admiração se achavam, disse-lhes: “Tendes aqui alguma coisa que se coma?” — Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. — Ele comeu diante deles e, tomando os restos, lhes deu, dizendo: “Eis que, estando ainda convosco, eu vos dizia que era necessário que se cumprisse tudo o que de mim fora escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos.”

Ao mesmo tempo lhes abriu o espírito, a fim de que entendessem as Escrituras — e lhes disse: “É assim que está escrito e assim era que se fazia necessário que o Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia; — e que se pregasse em seu nome a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, a começar por Jerusalém. Ora, vós sois testemunhas dessas coisas. — Vou enviar-vos o dom de meu Pai, o qual vos foi prometido; mas, por enquanto, permanecei na cidade, até que eu vos haja revestido da força do Alto.” (*Lucas*, 24:13 a 49.)

58. Ora, Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimo, não se achava com eles quando veio Jesus. — Os outros discípulos então lhe disseram: “Vimos o Senhor.” Ele, porém, lhes disse: “Se eu não vir nas suas mãos as marcas dos cravos que as atravessaram e não puser o dedo no buraco feito pelos cravos e minha mão no rasgão do seu lado, não acreditarei, absolutamente.”

Oito dias depois, estando ainda os discípulos no mesmo lugar e com eles Tomé, Jesus se apresentou, *achando-se fechadas as portas*, e, colocando-se no meio deles, disse-lhes: “A paz seja convosco.”

Disse em seguida a Tomé: “Põe aqui o teu dedo e olha minhas mãos; estende também a tua mão e mete-a no meu lado e não sejas incrédulo, mas fiel.” — Tomé lhe respondeu: “Meu Senhor e meu Deus!” — Jesus lhe disse: “Tu creste, Tomé, porque viste; felizes os que não viram e creram.” (*João*, 20:24 a 29.)

59. Jesus também se mostrou depois aos seus discípulos à margem do mar de Tiberíades, manifestando-se desta forma:

Simão, Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná, na Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos estavam juntos. — Disse-lhes Simão Pedro: “Vou pescar.” Os outros disseram: “Também nós vamos contigo.” Foram-se e entraram numa barca; mas, naquela noite, nada apanharam.

Ao amanhecer, *Jesus apareceu à margem sem que seus discípulos conhecessem que era Ele*. — Disse-lhes então: “Filhos, nada tendes que se coma?” Responderam-lhe: “Não.” Disse-lhes Ele: “Lançai a rede do lado direito da barca e achareis.” Eles a lançaram logo e quase não a puderam retirar, tão carregada estava de peixes.

Então, o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: “É o Senhor.” Simão Pedro, ao ouvir que era o Senhor, vestiu-se (pois estava nu) e se atirou ao mar. — Os outros discípulos vieram com a barca, e, como não estavam distantes da praia mais de duzentos côvados, puxaram daí a rede cheia de peixes. (*João*, 21:1 a 8.)

60. Depois disso, Ele os conduziu a Betânia e, tendo lavado as mãos, os abençoou — após o que *se separou deles e foi arrebatado ao céu*.

Quanto a eles, depois de o terem adorado, voltaram para Jerusalém, cheios de alegria. — Estavam constantemente no Templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém. (*Lucas*, 24:50 a 53.)

61. Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com detalhes circunstanciados que não permitem se duvide da sua realidade. Elas, aliás, se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e não apresentam nada de anômalo em face do fenômeno do mesmo gênero, de que a História, antiga e moderna, oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade. Se notarmos as circunstâncias em que ocorreram as suas diversas aparições, nele reconheceremos, em tais ocasiões, todas as características de um ser fluídico. Aparece inopinadamente e do mesmo modo desaparece; uns o veem, outros não, sob aparências que nem mesmo os seus discípulos o reconhecem; mostra-se em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; sua própria linguagem não tem a vivacidade da de

um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso, peculiar aos Espíritos que se manifestam daquela maneira; todas as suas atitudes, em suma, denotam alguma coisa que não é do mundo terreno. Sua presença causa simultaneamente surpresa e medo; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade de antes; sentem que já não é um homem.

Jesus, portanto, se mostrou com o seu corpo perispirítico, o que explica que só tenha sido visto pelos que Ele quis que o vissem. Se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo. Ignorando a causa primeira do fenômeno das aparições, seus discípulos não se davam conta dessas particularidades que, provavelmente, não lhes mereciam qualquer atenção. Já que viam o Mestre e o tocavam, para eles aquele era o corpo ressuscitado de Jesus. (Cap. XIV, itens 14 e 35 a 38.)

62. Ao passo que a incredulidade rejeita todos os fatos que Jesus produziu, por terem uma aparência sobrenatural, e os considera, sem exceção, lendários, o Espiritismo dá explicação natural à maior parte desses fatos. Prova a possibilidade deles, não só pela teoria das leis fluídicas, como pela identidade que apresentam com fatos análogos produzidos por uma multidão de pessoas, nas mais vulgares condições. Por serem, de certo modo, do domínio público, tais fatos nada provam, em princípio, com relação à natureza excepcional de Jesus.[47]

63. O maior milagre que Jesus operou, o que verdadeiramente atesta a sua superioridade, foi a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo, apesar da exiguidade dos seus meios de ação.

Com efeito, Jesus, obscuro, pobre, nascido na mais humilde condição, no seio de um povo pequenino, quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, prega a sua doutrina apenas durante três anos; em todo esse curto espaço de tempo é desprezado e perseguido pelos seus concidadãos, caluniado, tratado de impostor; vê-se obrigado a fugir para não ser lapidado; é traído por um de seus apóstolos, renegado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos de seus inimigos. Só fazia o bem, mas isso não o impedia de ser alvo da malevolência, que dos próprios serviços que Ele prestava tirava motivos para o acusar. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, morre ignorado do mundo, visto que a História daquela época nada diz a seu respeito.[48] Nada escreveu; entretanto, ajudado por alguns homens tão obscuros quanto Ele, sua palavra bastou para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo onipotente e se tornou o farol da civilização. Tinha contra si tudo o

que causa o malogro das obras dos homens, razão por que dizemos que o triunfo alcançado pela sua doutrina foi o maior dos seus milagres, provando, ao mesmo tempo, ser divina a sua missão. Se, em vez de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, Ele só tivesse a oferecer à posteridade alguns fatos maravilhosos, talvez hoje mal o conhecêssemos de nome.

Desaparecimento do corpo de Jesus

64. O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte tem sido objeto de inúmeros comentários. É atestado pelos quatro evangelistas, baseados nos relatos das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia depois da crucificação e lá não o encontraram. Algumas pessoas viram nesse desaparecimento um fato milagroso, enquanto outras o atribuíram a uma subtração clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria revestido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; não teria sido, em toda a sua vida, mais do que uma aparição tangível, uma espécie de agênere, em suma. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Foi assim que, dizem, seu corpo, voltado ao estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro e foi com esse mesmo corpo que Ele se teria mostrado depois de sua morte.

Sem dúvida, semelhante fato não é radicalmente impossível, dentro do que hoje se sabe sobre as propriedades dos fluidos; mas seria, pelo menos, inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres. (Cap. XIV, item 36.) Trata-se, pois, de saber se tal hipótese é admissível, ou se é confirmada ou contraditada pelos fatos.

65. A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida.[49] Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela as características inequívocas da corporeidade. Os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem são acidentais e nada têm de anômalos, visto que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes, noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é tão marcante que não podem ser assimilados.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, propriedades que diferem essencialmente das dos fluidos etéreos; naquela, a desorganização se opera pela ruptura da coesão molecular. Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida forem atacados, cessa-lhes o funcionamento e sobrevém a morte do corpo. Não existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida já não depende aí da ação de órgãos especiais, de modo que não se podem produzir desordens análogas àquelas. Um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como se penetrasse numa massa de vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão. É por isso que *não podem morrer* os corpos dessa natureza e por que os seres fluídicos, designados pelo nome de *agêneres*, não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida. Foi sepultado como o são comumente os corpos, e todos o puderam ver e tocar. Após a sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de natureza diversa da do que pereceu na cruz. Deve-se, pois, concluir que, se foi possível que Jesus morresse, é que Ele tinha um corpo carnal.

Em virtude de suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas, que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Não é o corpo quem sofre, mas o Espírito, que recebe o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo privado de Espírito, a sensação é absolutamente nula. Pela mesma razão, o Espírito, que não tem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos que resultam da alteração da matéria, devendo-se igualmente concluir que, se Jesus sofreu materialmente, como ninguém pode duvidar, é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de todas as pessoas.

66. Aos fatos materiais vêm juntar-se fortíssimas considerações morais.

Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, Ele não teria experimentado nem a dor, nem qualquer das necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. Se tudo nele não passasse de aparência, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse o cálice dos lábios, sua paixão, sua agonia, tudo, até o último brado, no

momento de entregar o Espírito, não teria sido mais que um vão simulacro para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, e, com mais forte razão, indigna de um ser tão superior. Numa palavra, Ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem.

Como todo homem, Jesus teve, pois, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência.

67. Essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No quarto século, Apolinário, de Laodiceia, chefe da seita dos *apolinaristas*, pretendia que Jesus não tomara um corpo como o nosso, mas um corpo *impassível*, que descera do céu ao seio da santa Virgem e que não nascera dela; que, assim, Jesus não havia nascido, nem sofrido, nem morrido, senão em *aparência*. Os apolinaristas foram anatematizados no concílio de Alexandria, em 360; no de Roma, em 374; e no de Constantinopla, em 381.

Os *docetas* (do grego *dokéō*, aparecer), seita numerosa dos *gnósticos*, que subsistiu durante os três primeiros séculos, tinham a mesma crença.[50]

---

35 N.E.: Aqueles que se separaram do corpo ou da comunhão de uma religião.

36 N.E.: Espécie de lama, fina e inconsistente, característica de certos fundos oceânicos, constituída por carapaças microscópicas de animais ou elementos minerais.

37 N.T.: Mateus, 8:28 a 33; Marcos, 5:1 a 14; Lucas, 8:26 a 34.

38 **Nota de Allan Kardec:** Nem todos os teólogos adotam opiniões tão absolutas sobre a doutrina demoníaca. Aqui está uma e o valor o clero não pode contestar, emitida por um eclesiástico, monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, na seguinte passagem das suas *Conferências sobre a religião*, volume II, p. 341 (Paris, 1825):

"Se Jesus operasse seus milagres pelo poder do demônio, este teria trabalhado pela destruição do seu império e, portanto, empregado contra si próprio o seu poder. Certamente, *um demônio que procurasse destruir o reinado do vício para implantar o da virtude seria um demônio muito singular*. Eis por que Jesus, para repelir a absurda acusação dos judeus, lhes dizia: Se opero prodígios em nome do demônio, o demônio está dividido consigo mesmo, trabalhando, conseguintemente, para a sua própria destruição." Esta resposta não admite réplica.

É justamente o argumento que os espíritas opõem aos que atribuem ao demônio os bons conselhos que os Espíritos lhes dão. O demônio agiria então como um ladrão profissional que restituísse tudo o que houvesse roubado e exortasse os outros ladrões a se tornarem pessoas honestas.

39 **Nota de Allan Kardec:** Uma prova desse costume se encontra nos Atos dos Apóstolos, 5:5 e seguintes: "Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e rendeu o Espírito e todos os que ouviram falar disso foram tomados de grande temor. — Logo, alguns rapazes vieram buscar-lhe o corpo e, tendo-o levado, o enterraram. — Passadas umas três horas, sua mulher (Safira), que nada sabia do que

acontecera, entrou. — E Pedro lhe disse... — No mesmo instante, ela caiu aos seus pés e rendeu o Espírito. Aqueles rapazes, voltando, a encontraram morta e, levando-a, enterraram-na junto do marido.”

40 N.T.: Este subtítulo não fazia parte da 4ª edição do original francês, que serviu de frase para esta tradução. Consta, porém, no *Sumário* da obra, razão por que o inserimos aqui.

41 **Nota de Allan Kardec:** O fato seguinte prova que a decomposição precede algumas vezes a morte. No convento do Bom Pastor, fundado em Toulon, pelo padre Marin, capelão dos cárceres, e destinado às decaídas que se arrependem, encontrava-se uma jovem que suportara os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Em meio de suas dores parecia sorrir a uma visão celestial. Como Santa Teresa, pedia para sofrer mais, embora suas carnes já se achassem em frangalhos e a gangrena já devastasse seus membros. Por sábia previdência, os médicos tinham recomendado que enterrassem o corpo imediatamente após o falecimento. Mas coisa estranha! Mal a doente exalou o último suspiro, cessou todo o trabalho de decomposição; desapareceram as exalações cadavéricas, de sorte que durante trinta e seis horas o corpo pôde ficar exposto às preces e à veneração da comunidade.

42 **Nota de Allan Kardec:** O lago de Genesaré ou de Tiberíades.

43 **Nota de Allan Kardec:** O monte Tabor, a sudoeste do lago de Tabarich e a 11 quilômetros a sudeste de Nazaré, tem cerca de 1.000 metros de altura.

44 **Nota de Allan Kardec:** A explicação que se segue é a reprodução textual de uma instrução que um Espírito deu a esse respeito.

45 **Nota de Allan Kardec:** Há constantemente, na superfície do Sol, manchas fixas, que lhe acompanham o movimento de rotação e têm servido para se determinar a duração desse movimento. Às vezes, porém, essas manchas aumentam em número, em tamanho e em intensidade, e é então que se produz uma diminuição da luz e do calor solares. Este aumento do número de manchas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e com a posição relativa de alguns planetas, o que lhes determina o reaparecimento periódico. A duração daquele obscurecimento é muito variável; por vezes não vai além de duas ou três horas, mas, em 535, houve um que durou quatorze meses.

46 N.E.: Antiga unidade de medida itinerária igual a um oitavo de milha romana, ou 185 metros. Correspondiam 60 estádios a 11 quilômetros, aproximadamente. (*Dicionário da Bíblia*, de John Davis.)

47 **Nota de Allan Kardec:** Os inúmeros fatos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que se encontram relatados na *Revista espírita* e lembrados nas observações anteriores, oferecem, até quanto aos pormenores, tão flagrante analogia com os narrados pelo Evangelho, que ressalta evidente a identidade dos efeitos e das causas. Não se compreende que o mesmo fato tivesse hoje uma causa natural e que, outrora, essa causa fosse sobrenatural; diabólica com uns e divina com outros. Se fosse possível confrontá-los aqui uns com os outros, a comparação se tornaria mais fácil. Impossível, contudo, fazê-lo, dado o grande número deles e os desenvolvimentos que a narrativa reclamaria.

48 **Nota de Allan Kardec:** O historiador judeu Flávio Josefo é o único que fala de Jesus, embora o faça em termos bem resumidos.

49 **Nota de Allan Kardec:** Não nos referimos aqui ao mistério da encarnação, com o qual não temos que nos ocupar e que será examinado mais tarde.

50 N.T.: Nas três primeiras edições de *A gênese*, todas publicadas em 1868, o capítulo XV é composto de 68 itens, em vez de 67, como consta na edição definitiva de 1869. Ao revisar a obra com vistas à 4ª edição, Allan Kardec houve por bem suprimir o item 67, que constava nas edições anteriores, e renomear o item 68, tal como aparece nesta e em outras traduções da mesma obra, publicadas no Brasil e no estrangeiro. Não obstante, transcrevemos, pelo seu inestimável valor histórico, o item 67 das três primeiras edições de *A gênese*:

“67. Em que se transformou o corpo carnal [de Jesus]? É um problema cuja solução não se pode deduzir, até nova ordem, senão por hipóteses, em falta de elementos suficientes para se firmar uma convicção. Essa solução, aliás, é de importância secundária e nada acrescentaria aos méritos do Cristo, nem aos fatos que atestam, de maneira muito mais peremptória, sua superioridade e sua missão divina. Não pode, pois, haver sobre a maneira pela qual se operou esse desaparecimento, senão opiniões pessoais, que só teriam valor se fossem sancionadas por uma lógica rigorosa e pelo ensino geral dos Espíritos. Ora, até o presente, nenhuma das que foram formuladas recebeu a sanção do duplo controle. Se os Espíritos ainda não decidiram a questão pela unanimidade de seus ensinos, é sem dúvida porque o momento de resolvê-la ainda não chegou, ou por faltarem conhecimentos sem o auxílio dos quais a questão possa ser resolvida por si mesma. Enquanto se espera, e se afastamos a suposição de um rapto clandestino, podemos encontrar, por analogia, uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno dos transportes e da invisibilidade. (*O livro dos médiuns*, capítulos IV e V.)”

As predições
segundo o Espiritismo

Capítulo XVI	Teoria da presciência
Capítulo XVII	Predições do Evangelho
Capítulo XVIII	Os tempos são chegados

CAPÍTULO XVI



Teoria da presciência

1. Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se a previsão dos acontecimentos que devam resultar do estado presente; não, porém, dos que não guardam qualquer relação com esse estado, nem, ainda menos, dos que são atribuídos ao acaso. As coisas futuras não existem, dizem; elas ainda se encontram no nada; como, pois, se há de saber que acontecerão? E, contudo, são muito numerosos os casos de predições realizadas, o que nos leva a conclusão de que ocorre aí um fenômeno para cuja explicação falta a chave, visto não haver efeito sem causa. É essa causa que vamos tentar descobrir e é ainda o Espiritismo, já por si mesmo chave de tantos mistérios, que no-la fornecerá, mostrando-nos, além disso, que o próprio fato das predições não se produz com exclusão das leis naturais.

Tomemos para comparação um exemplo nas coisas usuais. Ele nos ajudará a compreender o princípio que teremos de desenvolver.

2. Suponhamos um homem colocado no alto de uma montanha, a contemplar a vasta extensão da planície à sua volta. Nessa situação, o espaço de uma légua será pouca coisa para ele, que poderá facilmente apanhar, de um golpe de vista, todos os acidentes do terreno, desde o começo até o fim da estrada que esteja diante de seus olhos. O viajante que pela primeira vez percorra essa estrada sabe que, caminhando, chegará ao fim dela, não passando isso de simples previsão da consequência que terá a sua marcha. Entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os rios que terá de transpor, os bosques que haja de atravessar, os precipícios em que poderá cair, os ladrões que o espreitam para roubá-lo, as casas hospitaleiras onde poderá repousar, tudo isso independe da sua pessoa; é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, mede-a pelo tempo que gasta em percorrer o caminho. Tirai-lhe os pontos de referência, e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha com o olhar,

tudo aquilo está presente. Suponhamos que esse homem desce do seu ponto de observação e, indo ao encontro do viajante, lhe diz: “Em tal momento, encontrarás tal coisa, serás atacado e socorrido.” Estará predizendo o futuro, o futuro para o viajante, não para ele, autor da previsão, visto que, para ele, esse futuro é o presente.

3. Se, agora, sairmos do âmbito das coisas puramente materiais e entrarmos, pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos o fenômeno produzir-se em maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha; o espaço e a duração não existem para eles. Mas a extensão e a penetração da vista são proporcionais à depuração deles e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual. Eles são, com relação aos Espíritos inferiores, quais homens munidos de possantes telescópios, ao lado de outros que apenas dispõem dos olhos. Nos Espíritos inferiores, a visão é circunscrita, não só porque eles dificilmente podem afastar-se do globo a que se acham presos, como também porque a grosseria de seus perispíritos lhes vela as coisas distantes, do mesmo modo que um nevoeiro as oculta aos olhos do corpo.

Compreende-se, pois, que, de conformidade com o grau de perfeição, um Espírito possa abarcar um período de alguns anos, de alguns séculos e mesmo de muitos milhares de anos. Com efeito, o que é um século em face do infinito? Os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente diante dele, como os incidentes da estrada diante do viajante: ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os eventos que, nesse período, constituem o futuro para o homem da Terra são o presente para ele, que poderia então vir dizer-nos com certeza: tal coisa acontecerá em tal época, porque ele vê essa coisa como o homem da montanha vê o que espera o viajante no curso da viagem. Se assim não procede, é porque o conhecimento do futuro poderia ser prejudicial ao homem; entravaria seu livre-arbítrio, paralisá-lo-ia no trabalho que lhe cumpre executar a bem do seu progresso. O bem e o mal com que se defrontará no futuro, por se conservarem desconhecidos, constitui para o homem uma prova.

Se tal faculdade, mesmo restrita, pode ser arrolada entre os atributos da criatura, com que grau de potencialidade não existirá no Criador, que abrange o infinito? Para Ele, o tempo não existe: o princípio e o fim dos mundos lhe são o presente. Dentro desse imenso panorama, que vem a ser a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

4. Entretanto, como o homem deve concorrer para o progresso geral, como certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação, pode convir que, em casos especiais, ele pressinta esses acontecimentos, a fim de lhes preparar o encaminhamento e de estar pronto a agir, quando chegar o momento propício. É por isso que Deus, às vezes, permite que se levante uma ponta do véu; mas sempre com fim útil, nunca para satisfação de vã curiosidade. Tal missão pode, pois, ser conferida, não a todos os Espíritos, visto que muitos não conhecem, do futuro, mais do que os homens, porém a alguns Espíritos bastante adiantados para desempenhá-la. Ora, é de notar-se que as revelações desse gênero são sempre feitas espontaneamente e jamais, ou, pelo menos, muito raramente, em resposta a uma pergunta direta.

5. Semelhante missão pode também ser confiada a certos homens, desta maneira:

Aquele a quem é dado o encargo de revelar uma coisa oculta recebe, à sua revelia e por inspiração dos Espíritos que a conhecem, a revelação dela e a transmite maquinalmente, sem se aperceber do que faz. É sabido, além disso, que tanto durante o sono quanto no estado de vigília, nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e adquire, em grau mais ou menos alto, as faculdades do Espírito livre. Se for um Espírito adiantado e, sobretudo, se houver recebido, como os profetas, uma missão especial para esse efeito, gozará, nos momentos de emancipação da alma, da faculdade de abarcar, por si mesmo, um período mais ou menos extenso, e verá, como presentes, os sucessos desse período. Pode então revelá-los no mesmo instante, ou conservar a lembrança deles ao despertar. Se os sucessos devem permanecer secretos, ele os esquecerá, ou apenas guardará uma vaga intuição do que lhe foi revelado, suficiente para o guiar instintivamente.

6. É assim que em certas ocasiões essa faculdade se desenvolve providencialmente, na iminência de perigos, nas grandes calamidades, nas revoluções, e é assim também que a maioria das seitas perseguidas adquire numerosos *videntes*. É ainda assim que se veem os grandes capitães avançar resolutamente contra o inimigo, certos da vitória; que homens de gênio, como Cristóvão Colombo, por exemplo, caminham para uma meta, anunciando previamente, a bem dizer, o instante em que a alcançarão. É que eles viram essa meta, que, para seus Espíritos, deixou de ser o desconhecido.

O dom da predição nada tem, pois, de sobrenatural, mais do que uma imensidade de outros fenômenos. Repousa sobre as propriedades da alma e na lei das relações do mundo visível com o mundo invisível, que o Espiritismo veio dar a conhecer.

Esta teoria da presciência talvez não resolva de modo absoluto todos os casos que se possam apresentar de revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir em que lhe estabelece o princípio fundamental.

7. Muitas vezes, as pessoas dotadas da faculdade de prever, seja no estado de êxtase, seja no de sonambulismo, veem os acontecimentos como que desenhados num quadro, o que também se poderia explicar pela fotografia do pensamento. Como se sabe, o pensamento atravessa o espaço como os sons atravessam o ar. Ora, um sucesso que esteja no pensamento dos Espíritos que trabalham para que ele se realize, ou no dos homens cujos atos devam provocá-lo, pode formar uma imagem para o vidente; mas como a sua realização pode ser apressada ou retardada por um conjunto de circunstâncias, este último vê o fato, sem, contudo, poder determinar o momento em que se dará. Não raro acontece que aquele pensamento não passa de um projeto, de um desejo que possa não ter consequência; daí os erros frequentes de fato e de data nas previsões. (Cap. XIV, itens 13 e seguintes.)

8. Para compreendermos as coisas espirituais, isto é, para fazermos delas uma ideia tão clara como a que fazemos de uma paisagem que tenhamos diante dos olhos, falta-nos em verdade um sentido, exatamente como ao cego de nascença falta o sentido necessário que lhe faculte compreender os efeitos da luz, das cores e da vista, sem contato. É por isso que somente por esforço da imaginação e por meio de comparações com coisas materiais que nos sejam familiares chegamos a consegui-lo. As coisas materiais, porém, não nos podem dar das coisas espirituais senão ideias muito imperfeitas, razão por que não se devem tomar ao pé da letra essas comparações e crer, por exemplo, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos depende da efetiva elevação deles, nem que eles precisem estar em cima de uma montanha ou acima das nuvens para abrangerem o tempo e o espaço.

Tal faculdade é inerente ao estado de espiritualização, ou, se preferirem, de desmaterialização do Espírito. Isto significa que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, embora muito imperfeitamente, ao da visão de conjunto que tem o homem colocado sobre a montanha. Esta comparação

objetivava simplesmente mostrar que acontecimentos pertencentes ainda, para uns, ao futuro, pertencem, para outros, ao presente e podem assim ser preditos, o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira.

Por conseguinte, para gozar dessa percepção o Espírito não precisa transportar-se a um ponto qualquer do espaço. Aquele que está na Terra, ao nosso lado, pode possuí-la em toda a sua plenitude, tanto quanto se achasse a mil léguas de distância, ao passo que nada vemos além do nosso horizonte visual. Não se operando a visão nos Espíritos do mesmo modo, nem com os mesmos elementos que no homem, muito diverso é o horizonte visual dos primeiros. Ora, é justamente esse o sentido que nos falta para o concebermos. *O Espírito, ao lado do encarnado, é como o vidente ao lado do cego*.

9. Além disso, devemos ponderar que essa percepção não se limita à extensão, mas que ela abrange a penetração de todas as coisas. É, repetimos, uma faculdade inerente e proporcional ao estado de desmaterialização. A encarnação *amortece-a*, sem, contudo, a anular completamente, porque a alma não fica encerrada no corpo como numa caixa. O encarnado a possui, embora sempre em grau menor do que quando se acha completamente desprendido; é o que confere a certos homens um poder de penetração que a outros falta totalmente; maior agudeza de visão moral; compreensão mais fácil das coisas extramateriais.

O Espírito encarnado não somente percebe, como também se lembra do que viu no estado de Espírito livre, e essa visão é como um quadro que se projeta na sua mente. Na encarnação, ele vê, mas vagamente, como através de um véu; no estado de liberdade, vê e concebe claramente. *O princípio da visão não lhe é exterior, está nele*; é por isso que não precisa da luz exterior. Por efeito do desenvolvimento moral, alarga-se o círculo das ideias e da concepção; por efeito da desmaterialização gradual do perispírito, este se depura dos elementos grosseiros que lhe alteravam a delicadeza das percepções, o que torna fácil - compreender-se que a ampliação de todas as faculdades acompanha o progresso do Espírito.

10. É o grau da extensão das faculdades do Espírito que, na encarnação, o torna mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Essa aptidão, todavia, não resulta forçosamente do desenvolvimento da inteligência; a ciência vulgar não a dá, sendo por isso que se veem homens de grande saber tão cegos para as

coisas espirituais, quanto outros o são para as coisas materiais; são-lhes refratários, porque não as compreendem, o que significa que *ainda* não progrediram em tal sentido, ao passo que outros, de instrução e inteligência vulgares, as apreendem com a maior facilidade, o que prova que já tinham de tais coisas uma intuição prévia. É, para estes, uma lembrança retrospectiva do que viram e souberam, quer na erraticidade, quer em suas existências anteriores, como alguns têm a intuição das línguas e das ciências de que já foram conhecedores.

11. Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espíritos, como se sabe, são unânimes em afirmar o seu triunfo próximo, apesar dos obstáculos que lhe opõem. Essa previsão lhes é fácil, primeiramente porque a sua propagação é obra pessoal deles: concorrendo para o movimento, ou dirigindo-o, eles sabem, por conseguinte, o que devem fazer; em segundo lugar, basta-lhes entrever um período de curta duração, no qual veem, ao longo do caminho, os poderosos auxiliares que Deus lhe suscita e que não tardarão a manifestar-se.

Embora não sejam Espíritos desencarnados, transportem-se os espíritas a trinta anos apenas para a frente, ao seio da geração que surge; daí considerem o que se passa hoje com o Espiritismo; acompanhem-lhe a marcha progressiva e verão consumir-se em vãos esforços os que se julgam destinados a derrubá-lo. Verão que esses tais pouco a pouco desaparecem da cena e que, paralelamente, a árvore cresce e alonga cada vez mais as suas raízes.

12. Na maioria das vezes, os acontecimentos vulgares da vida privada são consequência da maneira de proceder de cada um: este, de acordo com as suas capacidades, com a sua habilidade, com a sua perseverança, prudência e energia, terá êxito naquilo em que outro verá malogrados todos os seus esforços, por efeito da sua inaptidão, de sorte que se pode dizer que cada um é o artífice do seu próprio futuro, futuro que jamais se encontra sujeito a uma cega fatalidade, independente da sua personalidade. Conhecendo-se o caráter de um indivíduo, pode-se facilmente predizer a sorte que o espera no caminho por onde haja enveredado.

13. Os acontecimentos que envolvem interesses gerais da humanidade são regulados pela Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela se cumpre a despeito de tudo, ou por um meio, ou por outro. Os homens concorrem para que ela se execute, mas nenhum é indispensável, pois, do contrário, o próprio Deus estaria à mercê de suas criaturas. Se faltar aquele a quem incumba

a missão de a executar, outro se encarregará dela. Não há missão fatal; o homem tem sempre a liberdade de cumprir ou não a que lhe foi confiada e que ele voluntariamente aceitou. Se não o faz, perde os benefícios que daí lhe resultariam e assume a responsabilidade dos atrasos que possam resultar da sua negligência ou da sua má vontade. Se se tornar um obstáculo a que ela se cumpra, Deus poderá afastá-lo com um sopro.

14. O resultado final de um acontecimento pode, portanto, ser certo, por se achar nos desígnios de Deus; como, porém, quase sempre, os detalhes e o modo de execução se encontram subordinados às circunstâncias e ao livre-arbítrio dos homens, podem ser eventuais os caminhos e os meios. Os Espíritos podem prevenir-nos do conjunto, se convier que sejamos avisados; mas, para determinarem lugar e data, seria preciso que conhecessem previamente a decisão que tomará este ou aquele indivíduo. Ora, se essa decisão ainda não estiver em sua mente, poderá, conforme venha ela a ser, apressar ou demorar a realização do fato, modificar os meios secundários de ação, embora o mesmo resultado chegue sempre a produzir-se. É assim, por exemplo, que os Espíritos podem, pelo conjunto das circunstâncias, prever que uma guerra se acha mais ou menos próxima, que é inevitável, sem, contudo, poderem predizer o dia em que começará, nem os incidentes pormenorizados que possam ser modificados pela vontade dos homens.

15. Para determinação da época dos acontecimentos futuros, será preciso, além disso, levar em conta uma circunstância inerente à própria natureza dos Espíritos.

O tempo, assim como o espaço, só pode ser avaliado com o auxílio de pontos de referência que o dividam em períodos que se possam contar. Na Terra, a divisão natural do tempo em dias e anos é marcada pelo nascer e pelo pôr do sol, assim como a duração do movimento de translação da Terra. As unidades de medida do tempo devem variar de acordo com os mundos, visto que os fenômenos astronômicos são diferentes. Assim, por exemplo, em Júpiter, o dia equivale a dez das nossas horas e os anos a mais de doze anos terrestres.

Há, pois, para cada mundo um modo diferente de computar-se a duração, de acordo com a natureza das revoluções astrais que nele se efetuam. Já haverá aí uma dificuldade para os Espíritos que, não conhecendo o nosso mundo, determinem datas com relação a nós. Além disso, fora dos mundos, não existem tais meios de apreciação. Para um Espírito, no espaço, não há nascer nem pôr do

sol a marcar os dias, nem revolução periódica a marcar os anos; só há, para ele, a duração e o espaço infinitos. (Cap. VI, itens 1 e seguintes.) Aquele, portanto, que jamais houvesse vindo à Terra, não possuiria nenhum conhecimento dos nossos cálculos que, aliás, lhe seriam completamente inúteis. Mais ainda: aquele que jamais houvesse encarnado em um mundo não teria qualquer noção das frações da duração. Quando um Espírito estranho à Terra vem manifestar-se entre nós, não pode precisar datas aos acontecimentos, senão identificando-se com os nossos usos, o que sem dúvida lhe é possível, embora, na maioria das vezes, ele não descubra nenhuma utilidade nessa identificação.

16. Os Espíritos que compõem a população invisível do nosso globo, onde já viveram e onde continuam a intrometer-se na nossa vida, estão naturalmente identificados com os nossos hábitos, cuja lembrança conservam na erraticidade. Poderão, por conseguinte, com maior facilidade, determinar datas aos acontecimentos futuros, desde que os conheçam, mas sem contar que isso nem sempre lhes é permitido, eles se veem impedidos pela razão de que, sempre que as circunstâncias de detalhes estão subordinadas ao livre-arbítrio e à decisão eventual do homem, a data precisa só existe realmente depois que o acontecimento se realiza.

Eis por que as predições circunstanciadas não podem apresentar cunho de certeza e só devem ser acolhidas como prováveis, mesmo que não tragam consigo nenhum sinal que as torne *legitimamente suspeitas*. Por isso, os Espíritos verdadeiramente sensatos nunca predizem coisa alguma para épocas determinadas, limitando-se a prevenir-nos do seguimento das coisas que nos seja útil conhecer. Insistir por obter detalhes precisos é expor-se às mistificações dos Espíritos levianos que predizem tudo o que se queira, sem se preocuparem com a verdade, divertindo-se com os terrores e as decepções que causam.

17. A forma geralmente empregada até agora nas predições faz delas verdadeiros enigmas, quase sempre indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística, de que Nostradamus nos oferece o tipo mais completo, lhes dá certo prestígio perante o vulgo, que tanto mais valor lhes atribui, quanto mais incompreensíveis se mostrem. Pela sua ambiguidade, elas se prestam a interpretações muito diferentes, de tal sorte que, conforme o sentido que se atribua a certas palavras alegóricas ou convencionais, conforme a maneira por que se efetue o cálculo, singularmente complicado, das datas e, com um pouco de boa vontade, nelas se encontra quase tudo o que se queira.

Seja como for, não se pode deixar de convir em que algumas predições apresentam caráter sério e confundem por sua veracidade. É provável que a forma velada tenha tido, em certo tempo, sua razão de ser e mesmo sua necessidade.

Hoje, as circunstâncias são outras; o positivismo do século se daria mal com a linguagem sibilina. É por isso que atualmente as predições já não se revestem dessas formas estranhas; as que fazem os Espíritos nada têm de místicas; falam a linguagem de todo o mundo, como o teriam feito quando vivos na Terra, porque continuam a pertencer à humanidade. Avisam-nos das coisas futuras, pessoais ou gerais, quando necessário, na medida da perspicácia de que são dotados, como o fariam conselheiros e amigos. Suas previsões, pois, são antes advertências, que nada tiram ao livre-arbítrio, do que predições propriamente ditas, as quais implicariam numa fatalidade absoluta. Além disso, a opinião deles é quase sempre motivada, por não quererem que o homem anule a sua razão sob uma fé cega e por desejarem que este último lhe aprecie a exatidão.

18. A humanidade contemporânea também conta seus profetas. Mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo pressentiram, em seus escritos, a marcha futura de acontecimentos a cuja realização agora assistimos.

Muitas vezes essa aptidão decorre, sem dúvida, da retidão do juízo, da dedução das consequências lógicas do presente, mas, de outras vezes, também resulta de uma clarividência especial inconsciente ou de uma inspiração vinda do exterior. O que tais homens fizeram quando vivos, eles podem, com mais forte razão e exatidão, fazer no estado de Espíritos, quando não têm a visão espiritual obscurecida pela matéria.

CAPÍTULO XVII



Predições do Evangelho

• Ninguém é profeta em sua terra • Morte e paixão de Jesus • Perseguição aos apóstolos • Cidades impenitentes • Ruína do Templo e de Jerusalém • Maldição contra os fariseus • Minhas palavras não passarão • A pedra angular • Parábola dos vinhateiros homicidas • Um só rebanho e um só pastor • Advento de Elias • Anunciação do Consolador • Segundo advento do Cristo • Sinais precursores • Vossos filhos e vossas filhas profetizarão • Juízo final

Ninguém é profeta em sua terra

1. Tendo vindo à sua terra natal, Jesus os instruía nas sinagogas, de sorte que, tomados de espanto, diziam: “De onde lhe vieram essa sabedoria e esses milagres? — Não é o filho daquele carpinteiro? Não se chama Maria, sua mãe, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Suas irmãs não se acham todas entre nós? De onde então lhe vêm todas essas coisas?” — E assim faziam dele objeto de escândalo. Mas Jesus lhes disse: “*Um profeta só não é honrado em sua terra e na sua casa*.” — E não fez lá muitos milagres devido à incredulidade deles. (*Mateus*, 13:54 a 58.)

2. Por essa forma, Jesus enunciou uma verdade que se tornou proverbial, que é de todos os tempos e à qual se poderia dar maior amplitude, dizendo que *ninguém é profeta em vida*.

Na linguagem usual, esta máxima se aplica ao crédito de que alguém goza entre os seus e entre aqueles em cujo seio ele vive, à confiança que lhes inspira a superioridade do saber e da inteligência. Se ela sofre exceções, estas são raras e, em nenhum caso, absolutas. O princípio de tal verdade decorre de uma consequência natural da fraqueza humana e pode explicar-se assim:

O hábito de se verem desde a infância, em todas as circunstâncias ordinárias da vida, estabelece entre os homens uma espécie de igualdade material que,

muitas vezes, faz que a maioria deles se negue a reconhecer a superioridade moral de alguém que lhes foi companheiro ou comensal, que saiu do mesmo meio que eles, cujas primeiras fraquezas todos testemunharam. Sofre-lhes o orgulho, por se verem obrigados a reconhecer o ascendente do outro. Quem quer que se eleve acima do nível comum é sempre alvo do ciúme e da inveja. Os que se sentem incapazes de chegar à altura em que aquele se encontra esforçam-se por rebaixá-lo, por meio da difamação, da maledicência e da calúnia; e tanto mais forte gritam, quanto menores forem, crendo que se engrandecem e o ofuscam pelo arruído que promovem. Tal foi e será a história da humanidade, enquanto os homens não houverem compreendido a sua natureza espiritual e alargado seu horizonte moral. Semelhante preconceito, portanto, é próprio dos Espíritos acanhados e vulgares, que tomam suas personalidades por modelo de todas as virtudes.

Por outro lado, toda gente costuma fazer dos homens apenas conhecidos pelo espírito um ideal que cresce à medida que os tempos e os lugares se vão distanciando. Eles são como que despojados de todo sinal de humanidade; parece que não devem ter falado, nem sentido como os demais; que os seus pensamentos e a linguagem de que usaram hão de ter ressoado constantemente no diapasão da sublimidade, sem se darem conta de que o Espírito não poderia permanecer constantemente em estado de tensão e de perpétua superexcitação. No contato diário da vida privada, vê-se a toda hora que o homem material em nada se distingue do vulgo. O homem corpóreo, o que impressiona os sentidos, quase que apaga o homem espiritual, que só impressiona o espírito. *De longe, apenas se veem os relâmpagos do gênio; de perto, veem-se as paradas do espírito*.

Depois da morte, já não sendo possível nenhuma comparação, somente o homem espiritual subsiste e tanto maior parece, quanto mais longínqua se torna a lembrança do homem corpóreo. É por isso que aqueles, cuja passagem pela Terra se assinalou por obras de real valor são mais apreciados depois de mortos do que quando vivos. São julgados com mais imparcialidade, porque, já tendo desaparecido os invejosos e os ciumentos, cessaram os antagonismos pessoais. A posteridade é um juiz desinteressado que aprecia a obra do espírito, aceitando-a sem entusiasmo cego, se é boa, e rejeitando-a sem rancor, se é má, sem levar em conta a individualidade que a produziu.

Jesus não podia escapar às consequências deste princípio, inerente à natureza humana, considerando-se que Ele vivia num meio pouco esclarecido e entre homens inteiramente devotados à vida material. Seus compatriotas só viam nele o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto eles e, assim sendo, não percebiam o que lhe dava superioridade e o investia do direito de os censurar. Verificando então que a sua palavra tinha menos autoridade sobre os seus, que o desprezavam, do que sobre os estranhos, preferiu ir pregar para os que o escutavam e aos quais inspirava simpatia.

Pode-se fazer ideia dos sentimentos que nutriam para com Ele os que lhe eram aparentados, pelo fato de que seus próprios irmãos, acompanhados de sua mãe, foram a uma reunião onde Ele se encontrava, para dele *se apoderarem*, dizendo que *perdera o juízo*. (*Marcos*, 3:20 e 21; 31 a 35. – *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XIV.)

Assim, de um lado, os sacerdotes e os fariseus acusavam a Jesus de agir em nome do demônio; de outro, era tachado de louco pelos seus parentes mais próximos. Não é o que sucede atualmente com relação aos espíritas? E deverão estes se queixar de que os seus concidadãos não os tratem melhor do que os de Jesus o tratavam? O que há de estranhável é que, no século dezenove e no seio de nações civilizadas, se dê o que, há dois mil anos, nada tinha de espantoso, por parte de um povo ignorante.

Morte e paixão de Jesus

3. (Após a cura do lunático.) — Todos ficaram admirados do grande poder de Deus. E estando todos cheios de admiração pelo que Jesus fazia, disse Ele a seus discípulos: “Guardai bem nos vossos corações o que vos vou dizer. O Filho do Homem tem que ser entregue às mãos dos homens.” — Eles, porém, não entendiam essa linguagem; ela lhes era de tal modo oculta que nada compreendiam daquilo e temiam mesmo interrogá-lo a respeito. (*Lucas*, 9:43 a 45.)

4. A partir de então, Jesus começou a revelar a seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém; que aí tinha de sofrer muito da parte dos senadores, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que tinha de ser morto e de ressuscitar ao terceiro dia. (*Mateus*, 16:21.)

5. Estando na Galileia, disse-lhes Jesus: “O Filho do Homem tem que ser entregue às mãos dos homens; — estes lhes darão morte e Ele ressuscitará ao terceiro dia, o que os afligiu extremamente.” (*Mateus*, 17:22 e 23.)

6. Ora, indo Jesus a Jerusalém, chamou à parte seus doze discípulos e lhes disse: “Vamos para Jerusalém e o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte — e o entregarão aos gentios, a fim de que o tratem com zombarias, o açoitem e crucifiquem; e Ele ressuscitará ao terceiro dia.” (*Mateus*, 20:17 a 19.)

7. Em seguida, tomando à parte os doze apóstolos, disse-lhes Jesus: Eis que vamos a Jerusalém e tudo o que os profetas escreveram acerca do Filho do Homem vai cumprir-se — porquanto Ele será entregue aos gentios, zombarão dele, açoitá-lo-ão e lhe escarrarão no rosto. — Depois que o tiverem açoitado, matá-lo-ão e Ele ressuscitará ao terceiro dia.

Mas eles nada compreenderam de tudo isso; aquela linguagem lhes era oculta e não entendiam o que Ele lhes dizia. (*Lucas*, 18:31 a 34.)

8. Ora, tendo concluído todos esses discursos, Jesus disse a seus discípulos: “Sabeis que a Páscoa se fará daqui a dois dias e que o Filho do Homem será entregue para ser crucificado.”

Ao mesmo tempo, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram na corte do sumo sacerdote chamado Caifás — e entraram a consultar-se mutuamente, à procura de um meio de se apoderarem habilmente de Jesus e de fazê-lo morrer. — Diziam: “É absolutamente necessário que não seja durante a festa, para que não se levante qualquer tumulto no seio do povo.” (*Mateus*, 26:1 a 5.)

9. No mesmo dia, alguns fariseus vieram dizer-lhe: “Vai-te, sai deste lugar, pois Herodes quer dar-te a morte.” — Ele respondeu: “Ide dizer a essa raposa: ‘Ainda tenho que expulsar os demônios e restituir a saúde aos doentes, hoje e amanhã; no terceiro dia, serei consumado.’” (*Lucas*, 13:31 e 32.)

Perseguição aos apóstolos

10. Guardai-vos dos homens, porquanto eles vos farão comparecer nas suas assembleias, e vos farão açoitar nas suas sinagogas; e sereis apresentados, por minha causa, aos governadores e aos reis, para lhes servir de testemunhas, bem como às nações. (*Mateus*, 10:17 e 18.)

11. Eles vos expulsarão das sinagogas e vem o tempo em que aquele que vos fizer morrer julgará fazer coisa agradável a Deus. — Tratar-vos-ão desse modo, porque não conhecem nem a meu Pai, nem a mim. — Ora, digo-vos estas coisas, a fim de que, quando houver chegado o tempo, vos lembreis de que eu vo-las disse. (*João*, 16:1 a 4.)

12. Sereis traídos e entregues aos magistrados por vossos pais e vossas mães, por vossos irmãos, por vossos parentes, por vossos amigos e darão morte a muitos de vós. — Sereis odiados de toda gente, por causa de meu nome. — Entretanto, não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. — Pela vossa paciência é que possuireis vossas almas. (*Lucas*, 21:16 a 19.)

13. (Martírio de São Pedro) — Em verdade, em verdade vos digo que, quando éreis mais moços, vos cingíeis a vós mesmos e íeis onde queríeis, mas quando fordes velhos, estendereis as mãos e outro vos cingirá e conduzirá onde não quererеis ir. — Ora, Ele dizia isso para assinalar de que morte Pedro havia de glorificar a Deus. (*João*, 21:18 e 19.)

Cidades impenitentes

14. Começou então a censurar as cidades onde fizera muitos milagres, por não terem feito penitência.

Ai de ti, Corazim, ai de ti Betsaida, porque, se os milagres que foram feitos dentro de vós tivessem sido feitos em Tiro e em Sídon, há muito tempo elas teriam feito penitência com saco e cinzas. — Declaro-vos por isso que, no dia do juízo, Tiro e Sídon serão tratadas menos rigorosamente do que vós.

E tu, Cafarnaum, elevar-te-ás sempre até o céu? Serás abaixada até o fundo do inferno, porque, se os milagres que foram feitos dentro de ti houvessem sido feitos em Sodoma, esta ainda talvez subsistisse hoje. — Declaro-te por isso que, no dia do julgamento, a cidade de Sodoma será tratada menos rigorosamente do que tu. (*Mateus*, 11:20 a 24.)

Ruína do Templo e de Jerusalém

15. Quando Jesus saiu do Templo, para ir-se embora, seus discípulos se acercaram dele para lhe fazerem notar a estrutura e a grandeza daquele edifício. — Ele, porém, lhes disse: “Vedes todas estas construções? Digo-vos, em verdade, que serão de tal maneira destruídas, que não ficará pedra sobre pedra.” (*Mateus*, 24:1 e 2.)

16. Em seguida, tendo chegado perto de Jerusalém, contemplando a cidade, Ele chorou por ela, dizendo: — Ah! se ao menos neste dia que ainda te é concedido, reconhecesses aquele que te pode proporcionar paz! Mas agora tudo isto se acha oculto aos teus olhos. — Tempo virá, pois, para ti, desventurada, em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, te encerrarão e apertarão de todos os lados; — em que te deitarão por terra, a ti e aos teus filhos que estão dentro de ti, e não te deixarão pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que Deus te visitou. (*Lucas*, 19:41 a 44.)

17. Entretanto, é preciso que eu continue a andar hoje e amanhã e o dia seguinte, porque é necessário que nenhum profeta sofra morte em outra parte, que não em Jerusalém.

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes eu quis reunir teus filhos, como uma galinha reúne os pintinhos sob as asas, e não o quiseste! — Aproxima-se o tempo em que vossa casa ficará deserta. Ora, eu, em verdade, vos digo que doravante não me tornareis a ver, até que digais: Bendito seja o que vem em

nome do Senhor. (*Lucas*, 13:33 a 35.)

18. Quando virdes um exército cercando Jerusalém, sabei que está próxima a sua destruição. — Fujam para as montanhas os que estiverem na Judeia, retirem-se os que estiverem dentro dela e nela não entrem os que estiverem na região circunvizinha. — Porquanto esses dias serão os da vingança, a fim de que se cumpra tudo o que está na Escritura. — Ai das que estiverem grávidas nesses dias, visto que este país será sobrecarregado de males e a cólera do céu cairá sobre este povo. — Serão passados a fio de espada; serão levados em cativeiro para todas as nações e Jerusalém será calcada aos pés pelos gentios, até que se haja preenchido o tempo das nações. (*Lucas*, 21:20 a 24.)

19. (Jesus avançando para o suplício) — Ora, acompanhava-o grande multidão de povo e de mulheres a bater nos peitos e a chorar. — Jesus, então, voltando-se, disse: "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos — porquanto virá tempo em que se dirá: Felizes as estéreis, as entranhas que não geraram filhos e os seios que não amamentaram. — Todos se porão a dizer às montanhas: Caí sobre nós! e às colinas: Cobri-nos! — Pois, se tratam deste modo o lenho verde, como será tratado o lenho seco?" (*Lucas*, 23:27 a 31.)

20. A faculdade de pressentir as coisas futuras é um dos atributos da alma e se explica pela teoria da presciência. Jesus a possuía, como todos os outros, em grau eminente. Pôde, portanto, prever os acontecimentos que se seguiriam à sua morte, sem que nesse fato haja qualquer coisa de sobrenatural, pois que o vemos reproduzir-se aos nossos olhos, nas mais vulgares condições. Não é raro que indivíduos anunciem com precisão o instante em que morrerão; é que a alma deles, no estado de desprendimento, está como o homem da montanha (cap. XVI, item 1): abarca a estrada a ser percorrida e lhe vê o termo.

21. Com Jesus, esse fato havia de dar-se em mais alto grau, considerando-se que, tendo Ele conhecimento da missão que vinha desempenhar, sabia que a morte no suplício forçosamente seria a sua consequência. A visão espiritual, permanente nele, assim como a penetração do pensamento, haviam de mostrar-lhe as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão, podia prever a ruína do Templo, a de Jerusalém, as desgraças que se iam abater sobre seus habitantes e a dispersão dos judeus.

Maldição contra os fariseus

22. (João Batista) — Vendo muitos fariseus e saduceus que acorriam para ser batizados, Ele lhes disse: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que há de cair sobre vós? —

Produzi então frutos dignos de penitência; não penseis em dizer de vós para convosco: Temos Abraão por pai, porquanto eu vos declaro que Deus pode fazer que destas próprias pedras nasçam filhos a Abraão. — O machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo. (*Mateus*, 3:7 a 10.)

23. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque fechais aos homens o reino dos céus; lá não entrais e ainda vos opondes a que outros entrem!

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que, a pretexto de longas orações, devorais as casas das viúvas; tereis por isso um julgamento mais rigoroso!

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito e que, depois de o haverdes conseguido, o tornais duas vezes mais digno do inferno do que vós mesmos!

Ai de vós, condutores de cegos, que dizeis: Se um homem jura pelo templo, isso nada vale; quem quer, porém, que jure pelo ouro do templo, fica obrigado a cumprir o seu juramento! — Insensatos e cegos que sois! A qual se deve mais estimar: ao ouro ou ao templo que santifica o ouro? — Se um homem, dizeis, jura pelo altar, isso nada vale; mas aquele que jurar pelo dom que esteja sobre o altar fica obrigado a cumprir o seu juramento. — Cegos que sois! A qual se deve mais estimar, ao dom ou ao altar que santifica o dom? — Aquele, pois, que jura pelo altar jura não só pelo altar, como por tudo o que está sobre o altar; — e aquele que jura pelo templo jura por aquele que o habita; — e aquele que jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que aí se assenta.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e que tendes abandonado o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé! Essas as coisas que deveis praticar, sem, contudo, omitirdes as outras. — Guias cegos, que tendes grande cuidado em coar o que bebeis, por medo de engolir um mosquito, e que, no entanto, engolis um camelo!

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais por fora o copo e o prato e que estais por dentro cheios de rapina e impureza! — Fariseus cegos! limpai primeiro o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que vos assemelhais a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão cheios de ossadas de mortos e de toda espécie de podridão! — Assim, por fora pareceis justos, enquanto, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que erigis túmulos aos profetas e adornais os monumentos dos justos — e que dizeis: Se existíssemos no tempo de nossos pais, não nos teríamos associado a eles para derramar o sangue dos profetas! — Acabais, pois, assim, de

encher a medida de vossos pais. — Serpentes, raça de víboras, como podereis evitar a condenação ao inferno? — Eis que vou enviar-vos profetas, homens de sabedoria e escribas e matareis a uns, crucificareis a outros e a outros açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade — a fim de que recaia sobre vós todo o sangue inocente que tem sido derramado na Terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o templo e o altar! — Digo-vos, em verdade, que tudo isso virá recair sobre esta raça que existe hoje. (*Mateus,* 23:13 a 36.)

Minhas palavras não passarão

24. Então, aproximando-se dele, seus discípulos lhe disseram: "Sabes que, ouvindo o que acabaste de dizer, os fariseus se escandalizaram?" — Ele respondeu: "*Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada*. — Deixai-os; são cegos a conduzir cegos; se um cego guia outro cego, cairão ambos na valeta." (*Mateus,* 15:12 a 14.)

25. Passará o Céu e a Terra, mas as minhas palavras não passarão. (*Mateus,* 24:35.)

26. As palavras de Jesus não passarão porque em todos os tempos serão verdadeiras. O seu código moral será eterno porque consagra as condições do bem que conduz o homem ao seu destino eterno. Mas terão as suas palavras chegado até nós inteiramente puras e isentas de falsas interpretações? Todas as seitas cristãs lhes captaram o espírito? Nenhuma terá deturpado o seu verdadeiro sentido, em consequência dos preconceitos e da ignorância das leis da natureza? Nenhuma as transformou em instrumento de dominação, para servir às suas ambições e aos seus interesses materiais, em trampolim, não para se elevar ao céu, mas para elevar-se na Terra? Acaso terão adotado como regra de conduta a prática das virtudes de que Jesus fez condição expressa de salvação? Todas estarão livres das censuras que Ele dirigiu aos fariseus do seu tempo? Todas, finalmente, tanto na teoria como na prática, serão a expressão pura da sua doutrina?

Por ser única, a verdade não pode achar-se contida em afirmações contrárias e não há razão para que Jesus imprimisse duplo sentido às suas palavras. Se, pois, as diferentes seitas se contradizem; se umas consideram verdadeiro o que outras condenam como heresias, é impossível que todas estejam com a verdade. Se todas houvessem apreendido o sentido verdadeiro do ensino evangélico, todas se teriam encontrado no mesmo terreno e não existiriam seitas.

O que *não passará* é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus; o que *passará* é o que os homens construíram sobre o sentido falso que deram a essas

mesmas palavras.

Tendo por missão transmitir aos homens o pensamento de Deus, somente a sua doutrina, *em toda a pureza*, pode exprimir esse pensamento. Foi por isso que Ele disse: *Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada*.

A pedra angular

> **27.** Não lestes jamais isto nas Escrituras: A pedra angular que os edificadores rejeitaram se tornou a principal pedra do ângulo? Foi o que o Senhor fez e nossos olhos o veem com admiração. — Por isso eu vos declaro que o reino de Deus vos será tirado e será dado a um povo que dele tirará frutos. — Aquele que se deixar cair sobre essa pedra se despedaçará e ela esmagará aquele sobre quem cair.
>
> Tendo ouvido de Jesus essas palavras, os príncipes dos sacerdotes reconheceram que era deles que o Mestre falava. — Quiseram então se apoderar dele, mas tiveram medo do povo que o considerava um profeta. (*Mateus*, 21:42 a 46.)

28. A palavra de Jesus se tornou a pedra angular, isto é, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo. Havendo os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus rejeitado essa pedra, ela os esmagou, do mesmo modo que esmagará os que, depois, a desconheceram ou lhe desfiguraram o sentido em prol de suas ambições.

Parábola dos vinhateiros homicidas

> **29.** Havia um pai de família que, tendo plantado uma vinha, a cercou com uma sebe e, cavando a terra, construiu uma torre. Arrendou-a depois a uns vinhateiros e partiu para um país distante.
>
> Ora, estando próximo o tempo dos frutos, enviou ele seus servos aos vinhateiros, para recolher o fruto da sua vinha. — Os vinhateiros, apoderando-se dos servos, deram num, mataram outro e a outro apedrejaram. Enviou-lhes ele outros servos em maior número do que os primeiros e eles os trataram da mesma maneira. Por fim, enviou-lhes seu próprio filho, dizendo de si para si: Ao meu filho eles terão algum respeito. — Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: Aqui está o herdeiro; vinde, matemo-lo e ficaremos donos da sua herança. — E, com isso, pegaram dele, lançaram-no fora da vinha e o mataram.
>
> Quando o dono da vinha vier, como tratará esses vinhateiros? — Responderam-lhe: “Fará que pereçam miseravelmente esses malvados e arrendará a vinha a outros vinhateiros, que lhe entreguem os frutos na estação própria.” (*Mateus*, 21:33 a 41.)

30. O pai de família é Deus; a vinha que Ele plantou é a lei que estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou a vinha são os homens que devem ensinar e praticar a lei; os servos que enviou aos arrendatários são os profetas que estes últimos massacraram; seu filho, enviado por último, é Jesus, a quem eles igualmente mataram. Como tratará o Senhor os seus mandatários prevaricadores da lei? Tratá-los-á como seus enviados foram por eles tratados e chamará outros arrendatários que lhe prestem melhores contas da sua propriedade e do proceder do seu rebanho.

Assim aconteceu com os escribas, com os príncipes dos sacerdotes e com os fariseus; assim será quando Ele vier de novo pedir contas a cada um do que fez da sua doutrina; retirará toda autoridade ao que dela houver abusado, pois Ele quer que o seu campo seja administrado de acordo com a sua vontade.

Após dezoito séculos, tendo chegado à idade viril, a humanidade está madura para compreender o que o Cristo apenas falou de leve, porque então, como Ele próprio o disse, não o teriam compreendido. Ora, a que resultado chegaram os que, durante esse longo período, foram encarregados da educação religiosa dessa mesma humanidade? À constatação de que a indiferença sucedeu à fé e de que a incredulidade se arvorou em doutrina. Com efeito, em nenhuma outra época o ceticismo e o espírito de negação estiveram mais espalhados em todas as classes da sociedade.

Mas se algumas das palavras do Cristo se apresentam encobertas pelo véu da alegoria, pelo que respeita à regra de proceder, às relações de homem para homem, aos princípios morais a que Ele expressamente condicionou a salvação, seus ensinos são claros, explícitos, sem ambiguidade. (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XV.)

Que fizeram das suas máximas de caridade, de amor e de tolerância? das recomendações que fez a seus apóstolos para que convertessem os homens pela *persuasão e pela brandura*? Que fizeram da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de todas as virtudes que Ele exemplificou? Em seu nome, os homens se anatematizaram mutuamente e reciprocamente se amaldiçoaram; estrangularam-se em nome daquele que disse: Todos os homens são irmãos. Do Deus infinitamente justo, bom e misericordioso que Ele revelou, fizeram um Deus ciumento, cruel, vingativo e parcial; àquele Deus de paz e de verdade, sacrificaram nas fogueiras, pelas torturas e perseguições, muito maior número de vítimas do que as que em todos os tempos os pagãos sacrificaram aos seus falsos

deuses; venderam as orações e as graças do céu em nome daquele que expulsou os vendilhões do templo e que disse aos seus discípulos: Dai de graça o que de graça recebestes.

Que diria o Cristo se vivesse hoje entre nós? Se visse os que se dizem seus representantes a ambicionar as honras, as riquezas, o poder e o fausto dos príncipes do mundo, ao passo que Ele, mais rei do que todos os reis da Terra, fez a sua entrada em Jerusalém montado num jumento? Não teria o direito de dizer-lhes: Que fizestes dos meus ensinos, vós que incensais o bezerro de ouro, que proferis a maior parte das vossas preces em favor dos ricos, reservando uma parte insignificante para os pobres, apesar de eu haver dito: Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus? Mas se Ele não está carnalmente entre nós, está em Espírito e, como o senhor da parábola, virá pedir contas aos seus vinhateiros, quando chegar o tempo da colheita.

Um só rebanho e um só pastor

> **31.** Tenho ainda outras ovelhas que não são *deste aprisco;* é preciso que também a essas eu conduza; elas escutarão a minha voz e *haverá um só rebanho e um só pastor*. (*João*, 10:16.)

32. Por essas palavras, Jesus anuncia claramente que os homens um dia se unirão por uma crença única; mas como poderá efetuar-se essa união? A tarefa parece difícil, tendo-se em vista as diferenças que existem entre as religiões, os antagonismos que elas alimentam entre seus respectivos adeptos e a obstinação que manifestam em se acreditarem na posse exclusiva da verdade. Todas querem a unidade, mas cada uma se vangloria de que essa unidade se fará em seu proveito e nenhuma admite a possibilidade de fazer qualquer concessão às suas crenças.

Entretanto, a unidade se fará em religião, como já tende a fazer-se social, política e comercialmente, pela queda das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da linguagem. Os povos do mundo inteiro já confraternizam, como os das províncias de um mesmo império. Pressente-se essa unidade e todos a desejam. Ela se fará pela força das coisas, porque se tornará uma necessidade, a fim de que se estreitem os laços de fraternidade entre as nações; far-se-á pelo desenvolvimento da razão humana, que se tornará apta a compreender a puerilidade de todas as dissidências; pelo progresso das ciências, a demonstrar cada dia mais os erros materiais sobre os quais tais dissidências se

apoiam, e a destacar pouco a pouco das suas fieiras as pedras estragadas. Se é certo que a Ciência demole, nas religiões, o que é obra dos homens e fruto de sua ignorância das leis da natureza, também é certo que não poderá destruir, apesar da opinião de alguns, o que é obra de Deus e eterna verdade. Afastando os acessórios, ela prepara os caminhos para a unidade.

A fim de chegarem à unidade, as religiões terão que se encontrar num terreno neutro, se bem que comum a todas; para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios maiores ou menores, conforme a multiplicidade de seus dogmas particulares. Mas em virtude do princípio de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderá partir do campo oficial; em vez de tomarem no alto o ponto de partida, tomá-lo-ão embaixo por iniciativa individual. Desde algum tempo se vem operando um movimento de descentralização, que tende a adquirir uma força irresistível. O princípio da imutabilidade, que tem servido de escudo protetor às religiões conservadoras, tornar-se-á elemento de destruição, considerando-se que, enquanto a sociedade caminhar para a frente, os cultos religiosos, imobilizando-se, serão ultrapassados e depois absorvidos pela corrente das ideias de progresso.

A imobilidade, em vez de ser uma força, torna-se uma causa de fraqueza e de ruína para quem não acompanha o movimento geral; ela quebra a unidade, porque os que querem avançar se separam dos que se obstinam em ficar para trás.

No estado atual da opinião e dos conhecimentos, a religião, que terá um dia de congregar todos os homens sob o mesmo estandarte, será a que melhor satisfaça à razão e às legítimas aspirações do coração e do espírito; que não seja em nenhum ponto desmentida pela ciência positiva; que, em vez de se imobilizar, acompanhe a humanidade em sua marcha progressiva, sem nunca deixar que a ultrapassem; que não seja exclusiva, nem intolerante; que seja emancipadora da inteligência, só admitindo a fé racional; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais lógico, o mais de harmonia com as necessidades sociais, o mais apropriado, enfim, a fundar na Terra o reinado do Bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais.

O que alimenta o antagonismo entre as religiões é a ideia, generalizada por todas elas, de que cada uma tem o seu deus particular e a pretensão de que este é o único verdadeiro e o mais poderoso, em luta constante com os deuses dos outros cultos e ocupado em lhes combater a influência. Quando elas se houverem convencido de que só existe um Deus no universo e que, em suma,

Ele é o mesmo que elas adoram sob os nomes de *Jeová*, *Alá* ou Deus; quando se puserem de acordo sobre os atributos essenciais da Divindade, compreenderão que um Ser único não pode ter senão uma única e mesma vontade; então se estenderão as mãos umas às outras, como os servidores de um mesmo Mestre e os filhos de um mesmo Pai, dando assim o grande passo para a unidade.

Advento de Elias

33. Então, seus discípulos lhe perguntaram: "Por que, pois, dizem os escribas ser preciso que, antes, venha Elias?"— Jesus lhes respondeu: "É certo que Elias tem de vir e que restabelecerá todas as coisas."

Eu, porém, vos digo que Elias já veio e eles não o conheceram: antes o trataram como lhes aprouve. É assim que farão morrer o Filho do Homem.

Então, seus discípulos compreenderam que era de João Batista que Ele lhes falara. (*Mateus*, 17:10 a 13.)

34. Elias já voltara na pessoa de João Batista. Seu novo advento é anunciado de modo explícito. Ora, como ele não pode voltar, senão tomando um novo corpo, aí temos a consagração formal do princípio da pluralidade das existências. (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. IV, item 10.)

Anunciação do Consolador

35. Se me amais, guardai os meus mandamentos — e eu rogarei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: — O *Espírito de Verdade*, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós, porém, o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós. — Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, *vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito*. (*João*, 14:15 a 17; 26. — *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. VI.)

36. Entretanto, digo-vos a verdade: Convém que eu me vá, porque, se eu não me for, o Consolador não virá até vós; eu, porém, me vou e vo-lo enviarei. — E, quando ele vier, convencerá o mundo no que respeita ao pecado, à justiça e ao juízo: no que respeita ao pecado, por não terem acreditado em mim; no que respeita à justiça, porque me vou para meu Pai e não mais me vereis; no que respeita ao juízo, porque já está julgado o príncipe deste mundo.

Tenho ainda muitas outras coisas a dizer-vos, mas presentemente não as podeis suportar.

Quando vier esse Espírito de Verdade, ele vos ensinará toda a verdade, porque não falará de

si mesmo, mas dirá tudo o que tenha escutado e vos anunciará as coisas porvindouras.

Ele me glorificará, porque receberá do que está em mim e vo-lo anunciará. (*João*, 16:7 a 14.)

37. Esta predição é, incontestavelmente, uma das mais importantes do ponto de vista religioso, porque comprova, sem qualquer equívoco, que *Jesus não disse tudo que tinha a dizer*, visto que não o teriam compreendido nem mesmo seus apóstolos, já que era a eles que o Mestre se dirigia. Se lhes houvesse dado instruções secretas, os Evangelhos fariam referência a tais instruções. Ora, desde que Ele não disse tudo a seus apóstolos, os sucessores destes não poderão saber mais do que eles com relação ao que foi dito; possivelmente se terão enganado quanto ao sentido das palavras do Senhor, ou interpretado falsamente os seus pensamentos, muitas vezes velados sob a forma parabólica. As religiões que se fundaram sobre o Evangelho não podem, pois, dizer-se na posse de toda a verdade, visto que Jesus reservou para si a complementação posterior de seus ensinamentos. O princípio da imutabilidade, em que elas se firmam, constitui um desmentido formal às próprias palavras do Cristo.

Sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, Jesus anunciou a vinda daquele que *havia de ensinar todas as coisas* e de *lembrar* o que Ele dissera. Logo, não estava completo o seu ensino. Além disso, prevê não só que ficaria esquecido, como também que suas palavras seriam desvirtuadas, uma vez que o Espírito de Verdade viria *lembrar* tudo que Ele havia dito e, de comum acordo com Elias, *restabelecer todas as coisas*, isto é, pô-las de acordo com o verdadeiro pensamento de Jesus.

38. Quando virá esse novo revelador? É evidente que, se na época em que Jesus falava os homens não se achavam em estado de compreender as coisas que lhe restavam dizer, não seria em alguns anos apenas que poderiam adquirir as luzes necessárias. Para a compreensão de certas partes do Evangelho, à exceção dos preceitos de moral, eram precisos conhecimentos que só o progresso das ciências podia dar e que tinham de ser obra do tempo e de muitas gerações. Se, portanto, o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois do Cristo, teria encontrado o terreno ainda nas mesmas condições e não poderia fazer mais do que fez Jesus. Ora, desde aquela época até os nossos dias, não se produziu nenhuma grande revelação que haja completado o Evangelho e elucidado suas partes obscuras, indício certo de que o Enviado ainda não aparecera.

39. Qual deverá ser esse enviado? Dizendo: “Pedirei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador”, Jesus indica claramente que esse Consolador não seria Ele próprio, pois, do contrário, teria dito: “Voltarei para completar o que vos tenho ensinado.” Apenas acrescenta: *A fim de que fique eternamente convosco e ele estará em vós*. Impossível esta sentença referir-se a uma individualidade encarnada, uma vez que não poderia ficar eternamente conosco, nem, ainda menos, estar em nós; compreendemo-la, porém, muito bem, com referência a uma doutrina, a qual, com efeito, quando a tenhamos assimilado, poderá estar eternamente em nós. O *Consolador* é, pois, segundo o pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, tendo por inspirador o *Espírito de Verdade*.

40. O Espiritismo realiza, como ficou demonstrado (cap. I, item 30), todas as condições do *Consolador* que Jesus prometeu. Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino a que preside o Espírito de Verdade. Nada suprime do Evangelho: antes o completa e elucida. Com o auxílio das novas leis que revela, conjugadas essas leis às que a Ciência já havia descoberto, leva à compreensão do que era ininteligível e faz que se admita a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Teve precursores e profetas que pressentiram sua vinda. Pela sua força moralizadora, ele prepara o reinado do bem sobre a Terra.

A doutrina de Moisés, incompleta, ficou circunscrita ao povo judeu; a de Jesus, mais completa, se espalhou por toda a Terra, por meio do Cristianismo, mas não converteu a todos; o Espiritismo, ainda mais completo, tendo raízes em todas as crenças, converterá a humanidade inteira.[1]

41. Dizendo a seus apóstolos: “Outro virá mais tarde para vos ensinar o que agora não posso ensinar”, proclamava Jesus a necessidade da reencarnação. Como poderiam aqueles homens aproveitar do ensino mais completo que seria ministrado mais tarde? Como estariam aptos a compreendê-lo, se não tivessem de viver novamente? Jesus teria proferido uma coisa inconsequente se, de acordo com a doutrina vulgar, os homens futuros houvessem de ser homens novos, almas saídas do nada por ocasião do nascimento. Admita-se, ao contrário, que os apóstolos e os homens do tempo dele tenham vivido depois; *que ainda hoje*

revivem, e a promessa de Jesus estará plenamente justificada. Tendo-se desenvolvido ao contato do progresso social, a inteligência deles pode comportar agora o que então não podia. Sem a reencarnação, a promessa de Jesus teria sido verdadeira ilusão.

42. Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes, por meio da descida do Espírito Santo, poder-se-á responder que o Espírito Santo os inspirou, que lhes abriu a inteligência, que desenvolveu neles as aptidões mediúnicas destinadas a facilitar-lhes a missão, porém que nada lhes ensinou além daquilo que Jesus já ensinara, porque, no que deixaram, não se encontra o menor vestígio de um ensinamento especial. O Espírito Santo, pois, não realizou o que Jesus anunciara do Consolador; a não ser assim, os apóstolos teriam elucidado, quando ainda eram vivos, tudo o que permaneceu obscuro no Evangelho, até o dia de hoje, e sua interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos.

Segundo advento do Cristo

> **43.** Disse então Jesus a seus discípulos: Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; — pois, aquele que quiser salvar a vida a perderá e aquele que perder a vida por amor de mim a encontrará de novo.
>
> De que serviria a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a alma? Ou por que preço poderá o homem comprar sua alma, depois de a ter perdido? — Porque o Filho do Homem *há de vir* na glória de seu Pai, com seus anjos, e então dará a cada um segundo as suas obras.
>
> Digo-vos em verdade, que alguns daqueles que aqui se encontram não sofrerão a morte, sem que tenham visto vir o Filho do Homem no seu reino. (*Mateus,* 16:24 a 28.)
>
> **44.** Então, levantando-se do meio da assembleia, o sumo sacerdote interrogou a Jesus desta forma: Nada respondes ao que estes depõem contra ti? — Mas Jesus se conservava em silêncio e não respondeu. Interrogou-o de novo o sumo sacerdote: És o Cristo, o Filho de Deus para sempre bendito? — Jesus lhe respondeu: Eu o sou e vereis um dia o Filho do Homem assentado à direita da majestade de Deus e vindo sobre as nuvens do céu.
>
> Logo o sumo sacerdote, rasgando as vestes, lhe diz: Que necessidade temos de mais testemunhos? (*Marcos*, 14:60 a 63.)

45. Jesus anuncia o seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra com um corpo carnal, nem que personificará o *Consolador*. Apresenta-se como

tendo de vir em Espírito, na glória de seu Pai, para julgar o mérito e o demérito e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos forem chegados.

Estas palavras: “Alguns dos que aqui estão não sofrerão a morte sem terem visto vir o Filho do Homem no seu reinado”, parecem encerrar uma contradição, pois é incontestável que Ele não veio durante a vida de nenhum daqueles que estavam presentes. Jesus, entretanto, não podia enganar-se numa previsão daquela natureza, principalmente com relação a uma coisa contemporânea e que lhe dizia respeito de modo pessoal. Deve-se indagar, em primeiro lugar, se suas palavras foram sempre reproduzidas fielmente. É de duvidar-se, considerando-se que Ele nada escreveu; que elas só foram registradas depois de sua morte; que cada evangelista redigiu o mesmo discurso em termos diferentes, o que constitui prova evidente de que aquelas expressões não são textualmente as de que se serviu Jesus. Além disso, é provável que o sentido tenha sofrido alterações ao passar pelas traduções sucessivas.

Por outro lado, é fora de dúvida que, se Jesus houvesse dito tudo o que pudera dizer, Ele se teria expressado sobre todas as coisas de modo claro e preciso, sem dar lugar a qualquer equívoco, conforme o fez com relação aos princípios de moral, ao passo que foi obrigado a velar o seu pensamento sobre os assuntos que não julgou conveniente aprofundar. Os apóstolos, convencidos de que a geração de que faziam parte devia testemunhar o que Ele anunciava, foram levados a interpretar o pensamento de Jesus de acordo com aquela ideia. Por conseguinte, redigiram do ponto de vista do presente o que o Mestre dissera, fazendo-o de maneira mais absoluta do que Ele próprio o teria feito. Seja como for, o fato é que as coisas não se passaram como eles o supuseram.

46. Um ponto capital que Jesus não pôde desenvolver, porque os homens do seu tempo não se achavam suficientemente preparados para ideias dessa ordem e para as suas consequências, foi a grande e importante lei da reencarnação. Contudo, assentou o princípio da referida lei, como o fez relativamente a tudo mais. Estudada e posta em evidência nos dias atuais pelo Espiritismo, a lei da reencarnação constitui a chave para o entendimento de muitas passagens do Evangelho que, sem ela, parecem verdadeiros contrassensos.

É por meio dessa lei que se encontra a explicação racional das palavras acima, mesmo que as admitamos como textuais. Uma vez que elas não podem ser aplicadas às pessoas dos apóstolos, é evidente que se referem ao futuro reinado do Cristo, isto é, ao tempo em que a sua doutrina, mais bem

compreendida, for lei universal. Dizendo que *alguns dos ali presentes* na ocasião veriam o seu advento, Ele forçosamente se referia aos que estarão vivos de novo nessa época. Os judeus, porém, imaginavam que veriam tudo o que Jesus anunciava e tomavam ao pé da letra as suas alegorias.

Aliás, algumas de suas predições se realizaram no devido tempo, tais como a ruína de Jerusalém, as desgraças que se lhe seguiram e a dispersão dos judeus. Mas a visão de Jesus se projetava muito mais longe, de sorte que, quando falava do presente, sempre aludia ao futuro.

Sinais precursores

47. Também ouvireis falar de guerra e de rumores de guerra; tratai de não vos perturbardes, porquanto é preciso que essas coisas aconteçam: mas ainda não será o fim — pois se verá povo levantar-se contra povo e reino contra reino; e haverá pestes, fomes e tremores de terra em diversos lugares — todas essas coisas serão apenas o começo das dores. (*Mateus*, 24:6 a 8.)

48. Então, o irmão entregará o irmão para ser morto; os filhos se levantarão contra seus pais e suas mães e os farão morrer. — Sereis odiados de toda a gente por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até o fim será salvo. (*Marcos*, 13:12 e 13.)

49. Quando virdes que a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel, *está no lugar santo* (que aquele que lê entenda bem o que lê); fujam então para as montanhas os que estiverem na Judeia;[2] não desça aquele que estiver no telhado, para levar de sua casa qualquer coisa; e não volte para apanhar suas roupas aquele que estiver no campo. — Mas ai das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias. — Pedi a Deus que a vossa fuga não se dê durante o inverno nem em dia de sábado — porque a aflição desse tempo será tão grande, como ainda não houve igual desde o começo do mundo até o presente e como nunca mais haverá. — E se esses dias não fossem abreviados, nenhum homem se salvaria; mas esses dias serão abreviados em favor dos eleitos. (*Mateus*, 24:15 a 22.)

50. Logo depois desses dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua deixará de dar sua luz; as estrelas cairão do céu e as potestades celestes serão abaladas.

Então, o sinal do Filho do Homem aparecerá no céu e todos os povos da Terra estarão em prantos e em gemidos e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com grande majestade.

Ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas e que reunirão seus eleitos dos quatro cantos do mundo, de uma extremidade a outra do céu.

Aprendei uma comparação tirada da figueira. Quando seus ramos já estão tenros e dão folhas, sabeis que está próximo o verão. — Do mesmo modo, quando virdes todas essas coisas, sabei que vem próximo o Filho do Homem, que Ele se acha como que à porta.

Digo-vos, em verdade, que esta *raça* não passará, sem que todas essas coisas se tenham cumprido. (*Mateus*, 24:29 a 34.)

E acontecerá no advento do Filho do Homem o que aconteceu ao tempo de Noé — pois, como nos últimos tempos antes do dilúvio, os homens comiam e bebiam, casavam-se e casavam seus filhos, até o dia em que Noé entrou na arca; — e assim como eles não conheceram o momento do dilúvio, senão quando este sobreveio e arrebatou toda a gente, assim também será no advento do Filho do Homem. (*Mateus*, 24:37 a 39.)

51. Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém o sabe, nem os anjos que estão no céu, *nem o Filho*, mas somente o Pai. (*Marcos*, 13:32.)

52. Em verdade, em verdade vos digo: chorareis e gemereis, e o mundo se rejubilará; estareis em tristeza, mas a vossa tristeza se mudará em alegria. — Uma mulher, quando dá à luz, está em dor, porque é vinda a sua hora, mas depois que ela dá à luz um filho, não mais se lembra de todos os males que sofreu, pela alegria que experimenta de haver posto um homem no mundo. — É assim que agora estais em tristeza; mas eu vos verei de novo e o vosso coração rejubilará e ninguém vos arrebatará a vossa alegria. (*João*, 16:20 a 22.)

53. Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas; — e, porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará; — mas aquele que perseverar até o fim será salvo. — E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra, para servir de testemunho a todas as nações. É então que o fim chegará. (*Mateus*, 24:11 a 14.)

54. Este quadro dos fins dos tempos é, sem dúvida, alegórico, como a maioria dos que Jesus compunha. Pelo seu vigor, as imagens que ele encerra são passíveis de impressionar inteligências ainda rudes. Para ferir fortemente aquelas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores bem acentuadas. Ele se dirigia principalmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas e de apanhar a delicadeza das formas. A fim de atingir o coração, era preciso que falasse aos olhos, com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos, por meio da força da linguagem.

Como consequência natural daquela disposição de espírito e segundo a crença de então, não era possível ao poder supremo manifestar-se senão por

meio de fatos extraordinários, sobrenaturais. Quanto mais impossíveis fossem esses fatos, tanto mais aceita era a sua probabilidade.

O Filho do Homem, a vir sobre as nuvens do céu, com grande majestade, cercado de seus anjos e ao som de trombetas, lhes parecia muito mais imponente do que a simples vinda de uma entidade investida apenas de poder moral. Por isso mesmo os judeus, que esperavam no Messias um rei terreno, mais poderoso do que todos os outros reis, a fim de colocar a nação deles à frente de todas as demais e a reerguer o trono de Davi e de Salomão, não quiseram reconhecê-lo no humilde filho do carpinteiro, sem autoridade material.

No entanto, aquele pobre proletário da Judeia se tornou o maior entre os grandes; conquistou para a sua soberania maior número de reinos do que os mais poderosos potentados; apenas com a sua palavra e o concurso de alguns miseráveis pescadores, revolucionou o mundo e é a Ele que os judeus virão a dever a sua reabilitação. Jesus disse, pois, uma verdade, quando, respondendo a esta pergunta de Pilatos: “És rei?”, afirmou: “Tu o dizes.”

55. É de notar-se que, entre os Antigos, os tremores de terra e o obscurecimento do Sol eram acessórios obrigatórios de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros. Nós os encontramos por ocasião da morte de Jesus, da de César e num sem-número de circunstâncias da história do paganismo. Se tais fenômenos se houvessem produzido tantas vezes quantas são relatados, seria impossível que os homens não tivessem guardado lembrança deles pela tradição. Aqui, acrescenta-se *a queda das estrelas do céu*, como que para testemunhar às gerações futuras mais esclarecidas, que não há nisso senão uma ficção, visto que agora se sabe que as estrelas não podem cair.

56. Entretanto, há grandes verdades a se ocultarem sob essas alegorias. Há, primeiramente, a predição das calamidades de todo gênero que assolarão e dizimarão a humanidade, decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, a fé e a incredulidade, as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, a da difusão, por toda a Terra, do Evangelho *restaurado na sua pureza primitiva*; depois, a do reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, que resultará do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos. Será verdadeiramente o reino de Jesus, pois que Ele presidirá à sua implantação, passando os homens a viver sob a égide da sua lei. Será o reinado da felicidade, visto dizer Ele que “depois dos dias de aflição, virão os de alegria”.

57. Quando se darão tais coisas? “Ninguém o sabe”, diz Jesus, “*nem mesmo o Filho*”. Mas quando chegar o momento, os homens serão advertidos por meio de sinais precursores. Esses indícios, porém, não estarão nem no Sol, nem nas estrelas, mas no estado social e nos fenômenos mais de ordem moral do que físicos e que, em parte, se podem deduzir das suas alusões.

É indubitável que aquela mutação não poderia operar-se em vida dos apóstolos, pois, do contrário, Jesus não ignoraria o seu momento. Aliás, não era possível que semelhante transformação se desse dentro de apenas alguns anos. Entretanto, dela lhes fala como se eles a houvessem de presenciar; é que, com efeito, eles poderão estar reencarnados quando a transformação se der e, até mesmo, colaborar na sua efetivação. Ora Ele fala da sorte próxima de Jerusalém, ora toma esse fato por ponto de referência acerca do que ocorreria no futuro.

58. Será que, predizendo a sua segunda vinda, era o fim do mundo o que Jesus anunciava, ao dizer: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim”? Não é racional supor-se que Deus destrua o mundo justamente no momento em que ele entre no caminho do progresso moral, pela prática dos ensinos evangélicos. Nada, aliás, nas palavras do Cristo, indica uma destruição universal que, em tais condições, não se justificaria.

Devendo a prática geral do Evangelho determinar grande melhora no estado moral dos homens, ela, por isso mesmo, trará o reinado do bem e acarretará a queda do mal. É, pois, o fim do *mundo velho*, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez, por todas as paixões más, que o Cristo aludia, ao dizer: “Quando o Evangelho for pregado em toda a Terra, então é que virá o fim”; mas para chegar esse fim ocasionaria uma luta, e é dessa luta que sobrevirão os males por Ele previstos.

Vossos filhos e vossas filhas profetizarão

> **59.** Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. — Nesses dias, derramarei do meu espírito sobre os meus servidores e servidoras e eles profetizarão. (*Atos*, 2:17 e 18; *Joel*, 2:28 e 29.)

60. Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, aspirações e pressentimentos das massas, a decadência das velhas

ideias que em vão se debatem há um século contra as ideias novas, não poderemos duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e que o mundo velho chega a seu termo.

Se, agora, levando em conta a forma alegórica de alguns quadros e perscrutando o sentido profundo das palavras de Jesus, compararmos a situação atual com os tempos descritos pelo Mestre, como assinaladores da era da renovação, não poderemos deixar de convir em que muitas das suas predições estão presentemente se realizando, e daí a conclusão de que atingimos os tempos anunciados, o que confirmam, em todos os pontos do globo, os Espíritos que se manifestam.

61. Como vimos (cap. I, item 32), coincidindo com outras circunstâncias, o advento do Espiritismo realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que ele forçosamente deve exercer sobre as ideias. Ele se encontra, além disso, claramente anunciado nos *Atos dos Apóstolos*: "Nos últimos tempos", diz o Senhor, "derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão".

É a predição inequívoca da vulgarização da mediunidade, que presentemente se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições; por conseguinte, a predição da manifestação universal dos Espíritos, porquanto, sem os Espíritos, não haveria médiuns. Isso, conforme está dito, acontecerá *nos últimos tempos*; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas, ao contrário, à época da sua regeneração, devemos entender aquelas palavras como indicativas dos últimos tempos do mundo moral que chega a seu termo. (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XXI.)

Juízo final

> **62.** Ora, quando o Filho do Homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono de sua glória; — e, reunidas à sua frente todas as nações, Ele separará uns dos outros, como um pastor separa as ovelhas dos bodes, e colocará à sua direita as ovelhas e à sua esquerda os bodes. — Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde a mim, benditos de meu Pai [...]. (*Mateus*, 25:31 a 46. — *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XV.)

63. Tendo o bem que reinar na Terra, é preciso que dela sejam excluídos os Espíritos endurecidos no mal e que possam trazer-lhe perturbações. Deus

permitiu que eles aí permanecessem o tempo necessário para se melhorarem; mas, chegado o momento em que, pelo progresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, ele será interdito, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. Serão exilados para mundos inferiores, como outrora o foram para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores. Essa separação, a que Jesus presidirá, é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.” (Cap. XI, itens 31 e seguintes.)

64. A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à humanidade, repugna à razão, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade que precedeu a criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Que utilidade teriam então o Sol, a Lua e as estrelas que, segundo o *Gênesis,* foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que uma obra tão imensa se tenha produzido para tão pouco tempo e em benefício de seres votados, em sua maioria, aos suplícios eternos.

65. Materialmente, a ideia de um julgamento único seria, até certo ponto, admissível para os que não procuram a razão das coisas, quando se acreditava que a humanidade toda se achava concentrada na Terra e que tudo no universo fora feito para seus habitantes. É, porém, inadmissível, desde que se sabe que há milhares e milhares de mundos semelhantes, que perpetuam as humanidades pela eternidade afora e entre os quais a Terra é um dos menos consideráveis, simples ponto imperceptível.

Só por este fato, vê-se que Jesus tinha razão de declarar a seus discípulos: “Há muitas coisas que não vos posso dizer, porque não as compreenderíeis”, visto que o progresso das ciências era indispensável para uma interpretação legítima de algumas de suas palavras. Certamente, os apóstolos, Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido de modo muito diverso alguns dogmas se tivessem os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que possuímos hoje. Esta a razão de Jesus ter adiado a complementação de seus ensinos e anunciado que todas as coisas haviam de ser restabelecidas.

66. Moralmente, um juízo definitivo e sem apelação é inconciliável com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta incessantemente como um

bom Pai, que deixa sempre aberta uma porta ao arrependimento e que está pronto sempre a estender os braços ao filho pródigo. Se Jesus entendesse o juízo naquele sentido, desmentiria suas próprias palavras.

Além disso, se o juízo final houvesse de apanhar os homens de modo imprevisto, em meio de seus trabalhos ordinários, e grávidas as mulheres, caberia perguntar-se com que fim Deus, que nada faz de inútil ou injusto, faria nascessem crianças e *criaria almas novas* naquele momento supremo, no termo fatal da humanidade. Seria para submetê-las ao julgamento logo ao saírem do ventre materno, antes de terem consciência de si mesmas, enquanto a outros teriam sido concedidos milhares de anos para se inteirarem quanto à própria individualidade? Para que lado, direito ou esquerdo, iriam essas almas, que ainda não são nem boas nem más e para as quais, no entanto, encontram-se fechados todos os caminhos de ulterior progresso, visto que a humanidade não mais existiria? (Cap. II, item 19.)

Conservem semelhantes crenças quem com elas se contentam; estão no seu direito e ninguém nada tem a ver com isso; mas não se aborreçam se nem todo mundo concorda com elas.

67. O juízo, pelo processo da emigração, conforme ficou explicado no item 63, é racional; funda-se na mais rigorosa justiça, visto que conserva para o Espírito, eternamente, o seu livre-arbítrio; não constitui privilégio para ninguém; a todas as criaturas, sem exceção alguma, Deus concede igual liberdade de ação para progredirem; o próprio aniquilamento de um mundo, acarretando a destruição do corpo, não ocasionará nenhuma interrupção à marcha progressiva do Espírito. Tais as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, a qualificação de *juízo final* não é exata, uma vez que os Espíritos passam por análogas fieiras a cada renovação dos mundos que eles habitam, até que atinjam certo grau de perfeição. Não há, portanto, *juízo final* propriamente dito, mas *juízos gerais* em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.

---

1 **Nota de Allan Kardec:** Todas as doutrinas filosóficas e religiosas trazem o nome do seu fundador. Diz-se: o Moisaísmo, o Cristianismo, o Maometismo, o Budismo, o Cartesianismo, o Furrierismo, o São-Simonismo etc. A palavra *Espiritismo,* ao contrário, não lembra nenhuma personalidade; encerra uma ideia geral, que, ao mesmo tempo, indica o caráter e a fonte multíplice da sua

doutrina.

2 **Nota de Allan Kardec:** Esta expressão: *abominação da desolação* não só é destituída de sentido, como se presta ao ridículo. A tradução de Osterwald diz: “A abominação que causa a desolação”, o que é muito diferente. O sentido então se torna perfeitamente claro, porque se compreende que as *abominações* hajam de acarretar a *desolação*, como castigo. Quando a abominação, diz Jesus, se instalar no lugar santo, também a desolação virá para aí e isso constituirá um sinal de que os tempos estão próximos.

CAPÍTULO XVIII

Os tempos são chegados

• Sinais dos tempos • A geração nova

Sinais dos tempos

1. Dizem-nos de todas as partes que são chegados os tempos marcados por Deus, em que grandes acontecimentos se vão dar para a regeneração da humanidade. Em que sentido se devem entender essas palavras proféticas? Para os incrédulos, elas não têm a menor importância; aos seus olhos, não passam da expressão de uma crença pueril, destituída de fundamento. Para a maioria dos crentes, porém, elas apresentam qualquer coisa de místico e de sobrenatural, parecendo-lhes prenunciadoras da subversão das leis da natureza. Ambas as interpretações são igualmente errôneas; a primeira, porque implica a negação da Providência; a segunda, porque tais palavras não prenunciam a perturbação das leis da natureza, mas o cumprimento dessas leis.

2. Tudo é harmonia na Criação; tudo revela uma previdência que não se desmente nem nas menores, nem nas maiores coisas. Temos, pois, que afastar, desde logo, toda ideia de capricho, por ser inconciliável com a sabedoria divina. Em segundo lugar, se a nossa época está designada para a realização de certas coisas, é que estas têm uma razão de ser na marcha do conjunto.

Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Ele progride fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Esses dois progressos se realizam paralelamente, visto que a perfeição da habitação guarda relação com a do habitante. Fisicamente, o globo terrestre tem sofrido transformações que a Ciência tem comprovado e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a humanidade progride pelo

desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens concorrem para isso pelos esforços da sua inteligência. Saneiam as regiões insalubres, tornam mais fáceis as comunicações e mais produtiva a terra.

Esse duplo progresso se executa de duas maneiras: uma, lenta, gradual e insensível; a outra, por meio de mudanças bruscas, a cada uma das quais corresponde um movimento ascensional mais rápido, que assinala, mediante impressões bem acentuadas, os períodos progressivos da humanidade. Esses movimentos, subordinados, *quanto às particularidades*, ao livre-arbítrio dos homens, são, de certo modo, fatais em seu conjunto, porque estão submetidos a leis, como as que se operam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas. É por isso que o movimento progressivo se efetua, às vezes, de modo parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação; de outras vezes é geral.

O progresso da humanidade se efetua, pois, em virtude de uma lei. Ora, como todas as leis da natureza são obra da eterna sabedoria e da presciência divina, tudo o que é efeito dessas leis resulta da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Quando, por conseguinte, a humanidade está madura para subir um degrau, pode-se dizer que os tempos marcados por Deus são chegados, como se pode dizer também que, em tal estação, eles chegam para a maturação dos frutos e sua colheita.

3. Pelo fato de ser inevitável o movimento progressivo da humanidade, porque está na natureza, não se segue que Deus lhe seja indiferente e que, depois de ter estabelecido leis, se haja recolhido à inação, deixando que as coisas sigam sozinhas o seu curso. Sem dúvida, suas leis são eternas e imutáveis, mas porque a sua própria vontade é eterna e constante e porque o seu pensamento anima todas as coisas, sem interrupção. Esse pensamento, que em tudo penetra, é a força inteligente e permanente que mantém a harmonia em tudo. Se ele deixasse um só instante de atuar, o universo seria como um relógio sem pêndulo regulador. Deus vela, pois, incessantemente pela execução de suas leis, e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros, encarregados de atender aos pormenores, dentro de atribuições que correspondem ao grau de adiantamento que tenham alcançado.

4. O universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável, acionado por um número incontável de inteligências, e um imenso governo, no qual cada

ser inteligente tem a sua quota de ação sob as vistas do soberano Senhor, cuja vontade única mantém por toda parte a *unidade*. Sob o império dessa vasta potência reguladora, tudo se move, tudo funciona em perfeita ordem. Onde nos parece haver perturbações, o que há são movimentos parciais e isolados, que nos parecem irregulares apenas porque a nossa visão é circunscrita. Se lhes pudéssemos abranger o conjunto, veríamos que tais irregularidades são apenas aparentes e que se harmonizam com o todo.

5. Até aqui, a humanidade tem realizado incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes, ainda, um imenso progresso a realizar: *fazerem que reinem entre si a caridade, a fraternidade e a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral*. Não poderiam consegui-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, resquícios de outra idade, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo que comportavam, hoje seriam um entrave. O homem já não necessita somente de desenvolver a inteligência, mas de elevar o sentimento; para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite nele o egoísmo e o orgulho.

Tal o período em que vão entrar de agora em diante e que marcará uma das fases principais da humanidade. Esta fase, que neste momento se elabora, é o complemento indispensável do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude. Ela podia, pois, ser prevista e predita com antecedência e é por isso que se diz que os tempos marcados por Deus são chegados.

6. Nestes tempos, porém, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, ou a um povo, a uma raça. Trata-se de um movimento universal, que se opera no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se, e os homens, que lhe são mais opostos, para ela trabalham, mesmo sem o saberem. A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, se achará possuída de ideias e de sentimentos muito diversos dos da geração presente, que se vai a passo de gigante. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como o estão hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

Aliás, todos sabem quanto ainda deixa a desejar a atual ordem de coisas. Depois de se haver, de certo modo, esgotado todo o bem-estar material que a inteligência é capaz de produzir, chega-se a compreender que o complemento desse bem-estar somente pode achar-se no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, sem que, no entanto, se possa ainda definilo claramente: é o efeito do trabalho íntimo que se opera em favor da regeneração. Surgem desejos, aspirações, que são como que o pressentimento de um estado melhor.

7. Mas uma mudança tão radical como a que se está elaborando não pode realizar-se sem comoções. Há, inevitavelmente, luta de ideias. Desse conflito forçosamente se originarão perturbações temporárias, até que o terreno se ache aplanado e restabelecido o equilíbrio. É, pois, da luta de ideias que surgirão os graves acontecimentos preditos e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais foram consequência do estado de formação da Terra. *Hoje, não são mais as entranhas do globo que se agitam: são as da humanidade*.

8. Se a Terra já não tem a temer os cataclismos gerais, nem por isso deixa de estar sujeita a revoluções periódicas, cujas causas, do ponto de vista científico, se encontram explicadas nas instruções seguintes, ditadas por dois Espíritos eminentes.[3]

“Cada corpo celeste, além das leis simples que presidem à divisão dos dias e das noites, das estações etc., sofrem revoluções que demandam milhares de séculos para a sua perfeita realização, mas que, como as revoluções mais breves, passam por todos os períodos, desde o nascimento até o apogeu do efeito, depois do que há um decréscimo até o último limite, para recomeçar em seguida a percorrer as mesmas fases.

O homem não abarca senão as fases de duração relativamente curta, que ele pode constatar a periodicidade; mas há umas que compreendem longas gerações de seres e, mesmo, sucessões de raças, seus efeitos, por conseguinte, têm para ele as aparências da novidade e da espontaneidade, ao passo que, se o seu olhar pudesse abranger alguns milhares de séculos para trás, ele veria, entre esses mesmos efeitos e suas causas, uma correlação que nem sequer suspeita. Esses períodos, que confundem a imaginação dos humanos por sua relativa duração, não são, contudo, senão instantes na duração eterna.

Num mesmo sistema planetário, todos os corpos que dele dependem reagem uns sobre os outros; todas as influências físicas aí são solidárias, e não há um só dos efeitos, que designais sob o nome de grandes perturbações, que não seja a consequência da componente das influências de todo esse sistema.

Vou mais longe: digo que os sistemas planetários reagem uns sobre os outros, em razão da aproximação ou do afastamento que resulta de seu movimento de translação através das miríades de sistemas que compõem a nossa nebulosa. Vou mais longe ainda: digo que a nossa nebulosa, que é como um arquipélago na imensidade, tendo também o seu movimento de translação através de miríades de nebulosas, sofre a influência daquelas de que se aproxima.

Assim, as nebulosas reagem sobre as nebulosas, os sistemas reagem sobre os sistemas, como os planetas reagem sobre os planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns sobre os outros, e assim sucessivamente, até o átomo. Daí, em cada mundo, as revoluções locais ou gerais, que só parecem perturbações porque a brevidade da vida mal permite que se vejam os seus efeitos parciais.

A matéria orgânica não poderia escapar a essas influências; as perturbações que ela sofre podem, então, alterar o estado físico dos seres vivos e determinar algumas dessas doenças que atacam de maneira geral as plantas, os animais e os homens. Como todos os flagelos, essas doenças são para a inteligência humana um estimulante que a impele, por necessidade, à procura dos meios de as combater e à descoberta das leis da natureza.

Mas, por sua vez, a matéria orgânica reage sobre o Espírito; este, por seu contato e sua ligação íntima com os elementos materiais, também sofre influências que modificam suas disposições, sem, contudo, lhe tirar o livre-arbítrio, que superexcitam ou retardam a sua atividade e, por isto mesmo, contribuem para o seu desenvolvimento. A efervescência, que por vezes se manifesta em toda uma população, entre os homens de uma mesma raça, não é uma coisa fortuita, nem o resultado de um capricho; tem sua causa nas leis da natureza. Essa efervescência, a princípio inconsciente, que não passa de um vago desejo, uma aspiração indefinida por algo melhor, uma necessidade de mudança, traduz-se por uma agitação surda, depois por atos que levam às revoluções morais, as quais, crede-o bem, também têm sua periodicidade, como as revoluções físicas, porque tudo se encadeia. Se a visão espiritual não fosse circunscrita pelo véu material, veríeis essas correntes fluídicas que, semelhantes a milhares de fios condutores, ligam as coisas do mundo espiritual às do mundo material.

Quando se vos diz que a humanidade chegou a um período de transformação, e que a Terra deve elevar-se na hierarquia dos mundos, não vejais nestas palavras nada de místico, mas, ao contrário, a realização de uma das grandes leis fatais do universo, contra as quais se quebra toda a má vontade humana.” – *Arago*.[4]

9. “Sim, por certo a humanidade se transforma, como já se transformou em outras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise que é, para o gênero humano, o que são, para os indivíduos, as crises de crescimento; crises muitas vezes penosas, dolorosas, que arrastam consigo as gerações e as instituições, mas sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

Tendo chegado a um desses períodos de crescimento, a humanidade terrena está plenamente, há quase um século, no trabalho da transformação. É por isto que ela se agita por todos os lados, presa de uma espécie de febre e como que movida por uma força invisível, até que retome o equilíbrio sobre novas bases. Quem a vir, então, a achará muito mudada em seus costumes, em seu caráter, em suas leis, em suas crenças; numa palavra, em todo o seu estamento social.

Uma coisa que vos parecerá estranha, mas que não deixa de ser rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos, que vos rodeia, sofre o contragolpe de todas as comoções que agitam o mundo dos encarnados; digo mais: ele aí toma parte ativa. Isto nada tem de surpreendente para quem sabe que os Espíritos são unos com a humanidade; que dela saem e a ela devem voltar; é, pois, natural que se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Ficai, pois, certos de que quando uma revolução social se realiza na Terra, ela agita igualmente o mundo invisível; todas as paixões, boas e más, aí são superexcitadas como entre vós; uma indizível efervescência reina entre os Espíritos que ainda fazem parte do vosso mundo e que esperam o momento de a ele voltar.

À agitação dos encarnados e dos desencarnados se juntam, por vezes e mesmo na maioria das vezes, já que tudo se conjuga, na natureza, as perturbações dos elementos físicos; é então, por um tempo, uma verdadeira confusão geral, mas que passa como um furacão, depois do que o céu se torna sereno, e a humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas ideias, percorre uma nova etapa de progresso.

É no período que ora se inicia que o Espiritismo florescerá e dará frutos. É, pois, para o futuro, mais que para o presente, que trabalhais; mas era necessário que esses trabalhos fossem elaborados previamente, porque preparam as vias da

regeneração pela unificação e pela racionalidade das crenças. Felizes os que os aproveitam desde hoje; será para eles tanto de ganho e de penas poupadas.” – *Dr. Barry*.

10. De tudo quanto foi dito resulta que, em consequência do movimento de translação que executam no espaço, os corpos celestes exercem, uns sobre os outros, maior ou menor influência, conforme a proximidade em que se achem entre si e as suas respectivas posições; que essa influência pode acarretar uma perturbação momentânea nos seus elementos constitutivos e modificar as condições de vitalidade de seus habitantes; que a regularidade dos movimentos determina a volta periódica das mesmas causas e dos mesmos efeitos; que, se a duração de certos períodos é curta demais para que os homens os apreciem, outros veem passar gerações e raças que deles não se apercebem e às quais se afigura normal o estado de coisas que observam. Ao contrário, as gerações contemporâneas da transição lhe sofrem o contragolpe e tudo lhes parece fora das leis ordinárias. Essas gerações veem uma causa sobrenatural, maravilhosa, miraculosa, que não passa, na verdade, da execução das leis da natureza.

Se, pelo encadeamento e a solidariedade das causas e dos efeitos, os períodos de renovação moral da humanidade coincidem, como tudo leva a crer, com as revoluções físicas do globo, podem os referidos períodos ser acompanhados ou precedidos de fenômenos naturais, insólitos para os que não se acham familiarizados com eles, de meteoros que parecem estranhos, de recrudescência e intensidade fora do comum dos flagelos destruidores, que não são nem causa, nem presságios sobrenaturais, mas uma consequência do movimento geral que se opera no mundo físico e no mundo moral.

Anunciando a época de renovação que se havia de abrir para a humanidade e determinar o fim do velho mundo, Jesus pôde dizer que ela se assinalaria por fenômenos extraordinários, tremores de terra, flagelos diversos, sinais no céu, que mais não são do que meteoros, sem derrogação das leis naturais. Entretanto, o vulgo ignorante viu nessas palavras a predição de fatos miraculosos.[5]

11. A previsão dos movimentos progressivos da humanidade nada tem de surpreendente, quando feita por seres desmaterializados, que veem o objetivo para onde tendem todas as coisas, tendo alguns deles conhecimento direto do pensamento de Deus.

Pelos movimentos parciais, esses seres veem em que época poderá operar-se um movimento geral, do mesmo modo que o homem pode calcular por

antecedência o tempo que uma árvore levará para dar frutos, assim como os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico, pelo tempo em que um astro gasta para efetuar a sua revolução.

12. A humanidade é um ser coletivo em que se operam as mesmas revoluções morais por que passa todo ser individual, com a diferença de que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século. Acompanhe-se a humanidade em suas evoluções através dos tempos e ver-se-á a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia especial.[6]

13. Como já dissemos, a marcha progressiva da humanidade se opera de duas maneiras: uma gradual, lenta, imperceptível, se se considerarem as épocas consecutivas, a traduzir-se por sucessivas melhoras nos costumes, nas leis, nos usos, melhoras que só com a continuação se podem perceber, como as mudanças que as correntes de água ocasionam na superfície do globo; a outra, por movimentos relativamente bruscos, rápidos, semelhantes aos de uma torrente que, rompendo os diques que a continham, transpõe em alguns anos o espaço que levaria séculos a percorrer. É, então, um cataclismo moral que devora em alguns instantes as instituições do passado e ao qual sobrevém uma nova ordem de coisas, que pouco a pouco se estabiliza, à medida que a calma se restabelece e se torna definitiva.

Àquele que viva bastante para abranger com a vista as duas vertentes da nova fase, parecerá que um mundo novo surgiu das ruínas do antigo. O caráter, os costumes, os usos, tudo está mudado. É que, com efeito, surgiram homens novos, ou melhor, regenerados. As ideias, que a geração que se extinguiu levou consigo, cederam lugar a ideias novas na geração que se ergue.

14. A humanidade, tornada adulta, tem novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas; compreende o vazio com que foi embalada, a insuficiência de suas instituições para lhe dar felicidade; já não encontra, no estado das coisas, as satisfações legítimas a que se sente com direito. É por isso que se despoja das fraldas da infância e se lança, impelida por uma força irresistível, para margens desconhecidas, em busca de novos horizontes menos limitados.

É a um desses períodos de transformação, ou, se o preferirem, de *crescimento moral*, que ora chega a humanidade. Da adolescência ela passa à idade viril. O passado já não pode bastar às suas novas aspirações, às suas novas necessidades;

ela já não pode ser conduzida pelos mesmos métodos; não mais se deixa levar por ilusões nem por sortilégios; sua razão amadurecida reclama alimentos mais substanciais. O presente é demasiado efêmero; ela sente que o seu destino é mais vasto e que a vida corpórea é restrita demais para encerrá-lo inteiramente. Por isso, mergulha o olhar no passado e no futuro, a fim de descobrir o mistério da sua existência e de adquirir uma consoladora certeza.

E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, em que transborda a vida intelectual, em que o sentimento da espiritualidade lhe desabrocha no seio, que homens que se dizem filósofos pretendem encher o vácuo com as doutrinas do niilismo e do materialismo! Estranha aberração! Esses mesmos homens, que pretendem impelir para frente a humanidade, se esforçam por circunscrevê-la no acanhado círculo da matéria, de onde ela anseia por escapar-se. Velam-lhe o aspecto da vida infinita e lhe dizem, apontando para o túmulo: *Nec plus ultra!* [Nada mais além!]

15. Quem quer que haja meditado sobre o Espiritismo e suas consequências e não o circunscreva à produção de alguns fenômenos terá compreendido que ele abre à humanidade uma estrada nova e lhe desvenda os horizontes do infinito. Iniciando-a nos mistérios do mundo invisível, mostra-lhe o seu verdadeiro papel na Criação, papel *perpetuamente ativo*, tanto no estado espiritual, como no estado corpóreo. O homem já não caminha às cegas: sabe de onde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se lhe revela em sua realidade, isento dos prejuízos da ignorância e da superstição. Já não se trata de uma vaga esperança, mas de uma verdade palpável, tão certa como a sucessão do dia e da noite. Ele sabe que o seu ser não se acha limitado a alguns instantes de uma existência efêmera; que a vida espiritual não se interrompe com a morte; que já viveu e tornará a viver e que nada se perde do que já ganhou em perfeição; encontra nas existências anteriores a razão do que é hoje e reconhece que, *pelo que é hoje, poderá deduzir o que virá a ser um dia*.

16. Com a ideia de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização se limitam à vida presente, que, antes, a criatura nada foi e nada será depois, em que interessa ao homem o progresso posterior da humanidade? Que lhe importa, no futuro, que os povos sejam mais bem governados, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns para com os outros? Visto que de tudo isso ele não deverá tirar nenhum proveito, não fica perdido para ele todo o

progresso? De que lhe vale trabalhar para os que virão depois dele, se nunca lhe será dado conhecê-los, se são criaturas novas, que, por sua vez, pouco depois voltarão ao nada? Sob o domínio da negação do futuro individual, tudo forçosamente se amesquinha às insignificantes proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, que amplitude dá ao pensamento do homem a *certeza* da perpetuidade do seu ser espiritual! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador do que a lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corpórea são apenas dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo e de mais consolador do que a ideia de estarem os mesmos seres a progredir incessantemente, primeiro, através das gerações de um mesmo mundo; depois, de mundo em mundo até a perfeição, *sem solução de continuidade*! Todas as ações têm, então, uma finalidade, porque, trabalhando para todos cada um trabalha para si e reciprocamente, de sorte que nunca se podem considerar estéreis os progressos individual e coletivo. Tal progresso aproveitará às gerações e às individualidades futuras, que não virão a ser outras senão as gerações e as individualidades passadas, em mais alto grau de adiantamento.

17. A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se não se apoiar sobre base inabalável. Essa base é a fé, não a fé em tais ou quais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos, e que mutuamente se apedrejam, visto que, anatematizando-se uns aos outros, alimentam o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que todos podem aceitar: *Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres*. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto; que o mal vem dos homens e não dele, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se estenderão as mãos uns aos outros.

É essa fé que o Espiritismo faculta e que doravante será o eixo em torno do qual girará o gênero humano, quaisquer que sejam os cultos e as crenças particulares.

18. O progresso intelectual realizado até o presente, nas mais vastas proporções, constitui um grande passo e marca uma primeira fase no avanço

geral da humanidade, mas que, sozinho, é impotente para regenerá-la. Enquanto for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, o homem se servirá da sua inteligência e dos seus conhecimentos para satisfazer às suas paixões e aos seus interesses pessoais; é por isso que ele os aplica em aperfeiçoar os meios de prejudicar os semelhantes e de os destruir.

19. Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, refreando as paixões más; somente esse progresso poderá fazer que reinem entre as criaturas a concórdia, a paz e a fraternidade.

Será ele que derrubará as barreiras que separam os povos, que fará que caiam os preconceitos de casta e se calem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos e a se auxiliarem mutuamente e não destinados a viver uns à custa dos outros.

Será ainda o progresso moral, secundado então pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, por isso mesmo, aceitas por todos.

A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, impedida de efetivar-se, desde todos os tempos, pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem que os dissidentes sejam vistos pelos outros como se fossem inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados.

20. Semelhante estado de coisas pressupõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que não se podia realizar senão fora do círculo das ideias acanhadas e corriqueiras que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de escol procuraram impelir a humanidade por esse caminho; mas a humanidade, ainda jovem demais, conservou-se surda, e os ensinamentos que eles ministraram foram como a boa semente, caída no pedregulho.

Hoje, a humanidade está madura para lançar o olhar a alturas antes nunca entrevistas, a fim de nutrir-se de ideias mais amplas e compreender o que outrora não compreendia.

A geração que desaparece levará consigo seus erros e preconceitos; a geração que surge, retemperada em fonte mais pura, imbuída de ideias mais saudáveis, imprimirá ao mundo o movimento ascensional, no sentido do progresso moral que assinalará a nova fase da evolução da humanidade.

21. Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, por ideias grandes e generosas que começam a encontrar eco. É assim que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o influxo e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se impregnam dia a dia de sentimentos mais humanos. Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a considerar-se membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam, e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais, para os torneios pacíficos da inteligência.

Falta, porém, a essas reformas uma base que lhes permita desenvolver-se, completar-se e consolidar-se; falta uma predisposição moral mais generalizada, para fazer que elas frutifiquem e sejam aceitas pelas massas. Não deixa de ser um sinal característico da época, o prelúdio do que se efetuará em mais larga escala, à medida que o terreno se for tornando mais favorável.

22. Um sinal não menos característico do período em que entramos é a reação evidente que se opera no sentido das ideias espiritualistas; na repulsão instintiva que se manifesta contra as ideias materialistas. O espírito de incredulidade que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as levava a rejeitar com a forma a própria substância de toda crença, parece ter sido um sono, a cujo despertar se sente a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, lá onde o vácuo se fizera, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

23. Se supusermos a maioria dos homens imbuída desses sentimentos, poderemos facilmente imaginar as modificações que daí resultarão para as relações sociais; todos terão por divisa: caridade, fraternidade, benevolência para com todos, tolerância para todas as crenças. É a meta para a qual tende, evidentemente, a humanidade, sendo esse o objeto de suas aspirações, de seus desejos, sem que, entretanto, ela perceba claramente por que meio as haverá de realizar. Ensaia, tateia, mas é detida por muitas resistências ativas, ou pela força de inércia dos preconceitos, das crenças estacionárias e refratárias ao progresso. É preciso vencer tais resistências, e essa será a obra da nova geração. Quem acompanhar o curso atual das coisas reconhecerá que tudo parece predestinado a lhe abrir caminho. Ela terá por si a dupla força do número e das ideias e, além disso, a experiência do passado.

24. A nova geração marchará, pois, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que houver chegado. Avançando para o mesmo alvo e realizando seus objetivos, o Espiritismo se encontrará com ela no mesmo terreno. Os homens progressistas descobrirão, nas ideias espíritas, uma poderosa alavanca, e o Espiritismo achará, nos novos homens, espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Dado esse estado de coisas, o que poderão fazer os que pretendam opor-se a ele?

25. O Espiritismo não cria a renovação social; a madureza da humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo, mais do que qualquer outra doutrina, está apto a secundar o movimento regenerador; por isso, ele é contemporâneo desse movimento. Surgiu no momento em que podia ser útil, visto que também para ele os tempos são chegados. Se tivesse vindo mais cedo, teria encontrado obstáculos insuperáveis; teria inevitavelmente sucumbido, porque os homens, satisfeitos com o que tinham, ainda não sentiriam falta do que ele lhes traz. Hoje, nascido com as ideias que fermentam, encontra o terreno preparado para recebê-lo. Os espíritos cansados da dúvida e da incerteza, horrorizados com o abismo que se lhes abre à frente, o acolhem como âncora de salvação e suprema consolação.

26. Certamente o número de retardatários ainda é grande; mas que podem eles contra a onda que se levanta, senão atirar-lhe algumas pedras? Essa onda é a geração que surge, ao passo que eles somem com a geração que vai desaparecendo todos os dias a passos largos. Até lá, porém, eles defenderão o terreno palmo a palmo. Haverá, portanto, uma luta inevitável, mas desigual, porque é a do passado decrépito a cair em frangalhos, contra o futuro juvenil. Será a luta da estagnação contra o progresso, da criatura contra a vontade do Criador, pois os tempos marcados por Ele são chegados.

A geração nova

27. Para que os homens sejam felizes na Terra, é preciso que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que só se dediquem ao bem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica neste momento entre os que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, *ainda não tocados*

pelo sentimento do bem, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos, visto que, se assim não fosse, lhe ocasionariam de novo perturbação e confusão e constituiriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o endurecimento de seus corações, uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, equivalentes a mundos inferiores, aos quais levarão os conhecimentos que hajam adquirido, tendo por missão fazê-las avançar. Serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinarem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade.

No dizer dos Espíritos, a Terra não deverá transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas.

Tudo, pois, se processará exteriormente, como de costume, mas com uma única e capital diferença: uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra, aí não mais tornarão a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e *propenso ao bem*.

Trata-se, pois, muito menos de uma nova geração corpórea do que de uma nova geração de Espíritos. Sem dúvida, é neste sentido que Jesus entendia as coisas, quando declarava: “Digo-vos, em verdade, que esta geração não passará sem que estes fatos tenham ocorrido.” Assim, os que esperam ver a transformação operar-se por efeitos sobrenaturais e maravilhosos ficarão bastante decepcionados.[7]

28. A época atual é de transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, já se assinalando cada uma, no mundo, pelas características que lhes são peculiares.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais e, sobretudo, das disposições *intuitivas e inatas*, torna-se fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por inteligência e razão geralmente precoces, aliadas ao sentimento *inato* do bem e a crenças espiritualistas, o que constitui sinal indubitável de certo grau de adiantamento *anterior*. Não se comporá de Espíritos eminentemente superiores,

mas dos que, já tendo progredido, se acham predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e estejam aptos a secundar o movimento de regeneração.

Ao contrário, o que distingue os Espíritos atrasados é, em primeiro lugar, a revolta contra Deus, por se recusarem a reconhecer um poder superior aos poderes humanos; a propensão *instintiva* para as paixões degradantes, para os sentimentos antifraternos de egoísmo, de orgulho, de inveja, de ciúme; enfim, o apego a tudo o que é material: a sensualidade, a cupidez, a avareza.

São esses os vícios de que a Terra tem de ser expurgada pelo afastamento dos que se obstinam em não se emendar, porque são incompatíveis com o reinado da fraternidade e porque o contato com eles constituirá sempre um sofrimento para os homens de bem. Quando a Terra se achar livre deles, os homens caminharão sem obstáculos para o futuro melhor que lhes está reservado, mesmo neste mundo, por prêmio de seus esforços e de sua perseverança, enquanto esperarão que uma depuração mais completa lhes abra o acesso aos mundos superiores.

29. Não se deve entender que por meio dessa emigração de Espíritos sejam expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores todos os Espíritos retardatários. Muitos, ao contrário, a ela voltarão, pois se atrasaram porque cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo. Nesses, a casca é pior do que o miolo. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos prejuízos do mundo corpóreo, a maioria deles verá as coisas de maneira inteiramente diversa da que viam quando em vida, conforme os numerosos exemplos que conhecemos. Para isso, são auxiliados por Espíritos benévolos que por eles se interessam e se dão pressa em esclarecê-los e em lhes mostrar o falso caminho em que seguiam. Nós mesmos, pelas nossas preces e exortações, podemos concorrer para que eles se melhorem, visto que há perpétua solidariedade entre mortos e vivos.

A maneira por que se opera a transformação é muito simples e, como se vê, é toda de ordem moral, sem se afastar em nada das leis da natureza.

30. Quer os Espíritos que componham a nova geração sejam melhores, quer Espíritos antigos que se melhoraram, o resultado é o mesmo. Desde que trazem disposições melhores, há sempre uma renovação. Assim, os Espíritos encarnados formam duas categorias, de acordo com as suas disposições naturais: de um lado os retardatários, que partem; de outro, os progressistas, que chegam. O estado dos costumes e da sociedade estará, portanto, no seio de um povo, de uma raça, em relação com aquela das duas categorias que preponderar.

31. Uma comparação vulgar dará a compreender ainda melhor o que se passa nessa circunstância. Suponhamos um regimento, composto na sua maioria de homens turbulentos e indisciplinados, os quais ocasionarão constantes desordens que a severidade da lei penal terá por vezes dificuldade em reprimir. Esses homens são os mais fortes, por serem mais numerosos. Eles se amparam, animam e estimulam pelo exemplo. Os pouco bons não exercem qualquer influência; seus conselhos são desprezados; sofrem com a companhia dos outros, que os ridicularizam e maltratam. Não é essa uma imagem da sociedade atual?

Imaginemos que esses homens sejam retirados um a um, dez a dez, cem a cem, do regimento e substituídos gradativamente por iguais números de bons soldados, mesmo por alguns dos que, tendo sido expulsos, se corrigiram. Ao cabo de algum tempo, existirá o mesmo regimento, mas transformado. A boa ordem terá sucedido à desordem. Assim será a humanidade regenerada.

32. As grandes partidas coletivas, entretanto, não têm por único fim ativar as saídas; têm igualmente o de transformar mais rapidamente o espírito da massa, livrando-a das más influências e o de dar maior ascendente às ideias novas.

Em virtude de muitos estarem maduros para a transformação, mesmo com todas as suas imperfeições, é que muitos partem, a fim de se retemperarem em fonte mais pura. Enquanto se conservassem no mesmo meio e sob as mesmas influências, persistiam nas suas opiniões e nas suas maneiras de apreciar as coisas. Bastará uma estada no mundo dos Espíritos para lhes descerrar os olhos, porque aí veem o que não podiam ver na Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista poderão, conseguintemente, voltar com ideias *inatas* de fé, tolerância e liberdade. Ao regressarem, acharão as coisas mudadas e sofrerão a influência do novo meio em que houverem nascido. Em vez de se oporem às novas ideias, serão os seus auxiliares.

33. A regeneração da humanidade, portanto, não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação se opera em todos quantos lhe estão predispostos, desde que sejam subtraídos à influência perniciosa do mundo. Assim, nem sempre são outros os Espíritos que voltam; com frequência são os mesmos Espíritos, mas pensando e sentindo de outra maneira.

Quando isolado e individual, esse melhoramento passa despercebido e não apresenta qualquer influência ostensiva sobre o mundo. O efeito é completamente diverso, quando a melhora se produz ao mesmo tempo sobre

grandes massas, porque, então, conforme as proporções que assuma, numa geração, pode modificar profundamente as ideias de um povo ou de uma raça.

É o que se nota quase sempre depois dos grandes choques que dizimam as populações. Os flagelos destruidores apenas destroem corpos, não atingem o Espírito; ativam o movimento de vaivém entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual e, por conseguinte, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É de notar-se que, em todas as épocas da História, as grandes crises sociais foram seguidas de uma era de progresso.

34. Opera-se presentemente um desses movimentos gerais, destinados a realizar uma remodelação da humanidade. A multiplicidade das causas de destruição constitui sinal característico dos tempos, pois que elas apressarão a eclosão dos novos germens. São as folhas que caem no outono e às quais sucedem outras folhas cheias de vida, visto que a humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas várias idades. As folhas mortas da humanidade caem batidas pelas rajadas e pelos golpes de vento, porém, para renascerem mais vivazes sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

35. Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensação, sem resultados úteis, uma vez que, na opinião deles, os aludidos flagelos *aniquilam os seres para sempre*. Mas para aquele que sabe que a morte só destrói o envoltório, tais flagelos não têm as mesmas consequências e não lhe causam o menor pavor; compreende o seu objetivo e sabe também que os homens não perdem mais por morrerem juntos, do que por morrerem isolados, considerando-se que, de uma forma ou de outra, todos a isso hão de chegar.

Os incrédulos rirão destas coisas e as qualificarão de quimeras; mas, digam o que disserem, não escaparão à lei comum; cairão por sua vez, como os outros, e, então, o que lhes acontecerá? Eles dizem: *nada!* Viverão, no entanto, a despeito de si próprios e se verão um dia forçados a abrir os olhos.

---

3 **Nota de Allan Kardec:** Extrato de duas comunicações dadas na Sociedade de Paris e publicadas na *Revista espírita* de outubro de 1868. São corolários das de Galileu, reproduzidas no capítulo VI, e complementares do capítulo IX, sobre as revoluções do globo.

4 **N.E.:** Ver *Nota Explicativa*, p. 361.

5 **Nota de Allan Kardec:** A terrível epidemia que, de 1866 a 1868, dizimou a população da Ilha Maurício, foi precedida por uma chuva tão extraordinária quão abundante de estrelas cadentes, em novembro de 1866, que aterrorizou os habitantes daquela ilha. A partir desse momento, a doença, que reinava desde alguns meses de forma muito benigna, transformou-se em verdadeiro flagelo devastador. Aquele fora bem um sinal no céu e talvez nesse sentido é que se deva entender a frase — estrelas caindo do céu, de que fala o Evangelho, como um dos sinais dos tempos. (Pormenores sobre a epidemia da Ilha Maurício: *Revista espírita* de julho de 1867 e de novembro de 1868.)

6 **N.E.:** Ver *Nota Explicativa*, p. 361.

7 **N.E.:** Ver *Nota Explicativa*, p. 361.

NOTA EXPLICATIVA[8]

> Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. P. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticuloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* — do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

> Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:
>
> O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)
>
> [...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas,

sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, que seu corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa Lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. *Vide* também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de

volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – Janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo,* cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

> Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a "interpretação da doutrina dos anjos decaídos", apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversível, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

> É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta

> essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora

---

§ **N.E.:** Esta *Nota Explicativa*, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

Conselho Editorial:
Antonio Cesar Perri de Carvalho – Presidente

Coordenação Editorial:
Geraldo Campetti Sobrinho

Produção Editorial:
Fernando Cesar Quaglia

Coordenação de Revisão:
Mônica dos Santos

Revisão:
Denise Giusti
Maria Flavia dos Reis
Mônica dos Santos

Capa:
Evelin Yuri Furuta
Wallace Carvalho da Silva

Projeto Gráfico:
Rones Lima

Diagramação:
Paulo Márcio Moreira

Normalização Técnica:
Biblioteca de Obras Raras e Patrimônio do Livro

E-Book:
Fabiel Rodrigues

Mantenha-se atualizado sobre os lançamentos da Federação Espírita Brasileira, cadastrando-se no site www.feblivraria.com.br.